



Passagens entre Mundos Entrelaçados

Íris Regina Fernandes Poffo & Auxiliares Invisíveis

Passagens entre Mundos Entrelaçados

Íris Regina Fernandes Poffo
& Auxiliares Invisíveis

São Paulo

Granun

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poffo, Iris Regina Fernandes
Passagens entre mundos entrelaçados / Iris
Regina Fernandes Poffo e auxiliares diversos. - -
1. ed. -- São Paulo : Granun, 2013.

Bibliografia
ISBN 978-85-67254-00-5

1. Espiritismo 2. Médiuns 3. Mensagens
I. Título.

13-08297

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Mensagens : Espiritismo 133.9

Passagens entre Mundos Entrelaçados

©Copyright Granun Design.

Todos os direitos de reprodução reservados pela Granun Design

Editora: Josiani Prata
Projeto gráfico e capa: Granun Design
Revisão: Mariza Passos

Granun Design.
Rua Mota Pais, 399 – CEP 05054-000 – São Paulo, SP
Tel.: 11 3368-2997
www.granun.com.br - granun@granun.com.br

1ª edição: setembro/13

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIAS:

Ao Pai Celeste, à Mãe Divina e a todos mestres e amigos do mundo maior pela oportunidade de aprender servindo e servir aprendendo!

Aos meus pais e avós, por terem me incentivado desde pequena a gostar de música, literatura e do contato com a natureza.

Ao CEAE Santana, aos primeiros professores Neide, Edson, Iara, Afonso, Vivian, Toninho e todos companheiros, particularmente à Maria José N. Ferreira pelo apoio na elaboração do livro e Solange Straus, pela primeira revisão.

À Carmen Ballestero e colegas da Fraternidade Pax Universal, pelas oportunidades de aprender e compartilhar conhecimentos desde 1980.

Ao Wagner Borges, do Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bionergéticas – IPPB, pelas aulas e pelos textos que, desde 1990, ajudaram a sedimentar a visão universalista sobre a vida além da vida; ao Prof. Enki e aos companheiros neófitos do IPPB, minha gratidão.

Às pessoas que tiveram participação especial na elaboração deste livro, mesmo sem saberem: Ana Lúcia Schritzmeyer, DonAna Fachini e família, André/Bruni e vagalumes, amigos do Castelo e da CETESB, Psic. Carlos Alberto, Creusa Ramos, Danilo, Denise Guerra, Dorinha, família Lobato, Elvira, Estela Ferraz, Fuzaro, Jônia/Binho, Ofélia, Dra. Maisa Homem de Mello, Prof. Maria Helena Franco, Dr. Romeu Carillo, Sandra e meu irmão, Sergio Viegas, tia Gi/tio Nando e primos, tia Lu/Enny, Tiemi e Vivian Motta.

Ao escritor peruano Oscar Medina entre outros escritores, poetas e músicos que nos presenteiam com seu inspirado talento artístico tal como Erick Clapton com a canção: Tears in Heaven (lágrimas no céu) de 1992, dedicada ao seu filho de 4 anos que faleceu, em 1991, após cair do terraço enquanto brincava, cuja tradução simplificada segue abaixo:

Você saberia meu nome se eu visse você no céu? Você sentiria o mesmo (o que sinto) se eu visse você no céu? Eu preciso ser forte e seguir em frente porque eu sei que não pertencço ao céu. Você poderia apertar minha mão se eu o visse no céu? Você me ajudaria a "aguentar" se eu visse você no céu? Eu encontrarei meu caminho, pela noite e pelo dia porque sei que realmente não poderei ficar aqui no céu. O tempo pode derrubar você, fazê-lo dobrar os joelhos! O tempo pode quebrar seu coração, fazê-lo pedir por favor! Além da porta há paz, tenho certeza. E eu sei que não haverá mais lágrimas no céu...

SUMÁRIO

Apresentação	7
I Diferentes tipos de consciência e postura com relação à vida e à morte	9
1 Visão de alguns artistas e escritores	9
2 Cada um enfrenta a morte à sua maneira.....	12
3 Luto para as crianças	14
4 Reações diante da morte de alguém.....	15
5 Morte bonita e morte horrível	16
6 A alma é imortal e impermeável	19
7 Revelações de Allan Kardec	20
8 E eu mudei	23
II Destino do corpo físico e do corpo espiritual	28
1 Onde o pensamento e a vontade me levarem: céu, inferno e purgatório	28
2 Diferentes reações ao saber que acordou do outro lado	30
3 Balão de gás, bola de vôlei, bola de ferro: as três gunas	33
4 Corpo físico e corpo espiritual.....	35
5 Saídas fora do corpo ou arrebatamento	37
6 Corrente de Espíritos Socorristas	39
7 Desligamentos ocorrem de diversas formas	40
7.1 Desligamento nos velórios e cemitérios	42
7.2 Desligamento: casos práticos	43
7.3 Rompimento dos “laços de ternura”	48
7.4 Exemplo de desprendimento e de desaparego.....	50
7.5 Suicídio liberta ou aprisiona?	50
7.6 É possível ajudar no seu próprio desligamento?	51
8 Pacientes terminais: eutanásia e distanásia	53
9 Sobre velórios	55
9.1 Por quem choram? Chorar faz mal?	57
9.2 Velórios de pessoas mais espiritualizadas	59
9.3 E com que roupa eu vou?	60
10 Sobre cremação	61
11 Orações, missas e cerimônias	62
12 Uma mensagem de amor	64
III Passagens de pessoas famosas e de ilustres desconhecidos	65
1 André Luiz: de médico a escritor	65
2 Frederico Figner: o criador da indústria de discos	67
3 Um discípulo da FDJ: do Brasil à Índia	70
4 Luís Sérgio: o socorrido que virou socorrista e escritor	71
5 Patrícia: além das violetas na janela	73
6 John Lennon: o músico que encontrou a paz	74
7 Um roqueiro no além: recuperação de um ex-dependente químico	79

8 Neto: um artista irreverente	81
9 A garotinha Soraya	84
10 Tiradentes: algo mais sobre a história do Brasil	85
11 Santos Dumont: recuperação de um suicida deprimido	89
12 Chico Xavier: discípulo e mestre	94

IV Passagens coletivas: guerras, terremotos, enchentes, acidentes nas estradas, naufrágios e outros casos97

1 II Guerra Mundial	99
2 Ajuda de artistas nos campos de batalha na Segunda Guerra Mundial e na Guerra do Vietnã	103
3 Tsunami no Oceano Índico em 2004	104
4 Acidente com romeiros em uma estrada brasileira	106
5 Acidente na Via Dutra seguido de incêndio	107
6 Naufrágios e afogados	109
7 Assistências em outros episódios de desastres	113
8 Mas nem tudo é como que parece ser	115
9 Onde está Deus nessas horas?	117
10 Desastres naturais antes da era Cristã	118

V Adaptações dos recém-chegados à vida espiritual120

1 Espírito desencarnado respira? Dorme? Come? Vai ao banheiro?	120
2 Que tipo de roupa espírito desencarnado veste? Usa óculos, brincos e colares? Precisa de cadeira de rodas?	123
3 Dormindo até o dia do juízo final? Tocando harpa? Fazendo nada e descansando?	125
4. Tribunal da consciência	125
5 Do criminoso ao pacifista: a violência não compensa	132
6 Da sombra para a luz: casos de quem demorou a aceitar ajuda dos socorristas (fumantes, sexólatras, alcoólatras, avarentos, ciumentos)	134
7 O turista fantasma do navio transatlântico	137
8 Postos de Socorro Espirituais no Vale dos Drogados e no Vale dos Suicidas	138
9 Para refletir	141

VI Adaptações dos enlutados à vida que segue em frente142

1 Doações de roupas e outros bens	143
2 A espera de um milagre	145
3 Busca por mensagens dos entes queridos	146
3.1 Falhas na conexão	148
4 “Ajuda-te que o céu te ajudará”!	152

.....

VII A vida nas colônias espirituais	153
1 Paradas temporárias antes de chegar às colônias espirituais	153
2 Cidades e Colônias Espirituais.....	154
3 Albergues e casas transitórias.....	156
4 Colônias escolas.....	157
5 Meios de transporte e volitação	157
6 Atividades de cultura e lazer que nos esperam nas esferas espirituais.....	159
6.1 Literatura e pintura	159
6.2 Música e terapia.....	162
6.3 Televisão.....	163
6.4 Teatro, cinema e shows musicais	164
6.5 Escolas e cursos oferecidos	165
6.6 Esportes.....	166
7 Jardim da infância: recanto para crianças	167
8 Fazendo novas amizades e procurando emprego	168
9 Hospitais e instituições de pesquisas na área da medicina	169
10 Paisagens da natureza, plantas e animais	170
11 No nosso mundo interior	171
12 Festas de despedidas	172
VIII Os amigos de quatro patas.....	172
1 A vida espiritual dos animais.....	173
2 Animais diante da morte	174
3 Enfrentando o luto do animal de estimação	174
4 Dicas do “encantador de cães” para lidar com o luto.....	176
5 Valentina, a cã terapeuta.....	177
6 Alma dos animais após morte do corpo físico	178
7 O “Totó” pode ser a reencarnação do meu avô?.....	180
IX A arte de viver é tão importante quanto a arte de morrer.....	181
1 Livro Egípcio dos Mortos.....	182
2 O Livro Tibetano dos Mortos.....	183
3 Medo de quê?	185
4 Vasos vazios	185
5 Leis Incas	188
6 É preciso saber viver	189
X Referências consultadas.....	192

Apresentação

Por que será que quando uma pessoa encontra alguém que estava no seu pensamento, minutos antes, exclama: fulano, você não morre mais! Estava pensando em você agora mesmo! Muitas pessoas parecem ter aversão à morte! Será medo do desconhecido? Medo de ser julgado pelos seus atos? Apego às pessoas queridas? Apego à vida profissional? A tudo que conquistou na vida?

Quer queira ou não, um dia morreremos. E daí, o que acontecerá então? O que você vai ser quando morrer? Como será sua vida depois desta vida? Será mesmo que tudo acaba no caixão? Existe realmente o céu e o inferno? Existem cidades espirituais no céu, no fundo da Terra ou do mar? Como seria viver nesses lugares? O que há para fazer?

Há quem diga que tudo se acaba no caixão. Outros que a pessoa ficará dormindo o sono eterno até os anjos tocarem as trombetas! Outros dizem que iremos ou para o céu ou para o inferno, depois de passar pelo purgatório. Dizem também que não somos este corpo, que somos almas eternas, apenas de passagem por esta vida. Em quem acreditar?

Um dia um discípulo de Buda lhe perguntou: Senhor, em que devo acreditar? Um homem me diz isto, outro me diz aquilo e ambos parecem seguros de terem razão! O Senhor Buda respondeu:

“Meu filho, não acredites no que homem algum te disser!

Nem mesmo em mim, a não ser que o que ouves corresponda ao teu senso comum e ainda assim, não acredites nele, mas trata o caso como hipótese razoável até que chegue a ocasião em que possas obter a prova por ti mesmo”.

Há algo maior regendo nossas vidas. A vida é ação permanente da vontade do Criador, que se desenvolve em dois planos, o físico e o espiritual, evoluindo em permanente intercâmbio de ideias que fluem e refluem entre ambos, em verdadeiro entrelaçamento e interdependência de valores (FREIRE, 2002). Vivemos em mundos entrelaçados.

Este texto foi elaborado a partir da pesquisa de vários livros espiritualistas e espíritas, reunindo diferentes depoimentos de quem já partiu, como foi o despertar no outro lado e o que aconteceu depois. Nosso desejo maior é que esta obra possa ajudar as pessoas a terem a certeza de que a vida nunca morre.

Íris Regina Fernandes Poffo

.....

.....

I Diferentes tipos de consciência e postura com relação à vida e à morte

Ideias préconcebidas sobre o que nos espera do outro lado fazem parte do consciente ou do inconsciente de muita gente. Assim, há os que acreditam que seus erros serão julgados em um tribunal, que encontrará o paraíso habitado por anjos ou o inferno habitado por diabinhos. Há quem pense que dormirá o sono eterno até o dia do juízo final. Pessoas que pensam dessa maneira podem tanto se surpreender como se desiludir ou até mesmo se revoltar ao perceber que não era do jeito que acreditavam.

No livro “Faz Parte do meu show” (2004), um amigo explica que a “consciência é a voz divina” que fala dentro de nós e que o tal tribunal não existe conforme narrado nos livros religiosos antigos.

A consciência delimita o campo de ação de cada um, mostrando os limites entre a mente e o coração tranquilos em função de um estado de espírito mais equilibrado, e a mente e o coração apertados em função das dificuldades em lidar com conflitos e situações mal resolvidas.

Há diferentes maneiras de ver a vida. Se estamos felizes, a vida é maravilhosa, nos sentimos no paraíso. Se formos contrariados, se estamos com raiva a vida é uma porcaria, nos sentimos no inferno, explicou Divaldo P. Franco durante entrevista em um dos Programas Transição (www.programatransicao.tv.br).

1 Visão de alguns artistas e escritores

Citaremos alguns exemplos de alguns trechos bíblicos, de escritores, músicos e pintores demonstrando como percebiam a vida e a morte.

A pintura do artista italiano Michelangelo (1475 – 1564) sobre o criador, na Capela Sistina, Itália, demonstra a imagem de Deus como um homem forte, com cara de bravo, de certa forma acusador. Será mesmo?

Há várias passagens do Velho Testamento exemplificando que quem acreditasse em Deus, seria salvo da morte. Tal como a estória dos três judeus condenados a serem queimados vivos em uma fornalha pelo Rei da Babilônia Nabucodonosor, por se recusarem a adorar a estátua de ouro feita para homenageá-lo. Eles saíram ilesos do fogo, deixando todos surpresos (Daniel 3 – vs. 1 a 92). Ou como a estória de Daniel que saiu da cova dos leões sem nenhum arranhão (Daniel 6 – vs. 2 a 26).

Mas quem d’Ele duvidasse e não respeitasse suas leis, os dez mandamentos, seriam castigados. Assim se passou com os habitantes das cidades de Sodoma e Gomorra, destruídas por uma “chuva de fogo e de enxofre”, sendo escolhidos como sobreviventes apenas Lot e sua família (Gênesis 18:16 – 19:29).

Devemos considerar que naquela época, para o nível evolutivo em que aquelas pessoas se encontravam fosse necessário apresentar Deus “rigoroso”, para impor ordem e respeito às suas vidas.

Lembrando que, conforme descrito nos textos do Êxodo, que narra a saída dos israelitas do Egito e sua viagem pelo deserto em busca da terra prometida, conduzido por Moisés, temos vários testemunhos do amparo divino. Por exemplo, quando foram salvos do exército do faraó fazendo a travessia pelo Mar Vermelho.

Os tempos mudaram e o planeta também. Para crescer moralmente, a humanidade precisava deixar de seguir a lei de Talião: “olho por olho e dente por dente”. Jesus ensinou e exemplificou a importância da compreensão e do perdão. No Novo Testamento, apresentou um Deus mais amoroso e o conceito da unicidade (“Eu e Deus somos Um”).

Jesus disse para sermos bons uns para com os outros, aprender a perdoar setenta vezes sete, para também sermos perdoados por Deus. Mostrou que não devemos dar tanta importância aos bens materiais, mas sim ao tesouro que está no nosso coração. Falou que somos responsáveis pelos nossos atos (bons e não bons) e que colhemos o que plantamos.

Suas lições de vida são regras de conduta para viver bem consigo e com os outros, sem gerar débitos e inimizades. E isso não vale apenas para a vida presente, mas principalmente para a vida no além (no plano espiritual) e para as vidas futuras ou próximas encarnações.

O próprio Jesus demonstrou que a morte pode matar o corpo, não o espírito, pois a alma é eterna. Ele mesmo faz menção a João Batista como a reencarnação de Elias, o profeta (Evangelhos de S. Mateus – cap. XVII – vs. 10 a 13 e de S. Marcos cap. IX – vs. 11 a 13).

Elias, o profeta, defendia nas suas pregações a crença no Deus único. Exemplificando sua fé e o poder de Deus, ressuscitou o filho de uma viúva (Livro de Reis I – 17 vs. 17 a 24) e venceu os sacerdotes que seguiam ao deus Baal no duelo do Monte Carmelo. Mas errou quando mandou cortar as cabeças deles (Reis I – 18 vs. 19 a 40). Isso gerou uma dívida grave que foi resgatada quando voltou como João Batista e morreu decapitado.

Deus, como criador “do céu e da terra”, é único, apenas possui diferentes nomes: *Akah Allah* (islamismo), O Grande Espírito (índios norte-americanos), *Nhanderú* (tupi-guarani), *Wiracocha* (incas) e *Brahman* (hindus).

Dante Alighieri (1265 – 1321) escreveu o livro “A Divina Comédia”, no qual ele descreve sua jornada pelo Inferno e Purgatório até chegar ao Paraíso, onde encontra sua amada. Quando era jovem, se apaixonou por Beatriz. Ela faleceu em 1290, mas seu amor por ela nunca morreu. Seria possível este reencontro?

Estudo mais aprofundado sobre este livro, pelo ponto de vista espiritualista, nos faz pensar que Dante pode ter visitado todos esses lugares e realmente encontrado com Beatriz. Pode ter sido levado por mentores espirituais durante suas horas de sono. Seriam experiências fora do corpo, como ensina o Prof. Wagner Borges do Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas (IPPB) em seus cursos e livros (ver capítulo II.5).

Saltando da Itália do século XIV para o Brasil, no final do século XIX, Machado de Assis (1839 – 1908) demonstra interessante e bem-humorada visão sobre a vida e a morte na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de 1881. O próprio personagem descreve sua enfermidade, as últimas visitas, os delírios do moribundo e o velório.

Apresenta-se assim: “não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço”. Para mim a vida é luta, “vida sem luta é um mar morto no centro do organismo vital” (Machado de Assis, 2001).

Gonzaguinha (1945 – 1991), filho do Rei do Baião Luiz Gonzaga (1912 – 1989) na canção “O que é, o que é” definiu a vida assim:

A vida é a batida de um coração, é uma doce ilusão, é maravilha ou sofrimento, alegria ou lamento? Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo. É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo. Há quem fale que é um divino mistério profundo, é o sopro do criador, numa atitude repleta de amor. Você diz que é luta e prazer, ele diz que a vida é viver. Ela diz que melhor é morrer, pois amada não é e o verbo é sofrer. Somos nós que fazemos a vida, como der ou puder ou quiser, sempre desejada, por mais que esteja errada. Ninguém quer a morte, só saúde e sorte! Viver e não ter a vergonha de ser feliz! Cantar e cantar e cantar a alegria de ser um eterno aprendiz! Eu sei, que a vida podia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita, é bonita, é bonita.

Vinicius de Moraes (1913 – 1980) demonstrou que quando bem afinados, músico e instrumento são capazes de reproduzir obras divinas e alegrar muita gente. Na música “Para viver um grande amor”, em parceria com Toquinho, temos o seguinte refrão: “Eu não ando só, só ando em boa companhia, com meu violão, minha canção e a poesia”.

Quem está de bem com a vida e consigo não se sente só. No hinduísmo isto é denominado *Sat Sangha* (pronuncia-se como sát sangá). Quando estamos em paz com a nossa consciência, estamos em harmonia com Deus. E, não há melhor companhia! Na música “Samba da Benção”, há um trecho bem-humorado sobre a crença de Vinicius na vida única:

“... A vida é pra valer e não se engane não, tem uma só. Duas mesmo que é bom, ninguém vai me dizer que tem, sem provar muito bem provado, com certidão passada em cartório do céu. E assinado embaixo: Deus. E com firma reconhecida! ...”

Noel Rosa (1910 – 1937) também fez uma música sobre este tema:

“Quando eu morrer, não quero choro nem vela, quero uma fita amarela, gravada com o nome dela. Existe alma, há outra encarnação? Eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão. Não quero flores, nem coroa com espinho, só quero choro de flauta, violão e cavaquinho. Fico contente, consolado por saber que as morenas tão formosas, a terra um dia há de comer...”

Estes três músicos já fizeram a passagem para o Além. Será que continuam a compor, a cantar e manter a mesma opinião? Ou será que o despertar na vida espiritual fez com que eles passassem a compreender a vida e a morte de outra maneira? Os homens que temem a morte se recusam a ter força de vontade para se desprender do corpo físico e da vida material. Permanecem como que agarrados ao que foi ou ao que teve (título, cargo, profissão, bens materiais ou afetivos) na esperança de continuar sua existência física, pois é a única que realmente conhecem.

“É claro que não adianta lutar porque, mais cedo ou mais tarde eles terão de se convencer.” Resistir ao inevitável significa apenas ficar suspenso entre dois mundos, por mais tempo, além do necessário cita o amigo hindu de Peter Richelieu (1972).

Vinicius de Moraes, depois de ter passado pelo período de tratamento no mundo espiritual, reuniu-se com um grupo de poetas e escritores brasileiros e portugueses do Além denominado: Companhia do Amor: a Turma dos Poetas em Flor. O Prof. Wagner Borges elaborou um livro com textos deste bem-humorado grupo.

No “Samba da Benção”, que citamos no início deste capítulo, há um trecho no qual ele diz que a vida tem uma só: “duas mesmo que é bom, ninguém vai me dizer que tem, sem provar muito bem provado”.

Vários poetas devem ter pensado da mesma forma. Mas, será que eles mudaram de opinião depois que passaram para o outro lado? Vejamos trechos da poesia “Paixão de Morte”:

Olá meus amigos! O poetinha transborda de felicidade e deseja a todos, com humildade, muita amizade, amor e vitalidade! Olhei para o espaço infinito e perguntei a mim mesmo, o que seria do homem se não mais existisse a morte? Seria tão enfadonho viver! Que daria uma louca vontade de morrer. E se também não existisse mais a reencarnação? Seria tão enfadonho para nós desencarnados viver, que daria uma louca vontade de renascer (BORGES, 2003 - p. 109 a 114).

Pois é! Nada como um dia após o outro. Ou como diz aquele ditado popular: “vivendo e aprendendo”! Os poetas da Cia. do Amor entenderam que a vida não se acaba no caixão, mas que continua girando na roda gigante da encarnação e da desencarnação.

Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) também nos traz sua contribuição do Além. Ele vive na cidade espiritual acima da cidade material do Rio de Janeiro, onde morava e continua escrevendo. Utiliza uma “caneta *Mont Blanc* desencarnada”, como ele mesmo a denomina.

No livro: “Faz parte do meu show” descreveu assim sua experiência:

“Pareceu que eu dormia. Simplesmente isso. Mas dormia um sono diferente, com sonhos nítidos povoados por seres, coisas e situações. Eu simplesmente vivia, era tudo. Mas o corpo não me respondia. E diante daquela agonia de viver sem o corpo e de morrer sem a alma, eu via apenas o corpo deitado de boca aberta. E eu – eu não era mais aquele corpo, conservava minha transparência que varava a cama, os móveis, as paredes. Eu era espírito” (PINHEIRO, 2010 – p. 66 e 67).

Dependendo da cultura religiosa ou filosofia de vida, o final da vida física recebe várias denominações: meu pai morreu, faleceu, desencarnou, ou “perdi meu pai” ou ele partiu desta para uma melhor. Usaremos o termo “a passagem”, considerando que a alma é imortal e que a pessoa passa do mundo material para o mundo espiritual e vice-versa.

2 Cada um enfrenta a morte à sua maneira

Muitas pessoas que conhecemos evitam pensar e conversar sobre a “morte”. A morte é a única certeza que temos na vida e, mais cedo ou mais tarde, aparecerá para nos chamar ou para chamar nossos parentes e amigos. Não adianta negá-la ou fugir dela.

A psiquiatra Dra. Elisabeth Kübler-Ross (2005) afirma que o medo da morte está presente na raça humana há muitos séculos. Comenta que no inconsciente humano, a morte é algo impossível de acontecer a nós mesmos. Quando se trata dos outros é diferente,

.....

por que são os outros. Ela explica que é “inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra”, algo que fuja ao nosso controle.

A morte para a maioria dos adultos é associada a alguma coisa ruim, para as crianças tem outra concepção, conforme veremos ainda neste capítulo. Por ser ruim então passa a ser inimiga e sendo inimiga deve ser combatida? Não é à toa que a medicina e a biotecnologia juntas estão criando diversos meios para prolongar a vida e aliviar a dor, o que não deixa de ser algo louvável.

Mas nem sempre é ruim. Diante da morte próxima de um ente querido idoso, doente, teimoso e rabugento, as pessoas demonstram certo alívio. Diante de um grave acidente de alguém muito estimado, no qual a pessoa ficará paraplégica ou com lesão cerebral, preferem-se morrer do que viver assim.

A reação das pessoas diante da morte depende, então, de vários fatores como o motivo que levou à passagem, o tipo de relacionamento que existia entre quem foi e quem ficou, a consciência limpa ou cheia de culpas, entre outros.

O temor da morte pode estar associado ao medo do desconhecido e às ideias préconcebidas de inferno e castigo. Após a morte a alma será submetida a um julgamento? Poucos irão para o céu? A maioria irá para o purgatório ou o inferno, “pois somos todos pecadores”? Um dia os mortos despertarão, quando os anjos tocarem as trombetas?

O mais estranho destes conceitos para mim, quando adolescente, era aceitar o fato de que a alma poderia voltar para um corpo físico que já estava em decomposição, praticamente pó, como no caso do meu tataravô.

Qual é o verdadeiro papel da religião diante da vida e da morte? Crer em um Deus punitivo ou em um amoroso criador? A falta da crença em algo ou alguém superior torna os últimos momentos do ser humano mais difíceis, observou a Dra. Elisabeth Kübler Ross (2005 e 2012), nas centenas de entrevistas que realizou com pacientes terminais nos EUA.

Muitas pessoas não percebem o quanto são materialistas. Quando chega a hora de enfrentar uma situação na qual o dinheiro ou o cartão de crédito nada pode comprar, emerge uma sensação de impotência, revolta e/ou depressão.

Eis alguns exemplos de padrões de comportamento materialista e egoísta:

- amar mais ao dinheiro e à vaidade do que a Deus, mesmo que faça isso de maneira inconsciente;
- não pensar no lado espiritual da vida. Isso requer ser submisso a um ser maior e requer mudança de hábitos;
- pensar que ser livre é poder usufruir (e exagerar) das bebidas, drogas e sexo sem limites;
- achar que ser bom é ser bobo;
- preferir ser servido a servir (fazer o bem) a alguém, entre outros exemplos.

Quando a Dona Morte bate na porta dos lares dessas pessoas normalmente há revolta. Estaria essa revolta associada com o enfrentamento da indesejável consciência de que não temos controle sobre tudo e sobre todos como pensávamos?

A religião ou filosofia de vida influencia de alguma forma, sim! Quem é mais esclarecido e amadurecido, espiritualmente, tende a lidar melhor com a morte do que quem é mais materialista, porque tem a certeza que a vida continua.

Neste século XXI, no Brasil, as pessoas estão mais abertas para questionar os dogmas evangélicos do que seus avós, e se sentem mais livres para ler e conhecer o que ensinam diferentes religiões e filosofias de vida, principalmente o budismo, o hinduísmo, o espiritismo e a umbanda que nos esclarecem que a morte não é o fim de uma jornada, é apenas uma de muitas etapas.

3 Luto para as crianças

Enquanto que para a maioria dos adultos a morte é associada a algo negativo, como separação definitiva dos entes queridos, para maioria das crianças é vista como uma separação temporária, conforme comenta Dra. Elisabeth Kübler-Ross (2005), pois elas acreditam (inconscientemente) que voltarão a reencontrá-los.

No ponto de vista de muitos adultos, as crianças “devem ser poupadas” de cerimônias envolvendo funerais e mesmo de conversas sobre esse assunto. Tanto que é comum levá-las para a casa de algum parente ou amiguinho quando morre alguém da família.

Adultos sentem pena das crianças e inventam estorinhas pouco convincentes para elas, dizendo que fulano foi fazer uma longa viagem e não voltará mais, ou que foi para o céu (em algum foguete talvez). Dizem que foi morar com “papai do céu”, ou ainda que Deus levou ele embora por amar muito a todos.

Dra. Elisabeth comenta que adultos que possuem conceitos negativos, tristes e incertos sobre a morte terão muita dificuldade em lidar com as perguntas que as crianças normalmente fazem nessas horas (justamente por não ter respostas nem para si mesmo) e portanto, preferem mantê-las à distância ou inventar algo para distraí-las.

No entanto, os pequeninos percebem que algo não está normal na família. Mais cedo ou mais tarde constatarão o que de fato aconteceu. Dependendo da idade e da sua personalidade, poderão desenvolver raiva de Deus por ter levado seu ente querido ou poderão desenvolver insegurança, desconfiança e incerteza com relação ao que os adultos dizem.

Os pequeninos podem se sentir culpados pela morte de alguém, tanto quanto um adulto. Dra. Elisabeth explica que tendem a sentir raiva de pais, avós ou irmãos mais velhos quando eles não satisfazem seus desejos, por terem negado algum brinquedo ou por tê-los colocado de castigo. E, “no calor desta ira”, tendem a desejar que morram.

Caso isso venha acontecer, seja pelo motivo que for, a criança ficará muito traumatizada, trazendo para si a responsabilidade, a culpa. Não se perdoará facilmente, sendo necessário receber tratamento psicoterapêutico para evitar que desenvolvam futuros problemas psicológicos e psicossomáticos.

É comum crianças terem bichinhos de estimação ou conhecer alguém que os tenha. Se esse bichinho falecer, os adultos poderiam aproveitar a oportunidade para conversar com elas sobre o significado da morte. Poderiam inclusive realizar uma cerimônia simbólica com palavras de gratidão e carinho orações seguida de enterro em lugar adequado ou de cremação. Para tanto, é preciso que os adultos tenham uma visão mais aberta sobre a morte e sobre o assunto.

4 Reações diante da morte de alguém

Como o objetivo deste livro não é o de se aprofundar na abordagem psicológica sobre enfrentamento do luto recomendamos aos interessados que busquem as obras publicadas por três especialistas no assunto:

- "Sobre a morte e o morrer" (2005) e "O Túnel e a Luz" (2012), da Dra. Elisabeth Kübler-Ross;
- "Amor e perdão: as raízes do luto e suas complicações", do Dr. Parker (2009);
- "Nada sobre mim, sem mim", da Profa. Maria Helena Franco, do Departamento de Psicologia Clínica da PUC/SP (2005).

Diante da notícia de uma doença grave ou diante da morte de alguém quatro reações foram identificadas por estes pesquisadores:

- **Negação:** a pessoa repete frequentemente frases como: "não, isso não pode ser verdade", ou "isso não pode estar acontecendo comigo", "isso é mentira!" A seguir começa a encontrar meios (e desculpas) para provar que está certa. Seria um comportamento defensivo, afinal de contas "somos imortais, não somos?".
- **Raiva:** quando a pessoa percebe que não há mais como negar o fato, passa a se revoltar contra a vida, os médicos e Deus. De certa forma, considerando-se vítima, deseja arrumar um culpado para quem sua raiva será direcionada. É comum repetir frases como: "por que isso foi acontecer justo com ela/ele ou comigo?". "Neste hospital são todos uns incompetentes!". "Onde estava Deus que não o protegeu nessa hora?". "Isso aconteceu porque somos pobres, se fossemos ricos seria diferente!".
- **Tristeza e depressão:** a sensação de impotência diante da doença como câncer ou da irreversível morte de alguém leva à pessoa a um profundo sentimento de desânimo. Pensamentos relacionados com abandono e solidão agravam mais esse quadro. É comum repetir frases como "a vida não tem mais sentido pra mim!". "O que será de mim de agora em diante?".
- **Aceitação:** passada as fases anteriores, a pessoa tende a compreender que não adianta negar o fato, se revoltar contra tudo e contra todos e querer morrer para se encontrar com o ente querido falecido. Compreendendo, tende a aceitar e tocar a vida em frente. Dar outro significado para o fato, de maneira mais positiva, ajuda a superar a dor.

No caso da perda de um ente querido por causa de desastres de origem natural (enchentes, deslizamentos de terra) ou tecnológica (quedas de avião, acidentes nas estra-

das) o enfrentamento da morte é muito mais traumático, sendo essencial o acompanhamento de psicoterapeutas. Recomendamos o trabalho do Instituto “Quatro Estações” em São Paulo, bem como os cursos que são oferecidos.

Espíritos desencarnados, que não aceitam ter perdido o corpo físico também se revoltam, costumam fugir para longe dos socorristas. Acabam indo vagar desnorteados, em lugares onde há outros que compartilham o mesmo histórico de vida, com a mesma maneira rebelde de pensar. Um dia, cansados de viver assim, pedirão e receberão auxílio!

No livro *Nosso Lar*, há dois casos assim. A própria estória do André Luiz que veremos no Capítulo III e o de uma moça que estava noiva e faleceu. Ela não se conformava com o fato de que seu sonho de casar e de ter uma família havia se transformado em pesadelo. Apesar de todo carinho de sua avó e dos entes queridos, ela só queria estar junto do seu noivo, mais nada.

As etapas de negação e raiva eram bem perceptíveis. Ela dizia repetidamente que não podia ter morrido! Tinha raiva de todos que se aproximavam dela. Estava sempre revoltada. Um dia conseguiu fugir com ajuda de espíritos menos esclarecidos e foi até a casa onde morava no Rio de Janeiro.

Sem noção de quanto tempo havia passado desde sua passagem, teve um choque emocional ao ver seu antigo noivo casado com outra moça. Totalmente atordoada, ela voltou a vagar nas zonas tristes do umbral até que finalmente pediu ajuda aos socorristas e voltou para o posto de socorro onde recomeçou seu tratamento.

Isto é comum nos casos de desencarnes de pessoas apegadas à vida material, aos seus bens materiais, aos seus laços profissionais, familiares ou conjugais. Pessoas que não fazem o mal mas também não fazem o bem, independente da maneira como fizeram a passagem.

Podemos optar por deixar a tristeza e a raiva nos levar ou reagir e procurar ser feliz novamente. Milton Nascimento, nascido em 1942, demonstra na música “Travessia”, que quando nos sentimos abandonados e desiludidos, a vida parece não ter sentido e preferimos morrer:

“Quando você foi embora fez-se noite o meu viver, forte eu sou mas não tem jeito, hoje eu tenho que chorar. Minha casa não é minha e nem é meu este lugar, estou só e não resisto, muito tenho para falar. Solto a voz nas estradas, já não quero parar. Meu caminho é de pedras, como posso sonhar? ... Vou fechar o meu canto, vou querer me matar...”

Depois de desabafar e pensar melhor a respeito ele resolve dar outro significado para a vida (resignificação) e valorizar sua força interior:

“...Vou seguindo pela vida me esquecendo de você, eu não quero mais a morte, tenho muito que viver. Vou querer amar de novo e se não der não vou sofrer. Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver...”

5 Morte bonita e morte horrível

Perguntaram a Chico Xavier como morrer com tranquilidade, durante o programa de televisão da extinta TV Tupi, em 1971, denominado “Pinga-Fogo”. Ele respondeu o seguinte, conforme consta do livro de mesmo nome (pág. 194):

“A morte suave, do ponto de vista da continuidade da paz para além desta vida, se deve à consciência tranquila. Cumpramos com os nossos deveres, compreendendo que a nossa responsabilidade tem o tamanho do nosso conhecimento. Cumpramos as nossas obrigações e a morte será sempre uma passagem para uma vida melhor. Mas, se adquirirmos complexos de culpa, nós estamos criando cadeias que nos aprisionam a processos de vida inferior, e vamos emitir irradiações perturbadoras, suscetíveis de criar muita luta, muito conflito naqueles de quem nos aproximamos, porque criamos estes conflitos em nós mesmos.”

É comum ouvir pessoas comentando que fulano teve uma “morte bonita” quando não sofreu, por exemplo durante o sono, enquanto dormia. E ainda dizem que gostariam de morrer assim também. Por outro lado, comenta-se que ciclano teve uma “morte sofrida”, porque ficou semanas padecendo em uma cama.

Na visão espiritualista, o conceito é diferente. Quando a morte chega “sem aviso prévio”, isto é, a pessoa dormiu aqui e acordou “lá”, e não tem conhecimento sobre a vida além da vida, é apegada aos seus bens materiais, à sua profissão, e à família, fica sem entender o que aconteceu, onde está. Este tipo de passagem repentina e sem despedida, é difícil de ser aceita para quem foi, e mais ainda para quem ficou.

Há situações em que a pessoa pode partir antes do período programado por imprudência: abusar de bebidas alcoólicas e dirigir o carro ou moto, em alta velocidade. Há também os casos de exposição voluntária a atividades perigosas, como descer uma ladeira de bicicleta ou *skate* no meio da rua e sem capacete, dirigir moto na contramão, mergulhar no mar, com equipamento, desrespeitando regras de segurança.

Muitos dirão que tiveram uma “morte horrível”, podem até dizer que morreram fazendo o que mais gostava. De maneira ou de outra, sempre aparecerá alguém nos velórios dizendo “coitadinho dele, era tão bom!”. A forma como os parentes e amigos agem nessas horas influencia a maneira como enfrentam seu luto. Pode influenciar também o período “pós-desencarne” de quem partiu.

Familiares que conhecem e vivenciam conhecimentos espiritualistas, seja qual for a religião, sabem que ninguém morre, apenas mudam de endereço e, portanto, tendem a reagir com relativa aceitação, apesar da dor da separação momentânea e da saudade.

Aqueles que têm uma visão mais materialista da vida e de Deus, não suportam a partida de um ente querido de maneira repentina, como em um acidente ou mal súbito. Talvez pela dificuldade em aceitar que não possuem controle de tudo.

Há quem se revolte contra Deus por ter levado a pessoa querida, seu “maior tesouro”. Revoltam-se porque pediram todos os dias para protegê-la, oraram, “fizeram a sua parte” e Deus não fez a “sua”. A dor fica ainda maior pela perda do ente querido quando há revolta e sentimentos de culpa. Ficar assim não trará a pessoa amada de volta!

Esses pensamentos e sentimentos prejudicam a própria pessoa, quem partiu e quem está do seu lado. É comum, nessa situação, ver uma mãe que perdeu a filha/o por exemplo, alimentar sentimentos de culpa incessantemente, amargar-se com a vida e deixar de dar atenção aos outros filhos, ao esposo e não aceitar ajuda de ninguém.

Leiam estes trechos retirados de duas cartas dirigidas à mãe de um rapaz de 19 anos que desencarnou em um acidente na estrada em 1978 (Chico Xavier e espíritos diversos, 2010):

“.. Mamãe, não se julgue culpada pelo fato de termos regressado a Campos Altos porque, estivesse onde estivesse aquele dia, 18 de dezembro, era meu dia de retorno ao mundo espiritual. Peça a sua calma fique em paz a meu respeito. Preciso que suas lágrimas sejam de gratidão a Deus e não de mágoa... O meu avô Joaquim (avô materno desencarnado em 1959) tem sido meu segundo pai (19.04.1980)”.

“...Mamãe, sinto-a assim de tal modo sozinha que pedi aos mentores, o consentimento para endereçar ao seu coração querido algumas palavras que consigam enfeixar meus pensamentos. Os filhos e as mães estão interligados mesmo além da morte do corpo físico por fios invisíveis de amor que o tempo não desgasta”.

“...Não permita que a saudade se faça nuvem nos seus pensamentos. É verdade que voltei cedo, mas isso não quer dizer que estarei inútil. Meu olhar encontra o seu quando você imagina me ver na verde extensão da paisagem que emoldura Campos Altos, e escuto seu coração a indagar sobre o ponto do espaço onde estará seu filho... Onde o amor se encontra aí se reencontram constantemente os que se amam”.

“... Não me recorde no acidente em que meu corpo tomou a feição de roupa estragada a golpes violentos da adversidade. Tudo passou. ... Somos felizes de maneira diversa daquela que esboçávamos o futuro que hoje é o presente. Não se creia menos protegida porque lhe falta a presença de um filho dentre a meia dúzia de corações que o Senhor lhe confiou. ... Pense na vida palpitante por toda a parte. Vovó Maria Similiana também se encontra comigo” (bisavó falecida 50 anos antes)...”.

Nessas frases observamos a nítida preocupação do rapaz em pedir para sua mãe seguir em frente, não ficar lamentando nem se culpando pela sua morte. Deseja que ela dê atenção aos outros irmãos, ao mesmo tempo em que quer tranquilizá-la, mencionando o nome dos parentes que estão ao seu lado, de maneira que entenda que não está sozinho.

Certa vez ouvimos o caso de uma garotinha, de família rica, que foi raptada e assassinada. Os pais eram muito materialistas, apegados ao dinheiro e pouco virtuosos. Os vizinhos e amigos, intuídos pela espiritualidade e pela compaixão, convidaram os pais a fazerem preces, novenas e boas leituras que ajudasse a encontrar algum conforto e explicação para o que aconteceu.

Sabemos que essas horas são muito difíceis mesmo de serem enfrentadas, por isso mesmo toda ajuda é válida, principalmente a ajuda silenciosa, que vem do coração. Os pais deram pouco valor ao apoio recebido, “pois nada traria a filha de volta” como queriam! Só havia espaço para comentários de revolta e justiça (punição dos culpados).

Do lado de lá, assistida pelos bons espíritos, incluindo parentes já desencarnados, a menina sofria. Não pelo que lhe ocorreu. Por ser um espírito mais evoluído que os pais, havia entendido que cumprira com as leis da ação e reação. Sofria porque se sentia frustrada ao ver que seus pais estavam desperdiçando uma grande oportunidade de deixarem de ser avaros e materialistas.

No livro “A Viagem de uma Alma”(1972), um rapaz também estava nessa situação de revolta contra Deus, por saber que o irmão mais novo, de 23 anos, piloto da Força Aérea (RAF), fora abatido durante a guerra. Questionava inclusive como poderia haver um Deus bom se ele causava tanta dor para “seus filhos”? Se deixava essa guerra absurda acontecer.

Um desconhecido apareceu em sua vida oferecendo respostas às suas indagações, demonstrando saber detalhes com quem nunca havia conversado antes. “Sonhou” com o

.....

irmão, ou melhor, foi levado para um reencontro com ele. Pôde conhecer onde morava, o que fazia agora e com quem convivia. Percebeu então que a vida continuava e passou a dedicar-se a estudar e aprender mais a respeito.

6 A alma é imortal e impermeável

A alma não molha, não queima, não solta tiras, são legítimas criaturas imortais. E, para seu contínuo aperfeiçoamento, ora está vivendo e aprendendo a viver no plano terrestre, em um corpo físico, ora está vivendo no plano espiritual. Mesmo que você não acredite nisso.

A maioria das pessoas que faz a passagem não tem conhecimento sobre a continuidade da vida em outros mundos. A minoria tem consciência de que a vida espiritual é a única verdadeira e definitiva. Saímos e voltamos inúmeras vezes na roda das reencarnações, até “descobrirmos” nossa verdadeira identidade divina, então viveremos como seres de amor e luz!

Aqueles que possuem a lucidez de que somos espíritos de luz, habitando um corpo físico, que procuraram viver em paz consigo e com os outros, estão mais aptos a se adaptar à transição entre o mundo físico e o espiritual, independente de sua religião, do que aqueles que acreditam que somos feitos de carne e osso, cheios de pecados.

Seria bom se compreendêssemos que a realidade da vida espiritual ultrapassa qualquer crença e fronteira religiosa. Viemos de Deus e a Deus voltaremos! Essa compreensão é muito importante:

- faz com que soframos menos por não haver revolta pela partida dos entes queridos;
- facilita nossa passagem e a adaptação do outro lado;
- evita que fiquemos sofrendo ao lado de um corpo em decomposição no cemitério, o qual não serve para mais nada;
- evita que fiquemos vagando desorientados, sem saber onde estamos e para onde vamos;
- possibilita o reencontro com entes queridos que foram antes de nós.

Também é importante saber que, conforme descreve Luiz Sergio (1976):

As impressões do corpo costumam a desaparecer e nem sempre conseguiremos afastar a lembrança de uma doença ou de um desgosto que tivemos antes de desencarnar. Isto nos torna infelizes! É comum a muitos desencarnados sentirem dores locais correspondentes aos órgãos doentes que lhes causaram o óbito. Há ocasiões em que esta impressão é tão forte que a criatura pensa que ainda vive no corpo físico. É preciso ter isso em mente para aprender a se libertar dela e das emoções próprias de quem parte”, a fim de que consiga gozar das regalias concedidas ao espírito (p. 125/126).

Esse assunto sobre imortalidade da alma não é algo novo. O livro “Bhagavad-Gita” (pronuncie-se “bagavád guita), que significa a Sublime Canção ou Canção do Senhor, é uma das obras mais antigas e respeitadas entre hinduístas, budistas e simpatizantes dessas culturas. Foi escrito aproximadamente em 300 a.C.

Conta a história do desentendimento de duas nobres famílias que guerreavam no campo de batalha, simbolizando o conflito entre as forças superiores (o bem) e as inferiores (o mal), tal como se passa dentro de nós. O bem, ou a paz de espírito, é ameaçado pelas forças do mal como o egoísmo, os prazeres da carne, as paixões inferiores e as ilusões.

Krishna é a representação do Homem-Deus ou espírito supremo e Arjuna é o príncipe-guerreiro da família do bem, que representa o homem em estado evolutivo. Ao seu lado estão os guerreiros da verdade, do amor, do bem, da fé, da obediência e da convicção, entre outros. Krishna orienta-o a vencer seus medos e temores e se elevar a Deus. Sua tarefa é vencer as ilusões da vida, encontrando sua verdadeira essência divina para alcançar a iluminação, a libertação ou Nirvana.

Quando Arjuna olha os corpos dos guerreiros caídos fraqueja e resiste a lutar, dizendo não ver sentido na morte. Krishna explica que os corpos são os envoltórios da alma, instrumentos do espírito, não são o verdadeiro homem real, portanto, perecem como todas as coisas finitas e materiais. Ensina que o corpo pode morrer ou ser morto, porém aquele que o ocupou permanece vivo:

“Como a gente tira do corpo as roupas usadas e as substitui por novas e melhores, assim também o habitante do corpo (que é o Espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em outra, nova e recém-preparada para ele (reencarnações) ... O homem real, o espírito, não pode ser ferido por armas, nem queimado pelo fogo, a água não o molha, o vento não o seca nem o move. Ele é impermeável, incombustível, indissolúvel, imortal, permanente, imutável, inalterável, eterno e penetra tudo. Em sua essência é invisível” (versos 22/25).

Em função dos ensinamentos de Krishna e de outros ilustres mestres, os hindus que acreditam na continuidade da vida após a morte do corpo físico e em reencarnação, desenvolveram uma relação com a morte bem diferente da dos católicos. Cabendo lembrar que, no Novo Testamento, Paulo de Tarso menciona que não somos apenas corpo de carne em I Coríntios 15: “Se há corpo natural, há também corpo espiritual”.

7 Revelações de Allan Kardec

Dezoito séculos mais tarde, o francês Denisard Léon Hippolyte Rivail, mais conhecido por Allan Kardec (1804–1869), trouxe grandes revelações ao mundo europeu sobre o corpo espiritual e sobre a continuidade da vida, exemplificando-a por meio de relatos verdadeiros.

Por exemplo, no livro “O Céu e o Inferno” publicado em 1865, no Capítulo II – Espíritos Felizes, consta o depoimento do Sr. Sanson, que fora espírita, alguns dias após sua passagem, em 23-04-1862.

O diálogo a seguir foi originalmente escrito na segunda pessoa do plural (vós), como era usado no séc. XVIII. Não estamos acostumados com esta forma de tratamento. Então, onde estava “recobristeis o senhor vossa lucidez?” ficará: “o senhor recobrou sua lucidez?”

Vejamos trechos desta conversa:

- *Meu caro Sr. Sanson, cumprindo o dever com satisfação, solicitamos sua presença o mais cedo possível depois da sua morte, como era do seu desejo.*

- *É uma graça especial que Deus me concede para que possa me manifestar. Agradeço a sua boa vontade, porém, sou tão fraco que tremo.*

.....

- O senhor sofreu tanto! Podemos perguntar como se sente agora? Comparando a situação de hoje com aquela de dois dias atrás, que sensações experimentou?

- Acho-me regenerado, renovado, como se diz entre vocês, nada mais sentindo das antigas dores. A passagem da vida terrena para a dos espíritos deixou-me de começo num estado incompreensível, porque ficamos alguns dias privados de lucidez. Havia feito um pedido a Deus para me permitir falar aos que estimo e fui ouvido.

- Ao fim de que tempo o senhor recobrou a lucidez das ideias?

- Ao fim de oito horas. Repito que Deus me deu uma prova de sua bondade, maior que o meu merecimento, e eu não sei como agradecer.

- Está bem certo de não pertencer mais ao nosso mundo? No caso afirmativo, como comprová-lo?

- Oh! Certamente, eu não sou mais desse mundo, porém, estarei sempre ao seu lado para lhes proteger e sustentar, a fim de pregar a caridade e a abnegação, que foram os guias da minha vida. Depois, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita, que deve elevar a crença do bom e do justo. Estou forte, robusto, em uma palavra, transformado. Em mim não reconhecerá mais o velho enfermo que tudo devia esquecer, fugindo de todo prazer e alegria. Eu sou espírito e a minha pátria é o espaço. O meu futuro é Deus que reina na imensidade. Desejaria poder falar a meus filhos, ensinar-lhes aquilo mesmo que sempre desdenharam acreditar.

- Que efeito lhe causa o seu corpo aqui ao lado?

- Meu corpo! Pobre, mísero despojo... volta ao pó, enquanto eu guardo a lembrança de todos que me estimaram... Obrigado, mísero corpo, pois purificou o meu espírito! O meu sofrimento, dez vezes bendito, deu-me um lugar bem compensador, por isso que pude me comunicar com vocês...

- O senhor conservou as ideias até o último instante?

- Sim. O meu espírito conservou as suas faculdades e quando eu já não mais via, pressentia. Toda a minha existência se desdobrou na memória e o meu último pensamento, a última prece, foi para que pudesse me comunicar com vocês, como o faço agora. Em seguida pedi a Deus que lhes protegesse...

- Teve consciência do momento em que o corpo exalou o derradeiro suspiro? Que se passou consigo nesse momento? Que sensação experimentou?

- Parte-se a vida e a vista, ou antes, a vista do espírito se extingue. Encontra-se o vácuo e se é arrastado por não sei que poder. Eu não senti nada. Encontro-me num mundo de alegria e grandeza! Uma felicidade inefável me extasiava de gozo, livre do peso das dores.

Interessante observar nesse diálogo, ou nesta entrevista, que o Sr. Sanson costuma dizer “meu espírito”. Várias pessoas empregam o mesmo termo. Na verdade, somos o espírito. E se ele pode fazer esta descrição com tantos detalhes, é porque sabia que a morte não era o fim.

Vamos ler outro relato, exemplificando o caso de pessoas que chegaram completamente desorientadas, sem entender o que se passou e onde estava. É o caso de Helene, de 25 anos, falecida subitamente sem sofrimentos, sem causa previamente conhecida, descrito no Capítulo III – Espíritos em condições medianas.

Ela foi rica, “um tanto fútil” (dito por ela mesma) e possuía coração bondoso. Comunicou-se a primeira vez, três dias após a morte por meio de pessoas conhecidas:

- *“Não sei onde estou... que perturbação me cerca! Me chamaram e eu vim. Não compreendo por que não estou em minha casa. Lamentam a minha ausência quando presente estou, sem poder fazer-me reconhecida. Meu corpo não mais me pertence e, no entanto eu lhe sinto a rigidez. Quero deixá-lo e mais a ele me prendo... Sou como que duas personalidades... Quando cheguei a compreender o que comigo se passa?”*

Nota explicativa do Livro “O Céu e o Inferno”:

“O sentimento da dualidade, que não está ainda destruído por uma completa separação, é aqui evidente. Caráter volúvel, permitindo-lhe a posição, a fortuna e a satisfação de todos os caprichos, deveria igualmente favorecer as tendências de leviandade. Não admira pois, tenha sido lento o seu desprendimento, a ponto de três dias após a morte, sentir-se ainda ligada ao invólucro corporal. Mas, como não possuía vícios sérios e foi de boa índole, essa situação nada tinha de penosa e não deveria prolongar-se por muito tempo”.

Depois de alguns dias, requisitaram novamente a presença dela e suas ideias estavam modificadas:

“Obrigada por terem orado por mim. Reconheço a bondade de Deus que me subtraiu aos sofrimentos e apreensões consequentes ao desligamento do meu espírito. Minha pobre mãe será difícil resignar-se, entretanto será confortada e, o que a seus olhos constitui sensível desgraça, era fatal e indispensável para que as coisas do céu se tornassem no que devem ser: tudo. Estarei ao seu lado até o fim da sua provação terrestre, ajudando-a a suportá-la. ... Não sou infeliz, porém, muito tenho ainda a fazer para aproximar-me da situação dos bem-aventurados. Pedirei a Deus que me conceda voltar a essa Terra para reparação do tempo que aí perdi nesta última existência. A fé lhes ampare meus amigos! Confiem na eficácia da prece, mormente quando partida do coração. Deus é bom!

- *Você levou muito tempo para se reconhecer?*

- *Compreendi a morte no mesmo dia que por mim orou.*

- *Era doloroso seu estado de perturbação?*

- *Não, eu não sofria, acreditava sonhar e aguardava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado nesse mundo deve sofrer. Resignando-me à vontade de Deus, a minha resignação foi por Ele levada em conta. Grata pelas preces que me auxiliaram no reconhecimento de mim mesma. Obrigada! Voltarei sempre com prazer. Adeus! Helene”.*

Há muitos depoimentos como estes do Sr. Sanson e de Helene descritos no livro “O Céu e o Inferno”, tão semelhantes aos que encontramos nos livros escritos no Século XXI de Chico Xavier, por exemplo. Há tantas histórias de pessoas que logo se recuperaram do desligamento da vida material, como de quem demorou décadas para aceitar e entender o que se passou. Décadas para se desapegar de seus bens materiais, dos seus laços de amargura e dos desejos de vingança.

Então perguntamos a você leitor ou leitora, aquela frase tão comumente empregada nos velórios pelas pessoas que ficam olhando o falecido: Eh! fulano/fulana descansou, é verdadeira ou falsa?

8 E eu mudei

Assim é, quanto mais vivemos, mais aprendemos. Nasci em 1962 e meu primeiro contato com a “irmã morte”, como dizia São Francisco de Assis, foi quando tinha entre sete ou nove anos de idade. Tínhamos um cachorro sem raça definida, chamado “Máilou”, inteligente e de hábitos noturnos, ou boêmio, como costumávamos dizer, pois adorava sair a noite com outros cães. Voltava de manhã para casa de vovó ou para casa onde morávamos.

Um dia foi atropelado, ao atravessar a rua de forma estabanada para saudar meu pai. Foi muito triste e difícil lidar com a separação dele assim, de forma tão repentina. Várias vezes eu ficava sozinha no quintal da casa da vovó, onde fora enterrado, pensando nele, sem entender porque aquilo tinha acontecido. Ficava pensando onde ficava o tal do “céu” de cachorros que a vovó me falava! Não encontrei respostas!

Tempos depois, quando eu tinha entre 12 e 13 anos, meu avô materno faleceu de uma doença grave, para a qual não havia muitas opções de tratamento na época. Não presenciei o velório nem o enterro que foram realizados fora de São Paulo. Que pessoa alegre, divertida, inteligente e independente era ele! Foi um grande professor de história e geografia, era muito querido pela sua didática incomparável.

Aprendi muito sobre meio ambiente com ele, de maneira sistêmica, na teoria e na prática nos momentos que convivemos! O que mais me entristecia era pensar que nunca mais iria vê-lo, conversar com ele, aprender com ele, dar risada das brincadeiras dele!

Rezava pedindo a Deus que tomasse conta dele, onde ele estivesse. Mas, vez ou outra, me perguntava onde estaria ele? Vovô não era do tipo que ficava parado muito tempo no mesmo lugar. E todo seu conhecimento? Tanto talento assim não poderia se desintegrar?

Com o passar de um ano ou dois, Deus me mostrou que “na natureza nada se perde, tudo se transforma”. Passei a ter vários sonhos com o vovô, ao vivo e a cores. Nossos encontros eram muito reais. Ele estava vivo! Ele disse que morava em outro lugar e me dava vários conselhos, principalmente quando estava triste. Depois tive outros encontros com a “irmã morte”: animais de estimação, familiares e amigos queridos. Às vezes lidava bem com isso, às vezes não.

Passei a estudar sobre Jesus, Krishna, Buda, Francisco de Assis, Gandhi, Martin Luther King, John Lennon e Chico Mendes entre outras pessoas especiais que viviam defendendo a vida, a paz, o amor. Eles não mereciam morrer!

Ficava a pensar por que tantas pessoas morriam de fome e por falta de atendimento médico enquanto tantos homens corruptos dormiam “em berço esplêndido”. Por que gananciosos desumanos exterminaram tribos indígenas, destruíram florestas, poluíram rios e ficavam impunes?

Por que tantas catástrofes como terremotos, tempestades e quedas de aviões! Seria coincidência muitas pessoas estarem todas juntas na mesma hora e no mesmo lugar? Deveria haver alguma explicação!

A notícia da morte de alguém começou a desencadear uma sensação ruim dentro de mim, às vezes de revolta, outras de abandono e de impotência e, ao mesmo tempo a pergunta que sempre me acompanhava nessas horas: para onde tinha ido? Não fazia

sentido acreditar na estória que ouvi no curso de catecismo: a pessoa morre e fica dormindo o “sono eterno” esperando as “trombetas tocarem” para despertarem e irem ao encontro com Deus.

Não fazia sentido porque, pelas leis da vida, todos os corpos que estavam nos cemitérios entrariam em processo de decomposição, restariam esqueletos, não mais pessoas. E a alma que animava a vida daquelas pessoas, estaria aonde? No purgatório, no inferno, no paraíso? Sentia que deveria haver explicação mais lógica para tudo isso. Onde?

Quando tinha 18 anos, meu avô paterno faleceu de enfisema pulmonar. Fumou muito e por muitos anos. Sofreu bastante nas últimas semanas. Meus pais, vovó e tios acompanharam bem de perto esses momentos difíceis no hospital em Santos, SP.

Não queríamos que ele morresse. Certo dia estava na biblioteca da escola lembrando como ele tocava bem violino (ele foi grande músico da orquestra sinfônica municipal). Lembrando quando me ensinou a dar os primeiros mergulhos e as primeiras braçadas no mar (ele no Rio Tietê pelo Clube Espéria, na década de 1950, quando as águas desse nobre rio ainda eram limpas).

Entre uma lembrança e outra comecei a orar para que ele ficasse bom e para que os anjos ajudassem a fortalecer a todos nós. Concentrei-me profundamente nas preces, de olhos fechados, não sei por quando tempo. Então tive uma experiência muito especial: parecia que eu estava com ele no hospital. Segurava na sua mão e conversava com ele. Era tudo muito real. Detalhe: eu ainda não tinha ido visitá-lo pessoalmente. Será que sonhei?

Assim que tive oportunidade de estar com meus pais, pedi para me descreverem o quarto, sem contar o que havia acontecido comigo. Era igualzinho como tinha visto! Então eu estive lá? Como poderia ser isso? Vovô faleceu. Eu não quis ir ao velório nem ao enterro. Preferia guardar a lembrança das pessoas vivas e não empalidecidas em um caixão coberto de flores. Além do mais, esses lugares sempre me causavam mal-estar, e eu não sabia por quê! Nos dias de finados, ia aos cemitérios com meus pais visitar os túmulos da família, levar flores e fazer orações.

Sabia de alguma forma que eles podiam receber nosso carinho, mas me perguntava novamente onde estariam? Tão pouco acreditava que estariam tocando harpa em alguma nuvem. Talvez meu avô paterno tocando violino em algum lugar. Seu grande talento não poderia se desintegrar!

A imagem de criança que tinha de velórios e missas de sétimo dia era uma mistura de algo deprimente, com sentimentos de tristeza e de indignação, porque alguém querido tinha ido embora, ou seja, não iria mais conviver comigo. Meus parentes voltavam tristes, sentindo falta da pessoa que partiu, mas ao mesmo tempo sempre traziam alguma coisa engraçada para contar.

Casos em que alguém cometia gafes sem querer, como apertar a mão da esposa do falecido e dizer “meus parabéns” em vez de “meus pêsames”! Cumprimentar uma pessoa pensando ser outra! Durante o velório do avô paterno, mamãe achou que ele estava mexendo os pés dentro do caixão, e nada discretamente começou a chamar atenção das pessoas mais próximas.

.....

O que de fato estava acontecendo era que, conforme vovó chorava e fazia carinho na cabeça dele, as rendas que enfeitavam o caixão se mexiam por efeito em cadeia, ficando mais nítido nos pés. Estas pequenas cenas geravam contagiantes “ataques de riso”.

O velório do avô foi em Curitiba e era uma noite muito fria. Havia uma garrafa térmica com chá. Meu pai colocou um pouco de vodka nesta garrafa, sem que ninguém percebesse, para ajudar a “esquentar”. Pouco a pouco as pessoas foram ficando mais “alegrinhas”! Papai também tinha costume de imitar o padre e os coroinhas durante a missa. Fazia isso tão bem que era quase impossível não rir.

Uma vez fomos a uma missa de sétimo dia, da mãe de um amigo. A cerimônia já estava em andamento. Entramos na igreja e nos sentamos. Procuramos por algum rosto familiar e em poucos minutos observamos que não havia nenhum conhecido. O padre pronunciou o nome da falecida. Era outra pessoa! Conclusão: entramos na missa errada.

Mamãe teve um “ataque de riso”! Para disfarçar, ela escondeu o rosto no lenço, fazendo de conta que chorava. Ela ria tanto, baixinho, que escorria lágrimas dos seus olhos. “Saímos de fininho!” Meia hora depois voltamos para a missa certa.

E, como a vida dá muitas voltas, aconteceu algo que me marcou muito. Minha avó materna faleceu de ataque cardíaco repentino, na véspera do meu aniversário! Foi estranho! As pessoas chegavam perto de mim e diziam meus parabéns e também “me davam os pêsames”. Aniversário seria então um ano a mais de vida ou seria um ano a menos de vida. Vovó morreu ou nasceu de novo? Passei a refletir melhor sobre vida, morte e renascimento!

Ainda não tinha embasamento teórico sobre a abordagem espiritual de tudo o que se passava, pela educação católica que tive. O aprendizado começou a partir de 1986, com a leitura do livro “Viagem de uma Alma” de Peter Richelieu (1972), que ganhei de uma querida amiga. Este foi o primeiro de muitos livros. Quanto mais lia, mais queria ler! Não somente pelo gosto de aprender, mas principalmente pela oportunidade de poder ajudar a quem partiu e aos que ficaram.

Em 1990 comecei minha jornada de cursos. O primeiro foi sobre Programação em Neurolinguística – PNL, depois conheci a Fraternidade Pax Universal, em São Paulo, onde aprendi a ver a Deus e aos anjos de maneira mais aberta do que no catolicismo. Fiz cursos sobre respiração, meditação, metafísica, trabalhos terapêuticos com as mãos e com cristais.

Querida me aprofundar mais! E as portas foram se abrindo. A querida irmã de coração, Ana Maria, me levou a um centro espírita pela primeira vez. Encontrei nos Livros de Allan Kardec muitas respostas para perguntas sobre vida, morte e Deus. Iniciei a jornada na doutrina espírita. Fiz o Curso Básico, a Escola de Aprendizizes do Evangelho, cursos de médiuns e de oratória no CEAE Santana (Centro Espírita Aprendizizes do Evangelho).

Em 1990, fiz meu primeiro curso com o Prof. Wagner Borges, sobre Projeção Astral, no Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas – IPPB, em São Paulo, graças ao convite do amigo J.J. Nas últimas aulas, o assunto abordado foi sobre trabalhos assistenciais às pessoas enfermas, acidentadas e em fase terminal.

Com muita propriedade e conhecimento no assunto, além das didáticas ilustrações empregadas, Wagner mostrou como os amparadores, ou auxiliares invisíveis, trabalham

nessas horas e como nós podemos colaborar. Fiquei muito interessada sobre as técnicas empregadas no auxílio ao desligamento das pessoas, sobre a forma de esclarecimento e de encaminhamento adotadas.

No dia seguinte, comentei sobre o que havia aprendido com um amigo, também espiritualizado. Alguns meses depois seu irmão sofreu grave acidente de moto e entrou em coma. Foi hora de colocar a teoria em prática. Mesmo sem saber direito o que fazer, fui confiando na intuição dos amparadores e em mim mesma. Chegando ao hospital, meu amigo me colocou a par da situação: era muito difícil reverter o quadro clínico em que ele se encontrava. Precisávamos ajudá-lo.

Conversamos a respeito e encaramos a situação com muito amor. Entramos juntos na sala da Unidade de Terapia Intensiva – UTI e oramos em silêncio, cada um a sua maneira. Por ser ligado à Igreja Messiânica, meu amigo transmitiu bons fluidos na região da cabeça e peito por meio do Johrei.

Enquanto isso eu buscava maior ligação com os auxiliares invisíveis, encarregados deste tipo de trabalho assistencial. Depois fiquei vibrando amor e luz pelas mãos e pelo coração para meu amigo e seu irmão. Ficamos assim por algum tempo. Fez-se então um lindo e brilhante círculo de luz ao nosso redor. Podíamos sentir o amparo que recebíamos.

O enfermeiro se aproximou de nós, pedindo que nos retirássemos, pois o horário de visita já havia se encerrado. Saímos e encontramos no saguão muitas pessoas esperando por notícias: os pais, a irmã com o namorado, parentes, amigos e a namorada dele. Alguém sugeriu uma prece em conjunto e fizemos uma roda muito grande. Sabíamos todos que orar era única e melhor coisa que poderíamos fazer para ajudar. A comoção tomava conta de todos.

A namorada dele chorava compulsivamente. Não queria que ele partisse de jeito nenhum. Isso poderia ser prejudicial para ambos. Meu amigo e eu conversamos com a moça sobre a real situação em que ele se encontrava. Sobre a dor e sobre o amor verdadeiro que deve libertar e nunca aprisionar alguém, pois nessas horas tendemos a ser muito egoístas, não queremos ficar sozinhos, pensando muito em nós.

Ficamos orando por ela e por ele e por toda família em silêncio. Alguns instantes depois, o médico veio nos dar a notícia que nenhum de nós gostaria de ter ouvido.

Acompanhamos a mãe e outros entes queridos até em casa. Era muito difícil para a família entrar na sala, na cozinha, no quarto e sentir aquele vazio, aceitar a ausência dele de agora em diante. Além da dolorosa tarefa de pegar documentos dele e separar a roupa com a qual seria vestido para alguém levar até o hospital.

Igualmente difícil para nós, que estávamos na sala, lidar com os telefonemas de amigos pedindo notícias e ter que comunicar o fato, avisando onde seria o enterro. E assim, tanto o velório como a cerimônia de sepultamento foram momentos de intensa doação de energia amorosa e de orações diversas. Nada consola a dor deste momento de brusca separação de um ente tão querido e tão jovem. Era necessário respeitar o luto tanto como ajudar a enfrentar o luto e seguir em frente.

Deste dia em diante, ficou claro para mim a importância de saber prestar auxílio nos momentos que antecedem à passagem de alguém, como também aprender a ajudar

.....

tanto a quem parte como a quem fica! Resolvi então me aprofundar no assunto: estudar muito mais a respeito, conhecer como isso era abordado em outras religiões e filosofias, participar de cursos e palestras.

Ao mesmo tempo, ofereci a Deus minha vontade de ajudar. Fui visitar amigos e parentes de amigos em hospitais. Oferecia-me para fazer uma prece, levava revistas, livros, flores e um abraço amigo. Se um parente querido de meus amigos falecia ou se amigos faleciam, eu me esforçava para arrumar um jeito de ir ao velório e/ou enterro.

Mas, o mais difícil para mim não era estar no velório! Era conseguir chegar até o cemitério a tempo, antes que a cerimônia se encerrasse, por causa do caótico trânsito da cidade de São Paulo. E me perco com facilidade pelos bairros que desconheço! E para chegar no crematório da Vila Alpina então! Como é longe!

Bem, então minha avó paterna adoeceu, com problema nos pulmões. Esta enfermidade poderia estar associada com os anos de convivência com o vovô que fumava muito? Tive oportunidade de cuidar dela em casa, no quarto do hospital até que foi para a UTI. Eu não queria que ela fosse embora, mas também sabia que seu organismo estava muito enfraquecido, não queria que ela sofresse.

Oramos várias vezes juntas e eu sentia que amigos espirituais estavam conosco na UTI. Como os horários de visita eram rigorosos, não podia ficar muito tempo ao lado dela. Só podia olhar pela janelinha. Sentia que o momento se aproximava. Coloquei-me à disposição para ajudar na sua passagem. Na hora certa ela partiu (eu não estava lá, fisicamente). O amparo dos auxiliares invisíveis era inquestionável. O carinho dos amigos espiritualizados, incomparável!

Papai sofreu muito com a passagem dela. Tinha problemas com álcool e depressão. Desenvolveu uma doença neurológica, o Mal de Alzheimer. O querido e adorado pai (como gostava de chamá-lo) partiu antes da entrada no ano 2000. Sentia que vovô e vovô estavam lá no hospital, espiritualmente, nos ajudando o tempo todo. Ele teve uma passagem bonita, rodeado da família em prece, pois preferimos que não fosse levado para a UTI.

O velório foi harmonioso enquanto os companheiros do CEAE ajudavam na sustentação. Porém, ficou "complicado" para mim, quando chegou o padre que foi fazer as orações. Não o conhecíamos. Ficou claro que não estava sintonizado com o momento, pois ficou repetindo frases sobre o Apocalipse. Não trouxe palavras de conforto.

Depois que ele saiu, tomei a liberdade de fazer uma prece em voz alta, amparada pela Zeza, querida companheira da doutrina espírita. Papai sempre gostou muito de barco. Pedi então a todos que o imaginassem navegando mar afora, tocando a buzina e acenando para nós. Então oramos o Pai Nosso. A cerimônia terminou e voltamos para casa.

Éramos muito apegados. Toda vez que a saudade batia forte no meu peito eu orava e cantava músicas que ele gostava. Acreditava que estava bem amparado e que deveria estar sentindo nossa falta. Lia trechos do evangelho para ele e pedia aos terapeutas que cuidassem dele ajudando-o a se recuperar e se fortalecer. Em breve voltaríamos a nos ver.

As leituras, os cursos, a vontade de servir e de aprender mudaram minha visão sobre a vida e a morte. A verdade me libertou do medo do desconhecido. Estou aprendendo que

crescemos moral e espiritualmente pela dor ou pelo amor (a si mesmo e aos outros), pelo exercício da caridade e da resignação, procurando aceitar o que não conseguimos compreender. Então a mente se amplia, se reestrutura e se adapta a novos conceitos.

II Destino do corpo físico e do corpo espiritual

Os diversos conceitos e préconceitos religiosos adquiridos ao longo da infância, adolescência e na fase adulta influenciam suas crenças sobre a vida e o outro lado da vida. Muitos pensam que ao desencarnar, a pessoa ficará descansando junto ao túmulo ou ficará dormindo até soarem as trombetas anunciando o juízo final.

Outros acreditam que ficaram passeando no paraíso, tocando harpa ao lado de anjinhos, vestidos de branco, comendo uvas celestiais. Ou, do contrário, irão para um lugar quente e sufocante, ao lado de diabinhos e caldeirões. Será que é assim mesmo?

Vejam o que Carlos Drummond de Andrade tem a nos contar:

“A morte seria um tédio caso não houvesse vida. Seria uma negação, caso não houvesse nada após a sepultura. Imagine eu, acostumado a trabalhar, produzir intelectualmente, obrigado a ficar ali, parado indefinidamente. O corpo inerte na fria tumba, deitado, esperando a voracidade dos vermes. Sem pensar, sem produzir, sem ao menos ver as horas passarem. Aguardar o famigerado juízo final? E para quê? Ser enviado a um céu de desocupados, que estacionaram no pior retrato de mau gosto do Olimpo e não aprenderam a tocar um instrumento mais emocionante que a harpa? Ou para ser despachado em direção ao inferno, onde o decorador errou na quantidade de vermelho e os homens ainda por cima possuem rabo? ... Mas a morte, para minha paz, não é assim” (PINHEIRO, 2010 – p. 66 e 67).

Drummond nos conta que presenciou seu próprio velório. Conheceu seu mentor ou amparador ou anjo-guardião, que não tinha asas, nem era loiro de cabelos cacheados, e logo começou a fazer dezenas de perguntas sobre curiosidades que sempre teve. Depois seguiu com ele para aprender a se adaptar no plano espiritual e a viver como escritor desencarnado.

1 Onde o pensamento e a vontade me levarem: céu, inferno e purgatório

Por mais vaga que seja a ideia que alguém faça sobre seu destino depois da morte, o pensamento e a vontade têm um poder enorme de tornar desejos em realidade, principalmente no mundo astral. Desligado do corpo denso, a capacidade ou intensidade do pensamento dirigido adquire uma força que desconhecemos. Essa força psíquica, aliada à intensidade da vontade, pode tanto nos levar a ambientes onde predominam a paz e a luz divina, como a ambientes escuros e trevosos.

Por exemplo: uma pessoa que foi alguém de grande importância na vida profissional e familiar, demasiadamente apegada às atividades que desenvolvia, e que sempre acreditou que ninguém sabia fazer nada sem ela. Mesmo tendo consciência de já ter feito a passagem, é

.....

bem capaz de permanecer vivendo no lar e na empresa, como se nada tivesse acontecido. O que não é nada bom, nem para a pessoa nem para aqueles com quem convivia.

Assim, se alguém acreditar que ficará dormindo no caixão até as trombetas tocarem, ficará. Se foi um ateu e acreditar que tudo mais é um grande vazio, assim será. Se foi uma pessoa de bom coração do tipo que sempre esteve de bem com a vida e acreditar que irá para um bom lugar, irá.

Se fez muitas coisas erradas e acreditar que irá direto para o purgatório ou para o inferno porque merece, é bem capaz que será assim. Se foi um bom cristão somente “da boca pra fora” e acreditar que irá para o paraíso encontrar Jesus, pode ser que se decepcione seriamente, pois “fora da caridade não há salvação”!

De acordo com as pesquisas do escritor carioca dos anos 1950, Silveira Sampaio, que desencarnou em 1964 e passou a se dedicar ao “papel de repórter do outro mundo”, os religiosos que cultuaram ideias preconcebidas sobre a morte e seu destino, são os que mais demoram para descobrir e aceitar que as coisas não são do jeito que pensavam ser, conforme consta do livro “Bate-papo com o Além (1980).

Certa vez, durante trabalho assistencial na casa espírita onde sou servidora voluntária, estávamos dialogando com uma pessoa revoltada, que havia desencarnado há uns 50 anos. Foi alguém de muitas posses, do tipo autoritário e orgulhoso. Ele não se conformava com o tratamento que estava recebendo depois da morte. Dizia ser alguém “muito importante”, de muitas posses, e esperava o devido reconhecimento e respeito.

Sentia-se enganado pelo padre da igreja que havia frequentado em vida, pois “afinal havia pago o dízimo religiosamente” por muitos anos, além de ter colaborado para muitas obras de caridade da igreja. Portanto, tinha direito a um merecido lugar no céu, deveria receber um bom terreno!

É muito difícil esclarecer alguém que pensa assim por estar revoltado, por se sentir traído e decepcionado. Somente o tempo irá ajudá-lo a compreender que não se compra “terrenos no céu” com dinheiro da terra, pois a verdadeira caridade é aquela paga com as jóias do coração, o dar sem querer nada em troca.

Inferno e paraíso são criações da nossa mente? A própria ideia de um tribunal presidido por juízes e jurados como aqueles que aparecem na televisão, pode acontecer se a pessoa acreditar firmemente nisso.

Há espíritas ou pessoas espiritualizadas que sabem disso mas, por terem consciência de seus erros, temem ir para o umbral, que seria um lugar de pouca luminosidade, onde vivem espíritos sofredores. Temem ficar vagando como ficou o espírito André Luiz, que foi um médico que consumia muita bebida alcoólica e fumava muitos cigarros até ser socorrido, conforme descrito no livro “Nosso Lar”, publicado em 1944. A primeira obra espírita que retrata detalhes pessoais de alguém no além.

No livro “Na próxima dimensão” (2002) ficamos sabendo que Dr. Inácio, um médico psiquiatra espírita, que dirigiu um hospital psiquiátrico na região de Minas Gerais, com seriedade e honestidade, em meados do século XX, desencarnou e foi bem recebido pelos amigos espirituais.

Em poucos meses foi convidado a dirigir o mesmo hospital que existia no plano espiritual. Advinhe que tipo de pessoa estava internada? A grande maioria de pessoas eram espíritas desencarnados desorientados, sofrendo com culpas, mágoas, ressentimentos e com depressão.

Daí a importância de procurarmos viver bem com nossa própria consciência, vivenciar o bem junto de outras pessoas. Jesus já dizia isso há mais de dois mil anos. Krishna e Buda também ensinaram a seu modo a mesma lição de vida, centenas de anos antes. Está mais do que na hora de aprendermos essa lição não é?

2 Diferentes reações ao saber que acordou do outro lado

Aqueles que são materialistas (apegados aos “seus” bens materiais), normalmente não aceitam o fato que morreram, isto é, que o corpo morreu, por isso é bem difícil ajudá-los. Por terem a idéia pré-concebida de que tudo se acaba no caixão, ficam confusos ao perceberem que estão vivos. Ficam surpresos ao perceberem que podem respirar, ver, falar e até andar, pois sempre acreditaram que morto que é morto não se mexe!

Aqueles que desencarnam de maneira repentina como em acidentes ou de ataque cardíaco e que não tinham nenhuma compreensão da vida espiritual, não querem e não conseguem aceitar que deixaram “sua vida para trás”, seus entes queridos, sua casa, sua vida profissional, seus sonhos e seus planos.

No livro “Viagem de uma Alma” (1972) o amigo hindu apresenta a Richelieu uma explicação interessante:

“A parte etérica do corpo físico sabe que a morte da parte mais densa significa também a morte para ela própria e, em seu desejo de continuar existindo, agarra-se ao corpo astral na esperança de sobreviver por mais tempo. Por um esforço da sua vontade, o homem pode facilmente livrar-se desse impecilho. Enquanto não fizer isso, fica suspenso entre dois mundos da consciência. Não pode agir no mundo físico porque perdeu seu corpo físico e não pode agir apropriadamente no mundo astral porque a matéria etérica que a ele se prende lhe torna impossível ver ou ouvir claramente”.

Como poderiam os recém-desencarnados reagirem ao descobrir que estão desligados do corpo físico? Bem, isto depende de vários fatores tais como:

- ideia preconcebida sobre a morte: se termina no caixão ou continua?
- crença em Deus ou alguém superior,
- leituras sobre temas espiritualistas inclusive livros que abordam a vida do outro lado;
- participação em cursos, palestras e em atividades de assistência espiritual;
- experiências de “saídas fora do corpo”;
- apego aos seus entes queridos e aos bens materiais;
- tipo de vida materialista, egoística, maledicente etc;
- envolvimento com vícios;
- maneira como desencarnou;

-
- religião ou filosofia de vida;
 - prática de boas ações, pois sabemos que isto conta a nosso favor.

Assim há aqueles que:

- não aceitam a morte de jeito nenhum e não querem deixar o corpo físico, nem seus bens;
- não aceitam a morte, nem ajuda dos guias. Deixam o corpo físico e ficam vagando desorientados;
- consideram que estão dormindo à espera do despertar, talvez no dia da ressurreição;
- não aceitam na hora, mas depois (tempo indeterminado) acabam entendendo por auxílio dos socorristas, atendimento em postos de socorro, em centros espíritas ou semelhantes;
- entendem que morreram mas se culpam pelo que fizeram, pelo que não fizeram ou pelo que deixaram de fazer durante a vida física e ficam se remoendo de remorso;
- resistem um pouco no começo, depois aprendem a tirar vantagem da situação para zombar com a vida dos outros encarnados;
- entendem e aceitam a passagem com um pouco de apego no começo, mas logo tendem a se adaptar, demonstrando interesse para estudar, trabalhar e ajudar de alguma forma;
- aceitam a passagem com tranquilidade e ainda ajudam no seu desligamento e no velório.

Pessoas que adquiriram algum conhecimento sobre a vida após a morte do corpo físico durante a sua existência e pessoas que não são necessariamente religiosas, mas possuem a mente aberta, terão mais facilidade para compreender o desligamento do corpo físico, bem como para se adaptar à vida espiritual do que aquelas que não acreditam em nada ou as que já possuem “uma velha opinião formada sobre tudo”. Foi o que nos demonstrou Carlos Drummond de Andrade, comentado anteriormente.

O apego ao seu estilo de vida terrena, aos vícios, o medo da morte e do inferno, entre outros motivos, aliados à falta de conhecimento e/ou compreensão sobre a imortalidade da alma, são grandes obstáculos para quem não consegue aceitar que somos almas livres e imortais.

Há também aqueles que pouco valorizaram sua vida e a dos outros, quando habitavam o corpo físico. E continuam do mesmo jeito depois da sua passagem. Por exemplo, pessoas envolvidas com violência e criminalidade, exploradores de crianças e mulheres, traficantes de drogas e de animais silvestres, mulheres que cometeram abortos conscientemente, entre outros exemplos.

Mesmo sem ter plena consciência, pessoas assim estavam envolvidas com espíritos desencarnados que vibravam na mesma sintonia. Na hora da morte do corpo físico provavelmente serão por eles desligados, e juntos continuarão a assediar novas vítimas, aproveitando-se da vantagem de serem agora invisíveis.

Inúmeros são os casos de pessoas que desencarnaram levando consigo altas doses de ódio no coração! Têm apenas um objetivo: vingança a qualquer preço, pois consideram-se injustiçados! Espíritos amargurados e tirânicos se atraem. E há algo comum entre eles: o orgulho e a recusa em ouvir os esclarecimentos dos mensageiros celestes.

Não querem que lhes abram os olhos nem o coração. Fogem ou agridem quem deseja lhes mostrar a lei da ação e reação. Tornam-se cegos e surdos, fogem da luz e da cruz! Para eles cabe bem a frase bíblica: “pior cego é aquele que não quer ver”!

E, há uma multidão de corações dulcificados e benevolentes, dedicados ao auxílio dessa grande multidão de corações endurecidos, mal-amados, equivocados, desnorteados, que estão entre encarnados e desencarnados na crosta, no umbral, nos vales dos suicidas, drogados, abortados, nos postos de socorro espirituais (no fundo da terra ou do mar).

Os amparadores sabem que não se trata de almas perdidas para sempre. Eles sabem que “na natureza nada se perde, tudo se transforma” como bem disse o grande cientista francês Lavoisier (1743–1794). Foi por estas pessoas que Dr. Bezerra de Menezes, entre outros missionários da luz, decidiram ficar mais tempo na esfera terrena, renunciando o convite das esferas angelicais para habitarem mundos superiores, nos contou a espiritualidade.

Durante os trabalhos assistências de esclarecimento a espíritos desencarnados, na Casa Espírita onde sou servidora, muitas vezes nos deparamos com pessoas que estão nitidamente confusas e desnorteadas. Sem saber o que aconteceu desconfiam que morreram! Perguntam onde se encontram e onde estão seus familiares e amigos. Em vez de responder imediatamente às suas perguntas, procuramos ajudá-las a perceber que estão respirando, falando, ouvindo. E se respiram estão vivas.

Haveria menos sofredores no período pós-desencarne se as pessoas fossem menos materialistas e orgulhosas. No livro “Viagem de uma alma” (1972) comenta-se que “uma grande massa religiosa” conhece os ensinamentos de Jesus, de Buda, de Krishna, de Maomé, mas não os praticam, não os vivenciam.

Ele menciona que a humanidade não compreendeu e nem assimilou tais conhecimentos porque ainda não tem condições de absorver todos ensinamentos espirituais. “Quando tiverem condições, receberão!”

À proporção que formos evoluindo moralmente e espiritualmente iremos compreender, gradativamente, que não somos o centro do universo, que não somos “donos do mundo” mas sim “filhos do Dono” como vi escrito em uma placa de caminho.

Para o espírito progredir e evoluir em direção às esferas superiores é necessário muito trabalho de autoconhecimento, estudo e dedicação ao próximo como a si mesmo, ligação com Deus e vigilância para não se desequilibrar diante das provações. Provações? Não seria “cair em tentações” como está escrito na prece do Pai Nosso?

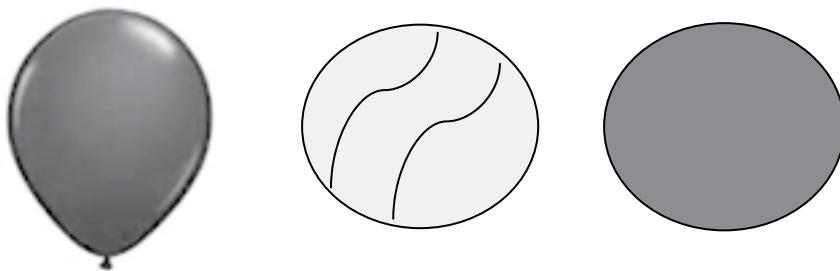
Entendemos que se alguém caiu foi porque se desequilibrou. E se desequilibrou era porque não estava olhando por onde andava ou porque havia subido em algum lugar alto (banco, escada, telhado) sem o devido apoio. Poderia estar distraído, vulnerável, fragilizado. Pode ter caído em alguma armadilha? Armadilhas nas quais caímos com facilidade por causa do orgulho, do egoísmo, da vaidade, da arrogância e falta de paciência.

O pensamento equilibrado conduz ao equilíbrio físico, emocional e espiritual. Por isso mesmo Jesus alertou sobre: “Orai e vigiai”! E Aglon complementa que quando o ser já atingiu certo estado de consciência precisa zelar por ele, por sua integridade, por este patrimônio sagrado.

E as leituras ajudam muito. O Livro dos Espíritos, publicado por Allan Kardec na França no final do século XIX, revelou informações interessantíssimas sobre a vida, a morte, a desencarnação e a reencarnação, sobre o purgatório, o céu e o chamado inferno entre outras, organizadas na forma de perguntas e respostas. Suas primeiras publicações foram queimadas por ordem da igreja católica.

A chama do bom-senso ardeu mais alto do que a da censura e entramos no século XXI com milhares de publicações de Kardec e de outros bons escritores espíritas, ocultistas, espiritualistas, budistas, hinduístas, teosofistas, entre outros, nas livrarias de diversos países. Portanto, há milhares de pessoas que já tiveram algum tipo de contato com algumas dessas obras. A crença “na vida além da vida”, não exige conversão para nenhuma seita ou religião. Trata-se de uma cultura universalista.

3 Balão de gás, bola de vôlei, bola de ferro: as três gunas



“Tal como o homem é antes da morte, será depois da morte, apenas sem seu corpo físico” (RICHELIEU, 1972). Nosso destino depende de quem fomos, do que fizemos ou do que não fizemos. Boas ou más ações geram um campo energético de densidades diferentes ao nosso redor, com polos positivos e negativos. Assim, seremos atraídos para lugares diferentes, de acordo com o nosso padrão vibratório.

Vamos usar o exemplo comparativo entre um leve balão de gás e uma pesada bola de ferro. Se jogarmos as duas bolas ao mesmo tempo para cima, a bexiga tenderá a subir mais alto por ser mais leve e a de ferro tenderá a cair, por ser mais pesada.

Pois bem, qualidades e virtudes tais como compreensão, compaixão, bom-humor, perdão e benevolência tornam a alma mais leve, atraindo-a para lugares onde estão pessoas que vibram na mesma frequência sutil, depois de desencarnadas, como ocorrem com as bexigas.

Corpos pesados são os que acumulam energias densas associadas com mágoas e ressentimentos, vingança, ódio, avareza, raiva, inveja, culpa, orgulho e egoísmo. O lado

espiritual ou religioso da vida não existe. Para eles ser bom é sinônimo de ser bobo, ser fraco. A ausência de atitudes positivas também torna o campo energético da pessoa denso, é o caso de quem não faz mal para ninguém, mas não também não mexe um dedo para ajudar a quem precisa.

E ainda há o meio-termo, os que reconhecem que têm defeitos e que procuram aprender e servir de alguma forma. Não vivem apenas para trabalhar, comer, fazer sexo e dormir. Procuram dar um sentido mais espiritual e saudável para suas vidas cotidianas. Não são tão pesados como a bola de ferro, nem tão leves como a bexiga. Poderíamos fazer comparação com uma bola de vôlei.

No “Bhagavad Gita” (2006), encontramos uma explicação interessante sobre três padrões predominantes de comportamento humano, as três Gunas: Tamas (inércia), Rajas (emoção e movimento) e Sattwa (pureza e harmonia). Dizem que tudo o que tem lugar na matéria e na consciência é consequência destas três qualidades que se refletem nos nossos atos, na maneira de sentir, pensar e agir.

O quadro abaixo apresenta exemplos comparativos entre as três gunas:

GUNAS	Tamas	Rajas	Sattwa
Caráter predominante	Predomínio da preguiça, vaidade e falta de ideias.	Obstinação, muita atividade, agitação e desejo.	Sabedoria, conhecimento, harmonia e equilíbrio.
Fé e oração	“Tenebrosa”, dirigem seus cultos a espíritos de pouca luz, apresentaram oferendas seguindo certos rituais.	Passional, veneram a Deus, vários mestres, santos e homens poderosos. Oferecem sacrifícios, oferendas visando algo em troca.	Raciocinada, equilibrada. Veneram ao Deus único e aos santos. Oram sem desejar recompensas a si mesmo.
Alimentação	Não têm preferência, comem “qualquer coisa” e não se importam com sua saúde.	Preferem alimentos que excitam o apetite, bem temperados, mesmo que acarretem mal-estar.	Preferem alimentos que aumentam a vitalidade e evitam aqueles que lhes causem mal-estar.
Atividade física	Dificuldade para começar e manter uma rotina, logo desistem.	Começam a praticar e incorporam na sua rotina. Preferem atividades dinâmicas.	Preferem exercícios que desenvolvam equilíbrio entre o corpo e mente.
Atitudes	Agem mais por instinto. Não pensam muito nas consequências dos seus atos.	Agem mais por egoísmo, para satisfazer seus desejos pessoais.	Agem de maneira altruísta, conforme ensinam escrituras, livre de interesses.

Constância ou vontade (dhriti)	Deixam-se abater facilmente pelo medo, pela tristeza, preguiça.	Desejam cumprir seus deveres, colher o fruto das ações, desfrutar de riquezas e prazeres.	Por meio do Yoga (união com o divino e meditação) refreiam a fogosidade da mente, dos sentidos e dos alentos vitais.
Caridade	“Fazer por fazer”, sem afabilidade e podem querer agradar a quem não é digno.	Fazem algo sempre esperando obter algo em troca ou alguma vantagem.	Costumam “fazer o bem sem saber a quem” e sem esperar nada em troca.
Relação com-Meio ambiente (adaptação feita por Íris)	Jogam lixo na rua/praias. Não fecham a torneira quando escovam os dentes, não se importam com os outros.	Jogam o lixo na lixeira. Colaboram com reciclagem e uso racional da água se houver alguma vantagem.	Evitam consumir produtos descartáveis. Reciclam todo lixo que geram. Fazem bom uso da água da torneira.

Em outras palavras, trazemos estas três características dentro de nós quando renascemos. Pessoas de natureza mais “tamásica” tendem a criar problemas no trânsito ou dentro de um supermercado, por exemplo. As de natureza mais “rajásica” podem se tornar agressivas por ciúme ou contrariedades. As de natureza “sátvica” são mais equilibradas em tudo que fazem.

Em algumas situações do cotidiano *rajas* predomina. Em momento tranquilo, admirando o pôr do sol, predomina *sattwa*.

A maioria dos milhões de habitantes do nosso planeta é de natureza “tamásica” e “rajásica”, por deixarem-se dominar pela hipocrisia, orgulho, arrogância, cólera, presunção, rudeza, ignorância e egocentrismo. Por isso a violência, a criminalidade, a corrupção, a imoralidade estão sempre nas manchetes dos jornais. Pessoas com mais defeitos têm mais dificuldade para se desprender da vida terrena quando desencarnam. Por isso precisamos reencarnar muitas vezes até desenvolver qualidades divinas: paciência, caridade, compreensão, honestidade...

Krishna ensina no “Bhagavad Gita” (2006) que o homem de bom caráter, que procura desenvolver as virtudes, as qualidades “sátvicas”, tendem a viver em paz consigo e com o mundo ao seu redor. São almas leves e iluminadas, mais próximas de Deus. Sua passagem ocorre com mais facilidade e logo estarão em ambientes mais sutis. Digamos que sobe direito às esferas mais altas sem “escalas”. Podem ou não voltar a reencarnar. Quando retornam vêm em algum tipo de missão de ajuda humanitária. Você lembra de algum exemplo?

4 Corpo físico e corpo espiritual

Você já deve ter tomado algum tipo de choque quando saiu do carro e pisou no chão, já deve ter percebido que os pelos do braço ficam eriçados perto da tela da televisão ou ao tirar uma blusa de lã. Já deve ter notado que há ambientes aonde você se sente bem e em outros não.

Então, quem somos nós? De que somos feitos? Certamente não somos apenas esse corpo físico que estamos acostumados a ver no espelho. Somos o conjunto de vários corpos que se sobrepõem por terem densidades diferentes: o físico, o espiritual e o perispiritual, interligados por uma série de fios condutores energéticos, responsáveis por transmitir os fluidos vitais para o organismo físico “funcionar”.

O corpo físico perde as funções vitais e começa a se decompor, mas o corpo espiritual é imortal. Nele se encontra a consciência, a sede da alma e os chacras. Todos possuímos centros de força ou chacras (termo usado em sânscrito para “rodas”), localizados no corpo espiritual, por meio dos quais há trocas de energias com o meio onde nos encontramos. Há vórtices com “bocas” viradas tanto para a parte da frente do corpo como para a parte de trás.

Os chacras e corpos espirituais também estão presentes nos cães, gatos, cavalos, macacos e golfinhos, entre outros animais.

Mesmo que você não acredite, eles existem pois são normalmente vistos por clarividentes ou sensitivos. Os sete chacras principais estão associados com as principais glândulas do corpo físico. Por exemplo, o pâncreas com o chakra gástrico, o timo está associado com o chakra cardíaco, a tireóide está associada com o chakra laríngeo e a pineal ou epífise com o coronário, no alto da cabeça.

Uma das primeiras pessoas a descrevê-los na literatura foi o inglês Charles W. Leadbeater (1847 – 1934), sacerdote da igreja anglicana e bispo da igreja católica liberal. Ingressou na Sociedade Teosófica fundada por Madame Blavatsky em 1875, e juntos foram à Índia, aprimorar seus conhecimentos. Veja ilustração abaixo:

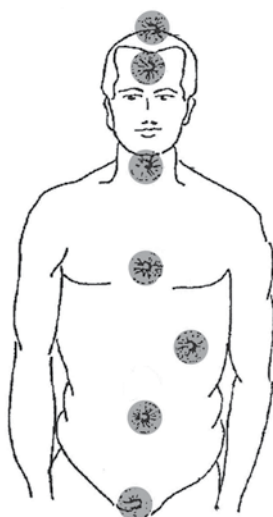


Figura 1 - Ilustração dos sete principais chacras (Leadbeater, 2002).

Sete chacras principais: coronário (alto da cabeça), frontal (fronte), laríngeo (garganta), cardíaco (coração), esplênico (sobre o baço), gástrico (acima do umbigo) e básico (base

.....

da coluna vertebral). Há autores embasados em conhecimentos “hinduístas” que não fazem referência ao chacra esplênico, mas sim ao chacra sacro.

Quem desejar se aprofundar mais sobre este tema, sugerimos consultar, além do próprio livro do Leadbeater, as obras: “Passes e Radiações” de Edgard Armond (1999) e “Mãos de Luz” de Barbara A. Brennan (1987) e os livros do Prof. Wagner Borges como Viagem Espiritual I e II (1993 e 1999). Na *internet*, recomendamos a página do IPPB – Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Energéticas: www.ippb.org onde poderão ser encontradas figuras bem ilustrativas.

Somos o que pensamos, assim a qualidade dos nossos pensamentos e a maneira como nos sentimos (calmos ou nervosos, alegres ou tristes) influenciam o equilíbrio ou o desequilíbrio energético de nossos corpos. Isso pode ser percebido quando sentimos raiva e a região do estômago parece queimar; quando estamos ansiosos e respiramos com dificuldade.

Quando estamos felizes normalmente não sentimos dores.

5 Saídas fora do corpo ou arrebatamento

Você já deve ter percebido que quando está relaxando, quase dormindo, surge uma sensação estranha de que está caindo da cama, ou que um braço ou uma perna fazem movimentos involuntários. Ou já pode ter acordado com uma sensação esquisita de estar paralisado e nem a voz conseguir sair? Não se assuste! Nada grave! São apenas sinais de que está tendo uma experiência de projeção astral, isto é, deixando temporariamente o corpo físico.

As “saídas fora do corpo” ou desdobramento do corpo espiritual, também denominada projeção astral ou viagem espiritual acontece com crianças, jovens, adultos e idosos mais comumente quando estão adormecidos. Pode ocorrer ainda em pessoas que estão anestesiadas, em estado de coma ou por efeito de bebidas ou drogas alucinógenas.

Este “fenômeno” é conhecido há mais de dois mil anos. Na Bíblia aparece referenciado pelo termo “arrebatamento”. Vejamos dois trechos indicado pelo Prof. Wagner Borges em aulas do IPPB:

Paulo de Tarso, Carta a Coríntios – Cap. 12: “Conheço um homem em Cristo, que há 14 anos (se no corpo não sei, se fora do corpo, não sei, Deus o sabe), foi arrebatado ao terceiro céu ... E sei que tal homem foi arrebatado ao paraíso.” Em Atos – Cap. 22 – vs 17 consta: “E aconteceu que tornando para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim.”

Talvez já tenhamos lido estas e outras passagens bíblicas sem perceber o verdadeiro sentido do termo “arrebatamento”. O Segundo Livro dos Reis, do Velho Testamento, no Cap. 2, menciona o arrebatamento do profeta Elias, porém seu corpo físico não foi encontrado.

Dependendo da pessoa, de acordo com a qualidade de seus pensamentos, sentimentos, emoções e afinidades, ao sair do corpo físico pode-se ficar no próprio quarto de dormir, na casa onde mora ou ir para outros locais.

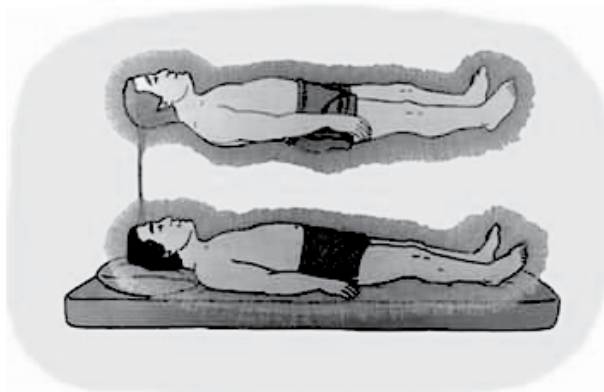


Figura 2 - Ilustração demonstrando o corpo espiritual acima do corpo físico enquanto está dormindo, ligados por um cordão na região da cabeça (desenho obtido na página do IPPB na internet: www.ippb.org).

Mais explicações sobre Projeção Astral, sugerimos consultar “Experiências fora do corpo” de Susan Blackmore (1986), “Iniciação: Viagem Astral” de João Nunes Maia (1987), “Projeciologia: panorama das experiências fora do corpo” de Waldo Vieira (1986).

A projeção pode ser voluntária, quando a pessoa sai por vontade própria ou involuntária, quando é levada por um espírito desencarnado. Pode-se sair para passear e encontrar com amigos e parentes que já partiram, para participar de grupos de estudos e de trabalhos em benefício do próximo entre outras finalidades.

Muitos trabalhos assistenciais são realizados desta maneira em hospitais, casas de caridade, casas de detenção, em cemitérios, nas ruas e nas mais variadas situações, inclusive em casos de desastres naturais, guerras e atentados terroristas. Ao despertar no dia seguinte, alguns acordam com uma sensação de bem estar, sem saber por quê. Outros, com a lembrança de ter feito o bem sem saber a quem. E há quem não se lembre de nada também.

Mas ocorre também o contrário. Pessoas que durante o dia parecem bem comportadas, vão dormir e deixam seus corpos físicos para ir até bares e casas noturnas, prostíbulos, cassinos e ambientes deste tipo. Vão passar algumas horas convivendo com outros encarnados e com desencarnados, há uma atração natural entre eles.

Cabe esclarecer que essas casas noturnas, que funcionam no plano físico, são muito frequentadas por espíritos desencarnados que anseiam por sugar as energias de quem ingere bebidas alcoólicas, fuma cigarros, se utiliza das drogas, pratica relações sexuais por prazer e dinheiro e se afunda nos jogos de azar. Eles continuarão alimentando seu vício, até que um dia despertarão para uma nova vida!

Há cidades espirituais no umbral que possuem estes mesmos atrativos e por isso, também são frequentadas por pessoas que estão na mesma sintonia, mesmo que ainda encarnadas. Espíritos desencarnados vão buscar seus colegas encarnados e juntos saem para se divertir.

De manhã cedo, alguns podem acordar sentindo o corpo dolorido ou dores de cabeça, como se tivessem de ressaca ou como tivessem se envolvido em alguma briga. Há também quem acorde assustado, dizendo que teve um pesadelo ou um sonho esquisito.

6 Corrente de Espíritos Socorristas

Luiz Sérgio explica para a médium que está escrevendo o livro “O mundo que eu encontrei” (páginas 86/87), que enquanto o corpo físico dela descansa de noite, o corpo espiritual se encontra com o grupo de trabalhadores do centro espírita onde frequenta e saem, juntos com mais companheiros formando uma “corrente de espíritos socorristas” para realizar atividades assistenciais a encarnados e desencarnados. Depois que se forma esta ligação o trabalho tem início.

Segue comentando que “não se faz uma corrente sem que ela se vá prolongando por infinitas etapas de evolução. Cada etapa ou cada grupo de irmãos do mesmo nível de evolução forma um ELO”.

Esta ligação pode ocorrer de baixo para cima, quando começa por parte dos encarnados. Neste caso, é formado por pessoas que tem como princípio de vida desejar aprender e servir à humanidade, seja durante o dia, seja durante a noite (quando o corpo descansa).

E, desde antes de dormir, já estão ligados conscientemente com a Seara Divina, por meio das preces e dos bons pensamentos, em sintonia com o mundo espiritual maior, com a intenção de aprender e servir, de fazer o bem sem saber a quem. A corrente de espíritos continua até que os trabalhos sejam encerrados. Então, os viajantes astrais voltam para casa e para seus corpos adormecidos.

O mais comum é a corrente começar de cima para baixo. Equipes de mentores ou amparadores, encarregados de trabalhos de estudo e assistência espiritual necessitam de colaboradores encarnados para tarefas específicas junto a outros encarnados, ou mesmo a desencarnados que ainda estão muito ligados à vida material e aos seus vícios.

Na hora predeterminada pelo coordenador espiritual do trabalho, os grupos formados por equipes de socorristas, enfermeiros, médicos, terapeutas e de segurança entre outros, todos desencarnados, saem das colônias ou dos postos de socorros espirituais em caravanas. Por exemplo, para prestar auxílio em hospitais, orfanatos, casas de caridade, casas de detenção, aos dependentes químicos, ou mesmo ajudando às vítimas de desastres naturais, acidentes aéreos ou rodoviários.

Os trabalhadores encarnados são previamente selecionados pelos mentores ou amparadores, de acordo com suas qualidades e conhecimentos, boa vontade em servir e sua aptidão para os trabalhos que estão previstos para determinadas ocasiões.

Os mentores vão passando pelas suas casas de noite, convidando-os a deixar o corpo repousando para acompanhá-los nas caravanas. Recebem as devidas instruções dos mentores, bem como os esclarecimentos necessários para saber o que devem fazer. Se a missão a ser desempenhada exigir mais amparo e proteção, correntes de esferas superiores serão chamadas a auxiliar, a prestar reforço.

Terminada a missão, a corrente se desfaz. Os trabalhadores encarnados são acompanhados pelos auxiliares invisíveis até seus lares, até reencaixarem no corpo físico e voltarem a adormecer, a menos que já saibam fazer isso sozinhos.

Os que fazem projeção consciente terão mais facilidade para lembrar-se do que se passou do que quem faz de maneira semi-consciente ou até mesmo inconsciente. Para estes, haverá vaga lembrança de terem tido um sonho diferente.

Imagina se você, leitor, faz parte da lista de pessoas pré-selecionadas para compor a caravana e, no dia e horário de trabalho preestabelecido na agenda cósmica, você não está disponível? Seja porque deixou se envolver com o computador na *internet* ou em jogos eletrônicos, ou bebeu um copo a mais de cerveja ou de vinho, ou deixou a raiva amargar o coração? Eu já passei por isso, por falta de disciplina. A sensação é bem desagradável.

7 Desligamentos ocorrem de diversas formas

Os corpos físico e espiritual são ligados por muitos cordões energéticos que se fundem em um só, denominado cordão de prata, pelo aspecto prateado descrito em vários livros no Brasil e em outros países, como nas obras de Wagner Borges (1993), Waldo Vieira (1986) e Peter Richelieu (1972).

Por intermédio deste cordão, de infinita elasticidade, ocorre a passagem de fluidos vitais para que o corpo físico possa continuar respirando normalmente, enquanto permanece adormecido. Os cordões que prendem o corpo espiritual ao físico só podem ser “cortados” no momento do desencarne por ordem divina, por determinação de um ser maior. Assim ocorre a separação ou o desligamento final.

Esse trabalho pode ser feito tanto por seres de luz, socorristas ou parentes que dominem tal técnica. Pessoas de má índole, afinadas com as sombras, normalmente são desligadas pelos seres das sombras.

Cortado o cordão, não há mais volta, pois os fluidos vitais não alimentam mais o corpo físico. Daí o termo desencarnar – deixar o corpo de carne. Porém é preciso registrar que cortar o cordão não quer necessariamente dizer que tudo acabou.

Quando o bebê nasce, seu cordão umbilical é cortado e então começa seu crescimento fora da barriga da mãe. Quando alguém partiu e não aceita sua passagem tende a continuar junto do que fora antes seu corpo físico. Quando a aceita conscientemente podemos comparar a um pássaro liberto do cativeiro.

Podemos até fazer uma simples comparação entre o desligamento do corpo físico e um carro. Quando o carro não funciona mais por algum motivo, por alguma falha que não tenha mais concerto (mecânica, pane elétrica, acidente) o motorista deixa o carro e sai andando. Ele não é o carro, apenas usa o carro como instrumento de locomoção.

A pessoa não é o corpo físico, apenas usa o corpo como instrumento de locomoção nos caminhos da vida. Quando não lhe pode servir mais, está na hora de sair, ficar sem carro por uns tempos até encontrar um veículo novo, uma nova encarnação.

.....

No mundo material, encontrar um carro novo pode durar alguns meses, dependendo das suas necessidades e dos seus investimentos. Na vida espiritual também, só que pode durar de alguns anos a muitas décadas, dependendo dos seus créditos ou débitos.

Na obra “Vivendo no Mundo dos Espíritos” (1993), Patrícia descreve desligamentos presenciados durante seu curso:

- Crianças:

Geralmente os socorristas terminam o processo em poucas horas, pois como os pequeninos têm pouco apego aos familiares e aos bens materiais, é mais fácil soltá-los do quem em um adulto;

- Acidentados nas rodovias:

Na maioria das vezes, o desligamento é violento. O corpo perde as funções vitais de maneira súbita e o espírito se desliga instantaneamente, sem entender o que se passou. Dependendo do tipo do acidente, do estado da vítima, por exemplo, se houve ou não envolvimento com drogas, pode levar mais algumas horas. De maneira geral, as vítimas são levadas para o Posto de Socorro Espiritual das estradas.

- Hospitais:

O processo de desligamento e o tempo necessário para completar o trabalho variam muito de pessoa para pessoa. Consideram-se suas crenças, seus valores individuais, suas afinidades (amizades e inimizades), inclusive a maneira de lidar com enfermidades e com a própria morte.

Há sempre socorristas do plano espiritual nos hospitais, mas a equipe pode ser reforçada pela presença de familiares e amigos que desejam ajudar e lhes dar as boas-vindas! Porém, o trabalho dos socorristas pode sofrer interferência de espíritos obsessores em busca daqueles com quem se afinaram durante anos, para acerto de contas.

Tal como acontece quando um grupo de bandidos entra no hospital para resgatar alguém do interesse deles. Considerando que as pessoas sempre têm algum crédito na sua “conta bancária celestial”, há sempre bons espíritos para ajudar e proteger de alguma forma.

No caso em que a família seja muito apegada ao ente querido e não queira que ele/ela desencarne, uma das estratégias empregadas pelo auxiliares invisíveis nestas situações é proporcionar uma melhora súbita no paciente e transmitir pensamentos reconfortantes aos familiares.

Mais animados, os familiares saem do quarto do doente para fazer uma refeição, tomar um cafézinho, tomar banho e repousar. Enquanto isso, os seres de luz ajudam na operação de desligamento cortando o cordão. Richard Simonetti (1994) descreve isso em “Quem tem medo da morte”.

7.1 Desligamento nos velórios e cemitérios

Tal como mencionamos nos hospitais, o modo como é feito o desligamento varia muito de pessoa para pessoa. Há casos em que o corpo está presente no velório, mas o espírito não, pois já foi desligado pelos socorristas. Isto porque ele aceitou a passagem com naturalidade e desejou desprender-se do corpo físico que não podia mais lhe ser útil.

Mas há situações nas quais o apego (ao corpo, à vida terrena, aos familiares, à profissão) é tão grande que a pessoa não “desgruda” do seu antigo corpo. Há os que ficam dormindo flutuando junto do corpo, ao lado ou acima do caixão, sem perceber seu próprio velório. Há os que desconfiam que morreram, mas como não têm certeza, preferem fazer de conta que é só imaginação e fingem dormir. Os socorristas ajudam a todos como podem, mas ... aqui cabe aquele ditado popular: Deus ajuda a quem se ajuda!

No livro “A viagem de uma alma” (1972) lemos uma explicação interessante sobre pessoas que têm dificuldade para separar-se do corpo sem vida: o desejo de continuar existindo no mundo conhecido é tão grande que o indivíduo “agarra-se” ao corpo na esperança de sobreviver por mais tempo. Como a vontade de ficar é muito maior do que a vontade de partir, ele fica suspenso entre dois mundos de consciência (o físico e o astral ou espiritual).

O corpo físico imóvel não obedece mais os impulsos da mente. Por outro lado, não pode agir (não sabe) apropriadamente do outro lado, pois há emanções de energia produzidas por ele mesmo, mantendo-o “preso” à essa desagradável situação. O medo da morte é a sensação que predomina e o imobiliza por tempo indeterminado (meses ou anos). Não adianta teimar nem lutar. Mais cedo ou mais tarde irá se libertar por vontade própria ou ser libertado por algum espírito mais experiente nesse assunto.

O auxílio mais trabalhoso ocorre com pessoas revoltadas com a própria passagem. No livro “Na hora do adeus”, Luiz Sérgio (2005) descreve o curioso caso da moça que desencarnou doente e estava revoltada (págs. 153 e 154). No velório, estava ao lado do caixão. Inconformada, pedia para as pessoas tirarem as flores, principalmente, os cravos que estavam ao redor da sua cabeça e do peito, pois os detestava, bem como as velas. Nenhum familiar a escutava, é claro. No velório, só havia ruído de conversas e nada de preces.

Um dos socorristas chegou perto dela para conversar e a moça não lhe deu atenção. Perguntou onde estaria o noivo. Estava visivelmente incomodada e agoniada. Luiz Sérgio se aproximou e ela julgou estar vendo um fantasma. Esclarecido o mal-entendido, ele a convidou para conversarem do lado de fora. Também não adiantou.

Foi a vez de uma amiga tentar esclarecê-la, contando que também teve as mesmas dificuldades e que se sentiu melhor depois de orar. A moça respondeu que não sabia rezar. Depois disse que sabia Ave Maria e Pai Nosso. Rezaram juntas. Nesse momento Luiz Sérgio e colegas conseguiram desligá-la. Terminada a prece ela relaxou e aceitou ajuda. Assim saíram do cemitério.

Como há muita gente teimosa apegada ao corpo físico e/ou ao conceito que depois da morte nada existe, há muitos espíritos juntos de seus antigos corpos, sem noção do que se passa. Há os que dormem tendo pesadelos, há os que sentem o processo de decomposição do corpo físico e há os revoltados, entre outros tipos de “defuntos”.

.....

O desligamento nestas situações ocorre por meio da transmissão de passes magnéticos e de preces. Curioso é que algumas pessoas que estavam neste estado de transe, adormecidas, acordam assustadas e saem correndo. O que será que passa na mente deles? Fantasma com medo de fantasma?

Os socorristas passam diariamente por entre os túmulos, oferecendo auxílio a quem está disposto a ser ajudado, com humildade e sinceridade. Isto porque também há muitos espíritos equivocados do tipo “zombeteiros”, vagando pelos cemitérios, que gostam de se passar por vítimas e atrapalhar o serviço sério dos socorristas. Todos serão ajudados, mais cedo ou mais tarde!

7.2 Desligamentos: casos práticos

No mundo espiritual, os interessados em ajudar no processo de desligamento devem fazer um curso especializado, com aulas teóricas e práticas, além do período de estágio, antes de começar a agir sozinho. Não são apenas os socorristas que se especializam nesta atividade. Todos que têm bom coração e vontade de ajudar podem aprender e facilitar a passagem dos amigos e entes queridos. Inclusive nós!

Conforme nos ensina o Prof. Wagner Borges, nas suas aulas no IPPB, aqueles que aprenderam estas técnicas na vida terrena, também podem colaborar junto dos socorristas, durante o período em que estão fora do corpo. Ele mesmo narra experiências nas quais ajudou a muita gente.

Aprendizes que já adquiriram algum conhecimento sobre o assunto, por terem energia mais densa (por estarem encarnados) e luz brilhando nos seus corações, podem ser levados pelos amparadores ou mentores, para prestar auxílio no desligamento de algumas pessoas. Quando voltam para o corpo físico, muitos não têm noção do que fizeram. Isso é proposital, para evitar que fiquem em sintonia com o caso do assistido.

Além das técnicas adquiridas para projetar bons fluidos pelas mãos, pela mente e pelo coração na hora do desligamento, também é ensinado como se limpar e como repor energias liberadas durante este trabalho.

Cabe recordar que os espíritos das sombras também conhecem estas técnicas de desligamento, e as utilizam com aqueles a quem odeiam e desejam se vingar. Os socorristas estão sempre por perto para poder intervir, mas respeitam o livre arbítrio de cada um, pois quando obsessão e obsidiado estão juntos há muitos anos, somente o tempo poderá lhes mostrar o caminho da luz.

No livro “Transição Planetária” psicografado por Divaldo P. Franco (2011), ficamos sabendo como multidões de trabalhadores da seara divina se dedicam à tarefa de desligamento de centenas de pessoas que desencarnam coletiva e simultaneamente, em situações de catástrofes como terremotos e ondas gigantes (tsunami).

No livro “Aglon e os espíritos do mar”, Julio Verne e André Luiz (1991) nos contam que um grupo de seres que vivem no fundo do mar, metade homens - metade peixes, “netunos menores”, são orientados pelo Netuno Maior a ajudar no desligamento de pessoas que se afogaram em situações de naufrágio.

Há pessoas de diferentes religiões “aqui na Terra, como no céu”. Assim, por exemplo, católicos praticantes, judeus ou muçulmanos são desligados e assistidos por socorristas que entendem e respeitam suas crenças sobre a morte e sobre o que acreditam que virá depois.

• **Bela Adormecida**

A seguir descreveremos como foi o desligamento e a passagem de uma querida amiga, muito querida, muito guerreira que lutava contra o câncer. Seu maior propósito? O bem-estar dos filhos, do esposo, do pai entre outros entes queridos. Seu esforço não foi em vão.

Resistiu bravamente contra procedimentos cirúrgicos e sessões de quimioterapia por sete anos e ainda tinha palavras de esperança a quem estava pior do que ela no hospital. Estava sempre de batom e olhos pintados, sorrindo, fazendo brincadeiras com a própria situação. Dizia a todos que tinha câncer e que não se sentia doente!

No mês de setembro ela piorou e foi internada para receber “sangue novo”, como ela costumava dizer. Sentíamos que estava muito fraca dessa vez. Para não sentir as desagradáveis dores, os médicos a deixavam adormecida a maior parte do tempo. Avisamos parentes e amigos. A “bela adormecida” ouvia nossas palavras carinhosas, recebia nossos beijos e sorria a seu modo.

Certo domingo pela manhã, estávamos juntas no hospital. Os familiares haviam saído para tomar um café. Ela continuava adormecida. O médico examinou-a e informou que sua vitalidade estava se esvaindo. Saiu dizendo que iria conversar com o marido dela.

Ficamos sozinhas. Ela havia escutado o que o médico disse e lágrimas escorreram no seu rosto. Peguei na mão dela e oramos. Não é fácil lidar com esta dualidade: o corpo espiritual que tem muita vontade de viver, e a fragilidade do corpo físico que não tem mais condições de sobreviver.

Era visível sua preocupação com o futuro das três crianças e com o marido. E era possível perceber a presença de familiares e amigos espirituais ao seu redor, conversando com ela para aceitar que precisava partir. Continuamos em orações para ajudá-la da melhor maneira possível. Envolvendo-a em muito carinho, pedia para confiar que a Mãe Divina cuidaria dela e da sua família.

Foi então que um raio prateado entrou pela janela do quarto, com intenso e inconfundível brilho divino. Continuei em oração com os olhos cheios d’água! O processo de desligamento estava acontecendo. Quase não acreditava no que via. Parecia que a Lua Cheia estava na janela do quarto, em plena manhã.

Então a Bela Adormecida foi despertada pelo beijo do amor verdadeiro que vem do Pai Celeste e partiu em um túnel de luz, depois de ter semeado amor e alegria a todos que tiveram a felicidade de conviver com ela! Era dia 21 de setembro, dia da árvore!

Saí do quarto chamando as enfermeiras. O médico veio logo depois e constatou o óbito. Os momentos a seguir foram muito difíceis para familiares e amigos mais próximos e para os filhos.

.....

Semanas depois ela já estava se comunicando com as crianças por meio da intuição e dos sonhos. Posteriormente para tratamento e fortalecimento. Continuou ajudando-os à distância, com todo seu carinho, com toda sua doçura.

- **Desligamento após um telefonema**

O caso a seguir descreve a experiência que tivemos acompanhando um amigo, que também se dedica aos estudos e práticas espirituais, cuja mãe estava internada em um hospital de São Paulo. Tivemos uma conversa sobre as técnicas de projeções de fluidos que eram mais adequadas para ajudá-la nessa situação. Fariamos um trabalho em parceria, em conjunto com os amparadores que se dedicam às atividades assistenciais naquele hospital.

Depois de higienizar as mãos e desligar os telefones celulares adentramos ao quarto. Ela estava ligada a aparelhos que acompanhavam o batimento cardíaco e recebia medicamentos pela veia de um dos braços. Meu amigo me apresentou, explicou a razão de nossa visita e ela concordou em receber nossa doação de energias.

Pela palma das mãos, projetamos fluidos dos pés até a cabeça desejando melhorar a circulação de energia vital. Percebemos os aparelhos indicando que o batimento cardíaco estava alterado e paramos. Havia aflição no seu rosto. Seguramos as mãos dela e acariciamos seu rosto, orando em silêncio e os batimentos ficaram normais.

Nesse momento, surgiu a imagem de uma cidade asiática pra mim. Os amparadores haviam mostrado algo que a estava preocupando. Comentei o que havia percebido com nosso amigo, discretamente. Ele contou que tinha um irmão morando fora do Brasil e que desconhecia o estado de saúde dela. Conversamos sobre a importância de colocá-lo a par da situação. Fizemos uma prece de agradecimento e nos despedimos. Continuamos com o tratamento à distância.

Algumas semanas depois, mesmo com poucas melhoras no estado de saúde dela, nosso amigo estava conseguindo se manter equilibrado, colocando em prática os conhecimentos que temos adquiridos nas nossas aulas. Haviam conseguido fazer a ligação internacional pelo celular, colocando mãe e filho em contato. Mais alguns dias se passaram e ela fez a passagem para o mundo espiritual de maneira tranquila.

Provavelmente ela estava pressentindo que iria desencarnar em breve e queria muito se despedir dos filhos. O telefonema foi fundamental para ajudar no desligamento dos seus laços de ternura maternos.

- **Desligamento depois do enfarte**

O relato a seguir ilustra a experiência que tivemos acompanhando o desligamento de um amigo querido durante o velório. Foi em março de 2002. Ele faleceu aos 50 anos de idade, aproximadamente, por enfarte enquanto trabalhava. Foi socorrido e passou dois dias na UTI – Unidade de Terapia Intensiva. Mas sua hora havia chegado.

Nós dois tivemos muita amizade nos anos 1970 e meados de 1980 no clube. Ficamos anos sem nos ver e, “por acaso” havíamos nos encontrado uns meses antes da sua

partida. No trajeto até o cemitério, fortalecia a ligação com os auxiliares invisíveis por meio das preces. Pressentia que encontraria um ambiente de dor e revolta.

Era um belo dia de sol. Aproveitei a energia solar, fazendo exercícios de respiração para “recarregar a bateria” e, para fluidificar os centros de força com energia vital. Esta é uma técnica utilizada há milênios por taoistas, budistas e hindus.

Como passei a sentir a presença dos auxiliares invisíveis por perto, de agora em diante vou continuar a redação deste relato empregando o “nós” em vez do “eu”, pois realizamos um trabalho em equipe.

Quando chegamos, saudamos mentalmente as equipes que se dedicam aos trabalhos assistenciais nos velórios desse cemitério, bem como aos entes queridos (“invisíveis”) da família que estavam presentes. Encontramos a mãe, a irmã, os amigos e parentes chorando, compulsivamente. Não se conformavam com o fato ocorrido.

Cumprimentamos os presentes e procuramos lugar para sentar, em um canto mais isolado. Buscamos a sintonia com o Alto orando em silêncio, desejando ajudar da melhor maneira a todos. Os relatos a seguir descrevem o que vivenciamos pela percepção extrafísica ou mediunidade e pela projeção astral (ver capítulo 5).

As pessoas que estavam no velório viam a Íris sentada na cadeira de olhos fechados. Mas eu mesma não estava lá. Estava fora do corpo, guiada pelos amparadores, para ajudar no desligamento e encaminhamento do falecido amigo.

Sentimos que o rapaz estava lá, junto ao corpo físico, agitado, desnorteado, revoltado. Não aceitava deixar seu corpo, sua vida, dessa maneira repentina. Ele parecia discutir com alguém.

Nossa ligação foi tão intensa nessa hora que podíamos ver seus últimos momentos no hospital, sendo submetido aos procedimentos médicos com ressuscitadores para reverter a parada cardíaca. Essa sensação se repetia na sua tela mental.

Projetamos fluidos pelas mãos, diretamente para a mente e para o coração dele, para acalmá-lo. Ele foi ficando mais sereno aos poucos. Sentou-se, como se estivesse na cama do hospital. Ele me reconheceu, chamou-me pelo nome e nos abraçou. Disse a meu amigo que havia um grupo de pessoas queridas orando e cuidando dele e de sua mãe e pedimos que confiasse no que tínhamos a dizer. Ele concordou.

Falamos sobre a continuidade da vida, sobre a importância e a necessidade dele entender e aceitar o que havia se passado. A seguir, os amparadores projetaram na sua tela mental algumas cenas dos seus últimos anos. Vimos que passara por momentos bem difíceis em termos sentimentais, profissionais e financeiros. Tudo isso, além do quadro depressivo em que se encontrava, podia ter contribuído para o enfarte.

Ele perguntou o que aconteceria de agora em diante. Respondemos que precisaria de um tempo para se recuperar da passagem, restabelecer suas forças e que a vida continuaria de outra forma.

Percebendo a presença de um parente dele, um homem de mais idade, pedimos que confiasse em algo maior e seguisse com essas pessoas que estavam ao seu lado, pois iriam cuidar dele.

.....

Conversamos também sobre sua mãe. Sim, ambos sentiriam falta um do outro, como é natural, mas com o passar do tempo, todos ficarão bem. Ele fez um gesto com a cabeça, concordando, mesmo que aborrecido. Despedimo-nos e ele seguiu com os amigos espirituais que vieram buscá-lo. Eu voltei à cadeira, em outras palavras “encaixei”.

Praticamente no mesmo instante, sua mãe - uma pessoa idosa - começou a chorar alto. Repetia o nome dele em prantos e dizia uma série de frases em desespero. Dirigimos nossa atenção total a ela e às pessoas mais próximas que tentavam acalmá-la. Fizemos preces ao anjo da guarda dela e aplicamos passes mentalmente. Senti-me enfraquecida. A “bateria descarregou”!

Fui para o lado de fora e logo adiante avistei uma árvore. Era um ipê florido. Fui direto em sua direção e discretamente comecei a abraçá-lo, olhando para o sol, a fim de recarregar as energias. Bateria recarregada!

Os funcionários do cemitério chegaram para fechar o caixão. Adiantamo-nos para ficar perto da mãe dele e irradiar bons fluidos. Como não vimos nenhum padre, pastor ou alguém semelhante, nos oferecemos para fazer uma oração em voz alta. A família aceitou.

Antes de fazer a prece, pedimos a todos que imaginassem nosso amigo sorridente e brincalhão como ele sempre foi. O ambiente ficou mais sereno! Oramos e na sequência falamos sobre a imortalidade da alma, que a morte como um fim de tudo não existia. Vivenciamos uma despedida, haveria um reencontro. Ressaltamos a importância de elevar os pensamentos e de orar para ajudá-lo a seguir seu caminho em paz, bem como para fortalecer e amparar sua mãe e demais entes queridos.

Fecharam o caixão. Novas crises de choro. Estava difícil acalmar o ambiente. Sabíamos que nosso amigo poderia receber essas ondas mentais vindas da sua mãe e das pessoas mais chegadas e que isso o deixaria agitado novamente. Olhamos para o alto e pedimos reforço.

De olhos fechados percebemos a presença de alguns vultos (espíritos desencarnados) com quem ele teve desavenças no passado. Eles estavam induzindo a mãe dele a ter maus pensamentos. Percebendo a presença dos amparadores, eles ficaram bravos pelas vibrações que emanávamos. Em compensação, os espíritos de luz estavam contentes com nosso desempenho. Continuamos recolhidos em preces e projetando amor e luz para os familiares e agora também para eles. O ambiente foi ficando melhor.

Quando abri os olhos estava sozinha. Todos haviam saído para o funeral. Senti que deveria ir para perto da mãe dele. Fui! Quando consegui alcançá-la percebemos o quanto ela estava fraca e pronta para cair a qualquer instante, devido ao choque emocional que estava passando.

Sugerimos que sentasse no banco mais próximo, de onde poderia contemplar o campo verde, ao mesmo tempo que poderia acompanhar o enterro. Pedimos licença para fazer uma oração para ela e lhe abraçamos. Começamos então a projetar fluidos na direção do coração, chakra cardíaco. Em silêncio dizíamos as palavras: “Deus é paz, Deus é Amor, Deus é luz, nós e Deus somos um”!

Fizemos preces cantadas. Também entoamos o mantra budista da compaixão ou da benevolência: *Om Mani Padme Hum*, pronuncia-se “om mani pei-mei”, que significa “salve

a joia do lótus”, uma metáfora para transcender nossa maneira de ser para algo puro e perfeito como a flor de lótus e a mente de Buda (Lafite e Ribush, 2009) .

Ela foi se acalmando devagarzinho. Na conversa valorizamos seu trabalho como mãe dedicada, que procurou dar bons conselhos a ele. Imediatamente ela se virou para mim e começou a desabafar. Contou o quanto essas últimas semanas tinham sido difíceis, pois estavam brigando constantemente. Acrescentou dizendo que ele parecia estar brigando com a “própria sombra”.

Lembramos dos espíritos revoltados que descrevemos anteriormente e entendemos melhor o quadro que se passava. Ele estava com más companhias, seres de pouca luz. Conversamos mais um pouco no sentido de ajudá-la a ficar com a consciência tranquila, sem culpas. Deu certo! Em determinado momento ela comentou que o marido estava enterrado no mesmo lugar. Aquele senhor que havíamos percebido ao lado dele na hora do desligamento, bem que podia ser o pai dele. O enterro terminou e ela saiu acompanhada da filha.

Percebemos um amigo querido, amigo de infância dele parado diante do túmulo, com o olhar distante. Fui até ele e o abracei. Ele perguntou se nosso amigo estaria gostando deste lugar, pois a vista era bem bonita. Aproveitamos a oportunidade para conversamos sobre a possibilidade do nosso amigo não estar lá debaixo da terra. Ele deveria estar em um lugar melhor. Percebemos uma mistura de sentimentos de saudade e solidão.

Nosso trabalho havia se encerrado. Fui até o lugar onde havia estacionado o carro, providencialmente junto de árvores frondosas. Mentalizei intensa limpeza com as energias das árvores e do sol. Agradecendo pela oportunidade de aprender servindo.

7.3 Rompimento dos “laços de ternura”

As pessoas que apresentam grande grau de afinidade e de ternura entre si, seja entre pais e mães e filhos, entre casais, entre irmãos de sangue e de coração, criam uma espécie de “cordão umbilical energético”. Só que em vez de ficarem ligados pelo ventre, são ligados pelo coração, ou melhor, pelo centro de força do coração ou chakra cardíaco e quando ocorre uma separação há o rompimento.

A primeira vez que tomei conhecimento do rompimento desses “laços de ternura” foi durante o processo de separação do “meu” marido. Estava em casa, ouvindo música serena, buscando sustentação na prece para superar esses momentos difíceis que enfrentava. Lembrei-me das aulas que tive com o Prof. Wagner Borges e comecei a fazer um trabalho de limpeza energética, principalmente na região do coração para aliviar as dores e mágoas que sentia.

Fui me acalmando. Então percebi a presença de um amigo espiritual ao meu lado, pedindo para continuar relaxada, pois receberia “uma mãozinha” extrafísica. Sentia que ele fazia movimentos circulares com as mãos, sobre a testa ou fronte, sobre o coração e perto do umbigo.

A impressão que tive foi a de que ele puxava um barbante comprido, branco e leitoso, que estava solto do chakra do coração e da fronte. Limpava os cordões com as mãos e fazia um gesto como se os enrolasse para diminuir de tamanho e os colocava de volta

no mesmo lugar. Senti que recebi um passe. Agradei e adormeci! Acordei me sentindo mais aliviada, porém curiosa para compreender o que havia ocorrido.

Comentei com uma amiga querida, que é terapeuta, sobre a experiência que tive, buscando possíveis explicações, pois minha amiga havia feito um curso com Barbara Ann Brennan, nos EUA, autora do livro “Mãos de Luz” (1987). Ela disse que encontraria esclarecimentos em “Luz Emergente” (1993 – cap. 14) da mesma autora.

“Devorei” o livro todo! Barbara explica que, da mesma forma que o bebê está ligado à mãe pelo cordão umbilical, nós estamos ligados às pessoas que amamos por “laços de ternura”, de coração para coração. Quando ocorre a separação, seja pelo motivo que for (morte de alguma das partes ou divórcio), os laços se soltam.

Então entendi porque sentimos aquela sensação de aperto no peito, de “um buraco”, de um grande vazio no coração quando um ente querido partia. Foi o cordão que se rompeu!

Depois desse aprendizado, passei a observar que em casos de desligamentos, em hospitais ou em velórios, enquanto uma equipe de socorristas se dedica a desligar o falecido, outro grupo se dedica a prestar auxílio aos seus entes queridos.

Este processo abrange: projeção de fluidos amorosos na região da cabeça e do coração, intuição de palavras de conforto e ânimo, convite à oração e, muitas vezes eles induzem a aproximação de um(a) amigo(a) querido(a) ou parente para transmitir um abraço carinhoso.

Aqueles que possuem um pouco mais de sensibilidade poderão ter a sensação de um bem-estar desconhecido, mesmo sem ter consciência do que se passou energeticamente. Os que não aceitam a partida do ente querido e cultivam pensamentos de culpa ou de revolta contra Deus, criam uma espécie de cortina energética ao seu redor, a qual bloqueia ou dificulta o recebimento dos bons fluidos, da boa intuição dos socorristas ou dos seus mentores.

Tão pouco estão abertos para ouvir as palavras dos amigos e parentes que querem lhe confortar. O sofrimento destas pessoas tende a ser prolongado. Os mentores respeitam seu livre arbítrio. Por isso cabe bem aquela frase popular: “Deus ajuda a quem se ajuda”!

As pessoas que procuram aceitar a partida do ente querido sem revolta, estão ajudando a si mesmas e a ele também. Cada um ao seu modo vai cultivando bons pensamentos, seguindo em frente. O importante é viver o presente, de bem com a vida, sem ficar se lamentando do que passou, do que fez ou deixou de fazer. Esses se recuperam mais rápido que aqueles que ficam alimentando a revolta ou o remorso.

A música “Tocando em frente”, composição dos violeiros Almir Sater e Renato Teixeira reforça essa lição de vida para nós que somos eternos aprendizes:

*Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais! Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe, pois levo a certeza de que muito pouco sei, que nada sei ...
É preciso paz para poder sorrir! ...*

7.4 Exemplo de desprendimento e de desapego

Poucas são as pessoas que possuem conhecimento e discernimento para poder desligar-se do corpo físico quando chega a hora de partir, sem muito apego aos seus familiares, aos seus bens materiais e à sua vida profissional. No livro “Na hora do Adeus” (2005 – p. 149 a 151), Luiz Sérgio nos conta o caso de uma viúva, que presenciou seu próprio velório, para se despedir de todos que lá estavam.

Dona Alba era uma senhora dedicada, de corpo e alma, aos trabalhos de caridade. Havia abraçado o espiritismo e procurava vivenciar os ensinamentos de Jesus, fazendo o bem, mesmo não sendo muito compreendida pelos familiares. Fundou várias instituições voltadas para ajudar crianças abandonadas com colaboração do seu filho.

Na capela onde o idoso corpo seria velado, ela foi a primeira a entrar. Sabe quantas horas depois do desligamento? Apenas três horas.

Enquanto eram feitos os últimos preparativos para ajeitar as flores no caixão, ela se recolhia em orações. Com o coração repleto de gratidão, agradecia a Deus pelas oportunidades que teve nessa vida. Agradecia também ao corpo que lhe serviu todos esses anos.

Depois orou pelo filho, a quem caberia continuar os trabalhos com as casas de caridade. Orou pela nora, a quem havia abraçado como filha, mesmo sendo muito materialista. Orou por todos os companheiros de jornada e pela felicidade das crianças que tanto amou.

Os familiares e amigos chegavam ao velório. Ela a tudo observava. Então, uma enfermeira espiritual se aproximou dizendo que deveriam partir. Ela se despediu de todos e saiu silenciosamente. Enquanto isso, na parte física da capela, havia muito barulho: pessoas falando ao mesmo tempo, pessoas chorando e bem poucos orando.

Oportuno foi o comentário do amigo espiritual de Luiz Sérgio que presenciava a cena: “Eu acho que quem não sabe respeitar aquele que partiu deveria ficar em casa. Ir ao cemitério apenas por obrigação social é muita pobreza de sentimento”.

7.5 Suicídio liberta ou aprisiona?

Por ocasião do suicídio, morre o corpo físico, a alma não. A pessoa nessa situação sofre muito e por tempo indeterminado, ligada ao seu antigo corpo, por remorso e por revolta ao perceber que seus problemas não terminaram com a morte, somente aumentaram.

Seu corpo espiritual continua registrando a percepção do erro que cometeu e a deterioração do corpo carnal no cemitério, pois o fluido vital foi cortado de maneira abrupta e repentina.

O suicida guarda os últimos pensamentos e as últimas sensações que teve, os quais ficam indo e vindo como um filme que repete sem cessar, aumentando ainda mais sua angústia, pois não há como voltar atrás.

Por exemplo, nos casos nos quais a pessoa se enforcou, poderá ficar sentindo uma incrível falta de ar. Se pulou de um lugar alto, poderá ter a sensação de estar caindo continuamente. Se tomou veneno, poderá ficar sentindo gosto amargo e queimação no estômago. Se usou uma arma, poderá ficar sentindo o impacto do tiro e o sangue “jorrando” de ferimentos que “nunca” cicatrizam, entre outros efeitos.

.....

Há quem não acredite em nada. A morte para eles é um grande vazio, um sono eterno ou em eterno pesadelo! Não aceitam orientação dos socorristas. Preferem ficar só.

Quando aceitam a ajuda dos socorristas, o desligamento é completado e eles são levados para tratamento, em um lugar especializado. Geralmente a recuperação ocorre em postos de socorro ou hospitais-escolas em um local chamado “Vale dos Suicidas”.

Mas nem todos os suicidas são tratados da mesma forma. As virtudes e as boas ações feitas pela pessoa ao longo de sua vida serão levadas em consideração. Em suma, nunca são abandonados. Por pior que seja seu estado e sua teimosia em receber ajuda, sempre serão amparados.

Voltaremos a tratar do tema suicídio no Cap. IX. Duas indicações de livros sobre esse assunto são “Memórias de um Suicida”, obra de Dona Ivone Pereira e “Santos Dumont, o Ícaro redimido” (2010), obra de Gilson Freire.

7.6 É possível ajudar no seu próprio desligamento?

Sim, além do suicídio, a pessoa pode se desligar do corpo físico por autoconhecimento. São casos raros, pois poucos são os indivíduos espiritualizados, que não têm medo de espíritos, que não temem a morte, que estão dispostos a se desapegar da vida terrena.

Acostumados a estudar e a trabalhar com temas espiritualistas, de maneira aberta e altruísta, bem como a participar de trabalhos assistenciais ajudando a várias pessoas nesta situação, foram adquirindo outros valores para sua própria vida individual.

O contato frequente com a espiritualidade, por meio dos estudos e das práticas com bioenergia, alimentados pelas chamas da compaixão, da sabedoria e da caridade, ajudam muito a mudar nossa maneira de pensar, de ser e de agir. Este contato nos faz perceber que realmente estamos de passagem por este planeta para aprender, crescer, servir ao bem e melhorar como ser humano.

As diversas leituras sobre livros e textos que tratam da vida após a vida, nos levam a perceber que nossa verdadeira morada não é aqui, é em algum lugar depois do arco-íris, onde mora a verdadeira paz que os grandes mestres falavam.

No livro “Valeu a Pena” (1994 – págs. 97 a 106) lemos a descrição bem elaborada de alguém que colaborou com os auxiliares invisíveis na hora do seu desligamento. Saulo era espírita, bem casado, tinha filhos e netos, uma família onde predominava a harmonia e o respeito mútuo.

Ele e a esposa eram estudiosos de temas espiritualistas e dedicados a trabalhos assistenciais. Era cardíaco e assim procurava cuidar bem do corpo, o templo do espírito. Estava habituado com a presença dos mentores ou amparadores ao seu lado e com a projeção astral ou “saídas fora do corpo” de forma consciente. Não temia a morte nem nutria apego à vida terrena. Sabia que poderia partir a qualquer hora, então desejava estar em paz com sua consciência.

A passagem de Saulo aconteceu quando estava deitado no sofá, no colo da sua esposa, assistindo televisão. Sentiu que uma projeção estava começando. Então escutou uma voz carinhosa lhe dizer:

- Saulo, você está desencarnando! Calma! Se quiser nos ajudar...
- Sim, quero ajudar! Disse ele mentalmente.

Procurou relaxar sua fisionomia para aparentar que dormia com tranquilidade e foi desprendendo-se devagar. Seguem mais detalhes narrados por ele:

Logo que saí do corpo, isto é, meu perísprito saiu do corpo carnal, olhei e vi tudo ao redor um tanto deformado, mas isto foi só por uns instantes. Sentei ao lado do sofá. Vi que ainda estava com os cordões prateados que me ligavam ao corpo. Percebi que meu aparelho carnal havia parado de respirar. Olhei-o com atenção. ... O coração parou. Senti uma pontada no peito, que logo passou.

Um dos amigos espirituais que estava ao lado dele perguntou como estava se sentindo e se queria adormecer. Ele respondeu que preferia ficar consciente para poder acompanhar este processo. Quis saber como poderia colaborar com eles. Pediram para ele relaxar e se desligar.

“... Foi o que fiz. Transferi energia do corpo físico ao perísprito. Sempre amei tudo como uma manifestação da divindade. Amei e era grato ao meu corpo. Cuidei dele como deveria, mas não era apegado”.

Ele reconheceu seus amparadores como amigos de longos anos de trabalhos assistenciais. Eles traziam expressão de felicidade e o abraçaram. Enquanto isso, dois socorristas terminaram de cortar o cordão que ligava ao corpo físico. Saulo novamente quis participar e firmou seu pensamento, mentalizando todo seu desligamento. Adivinhe quanto tempo durou todo processo? Levou 15 minutos!

Um dos socorristas, surpreso por não estar acostumado com tanta cooperação por parte dos encarnados, perguntou se ele não temia a desencarnação. Saulo respondeu que sabia que em todos os momentos estávamos na presença de Deus, assim não havia nada a temer.

Nesse intervalo, sua esposa estava recebendo passes e não percebeu o que se passava ao seu lado. Algum tempo depois, chamou o marido e percebeu que ele não mais respirava. Buscou medicamentos para coração, chamou uma ambulância e telefonou para os filhos. Saulo pôde ver toda a família reunida e aproveitou para despedir-se deles sem que percebessem.

A ambulância chegou e quando seu corpo foi levado para o hospital, ele pediu para ir embora. Olhou mais uma vez para seus familiares e percebeu a presença dos amigos espirituais e dos parentes desencarnados amparando a todos. Seguiu com os amparadores. De sua casa foi levado diretamente para a Colônia Esperança, onde já estava sendo aguardado por amigos e familiares.

Ficaria algum tempo morando com sua sogra, pessoa de bom coração, de quem muito gostava. Mas, ela não estava em casa. Havia saído para ir até o velório do genro, apoiar a filha, confortá-la. Mal Saulo havia chegado de volta à Colônia, disseram que tinha uma visita. Que alegre surpresa! Era sua filha que havia desencarnado quando era ainda muito jovem e chegava para lhe dar as boas-vindas.

Pois bem, essa história teve um final feliz, não porque eles eram pessoas de sorte, nem porque eram espíritas. Eles eram pessoas mais maduras, mais espiritualizadas, dedicadas a fazer o bem sem saber a quem.

.....

No Evangelho segundo o Espiritismo (Cap. XVIII – Item 15) há o seguinte ensinamento:

O Senhor encoraja os esforços que tendem ao bem. Estes esforços firmes e perseverantes atraem as graças do Senhor: é um ímã que chama para si as melhoras progressivas, as graças abundantes que vos tornam fortes para escalar a montanha santa, no cume da qual está o repouso depois do trabalho.

8 Pacientes terminais: eutanásia e distanásia

Lidar com pacientes terminais, que já se encontram há muito tempo em um leito, praticamente sem se mexer, torna-se uma situação muito delicada. O que fazer? Distanásia ou eutanásia?

De acordo com os dicionários, distanásia é uma palavra originada do grego: “dis” como “mal” ou “algo mal-feito” e “thánatos”, que quer dizer morte. Trata-se da adoção de procedimentos médicos que objetivam prolongar a vida de uma pessoa por meio de aparelhos, ainda que não haja esperança ou certeza de cura.

Isto ocorre quando um parente está hospitalizado e os familiares pedem aos médicos que façam tudo o que puder para “salvá-lo”, mesmo que a pessoa fique “vegetando”, vivendo à custa de equipamentos, por meses. Seja em um quarto de hospital, seja na sua própria casa.

Eutanásia é o oposto, quer dizer “bela morte ou morte tranquila”. Também derivada do grego “eu” (boa ou verdadeira). Emprega procedimentos como aplicação de injeção letal no paciente ou desligamento dos aparelhos que mantêm suas funções vitais. Objetiva proporcionar a morte sem sofrimento a um doente considerado pelos homens como “incurável” ou em estado irreversível.

Pode ser feita a pedido do próprio doente, em plenas condições mentais para tomar esta decisão ou dos seus familiares, quando estiver inconsciente. Se for realizada sem consultar os parentes, mesmo a pedido do doente, é caracterizada como homicídio. Em alguns países da Europa e em algumas cidades dos EUA este procedimento é legal. No Brasil, não é aceito.

O filósofo inglês Francis Bacon (1561–1626) foi um dos primeiros a empregar o termo eutanásia, acreditando que cabia ao médico a responsabilidade de aliviar doenças e dores e proporcionar uma morte tranquila, se o problema fosse irreversível (Richard Simonetti, 1994).

Quando esta ideia é considerada há misturas de pensamentos, sentimentos e emoções, tanto por parte do doente como dos entes queridos. O doente pode querer partir para não sofrer mais. Os entes queridos também podem achar que esta é a melhor solução, talvez por não conseguirem lidar com tanto sofrimento, outros, talvez por não quererem ter trabalho!

No cinema, podemos lembrar dois filmes que abordaram esse assunto. A produção espanhola *Hable con ella* (Fale com Ela) de 2002, escrito e dirigido por *Pedro Almodóvar*, tendo *Javier Cámara*, *Darío Grandinetti*, *Leonor Watling* e *Rosario Flores* nos papéis principais. Uma corajosa toureira é gravemente ferida durante uma tourada e entra em coma.

Acreditando que despertaria deste “sono profundo”, as pessoas mais próximas continuaram cuidando dela com carinho, conversando com ela diariamente, acreditando com fé que voltaria a ter uma vida normal, até que um belo dia ela abriu os olhos. Semanas depois estava em casa.

“A Menina de Ouro”, filme produzido nos EUA em 2004, dirigido por Clint Eastwood, que contracenam com Morgan Freeman nos papéis principais, ambos são técnicos de lutas de boxe. Uma garota determinada (Hilary Swank) sonha ganhar o campeonato mundial e se dedica de corpo e alma para os treinos. No dia da luta final, após ter recebido um golpe forte da adversária, ela desequilibra e bate a cabeça no ringue. Quando acorda no hospital, descobre que havia ficado tetraplégica.

Lúcida e consciente do seu estado irreversível, não aceita viver assim. Pede constantemente para que os aparelhos sejam desligados no hospital e, como ninguém queria fazer isso, ela conseguiu arrumar uma forma de se suicidar.

Quem é materialista e imediatista pensa não haver motivo para prolongar a vida de alguém que está “condenado” a viver numa cama. Mas quem realmente conhece e vivencia a conexão com Deus e a verdadeira caridade, sabe que ninguém tem o direito de acabar com a vida de outro alguém. O sexto, entre os Dez Mandamentos recebido por Moisés no Monte Sinai recomenda “não matarás”!

Richard Simonetti menciona no livro “Quem tem medo da morte” (1994 – pags. 72/73) que ninguém pode afirmar com absoluta segurança que o paciente está irremediavelmente condenado ao fim, e cita casos em que houve plena recuperação.

Na visão espírita, a eutanásia não só interrompe a depuração do espírito encarnado, que está passando por esta enfermidade, como lhe impõem sérias dificuldades nos momentos posteriores que virão depois, considerando que quem morre é o corpo físico, não a pessoa.

Quando a eutanásia é praticada, os laços que unem a pessoa (o espírito) ao corpo físico demoram entre 12 a 20 horas a mais do que o normal para se afrouxar e completar o processo de desligamento pelas equipes dos socorristas, como cita um trecho do livro “Obreiros da Vida Eterna” de André Luiz (1991). O processo de recuperação será muito lento e doloroso também no mundo espiritual.

Temos observado que esses momentos de sofrimento da pessoa enferma e de seus familiares e amigos podem ser benéficos para desenvolver a compaixão, a humildade, a resignação, enfim, a caridade moral podem servir como uma oportunidade para rever a própria vida, desculpar e ser desculpado, limpar as mágoas e resgatar dívidas passadas, entre outros aspectos colaborador ou ranzinza?.

Pessoas amorosas são mais fáceis de lidar nessas horas do que pessoas teimosas, orgulhosas e mal-educadas. Como seria você? Um paciente paciente ou nada paciente?

Se a eutanásia for praticada, o arrependimento e o remorso poderão ficar rondando a consciência tanto da pessoa que desencarnou, como de quem o praticou e será difícil conquistar a paz interior. Ficar sempre aquela dúvida: será que eu agi corretamente?

Geralmente quem mais cuidou do enfermo é que mais sentirá sua ausência. Principalmente porque estava habituado ao trabalho de cuidador. Assim, uma lacuna, um vazio,

ficará presente na sua vida por algumas semanas, até que a vida tome outro rumo. Isto é, desde que a pessoa deseje que sua vida tome outro rumo.

É importante conhecermos mais a respeito. A Dra. Elisabeth Krüger-Ross, no seu livro "Sobre a Morte e o Morrer" (2005), apresenta uma série de relatos elaborados a partir de entrevistas com pacientes terminais em uma clínica na cidade de Chicago, nos Estados Unidos. Os depoimentos recolhidos por ela demonstram de maneira singela o que pensam e sentem essas pessoas, cujo "fim está próximo". O que importa para elas é poder conversar com alguém que esteja disposto a ouvi-las, sem críticas e acusações. É poder ter alguém para segurar a mão enquanto fecham os olhos e partem para outro mundo!

9 Sobre velórios

As cerimônias e rituais realizados após o falecimento de algum ente querido dependem da educação religiosa ou filosófica de familiares e amigos, de tradições culturais e também do poder aquisitivo.

Já observaram que, nessas horas, a maioria das pessoas passa a usar o termo "o corpo está lá" em vez de pronunciar o nome dele ou dela? Será porque, inconscientemente, sabemos que ele ou ela não está mais lá?

De maneira geral no Brasil, país de grande influência católica, o corpo do falecido é levado para um lugar público ou reservado da família, onde ficará exposto por algumas horas, na posição horizontal, em um caixão cheio de flores, para receber orações e as despedidas.

Os Incas, no Peru, enterravam os mortos em posição fetal, simbolizando que nasceriam para nova vida. Na tradição dos japoneses da Ilha de Okinawa, o corpo também é posicionado na posição fetal, e junto dele também são colocados alguns objetos de uso pessoal. Alguns deles costumam colocar presentes para o falecido levar para crianças ou adultos da família que já fizeram a passagem.

Aliás, o costume de enterrar objetos pessoais junto do corpo ocorre desde o período da pré-história, ficando bem evidente nas descobertas arqueológicas das civilizações egípcias, chinesas e maias entre outras.

Bem, o velório é uma oportunidade de reencontro familiar. Tanto que é muito comum escutar alguém dizendo:

- "Oh fulano! Quanto tempo! Somente nessas horas a gente se encontra!

Anos atrás, as famílias se reuniam mais para celebrar a vida: aniversários, retorno de viagens, formaturas, casamentos, batizados. Hoje se reúnem menos. Será por falta de tempo, de vontade, de dinheiro? Será perda de afinidade com os laços de família?

Velório não deixa de ser um evento da sociedade, onde além dos parentes e amigos surgem desconhecidos e oportunistas. Dependendo do estatus do falecido, isto é, se foi algum artista, político ou atleta importante haverá presença de famosos, jornalistas, fotógrafos, curiosos e, agentes de segurança. Haverá fila organizada para as pessoas passarem perto do caixão. Há quem aproveite a oportunidade única para ver de perto seu grande ídolo.

São ocasiões que também servem para fazer as pessoas pensarem mais na vida e na morte. Há quem fique de pé, ao lado do caixão, olhando e acariciando o ente querido em uma silenciosa e íntima conversa. Há quem fique sentado na cadeira “olhando para o nada”. E há quem fique em silêncio, do lado de fora “conversando com seus botões”, preferindo não entrar.

Velórios são salas de terapia. Há quem faça uma retrospectiva da vida e se sinta em paz com relação ao falecido, com aquele sentimento de missão cumprida. Há quem reconheça que errou. E há quem decida mudar sua vida de agora em diante.

Uma cerimônia nunca é igual a outra. Há uma tendência natural do ser humano aceitar com mais facilidade o desencarne de pessoas de idade avançada ou muito enfermas, do que crianças e adolescentes. Alguns lidam bem com a morte, outros se revoltam.

A Dra. Elisabeth Kübler-Ross (2005) comenta que pais e filhos ou casais podem passar anos brigando pelos motivos mais simples porém, quando um deles morre, “o outro arranca os cabelos”, lamenta, chora, grita, bate no peito em sinal de pesar. Ela acredita que a pessoa tende a se culpar, sentindo-se responsável de alguma forma pelo que aconteceu.

Velório é lugar de encontrar cenas engraçadas. Há quem não tenha nada melhor para fazer e fica visitando as salas onde os corpos estão sendo velados. É verdade! Certa vez, estávamos no velório de um amigo do centro espírita e as salas ao lado estavam todas ocupadas simultaneamente. Havíamos acabado de entoar preces cantadas e estávamos orando em silêncio. Um senhor, de traje simples, se aproximou de um colega que estava perto da porta e comentou:

- “Esse aqui (o velório) tá bem mais animado! Na sala do lado tá a maior choradeira! Deixa eu ver o próximo!”

Velórios revelam características individuais. Há quem ore em silêncio por quem partiu, sem se importar com tudo e com todos ao redor. Há quem fique com um olho no caixão e o outro em quem entra e sai. Há quem fique falando o tempo todo, contando e recontando como foi que o falecido se foi, seja dentro da sala, seja do lado de fora. Há quem fique fofocando, trocando receitas, falando da novela e contando casos (piadas) ou vantagens.

Quem está de coração limpo tende a permanecer mais sereno do que quem carrega culpas, ressentimentos, remorsos, orgulho ferido e outras situações mal resolvidas. Por isso é importante relacionar-se bem com os familiares, respeitando as diferenças de personalidade e as escolhas de cada um. Trabalhar o perdão, a compreensão, a humildade todo dia a cada dia. Não ficar “de mal”, nem de “cara amarrada”. É importante lembrar aquela frase de Jesus: “quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra”!

Velório é um bom lugar para trabalhar a reforma íntima e aplicar conhecimentos espiritualistas adquiridos em livros e cursos, pois sabemos que ninguém morre, só muda de endereço. Só parte quem estava na hora de partir, com exceção dos diversos tipos de suicídios.

Sabemos que esse momento de transição da vida terrena para a espiritual não é fácil para quem parte e muito menos para quem fica, por isso toda ajuda é válida e, para tan-

.....

to, devemos ter uma postura mais equilibrada. Evitemos entrar na sintonia de conversas desnecessárias e maledicentes, perto ou longe do caixão.

Evitemos participar de fofocas e acusações sobre o falecido e seus familiares. Evitemos cair no redemoinho de reclamações sobre o serviço de saúde no Brasil, falando mal do médico, dos enfermeiros, da funerária, do preço absurdo do funeral! E por quê?

Porque essa “conversa fiada” não muda nada, só serve para deixar a gente mais revol-tada! Porque a energia liberada por esse falatório colabora para deixar o ambiente do velório mais desarmonizado. E tem mais! Sabia que o falecido pode estar lá ouvindo tudo o que se passa?

Sabia que todas as cenas podem estar sendo gravadas nos estúdios (registros) espirituais? Sabia que tempos depois, lá no Além, o falecido poderá ver esse filme e reconhecer quem foram os verdadeiros amigos?

Há alguns anos, fomos ao velório em uma cidade do interior. A pessoa tinha 95 anos de idade e sempre foi muito querida por familiares, amigos e vizinhos. A sala estava cheia. Alguns conhecidos oravam para seu merecido descanso, outros não se conformavam com sua partida.

Senhoras católicas cantavam músicas da igreja e rezavam o terço, com um olho no rosário e outro reparando em quem entrava e com que roupa estava vestida. Vereadores, ex-vereadores e comerciantes importantes marcaram a presença. De certa forma a cena estava cômica!

Pela clarividência pudemos ver nossa querida senhorinha. Ela estava acompanhada por uma enfermeira-freira que vestia um longo avental de antigamente, no qual estava desenhada uma grande cruz. Ela percebeu que podia vê-la. Trocamos sorrisos e algumas palavras carinhosas. Confortavelmente sentada em uma cadeira de balanço, a tudo assistia como se estivesse vendo televisão. Ela ria das cenas que se passavam.

9.1 Por quem choram? Chorar faz mal?

Velório é um lugar “de choradeira”? Há quem chore baixinho, há quem chore alto, compulsivamente ou em intervalos irregulares. Por quem choram? Por quem partiu ou por quem ficou?

Por que choram? De saudade? De remorso, culpa ou arrependimento? Por raiva de quem partiu ou de si mesmo? Por se sentir abandonado, por solidão? Por não ter tido oportunidade de se despedir? Pelo que fez ou pelo que deixou de fazer? Pelo que disse ou pelo que deveria ter dito? Por estar com pena de si mesmo?

Há quem chore de raiva, não necessariamente porque o parente morreu, mas porque descobriram que ele não era tão bom como se pensava. Deixou para trás dívidas e prestações para “os outros resolverem.” E às vezes presenciamos algo semelhante a “rings de luta livre”. Isso costuma acontecer quando as desavenças entre os familiares se acentuam com as discussões quanto à escolha do caixão e das flores, velas ou incensos e a divisão das despesas!

Uns querem a presença de padre católico outro de pastor evangélico? Acusam-se porque fulano não fez nada e ainda sobrou tudo para o ciclano. E a situação fica pior

quando a esposa e/ou filhos do falecido descobrem que ele tinha vida dupla, isto é, outra família para dividir a herança! Ou mesmo quando os filhos que não visitavam o pai há anos resolvem aparecer e cobrar da segunda esposa a parte da herança ou dos bens que lhes cabe.

No livro “Companhia do Amor” (2003) há uma poesia denominada Choro de Morte. Eis alguns trechos:

“O homem chora ao nascer, chora para viver e chora para morrer. A família chora porque ele morreu, ele chora porque a família chora. Na verdade uma coisa é certa: todos choram, não por amor, mas sim por não saberem que amor é sempre amor, independente de vida ou morte... É choro que vai, é choro que vem, mas não adianta chorar, porque a morte não poupa ninguém. É sofrimento velho pelos mortos antigos. É sofrimento novo pelos mortos modernos. E ninguém quer dizer que para morrer basta nascer”...

E, de fato, a maioria das pessoas não consegue lidar com a morte de alguém muito próximo. Há emanções de várias emoções juntas: revolta, indignação, culpa, remorso. Não é à toa que o ambiente dos velórios seja “pesado”. No ambiente extrafísico, o que percebemos são nuvens densas e cinzas oriundas das fofocas e maledicências, das raivas e revoltas, do remorso, enfim, pelas emoções desequilibradas emanadas por todos os presentes.

Se as pessoas soubessem como a energia dos pensamentos e das conversas pode prejudicar quem partiu e quem está de luto, será que mudariam de postura? Teriam mais respeito?

Uma senhora de 70 anos faleceu depois de ter sofrido um acidente, uma semana antes da páscoa. As filhas e netas não se conformavam. Amigas e vizinhas aproveitaram o velório para trocar receitas no preparo do bacalhau da sexta-feira santa e para o almoço do domingo. E a falecida esquecida lá no caixão!

Coitada! Exclamou outra conhecida ao chegar. Fez o sinal da cruz e rezou o terço. Percebendo o assunto da “rodinha” ao lado, logo foi se aproximando. É, semelhante atrai semelhante!

Pela mediunidade, pudemos perceber que a senhora desencarnada estava em um hospital no mundo espiritual, adormecida, sem ter noção de que seu corpo não resistira aos ferimentos do acidente. Estava aflita! Seus pensamentos estavam voltados para o bem-estar dos filhos e netos e para a conta do convênio médico. Orações sinceras lhe fariam tão bem!

Há quem diga que não se deve chorar porque faz mal, tanto para quem partiu como para quem ficou.

Luiz Sérgio (2005) defende que este tipo de pensamento precisa ser revisto. Bloquear emoções que precisam ser liberadas faz mal. Isto pode repercutir em dores musculares, dores de cabeça ou mau funcionamento de alguns órgãos, devido à sobrecarga energética desta tensão emocional. Ele defende que não se deve ir contra as leis da natureza e apresenta dois exemplos:

- (a) dizer “para uma mãe não chorar diante do corpo inerte do filho é como dizer para um botão de rosa não se abrir e não perfumar o jardim”; e

(b) “mandar alguém que está sofrendo parar de sofrer é o mesmo que mandar parar a chuva”!

Continuando, Luiz Sérgio orienta: chorar sim, mas sem revolta e sem fazer escândalo! O que não se deve fazer é ficar blasfemando contra Deus, acusando-o do que aconteceu. Por exemplo, dizendo:

- Por que Deus fez isso comigo?

-Por que ela matou “meu” filho/esposo/irmão/pai, ou “minha” filha/esposa/irmã/mãe?

São frases de revolta e dor, bem sabemos. Mas o criador não mata suas criaturas. São leis da natureza, nascer – crescer – morrer. Luiz Sérgio, orientado por uma médica, Dra. Jansen, cita o seguinte:

“Os espíritas têm de compreender que o mundo espiritual obedece disciplinadamente à lei do amor e ninguém é desamparado quando retorna à espiritualidade. Todos os que chegam são resguardados dos fatos “terráqueos”, principalmente dos referentes às lamentações e ao desespero dos que ficam. É muito errado dizer a quem deseja chorar que se cale. Um coração repleto de amor e saudade jamais fará mal algum a quem partiu”.

No livro da Companhia do Amor (2003), recomenda-se:

“Para aquele que vai na morte, deve haver a luz da família que ama para guiá-lo nos caminhos além da vida. Para aqueles que ficam na vida física, deve haver a lembrança sadia daquele que amavam, para guiá-los com amor na vida que passa e para fortalecê-los no carinho aos que ficaram, pois um dia, estes também irão partir, e esperarão carinho igual no caminho que chamam além da vida...”.

Se os pais e mães que perderam os filhos buscassem compreender melhor essas mensagens, sofreriam bem menos (e seus filhos também).

O livro “Viajaram mais cedo” de Chico Xavier e autores diversos (2010) contém 13 histórias de crianças e jovens que desencarnaram por doenças ou por acidentes. Suas páginas trazem lindas mensagens psicografadas para confortar os familiares. Lendo esta e outras obras, podemos compreender melhor que nada acontece por acaso, tudo segue a lei da causa e do efeito, ação e reação. E normalmente os pais têm algo precioso a resgatar nessas ocasiões.

9.2 Velórios de pessoas mais espiritualizadas

Em ocasiões nas quais os familiares e amigos do falecido (e o próprio falecido) são mais espiritualizados, independente da religião que façam parte, o padrão vibratório é diferente, para melhor.

Há dor da despedida, há tristeza nos olhos e no coração, porém há junto a certeza de que a separação é temporária, pois voltarão a se reencontrar em sonhos, isto é, durante as projeções astrais ou experiências fora do corpo. Voltarão a se reencontrar na vida espiritual, como mostraremos nos capítulos seguintes.

Pessoas que buscam vivenciar com sinceridade o que aprendem em cursos, palestras e livros sobre espiritualidade tendem a sofrer menos nos velórios. Por terem uma visão mais

aberta, amorosa e holística sobre um deus amoroso estão livres dos dogmas de pecado – pecador – inferno – céu. Porque procuram desenvolver a humildade em vez orgulho, o que ajuda a evitar brigas e desavenças em família. Porque carregar quilos de culpa ou mágoa no coração prejudica muito mais a si mesmo do que aos outros. Por estarem dispostas a fazer o bem, ser útil a alguém.

Quanto maior for a vontade da pessoa em se ligar com o Deus de Amor e Luz, maior será seu grau de esclarecimento, discernimento, de desprendimento. Maior será a sensação de paz no coração.

Estivemos no velório de um senhor que faleceu de câncer depois de muitas cirurgias, sessões de quimioterapia, idas e vindas ao hospital. Ele foi pai de uma amiga, que tem um grande coração, além de ser muito dedicada aos estudos e trabalhos espirituais.

Encontramos um ambiente de muita harmonia. Havia aceitação e não revolta. Havia semblante de satisfação no rosto de minha amiga pelo dever cumprido. E havia um aparelho de som tocando músicas suaves em volume baixo. Que velório bom!

Outra ocasião estivemos no velório da mãe de um casal de amigos, estudiosos trabalhadores da umbanda. Meia hora antes de fechar o caixão, meu amigo me pediu para fazer uma prece. Conduzi uma oração simples e amorosa por ela e por nós. Depois convidei a todos a ficarem em silêncio, rezando cada um a seu modo.

Pouco tempo depois, alguém respirou de forma diferente e “deu passagem” a um espírito amigo da família, que agradeceu as preces e disse que ela estava bem e carinhosamente amparada. Disse outras palavras que trouxeram conforto e consolo para a família.

Quem estava acostumado com manifestações da espiritualidade, serenamente sorriu feliz. Mas ... quem nunca viu algo assim, ao vivo e a cores, estava pálido e de boca entreaberta, tamanho o susto que levou por se deparar com algo tão repentino e inesperado, ainda mais por estarmos em um cemitério! Pois é! Isso prova que nunca estamos sós!

Velório é uma boa oportunidade para se fazer o bem! Se desejarmos ajudar a quem partiu e a quem ficou, inclusive a nós mesmos, procuremos um cantinho para poder orar em silêncio, ler uma mensagem bonita, fazer preces cantadas, entoar mantras (palavras de poder como Om Mani Padme Hum ou Deus é Paz, Deus é Amor, Deus é Luz), harmonizar o ambiente e mandar boas energias para quem mais precisar.

Antes de querer confortar alguém, é necessário saber calar e saber ouvir, muito mais do que querer falar. É preciso buscar compreender e respeitar o que se passa no mundo do outro, sem julgar e criticar. Observemos se a pessoa enlutada está aberta a conversar. Se não estiver, não nos sintamos menosprezados. Pode ser que o silêncio da nossa prece, o calor da nossa companhia, o carinho transmitido pelas nossas mãos às mãos dela tenham maior valor.

9.3 E com que roupa eu vou?

Certa vez, no Rio de Janeiro dos anos 1930, o cantor Francisco Alves foi até a casa de Noel Rosa buscá-lo para fazerem um show. Era um dia quente de verão e Noel vestia um longo casaco, porque suas roupas não estavam limpas e passadas. Depois de muita

.....

discussão, foram assim mesmo e ele fez aquela canção que diz “com que roupa eu vou para o samba que você me convidou”. E acabou virando uma frase popular.

Então! Com que roupa as pessoas vão ao velório? Há quem vá direto do trabalho, de uma viagem, da academia ou do clube. Mas há pessoas que aproveitam a ocasião para fazer desfile de moda, para mostrar que emagreceu ou para mostrar sua nova tatuagem.

Normalmente o preto é a cor predominante em países católicos. Seria moda ou tradição? Ou será porque o “pretinho básico” combina com tudo? Por que deixa a pessoa mais magra? A cor preta absorve luz e nestas horas de luto, precisamos de luz e de cores claras como branco, rosa, azul, amarelo, verde ou lilás.

Se pudermos escolher que roupa ir, dar preferência para trajes discretos, evitando uso de muitos acessórios (brincos, pulseiras) que ficam caindo ou “enroscando” nos outros. Vale lembrar o ditado popular: “tudo me é permitido, mas nem tudo me convém”!

E, vale lembrar que ficar observando e fazendo comentários paralelos sobre a roupa do fulano ou da fulana desarmoniza o ambiente. Seria bom se aprendêssemos a olhar mais para dentro de nós mesmos nessas horas do que para os outros.

Ao chegar em casa, separe logo a roupa que usou para ser lavada, de preferência separada das demais roupas sujas da semana. Afinal você voltou de um cemitério, lugar onde há muitos germes e sujeiras invisíveis. Em seguida, recomenda-se tomar um bom banho limpando tanto o corpo físico como o espiritual.

10 Sobre Cremação

Levar o corpo do falecido para ser cremado é uma tradição milenar nas tradições culturais dos funerais tibetanos, hindus e budistas, simboliza a purificação pelo fogo e ocorre até o presente. Depois de preparar o corpo, envolvendo-o com panos embebidos em óleos de essências vegetais, ele é colocado sobre uma prancha e abaixo está a lenha que alimentará a fogueira, a pira funerária, conforme consta do livro *Tibetano dos Mortos* (págs. 18/19, 1960).

Na Índia, as cinzas (e muitas vezes o corpo não totalmente carbonizado) são lançadas no Rio Ganges, considerado como sagrado pelos hindus, para que sua alma possa se encontrar com os deuses.

No Brasil, mais particularmente em São Paulo, a opção da família em levar o corpo do falecido para ser cremado em vez de ser enterrado está ficando cada vez mais comum. Considerando que as cerimônias não ocorrem às margens do Rio Tietê. Tudo deve ser feito dentro das regras de saúde e vigilância sanitária nos crematórios oficiais.

A meu ver, as vantagens são muitas: não é necessário gastar dinheiro comprando terras no cemitério, fazendo plaquinhas de bronze e cuidando da manutenção dos túmulos. Não precisa ficar preocupado se o túmulo será saqueado por vândalos, nem com a limpeza da floreira para evitar proliferação do mosquito da dengue. E, como o cadáver não estará enterrado, não haverá contaminação do solo e subsolo nem das águas subterrâneas pelo líquido que liberado neste processo de decomposição.

Muitos perguntam se o falecido sofrerá ao ser cremado? Não, não sofrerá, porque o corpo espiritual já foi desligado do corpo material, afirmam Chico Xavier no livro “Pinga Fogo” (2010) e Richard Simoneti no livro “Quem tem medo da morte” (1994).

A cremação só é permitida mediante atestado de óbito e deve ter consentimento de um membro da família, caso o falecido não tenha deixado por escrito. Vale esclarecer que, o corpo não é cremado no mesmo dia. Ele ficará refrigerado. Há regras que devem ser seguidas como a retirada de marca-passos, peças metálicas e próteses, os quais podem danificar o forno.

A cerimônia de despedida no Crematório de Vila Alpina em São Paulo – SP é simples e bonita. Em uma pequena capela, em formato circular, os familiares e amigos se sentam. No centro, há um dispositivo mecânico que traz o caixão para cima, para que todos possam vê-lo. Normalmente fica fechado. As músicas previamente escolhidas por um ente querido tocam ao fundo. Esse momento é convidativo para preces e despedidas. Cerca de 20 minutos depois, o caixão é baixado e a cerimônia termina.

Após uma semana, aproximadamente, conforme orientação da administração do crematório, um familiar poderá retirar as cinzas que estarão colocadas em uma caixinha ou um vasilhinho, conforme previamente acertado. Caso contrário, encarregados do crematório as espalharão pelo belo jardim que há ao lado do estacionamento.

11 Orações, missas e cerimônias

Preces e/ou mantras e canções edificantes são igualmente benéficas para ajudar na passagem da pessoa que faleceu, no desprendimento da vida material e dos laços familiares.

Cerimônias afins são importantes para o enfrentamento do luto e ocorrem há milênios, em várias partes do mundo, desde antes de Cristo. Os rituais variam conforme os costumes e tradições mantidos pelos familiares e podem ser de grande ajuda nesse período de adaptação e de saudade que se segue.

Há quem considere as missas de sétimo e de trinta dias, como algo que só serve para trazer dor e sofrimento aos familiares que estavam começando a se conformar com o acontecido. Vamos ver por outro lado?

Observe pelo lado espiritual. Como será que “o falecido/a falecida” estarão se sentindo uma semana e trinta dias após ter partido? Estará em um bom lugar? Estarão adaptados a viver como um espírito desencarnado? Estarão sentindo falta dos seus entes queridos, da sua cama, do seu café da manhã, de ler seu correio eletrônico? Dos seus CDs e etc.? Provavelmente sim!

No budismo, desde séculos antes de Cristo, este período de adaptação no plano espiritual já era levado em consideração. No “Livro Tibetano dos Mortos” (1960) ou no título original *Bardo Thödol*, lemos que depois que a pessoa parte deste mundo, ela passa um período no Bardo, “simbolicamente” descrito como um estado intermediário de 49 dias de duração, entre a morte e o renascimento ou reencarnação.

A maioria das pessoas que desencarna não se desliga da vida material e dos seus afetos (ou desafetos) com facilidade. Por isso é importante mandar bons fluidos para quem

partiu e para quem ficou. Não somente nestes sete primeiros dias, como também nos seguintes. Seja na igreja católica, no templo budista, no templo evangélico, na casa espírita ou mesmo na sua própria casa, o importante é mandar boas energias do seu coração. Inclusive ler bons textos que possam esclarecer e amparar ambos.

Independentemente de questionar a missa em si, ou de questionar o que o padre, o pastor, o monge, ou orador fala nessas horas, esta cerimônia não deixa de ser uma oportunidade para uma oração coletiva, para quem não está acostumado a orar. Entre uma leitura e outra dos textos sagrados, entre uma canção e outra, ou entre um mantra e outro, sempre haverá uma mensagem que servirá para nosso consolo, e para nosso crescimento espiritual e beneficiará não só nossos entes queridos como também a quem mais precise.

Se você está passando por esta fase de luto, não feche as portas do seu coração! Não deixe a amargura e a revolta tomar conta dos seus pensamentos. Elabore a cerimônia ou o ritual que mais lhe agrade.

Não se importe com aqueles que vão às missas apenas para fazer uma “média social” e “marcar presença”. Sabemos que tem gente que vai com boas intenções, mas, chegando lá na igreja, fica olhando as pinturas do teto, as imagens dos santos! Fica atento a quem veio, com quem veio e como está vestido. Não presta atenção nas palavras do sacerdote, muitas das quais poderiam lhe ser muito úteis. Cada qual a seu tempo!

O que importa mesmo é cuidar de você e de quem estiver ao seu redor, isto é, se estiverem abertos a aceitar ajuda para enfrentar o luto. Busque aprender mais a respeito da vida além da vida. Busque ajuda de um psicoterapeuta se desejar.

E quando chegar o dia de finados, não traga de volta pensamentos de dor, naquela triste peregrinação pelo cemitério lotado. Lembre-se que ali há somente matéria em decomposição. Sim, são os ossos dos seus entes queridos! Mas a alma que animou esse corpo está em outro lugar.

O dia dos mortos é celebrado desde muitos anos antes de Cristo e esta tradição foi trazida pelos colonizadores para a América. Não deveria ser um dia de tristeza! Deveria ser de alegria, pois aquela pessoa se libertou da vida material.

Quando estive na cidade peruana de Cusco, fiquei sabendo que quando chega o dia de finados, descendentes de famílias indígenas das montanhas, que falam o idioma *quechua*, se reúnem para preparar a comida que o falecido mais gostava e fazem um brinde em sua homenagem. Relembrem melhores momentos e cantam as canções favoritas dele.

No cemitério levam flores, doces, presentes em miniatura (carrinho, por exemplo) e cantam, fazendo uma alegre festa. Eles criaram uma maneira diferente de conciliar os rituais ensinados pelos seus ancestrais com os transmitidos pelo catolicismo.

Uma amiga muito querida, descendente de japoneses da Ilha de Okinawa, comentou sobre os rituais que sua família estava realizando por ocasião da passagem do seu sogro, o culto aos antepassados ou *sozen suhai*. No velório, é colocada uma pequena tábua de madeira branca denominada *shiroihai* ou “tablita branca” com o nome do falecido, ao lado esquerdo do corpo, junto com um pote de areia ou *kooro*, no qual os parentes acendem incensos.

Terminada a cerimônia do enterro no cemitério, o *shiroihai* é levado para a casa do falecido, ficando exposto no altar da família na sala, junto com algumas das suas roupas. Espelhos e quadros são cobertos com panos brancos. Incensos são permanentemente acesos, dando início a um ritual religioso que durará por 49 dias.

Familiares mais próximos se revezam na ajuda dos preparativos levando alimentos para viúva ou viúvo, filhos e pais. As refeições do dia (café da manhã, almoço e jantar) são ofertadas para a pessoa que faleceu. O intuito é “encher a casa de energias positivas”.

As orações ou missas começam a ser realizadas no sétimo dia e continuam por sete semanas seguidas. Eles consideram que, neste período, o espírito do ente querido estará realizando sua passagem para o Mundo Espiritual, amparado pela energia amorosa que envolveu a sua casa, com a presença e as vibrações dos familiares e amigos.

No 49º dia, é comum a família chamar o sacerdote/sacerdotisa “*yuta*” que fará o ritual de emancipação espiritual. Nesta ocasião, as oferendas são recolhidas. O *shiroihai* é queimado e suas cinzas são colocadas no *kooro*. Um novo *lhai* (“*tablita*”) com nome do falecido é feito na cor vermelha ou preta com letras douradas e este será permanente.

Eles consideram que as entidades (espíritos dos ancestrais) acolheram, por fim, o espírito do falecido e o encaminhou para o Mundo Espiritual. Também, nesta ocasião, pode ser possível falar com os espíritos ascendentes por meio do ou da *yuta*, visando trazer conforto aos familiares.

Depois dos 49 dias serão realizadas cerimônias de um ano, de três – sete, treze e vinte e cinco anos em sua memória. A última ocorrerá após 33 anos, quando consideram que o ciclo de vida se fechou completamente. Para saber mais consulte: <http://okinawaspirtual.blogspot.com.br/2011/04/o-culto-aos-antepassados-no-sistema-de.html> e: www.uchina.com.br/noticia.asp?id=397

12 Uma mensagem de amor

Havia um marido que ia sempre ao cemitério levar flores e chorar pela esposa que partiu deixando-o com filhos pequenos para cuidar. Certa vez ela apareceu para ele demonstrando que continuava viva. Quem descreve é o poeta Marcos, da Companhia do Amor: a turma dos poetas em flor, psicografia de Wagner Borges (2003). Vejamos alguns trechos:

... “ Querido, estou mais viva do que antes e continuo admirando aquela canção. Sou centelha viva do divino, que morte poderia me aniquilar? No túmulo jaz uma ilusão, no céu eu continuo minha canção de vida e de progresso. Que morte poderia me impedir de cantar um amor imortal?

... Durante o sono de seu corpo, quando você se desprende da Terra e voa espiritualmente, nós nos encontramos. Pena que você não se lembra quando retorna. Mas, tudo bem, pois sei que no universo é questão de sintonia e meu calor viaja dentro do seu coração. Não fique no cemitério, não estou nele!

Apenas relaxe na hora de deitar e agradeça a Deus por tudo. Pense em mim não com a dor da saudade, mas com o calor do amor que ajuda a viver e a sempre aprender aquilo que for necessário. Eleve os pensamentos com humildade e expanda os sentimentos na luz do

.....

coração. ... Faça isso com muita paciência e lembre-se que há presenças espirituais benfeitoras que ajudam invisivelmente aos homens que sintonizam a luz espiritual com motivações virtuosas.

... Fique bem pelos nossos filhos. Eles precisam de sua presença forte e do seu calor. Faça sua parte no mundo dos homens e eu farei a minha parte no mundo espiritual. ... Querido, viva e seja feliz! Ajude os meninos a crescerem. ... Venha me ver fora do corpo. Vamos aprender e viajar juntos com os caravaneiros espirituais que ajudam a humanidade invisivelmente... vamos agradecer a Deus por tudo!" ...

Então o esposo se levantou, deixou o cemitério (onde ela não estava) e foi para casa pensando nos meninos ("onde seu amor se encontrava").

Sabemos que esse encontro parece conto de fadas, mas não é. Ele pode ser mais real do que imaginamos. Muitos perguntam por que seus entes queridos não aparecem para eles? Porque precisamos deixar de ser tão materialistas e egoístas. Talvez porque ainda não aprendemos a amar altruisticamente. "Amar sem mentir nem sofrer" como diria o poetinha Vinicius de Moraes.

A vontade de reencontrar entes queridos já não seria uma boa oportunidade para querer aprender mais sobre a vida espiritual? Sobre o amor incondicional?

III Passagens de pessoas famosas e de ilustres desconhecidos

Jesus ensinava por meio de parábolas, contando histórias e fazendo comparações para que as pessoas pudessem melhor compreender o que queria dizer.

Seguindo seu exemplo vamos contar como foi a passagem e o destino espiritual de doze pessoas. Algumas foram famosas como Santos Dumont, John Lennon e Chico Xavier. Outras se tornaram conhecidas depois de terem partido, pelo menos da literatura espírita, a partir do sucesso de vendas de livros psicografados como André Luiz, Luiz Sérgio e Patrícia. E há histórias de ilustres desconhecidos cuja experiência é igualmente muito enriquecedora para o objetivo deste livro.

Com base em pesquisa bibliográfica vamos descrever, resumidamente, trechos mais importantes sobre quem foram estas personalidades, como foi a passagem, o tipo de tratamento que receberam e, conforme o caso, saber quem foram e o que fizeram em outras vidas. Contaremos o que encontraram por lá e como foi a adaptação à vida espiritual. Será que sentiram fome, sede, sono? O que comiam? Onde foram morar? O que faziam para passar o tempo? Foram julgadas pelos seus atos passados em algum tribunal?

1 André Luiz: de médico a escritor

Em 1944, foi publicado o livro "Nosso Lar", escrito pelo espírito André Luiz, pelas mãos de Francisco Cândido Xavier. O nome André Luiz não era seu nome verdadeiro, quando viveu no Rio de Janeiro. Resolveu utilizá-lo para que sua identidade não fosse revelada.

Na sua última encarnação foi médico, cientista e pesquisador. Realizou estudos e descobertas importantes na área da saúde pública e de doenças tropicais. Descobriu os transmissores da malária e da doença de Chagas. Tinha uma bonita família e uma boa posição social. Era católico, mas não praticante. Sentiu muito quando a mãe faleceu.

Também era frequentador de bares e casas noturnas, onde tomava bebidas alcoólicas com frequência. Cuidava da saúde dos outros, mas não cuidava bem da sua própria. Desencarnou no hospital. Seus diplomas e títulos profissionais, bem como suas posses, de nada valeram ao chegar do outro lado.

Acordou no umbral, onde vagou por algum tempo, sendo constantemente acusado por vozes desconhecidas de ter cometido suicídio. Ele não entendia o que estava se passando, onde estava e tampouco por que recebia tais acusações. Um dia, cansado de sofrer, com fome e sede, orou com sinceridade pedindo ajuda.

Foi resgatado por samaritanos, trabalhadores dedicados especialmente ao auxílio de pessoas que estão no umbral. Seguiram para o Posto de Socorro Espiritual mais próximo onde teve início sua recuperação na enfermaria. À medida que melhorava recebia esclarecimentos e compreendia o que havia acontecido.

Quando estava mais fortalecido, desejou aprender e ser útil. Foi transferido para a Colônia Espiritual Nosso Lar, situada nas imediações do Rio de Janeiro, onde teve um encontro emocionante com sua mãe. Percebeu que ela era uma pessoa muito respeitada. Soube que foi graças às orações dela que pôde ser socorrido e não passou por momentos ainda piores no umbral. Reencontrou familiares e amigos e foi morar junto com eles.

Ficou muito encantado com toda organização do mundo espiritual, com os trabalhos que eram desenvolvidos na área da cura principalmente. Logo passou a fazer cursos e a frequentar as bibliotecas. Sua força de vontade e determinação foi reconhecida pelos espíritos superiores, a quem manifestou o desejo de transmitir seus conhecimentos às pessoas que viviam no mundo terreno.

Resumidamente, foi assim que começou o trabalho de parceria de André Luiz e Francisco Cândido Xavier, com “supervisão” de Emmanuel e de outros seres iluminados. Juntos escreveram centenas de livros que circulam pelo Brasil e por outros países. Alguns foram adaptados ao teatro e ao cinema.

O conteúdo destas obras, inspiradas pelos instrutores maiores, levaram esclarecimento e conforto a muitas pessoas que perderam seus entes queridos e também ajudaram a mostrar uma luz no fim do túnel para quem acreditava que o fim da vida terminava na sepultura.

Apenas por curiosidade, dizem as “focofocas astrais” que André Luiz foi o médico Carlos Chagas (1879–1934) e Emmanuel foi o Padre Jesuíta Manuel da Nóbrega (1517–1570), em uma das suas encarnações, chefe da primeira missão que chegou ao Brasil. E que Emmanuel reencarnou em uma cidade do interior de São Paulo.

O livro “Nosso Lar” transformou-se em belo filme brasileiro, dirigido por Wagner de Assis, lançado em 2010, tendo no elenco atores como Othon Bastos, Paulo Goulart, Ana Rosa, Isaura Garcia e André Luiz entre outros. Vale a pena assistir. As cenas ilustram trabalho dos socorristas, trabalho assistencial durante a guerra, auxílio aos recém-chegados na colônia, estudos, vida em família entre outras passagens importantes da estória. Para saber mais acesse: <http://www.nossolarofilme.com.br/>.

2 Frederico Figner: o criador da indústria de discos

Em 1949, foi publicado o livro “Voltei”, escrito pelo Irmão Jacob, também pelas mãos de Chico Xavier. Trata-se do pseudônimo de Frederico Figner, de origem tcheca e judaica. Depois de passar por várias cidades brasileiras, firmou residência no Rio de Janeiro.

Por ser grande admirador das invenções de Thomas Alva Edison (cientista dos EUA: 1847–1931) como lâmpada elétrica, máquina de escrever e microfone, abriu uma loja chamada “Casa Edison”. Passou a fabricar aparelhos que gravavam vozes de cantores em discos, feitos à base de carnaúba, os quais podiam ser tocados em vitrolas movidas a manivelas.

Abriu o primeiro estúdio de gravação de discos do Brasil, em 1900, no Rio de Janeiro, a Casa Edison. Depois criou a primeira indústria brasileira de discos em São Paulo, a Casa Odeon.

Por ter tido uma vida muito difícil ajudava sempre aos mais necessitados, inclusive artistas. Doou um terreno em Jacarepaguá (RJ), onde foi construída a Instituição Retiro dos Artistas. Paralelamente, o plano espiritual construiu um hospital “acima” para abrigar e tratar os artistas desencarnados.

Figner tornou-se espírita em 1903. Passou a contribuir para as obras sociais de Chico Xavier. Envolveu-se nos trabalhos de assistência espiritual, na divulgação da doutrina por meio de palestras, artigos em jornais e livros.

Quando sua filha Marta faleceu, em 1920, ficou muito abalado. No anseio de buscar informações sobre seu paradeiro, foi com a esposa até Belém do Pará, onde vivia uma médium muito famosa na época, D. Ana Prado. Os relatos das sessões que participaram foram transcritos pela sua esposa no livro *O Trabalho dos Mortos* do Dr. Nogueira de Faria, entre 1921–1922. Observamos então que o desejo e interesse em buscar mensagens dos entes queridos é algo muito antigo.

Faleceu em 1947, com 82 anos, em casa. Estava doente. Seu desligamento foi realizado pela filha Marta e pelo Dr. Bezerra de Menezes entre outros amparadores. Mesmo assim, com ajuda de tão grande escalão, sua passagem foi demorada. Inicialmente percebeu que estava saindo do corpo físico, no seu quarto.

Sentia frio intenso nas extremidades dos membros e lento enrijecimento dos músculos. Seus olhos registravam presença de luzes e também de neblina. Podia sentir “dois corações batendo simultaneamente”, um mais acelerado, o outro mais equilibrado. Ciente de que a hora de partir estava chegando, procurou relaxar e orar. Notou que amigos espirituais lhe aplicavam passes por todo o corpo, com mais intensidade na região do tórax e na cabeça. Sentiu forte pressão no peito e nesse momento escutou uma voz lhe dizendo para não se mexer. Calcula que tenha ficado cerca de duas horas assim.

Ouviu um estalo na cabeça e teve sensação semelhante a um choque elétrico:

“Vi-me diante de tudo o que eu havia sonhado, arquitetado e realizado na vida. Insignificantes ideias que emitira, tanto quanto meus atos mínimos desfilavam absolutamente precisos, ante meus olhos aflitos... Transformara-me o pensamento num filme cinematográfico... a desdobrar-se com espantosa elasticidade...”.

Sensações de medo começaram a surgir. Sentia-se sozinho apesar de todo amparo à sua volta. Sentiu falta de ar e o coração disparou. Desejou orar, mas não con-

seguiu se concentrar. Lembrou-se do livro: A Crise da Morte de Ernesto Bozzano, que narra e analisava o comportamento dos moribundos. Lembrou-se de Jesus e das passagens do evangelho, particularmente quando Ele acalmava os discípulos no meio de uma tempestade. Nesse momento percebeu sua filha envolta em luz, convidando-o a orar o Salmo 23.

A seguir lhe aplicou passes, envolvendo-o em vibrações amorosas, por quase uma hora. Pouco a pouco se sentiu mais calmo e começou a respirar melhor. Observou que havia um fio prateado ligando seus dois corpos, na região da cabeça. Ficou perturbado: “não sabia se eu seria o cadáver ou se o cadáver seria eu”.

A filha pediu para não pensar nisso e que elevasse os pensamentos a Deus. Percebeu um clarão de luzes coloridas a sua frente. Era o Dr. Bezerra que chegava. Com toda gentileza, ele explicou algo interessante sobre as forças que estavam retardando seu processo de desligamento, as quais chamou de “fluidos gravitantes”.

Trata-se de radiações magnéticas ou “elos de ligação” que criamos com objetos pesoados, dando-lhes grande significado sentimental, incluindo projetos de trabalho. Cabe somente a nós trabalhar a mente, permitindo o desapego e a libertação.

Nova sessão de passes se seguiu, agora pelas mãos de Dr. Bezerra. Foi levado para uma praia, no Rio de Janeiro, para refazer suas energias diante das ondas do mar. Lá estavam outras pessoas em situação semelhante. Adormeceu. Acordando mais fortalecido, percebeu que ainda vestia pijamas. Sentiu vergonha de estar nesses trajes. Seus amigos entenderam e trouxeram suas roupas sociais de costume.

Desejou assistir seu próprio funeral, o qual foi presenciado por pessoas importantes do meio artístico, político, social e espírita, além daqueles há quem muito ajudou. Sentiu uma força muito grande atraindo-o para seu lar, tal como um ímã, ao mesmo tempo em que sentia outra força impedindo-o de seguir em frente.

Dr. Bezerra esclareceu que as pessoas presentes no velório emanavam energias distintas e contraditórias, conforme a visão que tinham da morte. Além do mais, seus entes queridos sofriam muito com sua partida. Considerando as condições de fraqueza em que se encontrava, recebeu orientação para não se aproximar de casa e de seus familiares. Se insistisse teria choques extremamente desagradáveis que adiariam ainda mais seu desligamento final e sua recuperação.

Compreendendo, concordou e ficou observando o diversificado comportamento das pessoas em seu velório. De repente sentiu um novo choque, mais forte, e quase caiu para trás. O desligamento fora encerrado, finalmente. Dr. Bezerra esclareceu que o processo de desligamento é mais lento para algumas pessoas do que para outras. Isso depende “em grande parte, da vida mental e dos ideais a que se liga o homem (e a mulher) na experiência terrestre”.

Ele havia se comprometido a dar notícias sobre sua passagem e tudo mais que lhe fosse possível contar aos amigos espíritas, o mais breve possível. Ansiava por isso, mas só teve permissão um ano depois, apesar de insistentes solicitações aos seus mentores. Primeiro passou pelo processo de adaptação à vida espiritual, de aprimoramento e aprendizado.

Ficaram um pouco mais no velório e saíram lembrando-se da frase de Jesus, quando disse para deixar aos mortos o cuidado de enterrar os mortos. Voltaram para a praia,

.....

onde havia um grupo grande de pessoas recém-desencarnadas esperando para seguir em caravana, dirigida por D. Bezerra, até o Posto de Socorro.

Antes de partir, Dr. Bezerra alertou a todos sobre a importância de manter pensamentos elevados na luz, para não caírem na sintonia (armadilhas) das vibrações das sombras. O grupo partiu sobre o oceano, tal como “peixes humanos no mar aéreo”. Em pouco tempo registraram a presença de seres com formas estranhas e de ruídos desagradáveis. Eram emanações provenientes das zonas habitadas por espíritos perturbados.

Estavam quase se aproximando de uma bela ponte iluminada, a qual daria acesso ao local de destino, quando Dr. Bezerra parou o grupo e reforçou o alerta sobre o “orai e vigiai”, explicando que o acesso à ponte estava sendo vigiado por espíritos das sombras.

Irmão Jacob conta que a simples visão da ponte, que daria passagem para um novo mundo, despertou nele sentimentos confusos sobre seu merecimento em poder passar por ela ou não, sabedor que era de suas dívidas. Simultaneamente, outro homem teve uma crise emocional. Chorando, gritava não ser digno de passar devido aos seus graves erros.

Então que os ataques começaram, aproveitando o desequilíbrio emocional de alguns. Eles gritavam ofensas acusando-os de pecadores e faziam ameaças de que seriam levados para onde mereciam. Isso os deixou mais assustados. Dr. Bezerra pediu a Jacob para ajudar a elevar o padrão vibratório do grupo. Ele recitou o Salmo 23 e oraram juntos.

Enquanto isso, Dr. Bezerra envolveu o rapaz que estava em pânico em palavras carinhosas, lembrando-o que apesar dos seus graves erros do passado, ele havia desenvolvido nobres qualidades, as quais minimizavam suas faltas. Acalmados os ânimos, passada a turbulência e o susto, chegaram a salvo na colônia.

A caravana foi recebida com carinho e alegria por amigos e familiares. Jacob seguiu com sua filha para onde morava com outra pessoa da família. Na frente da casa de Marta havia um lindo jardim colorido, um belo piano de cauda na sala, quartos e sala de leitura. Ele adormeceu e sonhou recordando momentos importantes da sua vida, desde a infância difícil. Viu-se abraçando seus pais, lembrou-se de suas viagens até chegar ao Rio de Janeiro, mas também se lembrou de ter passado por lugares desconhecidos. Acordou sem saber se havia realmente morrido ou sonhado.

Seu amigo Andrade explicou que depois da passagem, a pessoa que ainda está demasiadamente ligada aos “interesses humanos”, apresenta necessidade de mergulhar no seu inconsciente. Isso ajuda a libertar-se da matéria grosseira para poder sintonizar-se com as “esferas divinizadas”.

Com o passar das semanas foi se fortalecendo. Saiu para conhecer a colônia onde estava morando e o lugar onde Marta trabalhava com crianças. Reencontrou amigos com quem conviveu na Federação Espírita, começou a fazer cursos e viajou em excursões de estudos e de assistências para o Rio de Janeiro. Fez uma viagem pelo astral até os EUA, para encontrar Thomas Edison, que continua envolvido em novas descobertas científicas, com mais enfoque metafísico.

À medida que se desligava da vida terrena e despertava sua luz interior, tornava-se mais fortalecido. Teve então permissão para começar a trabalhar no projeto do primeiro livro, para cumprir sua promessa.

3 Um discípulo da FDJ: do Brasil à Índia

Temos agora o caso de um homem simples, dedicado ao trabalho, à família e à doutrina espírita. Havia cursado a Escola de Aprendizizes do Evangelho em São Paulo (SP), e ingressado na Fraternidade dos Discípulos de Jesus (FDJ), seguindo as diretrizes da Aliança Espírita Evangélica, fundada por Edgard Armond em 1950.

Nas horas livres dedicava-se a trabalhos de caridade, até que adoeceu gravemente. Nos seus últimos dias, pressentindo seu desenlace, prometia a si mesmo prosseguir nos mesmos esforços, estudando e servindo a Jesus. Faleceu em 1957 em um hospital. Sua estória consta do livro "As Margens do Rio Sagrado" escrito por Edgard Armond (1979).

Foi desligado por socorristas vestindo túnicas brancas com emblemas azuis em forma de cruz, pertencentes ao Grupo dos Samaritanos. Saiu carregado em uma maca, semiconsciente, e foi levado a um posto de socorro espiritual, para o Departamento de Adaptação.

Percebia o que se passava ao seu redor, como um sonho dentro de um nevoeiro espesso. Reparou que seu corpo espiritual tinha a mesma aparência de antes, inclusive a mesma cicatriz na perna. Com a mudança de ambiente da condição terrena para a espiritual, foi sentindo que estava diferente, mais lúcido, porém um "pouco traumatizado mentalmente com o fenômeno da morte".

Ao chegar a um quarto tranquilo foi colocado em um leito macio, na frente da janela. Ao lado da cama havia mesa de cabeceira e um vaso de flores desconhecidas aqui na Terra, das quais fluía muita ternura. Adormeceu por tempo indeterminado. Acordou e se sentou na cama, procurando relembrar os últimos fatos vivenciados. Queria saber onde estava.

Em instantes sentiu a projeção de fluidos. Era um amparador deste departamento, com a função de ajudar na recuperação dos recém-chegados. Ele havia lido sua ficha e sabia qual tratamento era o mais indicado. Conversaram por alguns instantes, respondendo algumas perguntas básicas.

Depois estava na hora de novo tratamento magnético de revitalização. Adormeceu e ao acordar sentiu-se mais fortalecido e revigorado. Essa sequência continuou por mais alguns dias e logo começava a fazer suas primeiras caminhadas, explorando o novo local onde se encontrava e fazendo novas amizades.

Observou que a fisionomia das pessoas aparentava semblantes felizes e serenos, predominando um ambiente de paz e de amor. Nos seus passeios noturnos, acompanhado pelos novos amigos, surpreendeu-se com o céu estrelado, do qual se destacava a constelação do Cruzeiro do Sul. Firmino, um novo amigo, explicou que seu período de inconsciência e adaptação foi abreviado pelo fato de ter frequentado a escola de iniciação espiritual.

Sentindo-se apto para circular pela colônia, visitou e foi visitado por parentes e amigos. Descobriu que nem todos os membros da mesma família se reencontravam no mundo espiritual. Recebeu a explicação que isto se deve à sintonia vibratória de cada um. Mesmo que haja amor entre duas pessoas, se elas não compartilham da mesma sintonia, não poderão viver juntas. Isso só ocorre na Terra, onde os fatores materiais e cármicos predominam.

Um dia ele e Firmino foram ao Departamento da Administração Geral, onde são encaminhados todos que já estão despertos do sono reparador, para saber qual tipo de trabalho lhes esperava.

Curiosa é a escada sonora que existe neste Departamento. O material da escada é sensível à tonalidade vibratória de quem com ela faz contato. A vibração individual é transmitida a sensores que incidem sobre lâminas acústicas colocadas no seu interior e os sons saem por aberturas circulares na face vertical. Isto ajuda a classificar as pessoas por meio do som que emitem ao subir os degraus. O som que vinha dos passos de Firmino era forte e harmonioso, o dele era fraco, semelhante a um chiado.

Depois de conversar com o diretor deste departamento, foi encaminhado ao departamento de Triagem e Curas, onde faria estágio de adaptação social por 90 dias. Findando este período, deveria seguir para o Departamento de Integração, o mais movimentado da Colônia, onde são realizadas atividades diversas como acolher doentes recém chegados. Deveria cuidar deles quanto à higienização, alimentação e manter o ambiente sempre purificado.

Terminado o período dedicado a esta atividade, foi convidado para uma viagem de estudos e trabalhos em uma Colônia Espiritual na Índia, situada sobre a confluência dos rios Djumna e Ganges, uma das mais antigas da Terra. Neste lugar encantador, ele pôde aprender sobre culturas e filosofias diferentes do mundo cristão no qual cresceu.

Ficou encantado com os belos templos que existem na parte física e espiritual da Índia. Admirou-se com a devoção dos indianos aos seus deuses Krishna, Vishna, Shiva e deusas como Maya e Lakshimie. Surpreendeu-se com a fé nos banhos purificadores realizados pelas multidões no sagrado Rio Ganges, com o costume de cremar os mortos e jogá-los nesse mesmo rio para serem levados de volta ao criador.

Sua tarefa era aprender a cuidar de enfermos que apresentavam casos diferenciados como vestígios de doenças físicas e mentais, agressividades e problemas com vícios. Foi guiado por um dos representantes da Fraternidade da Grande Corrente Hindu, que vem colaborando com o desenvolvimento dos conhecimentos espirituais no Brasil.

Cabe comentar que há vários grupos de mestres e mestras de antigas culturas orientais e ocidentais, que se dedicam ao crescimento espiritual do Brasil como: essênios, hindus, budistas, taoístas, egípcios, árabes, franciscanos, xamãs, celtas entre outros.

Estas informações constam dos livros "Instituto de Confraternização Universal" escrito por Dona Martinha, e "Transição Planetária", psicografia de Divaldo. Também dos diversos livros escritos pelo Prof. Wagner Borges, do IPPB – Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bionergéticas e por Carmen Ballesterio da Fraternidade Pax Universal, ambos de São Paulo.

4 Luís Sergio: o socorrido que virou socorrista e escritor

Luís Sergio era conhecido apenas dos familiares, amigos e colegas de profissão. Anos depois da sua passagem, tornou-se um escritor muito conhecido da doutrina espírita, principalmente entre os jovens. Nasceu no Rio de Janeiro em 17-11-1949 e aos onze anos foi morar em Brasília com os pais. Cursava engenharia eletrônica na Universidade Nacional de Brasília – UNB e trabalhava no Banco do Brasil. Era iniciado na maçonaria e praticamente não tinha conhecimento sobre a espiritualidade.

Era muito querido pelos familiares e amigos. Praticava esportes, tocava violão, gostava de ler, assistir jogos de futebol e corridas de carros. Em janeiro de 1973 viajou para São Paulo com amigos para assistir à primeira corrida de Fórmula 1 no Brasil, no Autódromo de Interlagos. Na viagem de volta para Brasília sofreram grave acidente na estrada e ele faleceu.

Curiosamente, um ano antes, houve um encontro de família no qual teve oportunidade de conhecer sua prima que morava em São Bernardo do Campo (SP), trabalhadora espírita, dedicada aos estudos e trabalhos assistenciais.

Em função do acidente fatal, os familiares tornaram-se mais unidos. As orações ajudavam a superar os momentos difíceis e o conhecimento da doutrina ajudava a trazer compreensão e minimizar a dor dos pais. Como resultado, Luís Sérgio foi favorecido, pois recebia as vibrações amorosas dos entes queridos.

No livro “O mundo que eu encontrei” (1976), publicado três anos após o acidente, o primeiro de mais de 20 livros, ele conta o que encontrou quando fez a passagem, como foi sua adaptação e aprendizado até ser iniciado na psicografia com sua prima.

Quando aconteceu o acidente na estrada, não achava que havia morrido. Ele foi rapidamente desligado do corpo físico por socorristas e levado com outras pessoas recém-desencarnadas naquele período, em uma caravana até um hospital, no Mundo Espiritual:

“Quando desencarnei, não pensei em nada além ou diferente da ideia dominante de avisar aos meus pais o que havia acontecido. Depois que desconfeei, perturbei-me um pouco, mas havia tanto o que fazer que não pude parar para pensar. Quando parei, comecei a me sentir atordoado e cambaleante. Pensei em Deus, em Espíritos Protetores e mentalizei um pedido de socorro. Imediatamente me senti amparado por dois irmãos que vieram, não sei de onde, e me conduziram para um justo repouso. Se eu não tivesse rogado a proteção divina, não teria conseguido tão rapidamente o auxílio de que necessitava... Quando se é acudido logo, sofre-se menos”.

Ele explica que foi muito bem tratado e estranhou não precisar receber curativos, nem injeções ou comprimidos. Comenta que o processo de cura ocorreu por meio da ajuda que recebeu para compreender os fatos pelos quais passou. Naquela primeira noite deixaram-no descansar. No dia seguinte, um senhor ou “velhinho” como ele mesmo cita, veio visitá-lo.

Primeiramente pediu para não pensar mais no acidente. Fazendo uma comparação simples, explicou que deveria pensar que havia feito uma viagem para um país distante e que pusesse toda sua energia em conhecer bem a este país, sua gente, modo de vida, sua arte etc.

E assim fez! À medida que se sentia mais fortalecido, saiu para caminhar pelas ruas da colônia onde estava, fez novas amizades, conheceu locais destinados para tratamentos, estudos e lazer. Sua primeira carta aos pais ocorreu quatro meses depois do acidente, por meio da prima. Desejava demonstrar que estava vivo e levar palavras que ajudassem a confortá-los. Outras vieram dando notícias sobre a vida do outro lado.

Seus pais decidiram publicar estas cartas em um jornal do Rio de Janeiro, com a intenção de ajudar a outros pais, que haviam passado por situação semelhante. Percebendo o interesse nas suas cartas, não apenas dos seus familiares e amigos, mas de todos que estavam lendo-as pelo jornal, Luís Sérgio continuou escrevendo, apresentando mais explicações sobre o que tinha visto e aprendido no mundo espiritual. Destacaremos das suas obras, o livro “Na hora do adeus” de 2005 nos próximos capítulos.

Além dos livros, passou a se dedicar a trabalhos assistenciais com jovens envolvidos nas drogas e no alcoolismo tanto no plano espiritual como no plano terreno.

5 Patrícia: além das violetas na janela

Patrícia morava em São Sebastião do Paraíso (MG). Era uma boa filha e gostava de estudar. Seu pai era dirigente de um centro espírita e toda família já tinha ligação com a doutrina espírita e trabalhos assistenciais há muitos anos. Estes depoimentos constam do livro “Violetas na Janela” (1993), psicografado pela irmã da sua mãe, a médium “tia” Vera Lucia Marinzeck de Carvalho. Esta estória foi adaptada ao teatro nos anos 1990.

Faleceu aos 19 anos de idade, por um aneurisma cerebral, em um domingo de manhã. Sentiu tontura e forte dor de cabeça por alguns segundos. Nestes instantes sentiu mãos pairando sobre sua cabeça e uma voz dizendo para relaxar e dormir.

Conta que quando acordou estava em um quarto, que não era o dela, e diante de uma pessoa desconhecida, um senhor que lhe emanava uma energia calma e tranquila. Então perguntou a ele se estava sonhando ou se havia desencarnado. Ele nada disse. Em pouco tempo ela percebeu o que havia acontecido e descreveu o seguinte: “Eu estava tão calma que estranhei. Suspirei. O melhor é assumir”.

Ela se encontrava em um quarto individual, na ala de recuperação do hospital da Colônia São Sebastião – “acima” da cidade onde morava. De acordo com o livro, sua passagem e seu despertar foram tranquilos devido ao mérito conquistado por ela mesma, por ter um bom coração, ter conhecimentos sobre a vida espiritual, por afinidade com bons espíritos e por ter aceitado o que lhe aconteceu sem revolta.

No mesmo dia recebeu visita da avó, que trouxe notícias dos seus entes queridos. Disse que todos estavam bem, sofrendo com sua súbita passagem, como seria de se esperar. Porém, por serem espíritas, e vivenciam o que acreditavam, buscavam compreender e aceitar. Oravam pelo seu bem-estar e pediam a Deus que cuidasse dela.

Patrícia fazia o mesmo, orando pelos seus, buscando aceitar e se adaptar à nova vida. Agradecia a Deus por ter sido levada diretamente para uma Colônia, sem ter passado pelo umbral e por ter sido tão bem acolhida.

Ela ficou no hospital entre 30 e 45 dias, dormindo a maior parte do tempo. A pessoa que lhe acompanhava explicou que era necessário, principalmente nos primeiros 16 dias, para não sentir o sofrimento dos seus entes queridos pela sua partida repentina.

A partir deste período, pôde sair para caminhar pelos jardins do hospital, onde recebeu várias visitas de conhecidos dos seus pais, pessoas que frequentaram e que foram auxiliadas no centro espírita dirigido pelo pai.

Do hospital foi morar na casa da avó. Patrícia conta que ao chegar no seu novo quarto encontrou vários vasos floridos de violetas no beiral da janela. Sua mãe tinha as mesmas flores enfeitando os vitrôs da cozinha da casa terrena. Com seu carinho maternal, ela mentalizava estes vasos e os replicava usando o poder do seu pensamento e vontade para que pudessem estar junto da filha.

Leiam a explicação que recebeu da avó:

“Sua mãe muito lhe ama e tem muitas saudades. Saudade esta que é um amor não satisfeito pela sua ausência. Ela emana continuamente este amor e saudade por você. Ela não desejava ou esperava sua partida. Está se esforçando para não prejudicá-la, assim ela canaliza seu carinho e oferta flores a você. É uma maneira que ela encontrou para demonstrar seu amor... Com nossa pequena ajuda, estes fluidos (força do pensamento) foram e são condensados e aí estão, estas maravilhosas violetas”.

Patrícia se aproximou das flores e pôde sentir o carinho da sua mãe a lhe dizer que desejava que fosse feliz, que vivesse com alegria, sem desanimar. Esse gesto ajudou-a se fortalecer e a se sentir protegida e amparada pelos seus familiares. Ela retribuiu.

Nas semanas seguintes, continuou recebendo visitas de amigos, parentes e pessoas que foram auxiliadas pelos trabalhos assistenciais da Casa Espírita que seu pai dirigia. Com ajuda e orientação de seus mentores e amigos, podia receber e mandar bilhetes para seus familiares em Minas Gerais, por meio da tia Vera. O teor das mensagens era sempre de carinho, desejos que todos estivessem bem, com Deus no coração.

No entanto, espíritos das sombras, que se divertem em pregar peças e atormentar as pessoas, principalmente aquelas dedicadas aos trabalhos da luz divina, estavam atormentando a mãe da Patrícia, induzindo-a a pensar que ela sofria vagando no umbral. Como mãe, preocupava-se muito com essa possibilidade e deixava-se entristecer. Vendo o que se passava, Patrícia orou fervorosamente pelo obsessor e ele foi embora. Depois aproximou-se da genitora dizendo palavras carinhosas para que tivesse a certeza de que estava bem.

O amigo que acompanhava Patrícia explicou que “onde há luz, as trevas tentam apagar”, daí a importância do “Orai e Vigiai” para não cairmos em tentações. As dificuldades, não devem ser vistas como castigos, mas como situações que “nos põem à prova”. Quando vencidas, trazem o sabor da vitória. Quando se deixa derrotar, vem o sabor da amargura.

Lembrou que sua família, por vivenciar o espiritismo cristão há muitos anos, tem conhecimentos e recursos para se defender destes assédios, não dando atenção a pensamentos negativos, depressivos, fortalecendo-se tanto na oração como nas leituras edificantes.

Patrícia seguiu seu caminho no plano espiritual, estudando, fazendo cursos, aprendendo a servir e fazendo novas amizades. Por várias vezes foi visitar seus pais e trocar mensagens com eles por meio da Tia Vera.

Depois de “Violetas na Janela” escreveu “Vivendo no mundo dos espíritos” (1993), no qual conta em detalhes os cursos que fez com aulas teóricas e práticas, incluindo visitas a postos de socorro, hospitais, colônias, reencarnação e desencarnação, entendendo melhor a lei da causa e efeito.

Na sequência escreveu “Na Casa do Escritor” (1993), no qual nos conta como foi seu curso de especialização para se tornar uma escritora, na colônia de mesmo nome, escutando palestras de grandes escritores inclusive de Chico Xavier, que foi para lá levado durante o sono físico.

6 John Lennon: o músico que encontrou a paz

Pelo livro “Paz, afinal” elaborado pelo clariaudiente Jason Leen, dos EUA, podemos conhecer as experiências do músico inglês John Lennon, após sua passagem. Lennon foi

.....

um dos quatro músicos da famosa banda *The Beatles* (1960 a 1970). O livro foi publicado em 1982 nos EUA e em 2000 no Brasil.

Jason Leen já havia trabalhado em outros livros semelhantes como intermediário entre o mundo espiritual e material. Seu primeiro encontro com John ocorreu em 11-12-1980, três noites depois que foi assassinado por um suposto fã. Conta que uma presença angelical aproximou-se dele, na sua casa, convidando-o a participar do projeto de um novo livro. Ele aceitou, sem saber do que ou de quem se tratava. Foi então que percebeu a silhueta de John na sala e demorou a acreditar que seria verdade.

A infância de Lennon foi muito difícil. Nasceu na Inglaterra, durante a II Guerra Mundial, em 09-10-1940, fruto do relacionamento de sua mãe, Júlia, com um oficial militar, que não quis assumir a paternidade. Sem conseguir lidar com essa gravidez inesperada, ela saiu de casa quando ele ainda era criança, deixando-o aos cuidados de seus tios, que cuidaram dele com muito carinho.

John reencontrou-se com sua mãe na adolescência, de quem ganhou a primeira guitarra. Quando o relacionamento entre os dois começava a se fortalecer, ela faleceu repentinamente atropelada. Isso o deixou novamente muito abalado.

Dedicou-se então à música de corpo e alma. Em 1956, Paul Mc Cartney juntou-se à sua banda em Liverpool, depois vieram Ringo Star e George Harrinson. Em 1962, o grupo denominado *The Beatles* começava sua jornada, fazendo muito sucesso internacional. A banda se desfez em 1970. John, recém-casado com Yoko Ono (1969), seguiu sua carreira com ela e juntos fizeram lindas canções e várias manifestações pela paz mundial.

Nos anos de 1960 e 1975, o mundo presenciava a Guerra do Vietnã, no sudeste asiático. Vietnã foi colônia francesa até 1954. Com a saída dos franceses, o país foi dividido em norte e sul. Os comunistas haviam dominado o norte e queriam ocupar também o sul. Os EUA resolveram intervir a partir de 1961 e depois de mais de dez anos de combate, a guerra terminou em 1975, com o saldo de mais de dois milhões e meio de mortos, incluindo civis, e o sul foi dominado pelos comunistas (Enciclopédia Ilustrada do Conhecimento Essencial, 1998).

Era também um período no qual o planeta vivia sobre a ameaça constante de um terrível conflito armado entre os EUA e os comunistas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS.

Divinamente inspirado (mesmo que não tivesse total consciência disso), John costumava dizer que era ótimo acordar de manhã com músicas novas na cabeça. Compôs canções abordando mensagens sobre igualdade, fraternidade, liberdade, paz e amor universal.

Entre estas composições estão: *Give Peace a Chance*, *Imagine*, *All we need is love*, *Starting Over*, *Power to the People* e *Beautiful Boy*, composta especialmente para seu filho Sean, em 1975. Buscando resgatar a importância do espírito de natal, compuseram *Happy Xmas (War is Over)*, que passou a ser muito tocada no mês de dezembro nas rádios de vários países, inclusive no Brasil.

As principais músicas que John Lennon compôs na época que essa guerra insana ocorria, era uma forma de pedir a paz mundial (*Give peace a chance*). Observem que a canção *Happy Xmas* de 1975, é também denominada *The war is over*, ano em que a guerra acabou.

Bem, na noite de 08-12-1980, John e Yoko estavam voltando do estúdio de gravação do álbum *Double Fantasy*. Quando estavam na frente do prédio onde moravam, foi baleado.

No livro, John comenta que dias antes de ter sido baleado, vinha sentindo uma incrível sensação de mudança, sensação que alguma coisa não estava bem, que algo estava errado. Lembra que ao sair do estúdio, naquela noite fria de dezembro, sentia-se incomodado sem saber direito o motivo e pensava muito no filho. Desejou voltar direto pra casa.

Vieram os tiros. Toda sua preocupação voltou-se para Yoko nesse momento. Conta que “foi dominado por uma dor incrível no peito, por ondas de intenso calor e náuseas”. Seu corpo cambaleou para o interior do edifício em busca de segurança até que caiu no chão. Diz ele: “era como se eu caísse por toda a eternidade”.

Desligado do corpo físico, logo se viu de pé e flutuando. Podia ver o desespero de Yoko pedindo por socorro. Disse que tentou se comunicar com ela “para consolá-la de alguma forma.” Por estar em estado de choque, não tinha condições de ouvi-lo. Foi até o porteiro do prédio e intuiu seu pensamento para ajudá-la.

Essa descrição lembra uma cena parecida do filme *Ghost*, exibido em 1990, com Patrick Swayze e Demi Moore nos papéis principais. O rapaz é baleado na rua durante um assalto. Ela se debruça sobre o corpo do seu amado, caído no chão enquanto o ladrão fogia. Mas ele não estava mais no corpo.

Tinha corrido atrás do assaltante sem conseguir alcançá-lo. Quando voltou para sua amada, encontrou-a em prantos. Ele também se desespera tentando dizer que estava lá, mas ela não tinha condições de ouvi-lo nem de percebê-lo.

Voltando para estória de John, no livro ele descreve que sentiu uma força invisível puxando-o para longe daquela situação, mas tudo o que ele queria era ficar perto de Yoko. Por amar muito à sua família e ao seu trabalho, prestes a lançar o álbum *Double Fantasy*, entre outros planos que estavam por fazer, foi muito duro partir assim. Por fim, entendeu o que havia se passado e que não tinha como mudar os fatos.

Sentia toda a proteção que vinha do alto. Sentia a dor da separação repentina, mas optou por não se deixar dominar por essas emoções. Deixou que o desligassem completamente. Em seguida, viu um túnel de luz intensa, cuja descrição já havia lido a respeito. Custava a acreditar que essa cena estava acontecendo.

Seres de grande bondade apareceram diante de John, irradiando luzes coloridas em direção à cabeça e ao peito, “como uma cascata de água brilhante”. Uma sensação de paz e serenidade envolveu o coração dele!

Esta descrição demonstra que John tinha consciência de tudo o que se passava, que possuía algum conhecimento sobre práticas espiritualistas, como por exemplo, as “saídas fora do corpo”, como também era alguém muito querido dos espíritos de luz.

John recebeu assistência de bondosos seres de luz para ajudá-lo a não mergulhar em um longo período de aflição por ter se dedicado a fazer o bem à humanidade. O livro cita que ele era considerado um “porta-voz” da paz mundial por meio das suas músicas e das manifestações pacíficas. Também foi positiva sua atitude de aceitar que havia desencarnado sem se revoltar (muito).

Essa proteção dos seres de luz também se fez necessária para isolá-lo da crescente demanda de lamentações emanada pelos seus entes queridos e pelos fãs de vários países, que se revoltaram contra o ato violento e desumano que o levou tão bruscamente.

Enquanto isso, à medida que passava pelo túnel de luz, ondas de lindas músicas “pareciam atravessá-lo”. Podia sentir as feridas dos tiros cristalizarem-se no seu peito. No final do túnel, uma intensa luz! Sentiu alguém perto dele e ouviu seu nome de maneira inconfundível. Era Júlia. Podemos imaginar a emoção deste encontro?

Lembranças sobre a infância e adolescência afloraram em sua mente. Lembrou-se de Yoko e de Sean. Entristeceu-se, preocupando-se como seria a vida deles na sua ausência. Neste instante sua mãe o chamou de volta tocando-o carinhosamente. Ela sabia como era difícil lidar com a separação brusca de quem se ama.

Nas primeiras semanas, ainda abalado pela forma violenta como partiu, John deixava claramente transparecer a dor que sentia por estar separado da família tão amada. Com certeza não foi nada fácil para John nem para Yoko aceitar o que aconteceu, principalmente porque o amor que existia entre eles era algo muito especial e raro de se ver (pelo menos aos meus olhos). O disco *Double Fantasy* pulsa esse sentimento a cada canção, a cada acorde. No final do livro ele deixou uma declaração de amor para ela.

John se mostrava incomodado pela maneira com que milhares de fãs choravam sua morte e chamavam-no de volta. Sentia toda essa energia como algo muito desagradável. Coincidência ou não, no dia 14-12-1980, Yoko realizou uma cerimônia de dez minutos de silêncio, pedindo aos fãs que se unissem em pensamento, em várias partes do mundo, em homenagem a John e em nome da paz.

A iniciativa foi válida, porém, semanas depois, provavelmente em função das reportagens sobre sua vida, a condenação do seu assassino, ele voltou a sentir a atração magnética das pessoas como “algo quase insuportável”. Pessoas que não aceitavam sua partida e o fato de que o “sonho” de ver os Beatles juntos novamente não seria realizado. Sentia a dor que brotava do coração de Yoko e de Sean e sofria também.

À medida que se equilibrava com ajuda da sua mãe e dos seres de luz ao seu redor, foi conseguindo se isolar daquelas vibrações. Apesar da dor da separação, desabafa ele no livro, sabia que tinha um trabalho maior a desenvolver pelo bem da humanidade. Entendeu que não poderia ser “um porta-voz da vida eterna” e “dos reinos etéricos” se estivesse preso às vibrações inferiores da aflição, da revolta, da dor.

Pouco tempo depois, percebia melhor o local onde estava. Havia árvores e flores, pássaros e outros animais, um curso de água e suave perfume no ar. Maravilhado, perguntou à mãe se estavam no paraíso. Ela respondeu que estavam na “periferia do que as pessoas na Terra chamam de céu”.

Disse que “a Terra em si é uma forma de céu, embora atualmente esteja adormecida” e que estaria chegando a hora deste despertar. Para isso, a humanidade deveria despertar primeiro para o amor, para a paz. Explicou que “no céu” há sete reinos e que eles se encontravam no terceiro. O que haveria acima seria ainda melhor.

Júlia esclarece a John que fora poupado da fase de “purgação” (de ir ao umbral ou purgatório), que faz parte da “purificação e do alinhamento vibratório que se segue após a morte”, pelos seus méritos e porque já era esperado para se dedicar a um novo trabalho.

Comentou que esse processo de desligamento é bem mais lento e doloroso para a maioria das pessoas que deixou a vida terrena e permanece no estado da negação, ou seja, não aceita que tenha desencarnado e não acredita que continua viva (respirando, falando e andando). Quando “vivos”, muitos acreditam que depois da morte deverão ir para um lugar onde ficarão dormindo até o dia do juízo final ou do julgamento.

Será que esse lugar existe mesmo? Júlia comenta que existe um lugar chamado Vale do Sono Final (p. 10):

“Durante toda a história, os livros religiosos têm falado desse vale, também chamado de sala de Julgamento ou Dia do Julgamento. É um lugar para repouso e conclusão, uma pausa na constante atividade da Criação. Aqueles que entram nesse vale dormem o Sono das Eras e, quando acordam, não precisam dormir nunca mais. Nesse vale, as almas avaliam suas experiências de vida”.

Júlia levou-o para conhecer a colônia onde estavam. Cada dia que passava ele ficava maravilhado com a beleza e harmonia de todos os lugares. Recebeu visitas de amigos e familiares que já haviam partido, surpreendendo-se por apresentarem aparência mais rejuvenescida. Reencontrou músicos famosos e ansiava por poder conhecer pessoalmente grandes mestres da música clássica.

Sua mãe lhe ensinou a voitar e a se alimentar de energia vital. Na sequência aprendeu sobre chakras, corpos físicos e espirituais, sobre suas vidas passadas e sua missão como músico John Lennon.

Pôde conhecer a dimensão maior das notas musicais entendendo que cada uma possuía frequência vibratória característica. A música pode ser utilizada para beneficiar a saúde das pessoas e do planeta. O padrão de pensamento das pessoas pode tanto ajudar a melhorar suas vidas e do mundo à sua volta como prejudicar.

John foi guiado por espíritos de nível maior, para vivenciar uma série de experiências em lugares especiais, em diferentes templos, visando a ajudar o processo de descoberta do seu potencial interior, de expansão da sua consciência e do seu coração, encontrando o ser divino que habita no seu interior.

A cada etapa melhor entendia os ensinamentos de Jesus, por exemplo: “Eu e o Pai somos Um!” Um dos mestres espirituais lhe passou a seguinte orientação (p. 8):

“Já foi decretado: a humanidade não mais deverá temer a morte! Você está sendo solicitado para ajudar as pessoas da Terra a entenderem que a morte é apenas uma ilusão. Elas precisam se libertar do medo de perecer a fim de conhecer a verdade da própria imortalidade”.

Por intermédio dos amigos espirituais, soube que o planeta está passando por momentos de transição, com ajuda de seres celestiais, e que fora chamado para colaborar com seu talento musical. John Lennon passou a inspirar músicos encarnados a fazer canções que transmitissem mensagens de amor e esperança.

Estava planejando desenvolver um projeto com mais de 100 horas de músicas para serem tocadas no momento da passagem de alguém (para ajudar no seu desligamento)

.....

e para a família ouvir junto da pessoa que estaria partindo (para confortá-la). Fortalecia-se como um verdadeiro instrumento do bem universal e da paz mundial.

No final do livro, Jason pergunta a John como gostaria de ser lembrado pelas pessoas. Ele pede que não se lembrem dele numa poça de sangue. Gostaria que as pessoas se lembrassem dele sorrindo, desfrutando a vida, recordando (e vivenciando) a frase “dê uma chance à paz” e deseja que o livro “Paz Afinal” ajude as pessoas a verem a morte e a vida de uma maneira diferente.

7 Um Roqueiro No Além: recuperação de um ex-dependente químico

Zílio é o pseudônimo de um músico brasileiro, falecido com 44 anos em 1989, decorrente de problemas de saúde e da dependência química (álcool e drogas). Fez sucesso cultivando a imagem de roqueiro radical, com canções ricamente elaboradas mesclando poesia, ensinamentos filosóficos ocidentais e orientais, bem como críticas à sociedade.

Tinha hábito de beber e fumar desde a adolescência. Depois que entrou no mundo das drogas (maconha, cocaína entre outras) nunca mais saiu, enquanto viveu na Terra. Envolveu-se de tal maneira, a ponto de prejudicar sua vida pessoal (separação da esposa e filha) e sua carreira. Em certa ocasião o show precisou ser cancelado, pois mal conseguia ficar em pé no palco. Fez vários tratamentos a pedido de familiares, mas logo voltava ao vício. Um dia teve uma parada cardíaca fatal.

O velório e o enterro foram acompanhados por multidões de fãs que choravam cantando suas canções, sem poder aceitar que não estaria mais entre eles.

O livro “Um Roqueiro no Além” (1998) psicografado pelo médium Nelson Moraes, conta as experiências vivenciadas por Zílio no plano espiritual. O sofrimento pelo qual passou era característico dos suicidas, o que ele mesmo reconheceu: “assim mesmo que eu me sentia, um suicida!”

Fortemente ligado ao corpo físico, ele pôde sentir tudo que se passava no seu interior e ao seu redor:

“A minha morte foi como um pesadelo. Senti um profundo torpor e perdi os sentidos. Depois de algum tempo recobrei a consciência, parecia estar bem até que percebi que algumas pessoas estavam colocando-me dentro de um caixão. Tentei reagir, mas não consegui me mexer. Gritei dizendo estar vivo, mas ninguém me ouviu. Quando fecharam o caixão, dei murros na tampa tentando abri-la, mas meu esforço era em vão. Perdi os sentidos”.

Ele presenciou seu velório, o sepultamento e pôde sentir a decomposição do corpo físico:

“Tentei levantar-me, mas não consegui. Muita gente debruçou sobre mim para chorar. O que eu poderia fazer? Já havia tentado de tudo para sair dali. A única explicação que eu encontrava para aquele fato é que eu estava realmente morto. Meu espírito estava preso e meu corpo já começava a cheirar mal. Diante da minha impotência, tive que aceitar aquela situação. Observei cada pessoa que passava por mim. Olhavam-me piedosamente e lamentavam pela minha morte. Quase todos que passaram por aquele desfile de lágrimas e de hipocrisia diziam a mesma coisa: que pena, tão jovem! Outros cochichavam: foram as drogas que o destruiu!”

Às vezes algumas pessoas iam ao cemitério visitar o túmulo, orar por ele e deixar flores. Esses momentos eram temporariamente benéficos. Mas continuava sem conseguir se mexer. Angustiado e ansioso para sair dessa situação, que parecia nunca ter fim, tinha a certeza de que a vida era eterna e orava a Deus.

No tempo que passou sem conseguir se desligar do corpo físico, pôde refletir profundamente sobre seus atos e conseqüências. Compreendeu que lutava contra um sistema social, político e econômico que não aceitava. Reconheceu que havia se tornado vítima dele mesmo e não do sistema que tanto condenava. Não notou que havia optado pela fuga.

A vida passava diante da sua tela mental, como se fosse um filme de cinema. Suas intenções eram boas, suas músicas levavam belas mensagens, mas suas atitudes eram contraditórias. Como ele mesmo comenta "em vez de atacar e ferir o sistema, deveria ter contribuído para transformá-lo". Certo momento ele desabafa:

"Levado pela revolta, percorri o caminho das drogas até encontrar a morte"... "Ela chegou antecipada! Veio convidada pela minha insensatez. Em vez de repousar em seus braços, ela agora fazia arder minha consciência".

Em determinado momento percebeu que não sentia mais vontade de beber nem de se drogar. Como poderia ser isso? Ficou assim, preso ao corpo físico, refletindo sobre a vida e a morte por praticamente um ano, até que vieram retirá-lo. Não foi um anjo de asas brancas que apareceu diante dos seus olhos. Ele foi desligado por alguém que vibrava na sintonia das drogas e do sexo e que era seu fã. Alguém com quem conviveu em outras vidas, há muito tempo, e não se lembrava!

Liberto do túmulo, porém ainda sentindo os efeitos da decomposição do corpo físico, saiu em busca de um lugar para tomar banho. Entrou em um motel que havia perto do cemitério. Ao ver como era o ambiente do motel, espiritualmente falando, cheio de homens e mulheres desencarnados, sexólatras, que ficavam sugando a energia dos casais de maneira deprimente, ficou tão assustado e enojado que preferiu sair correndo.

Vagou sem rumo, fugindo do assédio de outros espíritos que ainda continuavam ligados ao vício das drogas, até que, cansado e arrependido de tudo o que fizera, orou com sinceridade a Deus e foi socorrido. Um mensageiro celeste o levou ao Vale dos Drogados, onde teria início o processo de recuperação.

Zílio fez amizade com um grupo de jovens e juntos passaram a prestar auxílio a quem estava em piores condições, principalmente por meio da conversa sincera. Apoiando e sendo apoiado por outros ex-dependentes químicos, que também buscavam a cura, puderam aprender o valor do trabalho altruísta.

O livro conta que neste Vale há muitos jovens que fizeram a passagem por overdose ou por terem sofrido acidente de carro ou moto, depois de terem consumido drogas e bebidas alcoólicas. Muitos têm crises terríveis sentindo fortes dores, tendo crises de abstinência e expurgando os efeitos dos entorpecentes no corpo espiritual. Apresentavam também crises de consciência, por não se conformarem de ter deixado a vida terrena tão cedo.

Esses jovens, maioria de classe média e alta, contaram que foram rebeldes e alguns reconheciam que deram muito trabalho aos seus pais. Relataram que seus pais lhes

.....

davam tudo do bom e do melhor (roupas, carro, dinheiro, equipamentos eletrônicos e cursos no exterior). Porém, não lhes davam afeto, não tinham tempo para ficarem juntos, para serem amigos. Disseram que seus pais estavam sempre muito ocupados com a vida profissional e/ou social, assim não eram pais presentes.

Sobre isso Luiz Sérgio reflete em uma das suas mensagens: raros são os pais que sabem educar seus filhos com base nos ensinamentos do puro amor, sejam religiosos ou não.

E foi ajudando aos outros que Zílio ajudou a si mesmo e melhorava dia a dia. Estava decididamente aberto aos tratamentos de desintoxicação. Foi então resgatado por equipes de Samaritanos, acompanhado por amigos de outras vidas, e levado para uma colônia espiritual. Lá completaria seu tratamento com médicos especializados.

O médico que o examinou, com um aparelho sem comparação a algo similar aqui na Terra, constatou que seu corpo espiritual e seus chacras estavam bem comprometidos pelo abuso das bebidas alcoólicas e das drogas que injetava e/ou cheirava.

Disse que boa parte do seu organismo poderia ser reequilibrada em pouco tempo, mas os danos causados aos órgãos como fígado e baço, ficariam registrados perispiritualmente e provavelmente só seriam recuperados em uma próxima reencarnação.

Os leitores já se depararam com algum caso de crianças que apresentaram problemas hepáticos, renais, cardíacos e respiratórios, sendo diagnosticado pelos médicos como má formação dos órgãos e/ou problema genético? Tendo tão poucos anos de vida, de onde poderia ter vindo esta enfermidade?

Zílio reagiu tão bem ao tratamento que não precisou ficar internado no hospital da colônia. Recebeu um pequeno apartamento para morar, onde encontrou vários livros para ler e melhorar seus pensamentos. As visitas de seus amigos eram frequentes, levavam água fluidificada (energizada com fluidos vitais) e um tipo de sopa para se alimentar. Durante as conversas que mantinham, pôde compreender quem foi em outras vidas, onde errou e porque errou na última encarnação e como poderia fazer o bem de agora em diante.

Quando estava mais fortalecido foi convidado a aprender a voitar e outras técnicas ensinadas por seus amigos. Participou de grupos de auxílio no umbral. Depois foi chamado para morar em outra cidade espiritual onde se dedicaria ao projeto da elaboração do livro: "Um Roqueiro no Além" (1998). Posteriormente escreveu o segundo livro: "Há dez mil anos atrás", em parceria com o mesmo médium, Nelson Moraes, em 2001.

8 Neto: um artista irreverente

O cantor e compositor, que será aqui chamado de Neto, nasceu no Rio de Janeiro em 1958. Fez muito sucesso com uma banda de rock, da qual saiu para seguir carreira individual. Tinha um estilo exagerado e irreverente de ser e de cantar. Envolveu-se com drogas, bebidas e tinha uma vida sexual bem ativa. Faleceu em 1990, com a saúde debilitada pela AIDS/SIDA (síndrome de imunodeficiência adquirida). Contraiu o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e a chance de cura era muito rara nos anos 1990.

Esse vírus pode ser transmitido pelo sangue, por exemplo, no compartilhamento de seringas infectadas durante uso de drogas injetáveis ou pelo sêmen, durante relações

sexuais sem uso de preservativos. Pode também passar da mãe (infectada) para o bebê, durante a gestação, pelo cordão umbilical.

Neto era muito amado pelos familiares e amigos, que cuidaram dele durante a pior fase da doença. Os momentos difíceis e o carinho recebido ajudaram-no profundamente nos dias que sucederam sua passagem.

O livro “Faz parte do meu show” (2004), ditado por Ângelo Inácio (já desencarnado) e psicografado pelo médium Robson Pinheiro, conta a “trajetória de um artista em busca de si mesmo”.

Neto fez a passagem de maneira inconsciente. Acordou sem entender onde estava e o que se passava com ele. Desconfiava que havia morrido, mas não tinha certeza. Achava que não estava nem no céu nem no inferno. Também questionava se não estaria sob o efeito de alguma droga potente, usada no seu tratamento.

Ao mesmo tempo em que se sentia vivo, consciente e sozinho, ouvia e sentia choros e lamentações dos familiares, amigos e da multidão que acompanhava seu velório e enterro. Recordou-se da clínica improvisada na casa dos seus pais onde recebia cuidados médicos. Lembrou-se dos shows, das festas e de tudo o que se passava nos ambientes pesados em que frequentava.

Sentimentos de solidão e de culpa reprimida afloravam. Começava a compreender que havia partido e que fora ele mesmo a causa da “sua derrota” devido à sua “rebeldia incontrolável”. Então chorou por muito tempo no seu “inferno particular”:

“Enquanto vivia esses sentimentos fortes e as emoções violentas que arrebatavam meu peito, não tive consciência exata de quanto tempo se passou. Para quem vive essa loucura interior, os minutos, os dias, os anos parecem elásticos ou se transformam numa eternidade”...

Às vezes sentia-se atraído para um lugar desconhecido de onde vinha uma música estranha. Podia perceber a presença de vultos. Não conseguia se aproximar deste lugar e também não entendia o que se passava ao seu redor. Revoltou-se, xingou e voltou a chorar de desespero. Depois de muito esforço conseguiu se acalmar, lembrando-se do carinho de sua mãe (encarnada) e de sua avó (já falecida).

Luzes brotaram do seu peito e “perambulavam” a certa distância. Começou a seguir essa luz e percebeu o vulto de alguém que era familiar. Continuou a segui-la e visualizou com nitidez, a estátua do Cristo Redentor no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro. Essa imagem o confortou profundamente. O vulto que havia visto transformou-se na sua avó. Abraçaram-se com ternura. Ele voltou a chorar novamente e adormeceu.

Acordou na Floresta da Tijuca, para onde foi levado para absorver energia prânica ou energia emanada pela natureza. Ele descreveu esta cena assim:

“Acordei com vovó ao meu lado, em companhia de mais 13 pessoas. Encontrava-me deitado numa espécie de maca, que parecia importada do cenário do filme Guerra nas Estrelas. Sobre ela, eu literalmente flutuava a um metro do chão, enquanto enfermeiras me auxiliavam junto a outros espíritos”.

Conversando com a vovó, ficou sabendo que quando estava enfermo ela tentou ajudá-lo várias vezes, durante seu sono físico. Ajudava-o a afastar-se do corpo físico para

.....

conversarem. Ela desejava despertar seu coração e sua mente para as questões espirituais. Mas ele não dava a mínima atenção quando acordava.

Achava que era apenas um sonho esquisito. Chegada a hora de partir, ajudou-o no desligamento. A seguir, o próprio Neto se colocou em situação íntima de isolamento, que era justamente o que ele mais temia, ou seja, seu “inferno particular”, de natureza moral. Ficou nesse estado por cerca de seis meses.

Enquanto conversavam seguiam para a clínica localizada espiritualmente na região de Jacarepaguá (RJ). Cabe lembrar que na narração apresentada anteriormente sobre o Irmão Jacob no livro “Voltei” (1949), vimos que Frederico Figner cedeu o terreno neste bairro, onde foi construída a Instituição Retiro dos Artistas, nos anos 1900.

Na clínica situada no plano espiritual, foram recebidos por médicos que o levaram para ser examinado. Fariam um diagnóstico do seu corpo espiritual. Viu a equipe médica utilizar aparelhos extrafísicos – nada parecido com o que conhecia na vida terrena. Na imagem “clonada” o médico lhe mostrou o quanto o abuso das drogas e da atividade sexual havia prejudicado seus corpos físico e espiritual.

O que se passou a seguir nessa conversa foi algo surpreendente. Neto imaginava que ficaria internado para algum tratamento intensivo, como já estava acostumado. No entanto, o médico lhe recomendou outro tipo de tratamento. Veja parte dessa conversa a seguir:

“Alguns espíritos em sua condição poderiam permanecer longos anos em tratamento em nosso hospital espiritual... Sabemos que você exagerou na última existência, mas devemos aproveitar seus talentos desde já. Nossa proposta de tratamento é em forma de trabalho, muito trabalho... Chegamos à conclusão que interná-lo em um tratamento prolongado seria desperdício de recursos... O mundo passa por graves transformações e necessitamos de toda espécie de ajuda para influenciar, beneficentemente, aqueles que se encontram na retaguarda. Você possui intenso magnetismo e, com sua música, sua arte e seu carisma que lhe são próprios, poderá auxiliar-nos a retirar diversos espíritos de situações lamentáveis...”.

Sem saber o que dizer na hora, a equipe médica se retirou deixando Neto a sós com sua avó, livre para pensar e fazer o que achasse melhor. Leia algumas das suas reflexões:

“Foi ali que descobri como funcionam as leis da vida. Podemos ficar anos e anos lamentando e sofrendo, mergulhados em nossa culpa ou, em vez disso, aproveitar as oportunidades da vida para trabalhar... Ninguém precisa esperar tornar-se santo ou resolver-se intimamente para só então trabalhar em favor de algo nobre, que valha a pena ou em favor de alguém... O próprio trabalho, segundo pude aprender com a equipe do Frei Luiz, é a terapêutica por excelência”.

Vovó deixou o neto sozinho para pensar melhor. Caminhando e refletindo, ele chegou à Praia de Copacabana e depois ao Leblon, no Rio de Janeiro. Dizia a si mesmo que não se reconhecia, pois sempre foi do estilo rebelde, exagerado e controvertido, e agora, depois de “morto” estava a meditar sobre suas atitudes e até a se sentir envergonhado do que fez.

Lembrou-se de sua adolescência, dos seus pais que estavam sempre a lhe socorrer. Não se sentia culpado. Sentia-se responsável pelos seus atos. Não teve a intenção de prejudicar ninguém, nem a si mesmo, apenas “não soube medir as consequências e o alcance” das suas atitudes.

Durante as reflexões teve dois encontros muito especiais com pessoas também desencarnadas: o escritor Carlos Drummond de Andrade (falecido em 1987) e o apresentador de programas de calouros da televisão dos anos 1970/1980, Chacrinha (falecido em 1988).

Por meio deles, Neto soube que vários artistas (desencarnados) haviam se reunido para oferecer seu talento aos trabalhos assistenciais, tocando o coração de espíritos desencarnados que estavam no umbral, conforme seu estilo e gosto musical, pois “a arte eleva a alma”. Foi pessoalmente conferir e encontrou-se com Flávio Cavalcanti e Chacrinha comandando um espetáculo no qual se apresentariam Noel Rosa, Ary Barroso, Clara Nunes e Elis Regina, cada qual cantando e interpretando a seu jeito belas canções.

Emocionado, entendeu que sua missão seria usar suas músicas, antigas e as que iria compor, para ajudar na recuperação de espíritos rebeldes, dependentes químicos e sexólatras, principalmente os que se encontram nas regiões mais densas do umbral brasileiro.

Depois de um período de incerteza, Neto abraçou não somente a este trabalho como a muitos outros, inclusive a elaboração do livro “Faz parte do meu show.”

9 A garotinha Soraya

Soraya desencarnou com 13 anos, em maio de 2000, na Suíça, após ser atropelada por um trem. Era brasileira e morava na Europa com os pais. Os relatos a seguir foram extraídos do livro “O Céu das Borboletas” (2007) psicografado por Claudia Roberta.

Depois do acidente, ela logo foi desligada. Sofreu cerca de dez dias junto aos seus familiares, sem entender o que havia acontecido. Sentia-se viva, queria dizer isso aos seus pais, mas ninguém conseguia vê-la nem ouvi-la. Julgava estar em algum pesadelo sem fim. Chorava muito, querendo estar perto de sua mãe.

Em 2002, aceitou a ajuda de uma pessoa amável que veio consolá-la. Não sabia quem era. Foram para a Colônia de Santo Agostinho. O livro não deixa claro se esta colônia está situada sobre a França, onde seus pais moravam, ou sobre São Bernardo do Campo (SP), onde os outros familiares residiam.

Soraya descreve que foi levada para um bonito local onde encontrou várias crianças. Tudo era bem organizado e os pequeninos eram separados por idade, incluindo os bebês. Os mais espertos e que estavam em melhores condições de equilíbrio, logo aprendiam a plasmar seus brinquedos favoritos para se distrair. Entre uma brincadeira e outra recebiam tratamentos e esclarecimentos que amenizavam a saudade de casa.

Soraya, em particular, tinha a missão de aprender a se comunicar por meio mediúnico, por um de seus familiares, para passar mensagens e ajudar a confortar não apenas sua mãe, mas também outras mães que passam pela mesma difícil situação.

Ainda em 2002, ela foi transferida do local onde estava, somente entre crianças, assistidas por amparadores ou educadores-terapeutas, para a ala dos adultos, onde iria aprender sobre comunicações mediúnicas. Lá conheceu o laboratório, onde há uma espécie de televisão a qual mostra cenas de vida das pessoas. Soraya viu imagens do seu velório e das missas que fizeram para ela.

Auxiliada por amparadores compreendeu que o motivo do acidente com o trem estava relacionado com vidas passadas. Pôde compreender também porque não conseguia se

.....

comunicar com sua mãe e tudo mais pelo que passou até ser recolhida.

Apesar do seu esforço e de todo carinho que recebia na Colônia, ela ainda sentia muito a ausência da mãe. Por sua vez, a mãe sofria muito pela prematura morte da filha. Ambas sofriam e eram consoladas pelos amigos espirituais, para que soubessem aceitar os fatos.

O tratamento de Soraya continuava com estudos e brincadeiras. Em uma das aulas práticas foi levada a um jardim com flores coloridas, de diferentes espécies e perfumes. Ela iria aprender a captar fluidos da natureza em seu próprio benefício e também para mandar imagens de flores à sua mãe, pelo poder do pensamento.

Depois de algum treinamento, o mentor amigo a levou para o laboratório e, por aquele aparelho parecido com televisão, pôde ver sua mãe alegre, cantando sua música favorita e sentindo o perfume das flores em casa.

Isso deixou Soraya mais feliz e confiante para seguir adiante com seus estudos, adaptar-se à vida no mundo espiritual e preparar-se para escrever o livro “O Céu das Borboletas”.

10 Tiradentes: algo mais sobre a história do Brasil

O mineiro Joaquim José da Silva Xavier nasceu em 1746, na pequena fazenda de seu pai, perto das cidades hoje conhecidas como São João del Rey e Tiradentes. Faleceu em 1792, no Rio de Janeiro. Sua mãe morreu quando tinha nove anos de idade e dois anos depois, seu pai. Com a perda da propriedade, foi morar com o padrinho, que era dentista, aprendendo assim o ofício que mais tarde lhe daria o apelido de “o tiradentes”, pois naquela época tirar o dente inflamado era o procedimento mais empregado.

Lembremos fatos marcantes deste Século XVIII, entre meados de 1776 e 1792:

- na Europa aflorava o movimento iluminista, quando eram semeados os ideais de “igualdade, liberdade e fraternidade”;
- os EUA haviam declarado sua independência da Inglaterra, tornando-se um país livre em 1776;
- a Revolução Francesa havia começado em 1789, para derrubar Luís XVI e Maria Antonieta, cuja realeza cobrava altos impostos para sustentar sua luxúria, enquanto o povo vivia com fome e na miséria;
- o Brasil era colônia de Portugal, governado pela Rainha Dona Maria I, mãe de Dom João VI. Em função da morte repentina do filho mais velho e logo em seguida do marido, a rainha ficou traumatizada e enlouqueceu, sendo então conhecida como “D. Maria I – a louca”;
- havia intensa exploração de madeira, ouro e pedras preciosas no Brasil, principalmente em Minas Gerais, com o trabalho abusivo de escravos vindos da África, considerados como raça inferior pelos europeus devido à cor escura da sua pele;
- Portugal cobrava impostos absurdamente caros dos brasileiros, para sustentar o luxo da corte. Parte deste dinheiro era doado à igreja católica por benfeitores interessados em adquirir terrenos no céu.

Tiradentes foi minerador, tropeiro e depois entrou no exército, fazendo parte do regimento militar chamado Dragões de Minas Gerais como alferes, um posto de pouca importância. Por ser muito inteligente, audacioso, conhecedor das estradas (pelos anos em que foi tropeiro) e por ter uma personalidade de liderança, foi nomeado comandante de uma patrulha pela rainha de Portugal.

Comandava a patrulha na rota de escoamento da produção mineradora, que levava ouro e diamantes para o porto do Rio de Janeiro. Tempos depois, foi ao Rio de Janeiro pedir promoção. Enquanto aguardava a resposta, morando nesta cidade, pôde viver períodos de enchentes e alagamentos das ruas e de casas. Como tinha noções de topografia e de engenharia, apresentou projetos para canalização dos rios Maracanã e Andaraí, para minimizar o efeito das fortes chuvas e o prejuízo que causava às pessoas.

Sua promoção e seus projetos de melhoramento da cidade foram negados. Aborrecido, deixou o exército e voltou a Minas Gerais. Dedicou-se a ser dentista, trabalhava em uma farmácia ou botica, pois tinha conhecimentos de plantas medicinais, e se dedicava a trabalhos assistenciais junto aos pobres de Vila Rica.

Era uma pessoa sempre disposta a ajudar a quem precisasse: pobres, negros e prostitutas. Curava enfermos, levava palavras de consolo e esperança.

Não tolerava injustiças e, assim, estava sempre rodeado de pessoas que lhe queriam bem. Mas também tinha seus inimigos, pois era alguém muito destemido. Estava profundamente incomodado com o abuso do poder de Portugal e desejava libertar o Brasil.

Estas características pessoais de Tiradentes vêm de outras vidas. Lembremos que estamos de passagem nesta vida, indo e vindo com diferentes corpos ou vestimentas, como personagens de uma peça teatral mas mantemos traços de nossa personalidade.

As duas mais marcantes foram as de um general romano antes de Cristo, Caio Mário, e a de um sacerdote europeu durante o período da inquisição, o Papa Gregório IX.

Assim também ocorreu com Michelangelo (1475–1564), pintor, escultor, arquiteto italiano, que reencarnou como Antonio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho" (1730–1814), dando continuidade aos trabalhos que havia desenvolvido quando viveu na Europa. Aliás, a semelhança entre o estilo de pintura e escultura de ambos já foi identificado e comentado por especialistas no assunto, como obras de grande coincidência.

O movimento dos inconfidentes era reflexo do que ocorria na Europa e nos EUA: a necessidade de um mundo melhor, com mais liberdade e sem tantas desigualdades sociais e raciais. Mentores espirituais atuavam junto de pessoas abertas a esta causa intuindo-os com as devidas orientações.

Tiradentes, juntamente com outros idealistas como o advogado Cláudio Manuel da Costa e o desembargador Tomás Antônio Gonzaga (aquele que escreveu "Marília de Dirceu"), fazendeiros, mineradores e alguns padres faziam parte desse movimento da inconfidência. Todos companheiros de vidas passadas que se reuniram com o propósito de ajudar a desenvolver a ordem e o progresso em terras brasileiras.

Os preparativos para a rebelião ocorriam de maneira secreta pelos inconfidentes em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e inclusive na Bahia, disseminando as ideias de

libertação de Portugal, a criação de um governo brasileiro, o surgimento de faculdades, a libertação dos escravos, entre outros ideais.

Pontos turísticos como Diamantina, Mariana, Tiradentes, São João del Rey, Congonhas do Campo e até os considerados místicos no interior de Minas Gerais, como São Tomé das Letras e o Santuário do Caraça, são alguns dos lugares onde os inconfidentes se reuniam e se escondiam, inclusive Aleijadinho.

Tiradentes era uma pessoa importante nesse processo, pois dialogava tanto com ricos mineradores e fazendeiros, como com escravos e prostitutas. Seguiu conquistando novos adeptos para a rebelião até ser traído por Joaquim Silvério dos Reis.

Foi preso em 1789, no Rio de Janeiro. Ele assumira a responsabilidade por tudo e procurava poupar a vida dos demais inconfidentes. Mesmo assim foram todos presos. O julgamento ocorreu em abril de 1792 e somente ele recebeu a pena de morte. Cláudio Manoel da Costa foi encontrado morto na cela onde estava na prisão. Sete foram exilados para a África.

Foi levado à forca em praça pública, no Rio de Janeiro, segurando o crucifixo. Sua cabeça e partes de seu corpo foram expostos em lugares estratégicos como um sinal de ameaça a quem desejasse seguir seu exemplo. Ele nada sentiu na hora do enforcamento e muito menos do esquartejamento, porque seu espírito havia sido rapidamente desligado do corpo físico. Foi recebido pelo Anjo Ismael, mentor da pátria brasileira.

Sua sentença de morte nada mais era do que o resgate de dívidas contraídas no passado, a aproximadamente 100 anos a.C., na época do Império Romano. Quando foi o ganancioso Caio Mário, alguém mais temido do que admirado, ele tudo fazia para ter poder, fama e fortuna: traía colegas do exército e do senado romano, maltratava prisioneiros de forma cruel e chegava a mandar esquartejar os mais rebeldes.

Estes relatos constam do livro: “De Mário a Tiradentes” (1986), ditado por Tomás Antônio Gonzaga (em espírito). Tomás também se manifestou em uma palestra espírita ocorrida no Rio Grande do Sul, em meados dos anos 1980 (mensagem descrita no *blog* Fronteira da Paz, consultado em 2012), trazendo novas revelações sobre a história do Brasil pelo ponto de vista espiritual.

Assim soubemos que depois que desencarnou, Mário foi torturado e maltratado nas zonas densas do umbral pelas suas vítimas, sedentas de vingança. Encarnou e desencarnou outras vezes na Europa, destacando-se a passagem que teve como Papa Gregório IX. Este papa estava preocupado com rebeldes que difamavam a igreja católica e juntamente com monges dominicanos criaram a chamada “santa inquisição”.

O tribunal da Inquisição ocorreu em alguns países da Europa, entre os Séculos XIII e XV, com o intuito de colocar ordem e punir os rebeldes. Não chegou ao Brasil colonial, mas infelizmente chegou ao Peru. O poder e a maldade dos inquisidores passaram dos limites. Pessoas consideradas hereges (rebeldes) e “feiticeiras” eram presas, torturadas e levadas à fogueira, para que seus pecados fossem purificados.

Tal como aconteceu com Joana d’Arc (1412–1431), heroína francesa que lutou na Guerra dos Cem Anos contra a Inglaterra. Ela foi traída pelos franceses, entregue aos ingleses e condenada pela Igreja à pena de morte, por dizer que ouvia vozes divinas.

Curiosamente, foi canonizada depois pela mesma Igreja Católica em 1920 (Enciclopédia Ilustrada do Conhecimento, 1998). Ouvimos dizer que ela foi a última encarnação de Judas Escariotes, aquele que traiu Jesus, terminando assim de resgatar suas dívidas cármicas.

O então papa Gregório IX desencarnou e foi perseguido, torturado e maltratado por aqueles que havia torturado e maltratado. Até que um dia arrependeu-se dos seus atos, pediu perdão e uma chance para redimir suas faltas. Tornando-se um ser mais humano e mais espiritualizado, aceitou a missão de ajudar o Brasil a progredir, reencarnando como Tiradentes.

O corpo do líder dos inconfidentes morreu, mas sua alma continuava empenhada com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Foi assim que junto de outros amigos espirituais intuíram pessoas importantes como Imperatriz Leopoldina e D. Pedro I, para efetivar a tão esperada independência em 1822.

Influenciou o movimento abolicionista para libertação dos escravos por meio da Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885) e então a Lei Áurea (1888), assinada pela Princesa Isabel, apoiada por Castro Alvez, José do Patrocínio e Rui Barbosa entre outros.

Tiradentes foi considerado herói nacional por aqueles que se mobilizavam pelo fim da monarquia, movimento que culminou na Proclamação da República, em 15-11-1889, e a data da sua condenação, 21 de abril, foi posteriormente decretada feriado nacional.

Curiosa e coincidentemente, fatos históricos aconteceram nesta mesma data. O mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902–1976), um dos inconfidentes reencarnado, nascido em Diamantina, que enfrentou e desagradou a muitos, mudou a capital federal do Rio de Janeiro para a região central do Brasil, inaugurando Brasília em 21-04-1960, conforme havia previsto o sonho de Dom Bosco, padre italiano (1815–1888), fundador da congregação religiosa salesiana.

Pesquisadores da Universidade de Brasília com apoio da Embaixada do Egito, Ernani Figueiras Pimentel e Lara Kern, encontraram muitas semelhanças entre o projeto de construção da cidade de Brasília, traçado por Lúcio Costa e a cidade egípcia construída pelo Faraó Akhenaton, que existiu há 3.590 anos, conforme citado no livro “Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito” (2009). Este faraó acreditava em um deus único, diferente de outros que eram politeístas.

Outro mineiro se destacou no contexto dos princípios da liberdade, quando o Brasil atravessava o difícil período da ditadura imposta pelo então presidente gaúcho Getúlio Vargas (1883–1954), deposto pelos militares em 1945. Foi Tancredo Neves (1910 – 1985), que seria a reencarnação de Joaquim Silvério dos Reis, quem traiu os inconfidentes, segundo comentou o espírito de Tomás Antônio de Gonzaga.

Em 1985, o Brasil assistiu a uma grande manifestação popular, a campanha denominada “Diretas Já”, que reivindicava o direito do povo poder escolher o presidente da república e acabar com o regime militar. A campanha foi muito bem-sucedida e Tancredo foi eleito presidente. Porém, uma enfermidade incurável envolveu seu corpo físico de tal maneira que não chegou a ser empossado. Faleceu justamente no dia 21-04-1985 e recebeu honras de herói nacional.

.....

Outras obras que contam a História do Brasil pelo ponto de vista dos “bastidores” espirituais são: “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho” (1938) e, “Brasil, Mais Além” (1976) e “Confidências de um Inconfidente” – citada nestes livros.

A espiritualidade também nos revela, por meio destes livros, que muitos negros escravizados foram a reencarnação de sacerdotes e carrascos envolvidos com a Inquisição. Os mais revoltados e rebeldes, eram justamente, os que recebiam mais castigos, seguindo a Lei da Ação e Reação, ou como dizia Jesus: “Quem com a espada fere, com a espada será ferido”.

Ainda hoje, pleno século XXI, há muitos espíritos sofredores, amargurados e revoltados com todos que agem em nome de Jesus Cristo, pois ainda não perdoaram a quem lhes maltratou naquela época da Inquisição e da Escravidão, por terem agido em nome do seu amor próprio e não em nome do próprio amor que Jesus exemplificou. Assim, há muitos agressores e agredidos que se revezam nos seus projetos pessoais de vingança, até que um dia entenderão que não vale a pena fazer o mal. Tiradentes foi exemplo desta transformação.

11 Santos Dumont: recuperação de um suicida deprimido

Alberto Santos Dumont, conhecido no Brasil como o “Pai da Aviação” por ter inventado o avião, nasceu em uma fazenda no interior de Minas Gerais, em 20-07-1873 e faleceu em 23-07-1932 no Guarujá, São Paulo.

Desde jovem, Alberto demonstrava interesse por máquinas e pelas ciências exatas. Assim, seu pai, rico fazendeiro de café do interior paulista, descendente de franceses, mandou-o estudar em Paris, aos 18 anos. Em 1897, voou pela primeira vez em um balão. Dedicou-se então a construir o seu próprio modelo, denominado Brasil. Entre 1902 e 1906 construiu o número 11, um avião bimotor e o número 12, quase um helicóptero.

O famoso projeto da aeronave 14-Bis estreou em 23-10-1906, ganhando uma competição em Paris, no Campo de Bagatelle, por ter voado ao longo de 60 metros, a 3 metros de altura. Dois meses depois, aperfeiçoou-se e conseguiu voar 220 metros, o primeiro recorde mundial em distância.

O livro “Ícaro Redimido” (2010), escrito por Gilson Freire e pelo espírito Adamastor, nos mostra que o espírito que fez a passagem terrena com Santos Dumont tinha um compromisso com a evolução da humanidade, associado com os erros cometidos em vidas passadas.

Sua paixão pelas invenções e pela arte de voar era muito antiga. Vem da passagem que fez como Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724, no século XVIII, nascido em Santos). Estudou inicialmente no seminário de jesuítas de Salvador, Bahia e depois foi continuar seus estudos em Portugal. Viveu na Europa até sua morte.

Bartolomeu ficou conhecido na época como “padre inventor” ou por ter criado um dispositivo para bombear água para o convento onde vivia em Salvador, minimizando o esforço dos noviços que tinham que carregar pesados baldes de água. Durante sua viagem para Portugal, inventou a bomba d’água no interior dos porões dos navios para ajudar a escoar o excesso da água do mar que entrava pelo casco das caravelas.

Na Europa, ficou mais conhecido como “padre voador”, por ter criado os primeiros protótipos de balão a gás, o aeróstato, denominado por ele de “A Passarola”, chegando a erguê-lo a 4 metros do chão.

Tinha um porte físico forte, estatura alta e era um bom orador nas missas. Não demonstrava preconceitos com pobres e pessoas de outras religiões, inclusive judeus, que eram perseguidos nesse período. Portanto, não era bem-visto por alguns sacerdotes.

Teve grande prestígio junto ao rei de Portugal, D. João V, que ajudava nos seus inventos, o que atraía muito ciúmes da igreja. A espiritualidade nos conta no citado livro que Bartolomeu usava de seu prestígio para levar freiras ao palácio, de modo a atender aos desejos secretos do rei. E acabou também por cometer vários deslizes com relação ao celibato, envolvendo-se sexualmente com as freiras e mulheres casadas.

Suas aventuras e as do rei foram descobertas por um sacerdote de alto posto na Igreja, que tramou o assassinato dele por envenenamento. O veneno lhe foi dado por uma freira, com quem Bartolomeu nutria especial afeto, sem saber que se tratava de uma dose fatal.

Na encarnação seguinte, ele nasceu como Santos Dumont, apresentando porte físico oposto a Bartolomeu. Tinha baixa estatura, por isso usava sapatos de salto e um grande chapéu para parecer maior. Não se casou nem teve filhos pois tinha o órgão sexual atrofiado (resgatando o abuso cometido na vida passada).

Deveria dedicar-se integralmente à missão com a qual havia se comprometido ajudando o desenvolvimento da aviação e de outros inventos para beneficiar a humanidade, a fim de redimir dívidas de vidas passadas.

Intelectualmente, trazia os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores, o que era muito importante para dar continuidade às invenções das máquinas voadoras. Ele e sua equipe construíram aviões e aparelhos cada vez mais sofisticados, sendo possível realizar a travessia do Canal da Mancha, entre Inglaterra e França.

Sem saber, era espiritualmente orientado por Leonardo da Vinci (1452–1519) e seus assistentes. Da Vinci, aquele grande artista que pintou “A última ceia” e a “Mona Lisa”. Fez também projetos de aeronaves, algo parecido com o que conhecemos hoje como helicóptero.

Os inventos de Santos Dumont renderam muito sucesso, fama, fortuna e premiações que recebeu de ricos empresários, de monarcas como o Príncipe de Mônaco e do então presidente do Brasil, Campos Salles. Ele costumava distribuir maior parte do que ganhava aos mecânicos e às pessoas pobres. O que sobrava investia em novos inventos. Não era de gastar dinheiro com festas e com mulheres. Como não visava lucro, nunca registrou seus aviões (obter patente) e outros o fizeram.

Parou de voar em 1910, pois começou a apresentar algo parecido com o que hoje seria chamado de “síndrome do pânico”. Sofria de transtorno bipolar (alternando entre estados de euforia e melancolia) e de depressão, entre outras doenças neurológicas e psiquiátricas. Internou-se nos melhores sanatórios franceses e suíços para tratamento.

Entre os motivos principais da sua enfermidade estava a decepção por ver o título de “primeiro inventor do avião” atribuído a dois norte-americanos, os Irmãos Wright e não a ele. Outro motivo era a sensação de culpa por ter sugerido o emprego de aviões na primeira guerra mundial, em 1914.

.....

Em um período de melhoria, voltou ao Brasil para Petrópolis (RJ). Como terapia, construiu uma casa inovadora para a época, denominada "A Encantada", transformada posteriormente em museu.

Com sua ajuda, o Brasil também avançava na aviação. Em 1922, foi completado o voo entre Rio de Janeiro e São Paulo, por uma mulher, Anésia Pinheiro Machado, condecorada pelo próprio Dumont durante comemoração do dia da independência. Em 1927, foi realizado o primeiro voo cruzando o Oceano Atlântico.

Mas ele não acompanhou por estar internado no sanatório na Suíça. Seu sobrinho foi buscá-lo e passaram a morar juntos no Guarujá, litoral paulista. Cinco anos depois, estava para começar a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo.

Santos Dumont pediu formalmente ao presidente do Brasil para que os aviões não fossem usados como arma de guerra, principalmente contra pessoas inocentes. Não lhe deram atenção. Sentia-se arrasado.

Ao perceber que Alberto estava com ideia fixa do suicídio, seu mentor ou "anjo da guarda" pediu auxílio às esferas mais altas da espiritualidade para tentar impedir este ato cruel. Diante de novas tentativas, estava claro que ele não queria ser ajudado.

E, assim, deu fim à própria vida, enforcando-se quando o sobrinho havia saído de casa. Após o fato consumado, seu mentor e equipes de socorristas foram auxiliar o desligamento do corpo físico para levá-lo a um posto de socorro. Ele preferiu ficar "atado às vestes orgânicas" (seu corpo foi embalsamado para receber diversas homenagens).

Ao despertar na vida espiritual, percebeu que o suicídio não havia posto fim aos seus sofrimentos como imaginava e deprimiu-se ainda mais. Apesar da assistência dos socorristas, preferiu o isolamento. Como semelhante atrai semelhante, Alberto passou a habitar o Vale dos Suicidas, no umbral.

O sentimento de culpa pelo avião ter se tornado uma arma de guerra tinha raízes na existência passada antes de ser Bartolomeu. Ele foi Zennon du Mont, o mais admirado artesão de espadas, que viveu no interior da França no século XV, quando ocorria a "Guerra dos Cem Anos", entre ingleses e franceses. Ao voltar de uma viagem, a aldeia onde morava foi atacada e incendiada.

Sua família foi violentamente assassinada. Tomado por intenso desejo de ódio e vingança, dedicou-se a criar uma arma mais potente, e assim inventou o canhão, que ajudaria a França a vencer os ingleses.

Inúmeras encomendas chegavam de todas as partes para construir mais canhões, inclusive para adaptá-los aos navios. Ficou rico e famoso. Essa sua encarnação gerou um carma muito negativo para si mesmo e para a humanidade, por ter criado uma arma de destruição tão poderosa, a qual tirou a vida de inúmeros inocentes.

Quando passou para o mundo espiritual, foi atraído para perto daqueles que vibravam na mesma sintonia, ou seja, mentores de batalhas e atos de violência. Depois de se cansar deste tipo de comportamento e das companhias com as quais convivia, reconheceu seus erros, pediu perdão e uma nova chance para começar a minimizar suas dívidas.

Foi então que escolheu ser um sacerdote, o Padre Bartolomeu de Gusmão. Estava indo bem, digamos assim, até que se apaixonou por uma freira, Irmã Paula, sem saber que de fato havia reencontrado sua querida esposa, aquela que fora assassinada pelos ingleses na outra vida. Mas o pior mesmo foi ter valorizado a vaidade, a luxúria e as aventuras relacionadas com os prazeres da sensualidade que desfrutava na convivência com o rei, isso o fez cair.

Cabe lembrar uma das frases de Jesus: “nem todos que dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus”! Ele era um padre, conhecia bem o conteúdo do evangelho, pregava as lições de Jesus e não as praticava.

Antes da primeira guerra começar, em 1914, Santos Dumont havia sugerido ao governo francês que os balões poderiam ser usados no ataque aéreo contra os ingleses (observemos que ódio contra os ingleses continuava vivo na sua alma). Então, passados mais de cem anos, encheu-se de culpa ao ver que levaram longe demais a adaptação do avião com metralhadoras.

Alberto ansiava por ver o uso mais nobre do seu invento. Assim não media esforços para participar de reuniões técnicas, científicas e políticas, demonstrando como os aviões poderiam ser úteis de outra forma, como meio de transporte, encurtando distância entre as pessoas. Outro invento que foi pouco conhecido e valorizado foi a adaptação do canhão para lançar coletes salva-vidas para banhistas ou naufragos no litoral francês.

O aviador estava deprimido demais. Encerrou sua passagem na vida terrena e começou uma longa jornada na vida espiritual. Depois do suicídio, o quadro de depressão aliado à pouca religiosidade e à crença de que a morte era um grande vazio, contribuíram para que ele entrasse em um quadro terrível de baixa-estima.

Fugindo dele mesmo e das amargas lembranças da vida que teve, entrou em um sono profundo, com intensos pesadelos. Seu estado era muito triste, continuava gerando pensamentos que o deprimiam ainda mais.

Ficou no Vale dos Suicidas por mais de dez anos no estado de dormência, refugiando-se dos erros cometidos no passado. Socorristas foram resgatá-lo, antes que ele entrasse em uma fase chamada “a segunda morte” muito mais difícil de ser recuperado, mesmo já estando desencarnado. Encolhido na posição fetal nesses anos todos, deixava de ter aparência de um homem adulto para adquirir a aparência de algo semelhante a uma bola, no formato de um ovo ou ovóide. Se isso acontecesse, seria uma presa fácil de espíritos obsessores.

Antes que isso acontecesse, foi levado inconsciente para um posto de socorro ainda no Vale dos Suicidas e logo depois para o Departamento Reencarnatório de uma colônia espiritual, onde médicos psiquiatras e terapeutas especializados dedicaram-se exclusivamente ao seu tratamento. Os sinais de reação eram mínimos.

A equipe decidiu então que a reencarnação seria a única forma de reverter o processo de profunda depressão. O espírito de Alberto foi levado para junto daquela que seria sua futura mãe, logo nas primeiras semanas de gestação. Ela era uma mulher solteira, francesa, dona de uma casa de meretrizes e havia vínculos afetivos entre eles. A equipe de assistência médica do plano espiritual acompanhava de perto todo o processo para que a gestação pudesse se completar.

Porém, ela foi abandonada pelo amante ao saber que estava grávida. Apesar dos esforços da equipe de mentores que visavam ajudá-la a superar este fato e manter a gravidez, ela preferiu “afogar suas mágoas na bebida”, afinal de contas era carnaval. No terceiro mês de gravidez cometeu o aborto. Alguns dias depois faleceu em decorrência das fortes hemorragias.

Os amigos espirituais entristecidos acolheram a ambos, cada um a seu modo. “Alberto-bebê” foi levado de volta ao posto de socorro espiritual na mesma colônia de onde partiu. A mãe foi levada para tratamento em outro local.

Surpreendentemente, em poucas semanas ele havia recuperado a aparência de Santos Dumont, anos mais jovem de quando desencarnou, porém, não se lembrava do seu passado e começou a ficar aflito.

A equipe de psicoterapeutas que o acompanhava iniciou tratamento específico para ajudar a resgatar sua identidade na última encarnação e a auto-estima. Conforme se lembrava de fatos importantes demonstrava sinais que estava prestes a se deprimir novamente.

Analisando os fatos, a equipe pôde perceber que não foi bem a depressão que o levou ao suicídio. Uma das suas maiores dificuldades era lidar com as contrariedades. Tinha o orgulho ferido, o que desencadeava a baixa estima à qual era acentuada com a sensação de culpa do uso do avião como arma de guerra.

Passou por um longo processo de tratamento intensivo, que incluía sessões de psicoterapia e regressão às vidas passadas, musicoterapia, banhos com águas medicinais, uso de florais e homeopatia. Depois de alguns meses, recuperou a memória, o equilíbrio emocional e a auto-estima, à medida que desenvolvia a humildade e a resignação, deixando de lado o orgulho e a vaidade.

Lembrando as leis de ação e reação, a sensação de culpa que Alberto sentia está relacionada com seu passado, por causa das várias mortes que indiretamente provocou quando foi Zennon, o inventor dos canhões. Essa triste lembrança o destruía pouco a pouco.

“Ícaro Redimido” mostra bem que somente a prática da caridade pode nos ajudar a superar a dor e a reconstruir nossas vidas. Ele reencontrou aqueles com quem teve mais desavenças e vivenciaram o perdão sincero. Descobriu que uma das pessoas que mais o ajudara a criar seus inventos, a evitar desavenças contra aqueles que o criticavam, também era seu mentor espiritual, que teve participação fundamental no seu tratamento.

O livro nos revela que seu mentor foi, na última passagem pela Terra (última encarnação), aquele sacerdote que perseguiu e mandou matar Bartolomeu. Depois de anos vagando pelo umbral, sofrendo as consequências dos seus erros, apanhando de quem mais perseguiu e maltratou no período da inquisição, este sacerdote reconheceu seus erros, procurou estudar e melhorou seu caráter sensivelmente. Pouco a pouco foi conquistando credibilidade dos níveis espirituais de hierarquia mais elevada. Pediu então às instâncias superiores uma chance para ajudar Alberto na missão que teria na vida terrena.

Serviria como um intermediário, levando instruções de Leonardo da Vinci e sua equipe, que estavam em um nível espiritual mais alto, para Alberto durante seu sono físico. Fizeram muitos progressos juntos. Ele só não conseguiu livrar o aviador da ideia de suicídio.

Observemos que o anjo guardião de Alberto não era necessariamente alguém loiro de asas brancas. Era um espírito desencarnado, com maiores esclarecimentos espirituais, boas qualidades morais, e com grande afeição por quem desejava proteger. Sobre anjos, sugerimos consultar o Livro dos Espíritos de Allan Kardec, (1989) Cap. VI – perguntas 489 a 521.

Uma das belas frases dita por Heitor, o mentor de Alberto foi:

“Sejamos contudo fortes o bastante para enfrentar as nossas próprias fraquezas, reconhecendo-nos carentes da Misericórdia Divina. E, sobretudo, trabalhemos pela paz e pela vitória do bem, angariando medicamentos seguros para superação de nossas dores”. Em outras palavras: É dando que se recebe!

O ex-fabricante de canhões, o ex-padre e ex-voador assimilou novos aprendizados e desejou deixar de ser um assistido, para ser um servidor do bem. Começou seus primeiros passos como auxiliar de enfermeiro nos trabalhos assistenciais aos ex-fumantes desencarnados.

Então veio a II Guerra Mundial, em 1945, e ele se ofereceu para acompanhar a equipe de psicoterapeutas amigos que haviam cuidado dele. A espiritualidade rapidamente “construiu” (criou com o poder do pensamento) um hospital itinerante que seria algo parecido como uma nave espacial - hospital. Saíram da esfera espiritual do Brasil e foram para imediações de Portugal, por ser uma área neutra e mais distante dos conflitos entre Alemanha e outros países. Alberto ficou fascinado por toda avançada tecnologia desta aeronave.

Do hospital “nave mãe” saíram grupos de socorristas que montaram postos de socorro nas imediações dos principais países envolvidos nesse insano conflito bélico. Durante um destes trabalhos reencontrou-se com Irmã Paula, sua antiga amada quando ele era Bartolomeu e sua esposa quando foi Zenon, conforme esclarecido pelo Mentor Heitor.

Ela foi convidada a integrar o grupo. Trabalharam juntos, ajudaram muitos feridos e desencarnados, soldados e civis, sem distinção. Acabada a guerra voltaram todos para o Brasil e o casal pode começar a fazer planos para a próxima encarnação.

12 Chico Xavier: discípulo e mestre

Francisco Cândido Xavier, nasceu no dia 02-04-1910, em Pedro Leopoldo (MG), em uma família pobre. Ficou órfão da mãe aos cinco anos. Seu pai se casou novamente e mais uma vez, sua segunda mãe faleceu. Depois se casou pela terceira vez.

Chico teve uma infância muito sofrida, por vários aspectos, era agredido pela madrasta e tinha poucos recursos financeiros. Sua mediunidade havia se manifestado e ele não sabia como lidar com isso. Tinha medo do que ouvia e via. Quando adulto, trabalhou como servidor público do Ministério da Agricultura e aposentou-se cedo por problemas de saúde.

Recebendo consolo, fortalecimento e orientações espirituais de sua mãe e do mentor espiritual Emmanuel, sua vida tomou um belo rumo, graças à sua dedicação e disciplina. O primeiro livro foi publicado em julho de 1932: “Parnaso de Além-Túmulo”. No total, foram mais de 450 livros e inúmeras pessoas beneficiadas pelas suas obras.

.....

Mas essa pessoa maravilhosa, esse homem de fé, essa pedra preciosa é um espírito de luz que vem se lapidando há várias encarnações.

Depois de 92 anos de dedicação auxiliando ao próximo e a viver a vida com a mais pura humildade, Chico partiu deixando muita saudade para os que ficaram “na terra” e foi recebido com muita alegria por aqueles que o esperavam “no céu”. Corria rápida a notícia que havia falecido, tanto no mundo físico como no espiritual. O velório seria no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba (MG). Inúmeras pessoas estariam lá para demonstrar carinho e gratidão.

Chico havia pedido à espiritualidade para que seu desencarne ocorresse em um momento de muita alegria ao povo brasileiro, para que sua passagem pudesse passar despercebida. E assim foi. No dia 30-06-2002, um domingo, o Brasil conquistou o título de pentacampeão mundial de futebol na Ásia.

Enquanto milhões de brasileiros comemoravam a conquista do futebol, Chico deixava suavemente seu veículo físico. Muitas notícias foram divulgadas nos principais meios de comunicação. Os trechos que relataremos a seguir consta do livro “Na próxima dimensão” (2002) nas páginas 47 a 70.

No mundo espiritual, Chico podia ser visto parcialmente desligado do corpo físico, adormecido no colo de D. Cidália, sua segunda mãe, consciente de tudo o que se passava. A primeira mãe e seu pai já estavam reencarnados. Parcialmente desligado, porque desejou permanecer exposto à visitação pública no velório, durante 48 horas.

Assim, seu corpo físico continuava a receber fluidos vitais do corpo espiritual por meio de filamentos perispirituais. Esse procedimento adia o processo de decomposição. Ao seu redor, estavam muitos espíritos iluminados que trabalharam com ele nos livros da Coleção André Luiz como Áulus, Eusébio, Aniceto.

Estavam também personagens ilustres e amorosos que ajudaram no crescimento e fortalecimento do espiritismo no Brasil tais como Meimei, Scheila, Auta de Souza, Maria Dolores, Herculano Pires, Irmão José, Yvone Pereira, Cairbar Schutel e Batuíra, entre outros missionários da luz de Jesus. Presente inclusive estava o casal que introduziu Chico Xavier na doutrina espírita – Senhor e Senhora Perácio, além de familiares e inúmeras pessoas auxiliadas por ele, encarnadas e desencarnadas.

Havia tanta gente querendo se despedir dele, que foi necessária a intervenção de policiais para organizar as filas ao redor da casa espírita. Eram pessoas famosas, políticos e artistas, como também pessoas simples e humildes. Todos muito agradecidos, pelas mensagens que psicografou, pelas suas orações, enfim por seus gestos de caridade.

Apesar da grande multidão presente em um lugar físico tão pequeno, como o local onde estava sendo o velório, não foi registrado nenhum tumulto, nem registrada a presença de espíritos menos esclarecidos querendo perturbar o ambiente.

Na coordenação de toda a cerimônia, no mundo espiritual, estava José Xavier (seu irmão), auxiliado por seres de luz. Léon Denis pediu a palavra e fez um discurso de louvor e gratidão, lembrando sua trajetória, destacando a importância do seu trabalho, refletindo sobre a lacuna que deixaria e convidando-nos a seguir seus passos na Seara Divina.

Fizeram uma bela oração. Luzes coloridas multiplicavam-se a todo instante, proveniente das orações que eram dirigidas a ele, tanto do mundo físico como do espiritual. Vozes de um coral infantil vinham do alto, deixando o ambiente ainda mais sereno. Havia uma faixa de luz azul sobre ele, proveniente de uma dimensão maior.

Terminada a prece, aquela faixa de luz azul foi adquirindo tonalidades multicoloridas e, do seu interior, surgiram as presenças de Dr. Bezerra de Menezes, Emmanuel e Dr. Euripedes Barsanulfo. Junto deles, com aparência mais sutil e angelical, estavam Veneranda e Celina “a excelsa mensageira de Maria de Nazaré” que abraçaram Chico com ternura.

Ainda no mundo espiritual, diante de espíritos de tamanha grandeza, muitos se ajoelharam em respeito, com lágrimas nos olhos. Oração ainda mais bonita foi feita, movida pelos nobres sentimentos de amor e luz!

No mundo terreno, depois que também haviam feito uma linda oração, o caixão foi levantado e levado para o local onde seria sepultado, acompanhado de grande cortejo. Chico continuava envolvido em vibrações carinhosas. Foi então que, do interior daquela faixa de luz intensa, algo parecido com o sol se fez presente naquele momento, no meio de todos. Suspense total. Quem seria?

Algo muito especial se passou. Dois braços surgiram do interior desta bola de luz e foram estendidos em direção a Cidália e Celina. Lentamente elas entregaram Chico a um abraço verdadeiramente divino. A beleza desta cena é difícil de ser descrita. Lentamente, a faixa de luz se recolheu de baixo para cima, levando Francisco Cândido Xavier para esferas de dimensões superiores.

O ambiente do funeral foi se esvaziando com o encerramento das cerimônias, no mundo físico e no mundo espiritual. O maior médium brasileiro, exemplo vivo de humildade e disciplina, partiu deixando sua missão cumprida e muitos livros para serem lidos.

Recomendamos assistir ao filme brasileiro denominado “Chico Xavier”, que estreou nos cinemas em 2010, dirigido por Daniel Filho, contando a trajetória e os principais momentos da estória de vida deste grande e simples médium mineiro. No elenco estão Nelson Xavier, Tony Ramos, Cristiane Torloni, Giula Gam, entre outros atores. Em um mês de exibição o filme foi visto por três milhões de pessoas. Para saber mais acesse: <http://www.chicoxavierfilme.com.br/>

Vale mencionar também o filme “As Mães de Chico Xavier”, dirigido por Glauber Filho e Halder Gomes, estreou em 2011, tendo no elenco Nelson Xavier, Caio Blat, Vanessa Gerbelli, Herson Capri entre outros. Trata-se da estória de três mães que estão passando por momentos difíceis de suas vidas com relação aos filhos. Elas recebem esclarecimento, conforto e esperança pelo belo trabalho de Chico Xavier juntos aos espíritos benfeitores. Ver: <http://www.asmaesdechicoxavier.com.br/>

Além do “Nosso Lar”, outro livro adaptado ao cinema brasileiro foi “E a vida continua”, publicado em 1968, escrito pela dupla Chico Xavier e André Luiz. O filme estreou em 2012. Ver: <http://www.eavidacontinuaofilme.com.br/>.

IV Passagens coletivas: guerras, terremotos, enchentes, acidentes nas estradas, naufrágios e outros casos

É comum perguntarmos qual a razão de tantas mortes coletivas ocorrerem em acidentes de avião, ônibus, navios ou mesmo em decorrência de desastres naturais. Apesar de haver uma explicação específica para cada situação, uma coisa é certa, nada é por acaso. Tudo tem uma razão de ser!

O motivo reside nos erros cometidos em vidas passadas. Quem não tem nada grave a resgatar escapa do acidente ou algo lhe acontece naquele dia retardando sua chegada ao aeroporto ou a rodoviária, de modo a “perder” aquele avião ou aquele ônibus.

As pessoas que têm débitos comuns precisavam estar juntas nessa mesma hora e nesse mesmo local quando o acidente acontece. Tudo segue conforme a lei da ação e reação, não como um castigo ou punição de Deus. Seria a aplicação do ditado popular: “quem com ferro fere, com ferro será ferido”!

Os parentes e amigos mais próximos que sofrem profundamente com estas tragédias também estão inseridos neste contexto de vidas passadas. Podem ter sido mentores ou cúmplices destes atos.

No Programa “Pinga-Fogo”, apresentado pela extinta TV Tupi em 1971, perguntaram a Chico Xavier como a doutrina espírita explicaria a morte de milhares de pessoas em guerras, enchentes e todas as espécies de catástrofes. O ilustre médium respondeu da seguinte forma, segundo consta no livro “Pinga Fogo” (2010) nas páginas 192 e 193:

“São as provações coletivas, que coletivamente adquirimos do ponto de vista de débitos cármicos (pela lei da ação e reação). Às vezes empreendemos determinados movimentos destrutivos em desfavor da comunidade ou do indivíduo, às vezes operamos em grupo, às vezes em vastíssimos grupos e no tempo devido os princípios cármicos amadurecem e nós resgatamos as nossas dívidas, reunindo-nos uns com os outros, quando estamos acumpliciados nas mesmas culpas, porque a lei de Deus é a lei de Deus, é formada de justiça e de misericórdia”.

Ainda no livro “Pinga Fogo” é feita referência a “Ação e Reação”, psicografia de Chico Xavier, em que André Luiz narra vários casos ilustrativos a esse respeito. Um deles trata de um desastre aéreo, ocorrido durante denso nevoeiro, quando o avião chocou-se contra uma montanha, sem registro de sobreviventes. Em outra vida, estes passageiros foram homens e mulheres de poder, responsáveis por condenar e/ou atirar cidadãos indefesos de torres ou penhascos.

Outro caso conta que centenas de pessoas “morreram” queimadas em um determinado lugar que pegou fogo. Em outra vida, elas costumavam atear fogo nas aldeias, incendiando casas e tirando a vida de mulheres e crianças inocentes.

Cabe enfatizar que em todas estas ocorrências, os mensageiros celestes estão sempre presentes, prestando devido auxílio no desligamento dos desencarnados, nos primeiros

socorros e no encaminhamento ao posto de socorro e no amparo aos familiares e amigos das vítimas, mesmo que não tenhamos consciência disso.

Eles agem com conhecimento prévio dos fatos e das circunstâncias, orientados por níveis superiores. A organização das equipes de socorristas, enfermeiros, médicos e terapeutas é muito rápida e atenciosa, chegando antes das equipes de resgate ou dos bombeiros. Claro, eles não pegam congestionamento nas ruas e estradas, nem dependem das boas condições meteorológicas para voar de helicóptero ou sair de barco.

A primeira vez que lemos sobre os trabalhos de assistência dos auxiliares invisíveis em situações críticas, que comovem a todos nós, foi no livro "O Nosso Lar" (1944) de André Luiz, nos capítulos 41 a 43, quando ele descreve a mobilização dos trabalhadores da colônia por ocasião da II Guerra Mundial. No filme estas cenas foram representadas.

No livro "Vivendo no Mundo dos Espíritos" (1993), Patrícia nos conta que ao longo das principais rodovias brasileiras há vários postos de socorros espirituais. Quando acontece um acidente "é acionado um aparelho de alarme indicando onde foi e a gravidade do fato". A equipe de socorro vai até o local e presta o devido auxílio, tanto aos sobreviventes como aos que faleceram.

Se há sobreviventes conscientes, os socorristas intuem alguém a adotar procedimentos emergenciais, como desligar o carro (se ainda estiver ligado) e puxar o freio; telefonar para as equipes de resgate das rodovias ou do corpo de bombeiros, dizendo o que se passou. Os socorristas ajudam estas equipes a chegarem ao local da ocorrência. Às vezes orientam outro motorista a passar no local e prestar primeiro auxílio ou mesmo a fazer a ligação pedindo socorro.

Na obra "As Margens do Rio Sagrado" (1979) observamos que as informações sobre a quantidade de mortos, feridos e tipos de ferimentos, bem como das vítimas em estado grave são transmitidas, quase que imediatamente, para o posto de socorro mais próximo do local do desastre, e daí para o hospital espiritual mais próximo, de maneira que as devidas providências sejam adotadas rapidamente.

Em casos de morte violenta, seja por ocasião de desastre natural ou acidente com meios de transporte (carro, moto, avião, ônibus, navio) ou atentados terroristas, há pessoas que não sentem que "morreram". Isto porque, como o rompimento dos laços que prendem o corpo espiritual ao corpo físico acontece de maneira brusca e repentina, a maioria que desencarna desta maneira fica surpresa, aturdida, confusa, sem entender o que se passou e o que está se passando.

Muitos não acreditam nem querem aceitar que desencarnaram, que deixaram os familiares, seus bens, projetos de vida! Somente com o tempo e com a ajuda dos bons espíritos compreenderão a realidade em que se encontram e se recuperarão do trauma que sofreram.

As preces dos familiares e amigos que procuram aceitar o fato, apesar da dor no coração, também ajudam e muito nessas horas para o esclarecimento e encaminhamento deles. Por outro lado, a revolta e a resistência em aceitar o que não se pode mudar, interfere no tratamento que está sendo realizado. Aqueles que ficam "toda hora" lembrando o que se passou, com lágrimas de revolta, chamando o ente querido, dificultam completamente o processo de recuperação. Sofrem ambos.

Os itens a seguir foram organizados para ilustrar a passagem simultânea de várias pessoas e demonstrar como os auxiliares invisíveis atuam nessas horas.

1 II Guerra Mundial

A II Guerra Mundial foi um grande conflito armado que ocorreu entre 1939 e 1945, envolvendo de um lado a Alemanha, a Itália e o Japão e do outro lado a Inglaterra e a França de início, posteriormente apoiados pelos países da ex-União Soviética e dos EUA.

Tudo começou por causa dos tratados políticos territoriais mal resolvidos após a I Guerra Mundial (1914–1918), pois a Alemanha e o Japão reivindicavam um território maior. As batalhas aconteceram em terra, no ar e no mar. Centenas de cidades europeias foram destruídas. A guerra chegou ao fim, quando duas bombas atômicas foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki no Japão, pelos aviões dos EUA.

Estudiosos no assunto estimam que morreram cerca de 24 milhões de militares e 40 milhões de civis, dos quais seis milhões eram judeus. Sem contar os muito mais de 12 milhões que ficaram feridos e inválidos (Enciclopédia Ilustrada do Conhecimento, 1998).

Desde o início de 1939, as colônias espirituais sobre a Ásia, Europa, norte da África e Brasil preparavam-se para prestar auxílio. Trabalhavam primeiramente intuindo líderes políticos, religiosos e sociais nas negociações políticas e na multiplicação de ações voltadas para a paz, visando evitar a guerra.

Quando os conflitos armados começaram, eles atuaram na repressão das atividades bélicas e criminosas que estavam sendo desencadeadas por parte dos espíritos das sombras e dos homens encarnados afinados com eles. Paralelamente mobilizavam-se em grandes grupos de médicos e enfermeiros e socorristas providenciando infraestrutura adequada para o socorro aos feridos e aos mortos no plano físico e, principalmente, no espiritual.

André Luiz conta que, quando a Alemanha invadiu a Polônia, em setembro de 1939, soou a sirene de alerta no mundo espiritual, convocando trabalhadores para os serviços de socorro. O silêncio foi total na Colônia “Nosso Lar”, no Rio de Janeiro. Mas só de início. Convocados a comparecer na praça central, a multidão estava tumultuada, aflita, ansiosa em busca de notícias sobre seus parentes, tanto quanto em busca de informações e orientações sobre o que deveriam fazer.

Em instantes, a palavra do Governador do “Nosso Lar” se fez ouvir nos alto-falantes, pedindo que todos soubessem controlar as emoções e os pensamentos, elevando seus corações a Deus em preces.

Foram convocados 30 mil servidores, em missão coletiva de amor fraternal, para prestar auxílio ao socorro dos necessitados, somente na Colônia “Nosso Lar”. André Luiz cita que foram organizados cursos preparatórios de urgência, para capacitar trabalhadores do mundo espiritual no serviço hospitalar, tanto na parte técnica como no campo emocional, para lidar com situações extremas.

Os mentores explicaram que o medo e o terror, se não controlados de início, tornam-se uma moléstia muito contagiosa que ataca a alma das pessoas: “A governadoria, nas

atuais emergências, coloca o treinamento contra o medo muito acima das próprias lições de enfermagem. A calma é garantia de êxito”.

No livro: “As Margens do Rio Sagrado” (1979), Edgard Armond conta que quando foram informados pela espiritualidade sobre o que poderia acontecer nesta guerra, em termos de agressividade e maldade, uma grande ansiedade tomou conta da maioria dos trabalhadores dos postos de socorro e das colônias. Sabiam que o número de pessoas necessitando ajuda aumentaria muito.

De fato, o número de caravanas dos samaritanos que chegavam dos campos de batalha com os recém-desencarnados triplicou. Um andar a mais foi construído no prédio principal em dois dias, para acomodar a todos recém-chegados, com uma tecnologia que desconhecemos.

A Administração Geral desta colônia situada na Índia, conforme descrito por Armond no citado livro, fez um apelo a todos os postos vizinhos, solicitando colaboradores urgentemente. Como resposta, milhares de voluntários chegavam das colônias espirituais de diversas partes do mundo. O livro “Ícaro Redimido” (2010) também descreve a mobilização de voluntários e a organização de inúmeras equipes de socorristas.

A força de Deus estava presente o tempo todo, fortalecendo-os e amparando-os. Mas a força do mal também estava presente, induzindo os homens a cometerem as piores crueldades.

Próximo aos locais de combate, médicos e enfermeiros militares, bem como servidores da Cruz Vermelha montavam improvisados hospitais de campanha, em tendas, para onde eram levados os feridos. No mundo espiritual, foram criados muitos postos de socorro e hospitais de emergência “flutuantes”, onde era prestado atendimento àqueles que desencarnavam e aceitavam ajuda. Sim, porque muitos eram aqueles que queriam continuar lutando, mesmo já “tendo morrido”.

O primeiro grupo de auxiliares invisíveis que voltou da Europa para o “Nosso Lar” (Rio de Janeiro), descreveu tristes cenas de destruição e crueldade por parte dos soldados invasores, emanando ondas de terror e de pânico pelas cidades por onde passavam.

André Luiz comenta que esta guerra foi tão destruidora nos círculos da carne como perturbadora no mundo espiritual: ondas de ódio e pavor geradas pelas pessoas afetam o equilíbrio emocional da Terra. No mundo espiritual registrava-se atmosfera de ar asfixiante, encoberta por vibrações densas e tensas. No livro “Ícaro Redimido” (2010) é relatado que no plano astral onde ocorriam as batalhas, haviam muitas “nuvens energéticas” cinza escuro e presença de raios, tais como ocorre nos dias de tempestade sobre a terra.

Esta atmosfera densa dificultava, mas não impedia a ação dos mensageiros celestes, seja para evitar ou minimizar a maldade nas cidades invadidas, seja para socorrer os recém-desencarnados.

Como muitas pessoas apresentavam um passado cheio de dívidas, haviam feito mal para muita gente em outras vidas, espíritos sedentos de vingança aguardavam o final do desligamento para aprisioná-los e levá-los para zonas inferiores onde seriam julgados e condenados a seu modo.

Nessas ocasiões, os auxiliares invisíveis usavam redes energéticas para proteção contra a “exaltação furiosa” dos agressores. Tais redes agem como escudo, possibilitando-os deixar o campo de batalha em segurança.

.....

O uso desta rede também consta do livro “Transição Planetária” (2011), quando os mensageiros celestes realizavam o desligamento e a proteção dos que pereceram nas cidades litorâneas no Oceano Índico, em 2011, em consequência do terremoto e das grandes ondas (tsunami), como veremos mais adiante.

Havia desencarnados que não aceitavam ajuda dos socorristas e fugiam deles como diz o ditado popular: “como o diabo foge da cruz”! O destino destas pessoas desequilibradas seria as regiões umbralinas. Diferente daqueles que aceitavam ajuda.

Cabe esclarecer o que se passa no tumulto do combate, do ponto de vista espiritual, segundo o “Livro dos Espíritos” (1989), de Allan Kardec, perguntas 546 a 548. No caso da morte em guerras, há poucas “mortes instantâneas”. Muitos se encontram tão envolvidos com o combate, concentrados em atacar e se defender, que mesmo depois de desencarnados continuam a lutar, permanecem no campo de batalha, ouvindo e vendo tudo o que se passa, como se nada tivesse acontecido.

No livro “As Margens do Rio Sagrado” (1979), Armond conta que muitos soldados e civis (em espírito), foram levados para tratamento no Departamento de Integração, vinculado a uma Colônia Espiritual situada na Índia: “os necessitados chegavam em grupos cada vez maiores da Ásia”, os doentes eram limpos, higienizados, acomodados, alimentados. Havia muitos assistidos para poucos trabalhadores, requisitando atenção constante por parte dos voluntários.

A ajuda dos amigos espirituais ocorreu de diversas maneiras neste período triste. Sabe-se que muitos foram os judeus aprisionados e maltratados pelos nazistas. E muitas famílias foram salvas.

No capítulo 35 do livro “Ícaro Redimido” (2010) há uma descrição detalhada dos procedimentos adotados pela espiritualidade para intuir centenas de judeus a procurar e encontrar pessoas certas e lugares estratégicos, onde poderiam conseguir abrigo, segurança, passaportes, passagens e vistos de entrada em países como Portugal e Espanha, para se libertarem da perseguição nazista.

Uma dessas autoridades era o cônsul de Portugal na França. Em outra vida, ele foi sacerdote da igreja católica, membro do grupo que mandou perseguir e matar inúmeros judeus. Nesta vida, sua atitude altruísta de facilitar a fuga de vários grupos de perseguidos, desobedecendo às ordens de seus superiores em Portugal, custou seu cargo e sua liberdade.

No plano espiritual sua boa ação ajudou e muito a minimizar os erros do seu próprio passado, pois muitas famílias conseguiram se salvar. Outros homens e mulheres anônimos, de certo prestígio político, munidos de boa vontade e compaixão, inspirados e orientados pelos guias espirituais, ajudaram igualmente a fuga de muitas famílias judias. Quando não era possível auxiliar uma família inteira, conseguiram salvar pelo menos as crianças.

A presença das forças do bem orientaram os comandantes militares a conduzir as tropas para batalhas vitoriosas, reduzindo o poder dos nazistas e reconquistando territórios recém-ocupados. Tal como orientavam líderes políticos para as negociações pela paz.

No mesmo livro, no Capítulo 35, lemos que o modo de viver do povo judeu com suas crenças, hábitos e costumes próprios, bem como a maneira como levavam seus negócios, os mantinham em “isolamento racial” mesmo habitando diferentes países. Isto

atraía antipatia e agressividade de certas pessoas. Porém nada justifica a perseguição e a crueldade que sofreram por parte dos nazistas.

No Capítulo 37 do mesmo livro, é mencionado o trabalho assistencial particularmente dedicado aos judeus que desencarnaram nos campos de concentração. No plano espiritual, sobre a região da Cordilheira dos Alpes foi construída a réplica de uma bela e paradisíaca cidade à beira do Mar da Galileia, anos antes de Cristo.

Trata-se “de uma construção ideoplástica edificada e sustentada por poderosas entidades superiores, condoídas dos acerbos sofrimentos impostos aos irmãos semitas” para acolhê-los. Ao longe, avistam-se verdes montes de onde surgia um belo rio de águas cristalinas enfeitado por fileiras de oliveiras.

Tudo foi elaborado para agradá-los: temperatura ambiente adequada, presença de flores coloridas e perfumadas, campos verdejantes onde rebanhos de ovelhas pastavam vigiados por pastores, casas em pequenos vilarejos e crianças brincando livremente. No interior de muitas casas estavam enfermos e feridos recebendo cuidados médicos e afeto familiar. Na maioria, pessoas idosas.

Heitor, um dos mentores deste vilarejo espiritual, denominado por ele de “Campo de Concentração das Forças do Bem”, explicou que as famílias separadas e cruelmente assassinadas podiam se reunir e se recuperar do trauma sofrido.

Homens vestidos como os antigos profetas bíblicos falavam a grupos de pessoas visando fortalecer a crença no Deus maior, e oravam pelo bem da humanidade. Em suma, o plano espiritual procurou criar, com o máximo de detalhes possível, a imagem da tão desejada “Terra Prometida”.

Porém, nem todos os judeus eram merecedores deste presente divino. Aqueles que tinham ódio no coração e alimentavam desejo de vingança não eram bem-vindos. Eram recebidos os que tinham o coração bom e que haviam sofrido com resignação. Tal como nos ensinou Jesus no Sermão da Montanha: “bem aventurados os aflitos que serão consolados”!

Paralelamente, Heitor dedicava-se a confortar e minimizar o sofrimento dos judeus que padeciam torturas diversas por parte dos nazistas nos laboratórios, onde eram realizados diferentes experimentos, e nos campos de concentração. Ajudava a minimizar as dores das “torturas”, no desligamento do corpo físico, no encaminhamento para posto de socorro e posteriormente os levava para essa colônia paradisíaca.

Cabe lembrar que Heitor foi um dos sacerdotes católicos responsáveis por cruéis torturas a inocentes durante a Inquisição. Por isso, dedicava-se com tanta humildade e amor incondicional a este trabalho, desejando redimir as faltas cometidas quando deixou-se dominar pelo orgulho e pelo poder.

A lei da ação e reação segue seu fluxo e todos que cometeram crueldades durante esta guerra, a civis e militares, que privaram do alimento e da água potável centenas de pessoas, não ficarão impunes. Nas próximas encarnações colherão os frutos amargos que plantaram.

2 Ajuda de artistas nos campos de batalha na Segunda Guerra Mundial e na Guerra do Vietnã

Filmes e revistas sobre a Segunda Guerra Mundial mostravam que o governo de alguns países enviava artistas famosos para fazer shows aos soldados que estavam no campo de batalha, como Elvis Presley. Isto se deve à inspiração dos mensageiros celestes, pois este trabalho já era desenvolvido no mundo espiritual anos atrás.

As pessoas recém-desencarnadas, que possuem poucas dívidas com a Lei da Ação e Reação, e que aceitam conscientemente a ajuda dos socorristas, permanecem em tratamento intensivo nos postos de socorro espirituais, para poder se recuperar dos traumas que a guerra lhes causou.

O trabalho dos artistas, junto com o dos médicos, enfermeiros e terapeutas ajuda sensivelmente na recuperação emocional dessas pessoas. Entre os mais famosos, já desencarnados, que fizeram parte desta atividade assistencial estão: Al Johnson, Clark Gable, Tyrone Power e Carole Lombard.

Assim conta Silveira Sampaio no livro “Bate-papo com o Além” (1980) nas páginas 88 e 89. Ele comenta que, além das Primeira e Segunda Guerra Mundial, este auxílio também foi realizado por ocasião da Guerra Civil da Rússia (1918–1920) e na Guerra do Vietnã (1960–1975).

Nesse ínterim, o mundo espiritual intuiu a muitas pessoas de importância no meio social, artístico e político para manifestarem-se em favor da paz, como vimos na estória de John Lennon.

O filme “Hair”, um musical dos anos 1970, ilustra um grupo de jovens “hippies” que protestava contra essa guerra e contra a convocação obrigatória do serviço militar. No filme “Bom Dia Vietnã”, dos anos 1990, com Robin Willians no papel principal, a música ganha importância no meio do caos. O personagem de Robin possui um programa de rádio no qual procura levar algo de bom aos soldados no campo de batalha.

Enquanto isso, milhares de jovens foram mortos de maneira brusca e violenta em questão de segundos, diante das metralhadoras e dos tiros de canhão. Outra terrível técnica utilizada pelos EUA foi a aplicação de defensivos agrícolas (agente laranja) nas florestas do Vietnã para localizar os combatentes que se abrigavam sob as copas das árvores.

Além dos efeitos nocivos à vida das pessoas, este ato deve ter causado um sério desequilíbrio ecológico, contaminando a água dos rios e o solo, prejudicando a fauna e a flora. Os homens que planejaram e executaram estes crimes ambientais também responderão pelos seus erros. Não ficarão impunes.

A assistência das equipes médicas no lado do mundo espiritual aos soldados desencarnados, dos EUA e do Vietnã, era muito difícil. Não somente pelo grave estado de choque emocional em que se encontravam os militares, mas também porque seus corpos físicos haviam sido esfaqueados pelas explosões das minas e granadas. Espiritualmente era possível reconstituir sua aparência original. Levava de alguns meses a alguns anos, dependendo de cada caso.

Porém, são necessárias dezenas de anos para que estes homens possam conseguir se recuperar do trauma psicológico que sofreram. Principalmente porque há muito ódio e revolta nos seus corações, desânimo, tristeza e depressão, o que dificulta e retarda o processo de restabelecimento. Muitos estão regatando suas dívidas passadas, em outras guerras e batalhas.

Por isso, o trabalho dos artistas é fundamental, para ajudar a levar ânimo e alegria aos corações dos ex-combatentes melhorando a autoestima, minimizando suas dores e motivando-os a seguir em frente.

Os soldados que voltaram do Vietnã para os EUA tiveram dificuldade para conseguir se recuperar dos momentos terríveis que vivenciaram. Alguns estavam mutilados, outros totalmente deprimidos, desnorteados.

Alguns se suicidaram, outros se entregaram à bebida e às drogas. O filme "Rambo", com Sylvester Stalone, exibido nos anos 1990, ilustra bem esse cenário. O personagem apresentava sérios distúrbios de comportamento e não conseguia se adaptar à vida rotineira que tinha antes. Vários trabalhos de psiquiatria, terapia, fisioterapia foram desenvolvidos para ajudar na recuperação destes homens.

3 Tsunami no Oceano Índico em 2004

Em dezembro de 2004, no Oceano Índico, um terremoto de grande magnitude no leito marinho provocou a formação de enormes ondas no mar, ou tsunami, que avançaram sobre a costa da Indonésia, Sri Lanka, Índia, Tailândia, costa leste da África entre outras áreas.

Os noticiários informaram que mais de 220 mil pessoas de 13 países morreram e aproximadamente 1,5 milhão ficaram desabrigados. Entre os mortos estavam muitos turistas europeus, norte-americanos e brasileiros que haviam viajado para Indonésia para passar as férias de final de ano.

Equipes dos bombeiros, médicos e enfermeiros da Cruz Vermelha, do Grupo "Médicos Sem Fronteiras", das forças armadas de vários países chegavam para ajudar a encontrar sobreviventes e socorrer as vítimas.

Em função do tremor de terra e do forte choque com as ondas do mar, os corpos foram encontrados sob destroços dos hotéis, residências e árvores ou boiando no mar. Havia muitos feridos e pessoas desesperadas em busca de entes queridos desaparecidos. As cenas exibidas nos telejornais eram muito tristes.

No livro "Transição Planetária" (2011), psicografado por Divaldo P. Franco, podemos conhecer detalhes sobre os trabalhos realizados pelos auxiliares invisíveis. Da mesma forma que chegava ajuda humanitária e equipes de socorristas de vários países do plano terrestre, no plano espiritual ocorria o mesmo. Das diversas cidades espirituais, dos vários continentes e inclusive de outros planetas como Órion, chegavam colaboradores, visando a prestar assistência a todos necessitados.

Na "terra e no céu" a ajuda chegava de maneira universalista. Unidos pelo fiel propósito de colaborar, havia representantes de diferentes religiões, culturas e filosofias de vida: católicos, mulçumanos, budistas, espíritas, hindus entre outros. Enfermarias, hospitais e

locais de abrigo eram organizados no mundo físico e no mundo espiritual para atender aos necessitados, noite e dia.

Enquanto isso, grupos de saqueadores e oportunistas se aproveitavam da situação roubando pertences dos cadáveres, das casas, lojas e mercados em ruínas. Nessa mesma linha de conduta, grupos de espíritos mal intencionados abordavam os recém-desencarnados para sugar suas energias, o fluido vital que ainda emanavam. Equipes de segurança eram cada vez mais imprescindíveis, nos dois mundos, para evitar tais assédios e colocar ordem nesses tristes transtornos comportamentais.

Acampamentos gigantescos foram montados no mundo espiritual para atender aos necessitados. Ofereciam também abrigo e repouso a todas as equipes encarregadas dos trabalhos de segurança, higienização, socorro médico e espiritual (enfermeiros, médicos, padioleiros, terapeutas). Eles também precisavam descansar e repor as energias despendidas.

Os socorristas do plano espiritual tiveram muito trabalho para ajudar a desligar do corpo físico aqueles que faleceram. Por terem perdido a vida física de maneira repentina e violenta, por falta de esclarecimento e consciência sobre a continuidade da vida, muitos continuavam apegados aos seus corpos, mesmo percebendo que estavam em decomposição.

A religião predominante nas ilhas da Indonésia era mulçumana e maioria dos turistas católicos ou sem crença religiosa. Apesar da resistência em aceitar que morreram, e da revolta em terem desencarnado desta maneira, muitos indivíduos foram recolhidos. Posteriormente foram levados para tratamento nos postos de socorro e hospitais-escolas em colônias espirituais da Ásia, Índia e Europa entre outras localidades.

Certos espíritos recusaram ajuda dos caravaneiros do bem e partiram. Eram aqueles que tinham afinidade com ambientes densos, envolvimento com bebidas, drogas, sexo e outros vícios.

Um fato chamou a atenção nos capítulos que descrevem a assistência aos espíritos recém-desencarnados na Indonésia: foi o exemplo de dedicação amorosa, aliado à sabedoria e à humildade no trato com espíritos obsessores que assediavam suas vítimas de maneira cruel.

A vitória do bem sobre o mal ocorreu por meio da aplicação de conceitos de psicologia, de passes ou projeção de fluidos nos doentes do corpo e da alma, bem como utilizando de ensinamentos religiosos. Todos socorristas demonstravam autoridade moral, falando sobre amor incondicional e sobre importância do perdão, com humildade e sinceridade.

Outro fato curioso, foi a orientação das equipes dos socorristas do mundo espiritual para que as equipes de resgates no ambiente terreno encontrassem vítimas ainda com vida no meio dos destroços. Por meio da telepatia, indicavam a direção a ser seguida às equipes de resgate, que julgavam seguir a intuição. Agiam também junto aos cães farejadores, que possuem grande sensibilidade, mostrando onde estavam as pessoas que precisavam de ajuda. Que belo trabalho em equipe!

Cabe mencionar um fato curioso que foi observado tanto por nativos como por pesquisadores: o comportamento de alguns animais antes do tsunami acontecer. Os jornais da

época noticiaram que os elefantes domesticados, usados para levar turistas para passear, ficaram agitados, soltaram as amarras e fugiram para partes mais altas das ilhas.

Pesquisadores que estudavam a vida de animais silvestres descreveram que ouviram sinais sonoros de alarme dados pelas aves e macacos quando pressentem algum tipo de perigo. Observaram também várias espécies de animais procurando abrigo nas partes mais altas das árvores e em direção às montanhas. Eles estavam obedecendo o instinto de preservação.

4 Acidente com romeiros em uma estrada brasileira

No livro “Semeando e Colhendo: contos reencarnacionistas” (2008), psicografia de Hercílio Maes, consta a descrição de certo acidente rodoviário envolvendo um grupo de romeiros do interior do Brasil, que retornava de viagem da festa do Nosso Senhor do Bonfim.

O caminhão transportando vinte e oito pessoas perdeu o freio em uma curva, ficou desgovernado na estrada e caiu em uma ribanceira. Quinze homens morreram e os demais passageiros (mulheres, crianças, jovens e idosos) tiveram ferimentos leves.

No mundo espiritual, familiares dos desencarnados estavam juntos do local do acidente, prestando todo auxílio necessário no desligamento e nos primeiros-socorros. Quase todos foram acomodados em Postos de Socorro localizados nas imediações. Muito antes da equipe de resgate da cidade mais próxima chegar.

Algumas pessoas estavam muito agitadas, devido aos temores sentidos na hora do acidente e por terem tido morte repentina. Outras estavam paralisadas, em estado de choque. Espíritos benfeitores trabalhavam intensamente, iluminando a mente e o coração daqueles que se deixavam levar para as regiões mais densas e escuras do “Astral Inferior”, pois “semelhante atrai semelhante”.

Os que apresentavam mais virtudes no coração, sinais de boa recuperação e que se adaptaram facilmente à passagem para outra vida, puderam ser transferidos em poucas semanas para “moradias astrais de sua ascendência espiritual” no Brasil e outros países como a Itália.

E aqueles que não quiseram viajar? No bairro de onde saíram os romeiros, nem todos foram à festa: a esposa do Sr. Gumercindo, o idealizador da viagem, não quis ir alegando que estava com maus pressentimentos (agora estava viúva); o cunhado dava graças a Deus por ter acordado tarde naquela manhã e perdido o passeio; e a vizinha se lamentava por ter insistido com o marido para ir no caminhão (estava viúva também).

No Mundo Espiritual, Gumercindo acordava em um hospital diferente de tudo que conhecia na região onde morava. Sentia muito frio, mesmo estando debaixo de cobertores. Ao lado da cama havia um vaso com flores de cores azuis, róseas, lilás e topázio, nunca visto antes. Estava confuso. Sentia as dores no corpo em função do acidente e não apresentava nenhum ferimento visível.

Escutava vozes e choros dos familiares e não tinha noção onde estariam, nem porque não os havia visto desde a hora do acidente. Estava sozinho, não via nenhum dos outros que estavam no caminhão por perto. Também não tinha noção em que tipo de hospital estava internado. Na verdade, não tinha certeza se estava vivo ou se tinha morrido.

.....

O médico entrou no quarto. Era um senhor com aparência típica de italiano calabrés (da região de Calábria). Depois de examiná-lo e irradiar luzes azuis pelas mãos em direção à testa, ao coração e ao umbigo de Gumerindo, conversaram.

Nas poucas palavras que trocaram, Gumerindo teve uma visão de vida passada na Itália, vestindo outras roupas. Estava em algum lugar bem diferente de onde vivia como caboclo brasileiro. Pôde então reconhecer o senhor que estava à sua frente e entendeu que havia feito a passagem.

Recordou-se de cenas da última encarnação. Ele e o colega que o ajudou a organizar a viagem, mais 13 homens que estavam no caminhão, formavam um grupo de 15 bandidos de uma cidade italiana. Eles costumavam assaltar viajantes ricos nas curvas das estradas, depois empurravam as pessoas e as carroças, barranco abaixo e saíam sem que fossem descobertos.

Pois bem, o caminhão no qual estavam tombou numa curva e caiu na ribanceira da mesma maneira. Os 15 homens faleceram. Conforme disse o médico: “nenhum estranho sofreu no acontecimento trágico. Na última hora foram afastados quem nada tinha a ver com essa prova”.

Por exemplo, as duas esposas que ficaram viúvas e o cunhado. Os sobreviventes que tiveram ferimentos leves, logo se recuperaram e seguiram seu caminho, dando maior valor à vida e a Deus.

Gumerindo soube também que foi muito auxiliado por uma pessoa à distância, com quem teve grande afeição no tempo em que viveu na Itália. Ela se encontra em um nível espiritual mais elevado, esperando por ele, para juntos iniciarem trabalhos em benefício da humanidade.

5 Acidente na Via Dutra seguido de incêndio

Este caso também consta do livro “Semeando e Colhendo: contos reencarnacionistas” (2008), nas páginas 103 a 122.

Na década de 1950, Sr. Rosalino (nome fictício) estava dirigindo seu carro de São Paulo para o Rio de Janeiro, na Rodovia Presidente Dutra, quando colidiu contra um caminhão. Com o choque, ele ficou preso nas ferragens. O carro se incendiou e ele ficou completamente carbonizado.

As equipes de socorristas vestidas de branco estavam ao lado dele neutralizando a ação das chamas, com um aparelho semelhante ao extintor de incêndio que conhecemos. Envolvido em uma “densa nuvem esbranquiçada, com fluorescências azuis, que penetrava pelos poros do perispírito” ele foi desligado do corpo físico.

Sem ter ainda consciência do que havia se passado, foi colocado em uma espécie de rede, revestida por algo parecido com talco, provavelmente para minimizar a sensação de queimaduras. Na sequência, foi levado para o posto de socorro espiritual “Os Samaritanos”, situado próximo à rodovia.

O motorista tinha a fisionomia de alguém apavorado. Apresentava os músculos da face e do corpo contraídos, tensos e debatia-se com convulsões. Sua mente registrava os

últimos momentos do acidente, sua aflição ao ver o carro se incendiando e as tentativas inúteis em querer se libertar das ferragens.

Os homens de branco aplicaram sedativos, passes, e ele foi se acalmando. Seu semblante foi ficando mais sereno. Esse trabalho de assistência durou vários dias e noites. Uma semana após o acidente, estava mais recuperado.

O motorista era um cantor muito querido dos brasileiros, na época dos Programas de Rádio nas décadas de 1940-1950. Era estimado pela bonita voz como também pelo seu grande coração. Por meio da música levava lindas mensagens aos ouvintes, incluindo crianças.

O livro descreve que o carinho das preces dos familiares, amigos e fãs, o ajudou muito. No sétimo dia, ainda adormecido, o cantor foi banhado por “flocos luminosos” nas cores lilás e rosa suave, os quais favoreceram seu relaxamento e tornaram mais suave a respiração.

O médico que foi visitá-lo constatou sua recuperação e mencionou: “os encarnados jamais poderão imaginar o poder da prece amorosa produzida pelos corações plenos de gratidão, que tanto fortalece os fracos, como balsamiza os sofredores”.

Examinando atentamente os registros mentais do paciente, o médico observou que imagens de vidas passadas se misturavam com as de sua última existência. Recomendou uma série de passes longitudinais, em cada centro de força do corpo perispiritual, da cabeça aos pés. Esse procedimento visava concluir o processo de desligamento do corpo físico.

O paciente que estava adormecido começou a mexer as extremidades dos pés e das mãos, espreguiçando-se como a despertar de uma longa noite de sono. O médico sorriu com o bom resultado e exclamou: “sua recuperação é excelente, assim dá gosto da gente trabalhar”!

Em seguida, lhe deram um frasco semelhante à mamadeira para tomar, com líquido cor de cereja. Perguntou se estava na Mansão Esmeralda, a colônia espiritual onde ele residiu antes de reencarnar. Disseram que logo iria para lá. Como estava usando roupa típica da enfermaria do posto de socorro espiritual e já estava de alta, trouxeram um terno cinza-claro para vestir, como era da sua preferência.

Depois de algumas horas de preparativos, o grupo partiu deste posto de socorro em direção a outro posto, situado na Serra do Mar, região de Santos, litoral paulista. Este ambiente é especial porque une as energias do mar com as da Mata Atlântica.

O grupo foi recebido por um grande cacique da tribo dos tupinambás, Mestre Guaciro. Este grupo indígena habitava a região quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500. O médico pediu ao cacique que preparasse um suco de ervas e frutas para ajudar na recuperação e fortalecimento do recém-desencarnado. Depois de degustar o suco “energético” seguiram rumo à Mansão Esmeralda, onde o cantor ficaria até sua próxima missão ou reencarnação.

Lá chegando, grandes surpresas o esperava. O cantor querido foi recebido por um lindo coral de crianças entoando canções clássicas como a Nona Sinfonia de Beethoven entre outras. A seguir reencontrou sua mãe e uma antiga companheira de jornada. Sentia-se mais humilde, mais leve.

.....

Sentia-se livre do mal que havia cometido no passado. Ele encerrou as dívidas cármicas provenientes da passagem que teve no séc. XV, como membro da Igreja Católica, no período da Inquisição, quando condenou à fogueira centenas de judeus e hereges. Por esse motivo desencarnou carbonizado, em decorrência de algum tipo de contato com o fogo, nas quatro últimas existências (como ocorreu com o carro depois do choque com o caminhão).

Agora ele amava e compreendia a Deus de maneira que nunca havia percebido antes. Estava feliz por ter retornado à Colônia Espiritual de onde saiu, como um ser humano melhor!

6 Náufragos e afogados

Há pessoas que fizeram a passagem da vida terrena para a espiritual nas águas dos mares e oceanos, rios, lagos e represas. Seja por ocasião de atividades de esporte e lazer (*surf*, vela, natação, mergulho), em função de atividades profissionais (pescadores, militares, mergulhadores), devido a acidente com embarcações como o naufrágio do Titanic, seja por ter enfrentado condições de mar revolto e vendavais.

A morte pode ocorrer por afogamento, ferimentos graves, hipotermia e parada cardíaca entre outros exemplos. Há desencarnes individuais e grupais. Nada é por acaso. Quem faz a passagem na água é porque tem algo a resgatar pelos erros cometidos em vidas passadas.

Lembremos alguns filmes produzidos nos EUA, entre os anos de 1990–2000, que passaram no cinema a esse respeito: *Mar em Fúria*, *Piratas do Caribe* e *Titanic*. Foram muitos aqueles que causaram a morte de pessoas durante Batalhas Navais do séc. XVII, por terem atirados “seus prisioneiros” ao mar, os piratas que atacaram e afundaram inúmeras embarcações, os assassinatos premeditados tais como os que ocorreram durante a época da Máfia quando amarravam peso nos pés das pessoas e as jogavam no mar ou em rios.

Nem todos percebem imediatamente que faleceram. Há quem fique junto do corpo físico no fundo do mar ou do rio por muito tempo. A todos é prestado auxílio, mesmo que não tenham consciência disso. Na obra “O Céu e o Inferno” (1991) – Cap. IV Espíritos Sofredores, Allan Kardec nos apresenta dois depoimentos ilustrativos:

Pascal Lavic era marinheiro do barco pesqueiro *L’Alerte*, que afundou em 09-08-1863 no litoral da França. Seu corpo foi encontrado em uma praia, meses depois, ou melhor, parte do seu corpo. Durante a sessão espírita na qual Kardec estava presente, ele se manifestou por meio de um médium. Identificou-se e passou mais informações para que fosse confirmada sua identidade. Disse ter sido um náufrago que “pereceu no mar, errante sobre as ondas” por muito tempo sempre ligado ao corpo físico. Conseguiu desvencilhar-se desta situação quando reconheceu suas faltas e pediu perdão com sinceridade. Eis alguns trechos do depoimento:

“Se por muito tempo meu espírito errou (vagou) com o meu corpo, era porque tinha algo a expiar. Sucumbi no mar e por muito tempo me esperaram (a família). Não poder desligar-me de meu corpo era para mim uma terrível prova, por isso tenho necessidade de vossas preces. Acompanhava-o sobre o mar, que o engolira. Sigais o caminho reto se quereis que Deus retire prontamente o vosso espírito de seu envoltório”.

Ferdinand era muito querido de amigos e familiares. Foi um dos marinheiros que mais se esforçou para ajudar a salvar os passageiros e colegas da tripulação, quando o navio em que estava naufragou, durante uma tempestade nas águas frias do Mar do Norte, em 1863. Sua comunicação mediúnica ocorreu seis dias depois do acidente. Não percebia que estava sendo amparado. No trecho seguinte descreve a angústia que sentiu:

“Estou num terrível abismo, ajudai-me! Quem terá mão para socorrer esse infeliz que o mar engoliu? A noite é tão negra que tenho medo. Por toda parte o bramido das vagas (ondas) e nenhuma palavra amiga para me consolar. O frio! Eu não quero morrer. Estou para sempre separado daqueles a quem amo? Vejo o meu corpo... e essa horrível angústia da separação. Aí está a minha punição”.

Depois de um curto silêncio, no qual demonstrava estar vendo algo, disse recordar o passado. Os mentores ou amparadores utilizam deste recurso terapêutico, projetando cenas de vidas passadas para quem está sendo socorrido, a fim de compreender melhor a “lei da ação e reação”.

Voltando a conversar, ele demonstrou ter entendido porque mereceu ter morrido neste naufrágio: dezenas de anos atrás ele provocou a morte de muitas pessoas, colocando-as vivas em sacos e lançando-as ao mar para se afogarem. Estava então “pagando o mal que fez, na mesma moeda”. Por ter sido um ser humano melhor na última encarnação, estava livre do passado e poderia começar vida nova, sem dívidas.

O apoio espiritual está sempre presente, até debaixo d’água. Existem postos de socorro espirituais especializados em atender chamados para prestar assistência aos que faleceram no mar, nos rios, nas águas enfim.

O livro “Brasil: Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” (1998) de Chico Xavier e Irmão X, menciona sucintamente o trabalho exemplar que o Almirante Tamandaré (1807–1907) e sua equipe desempenham nessa atividade. Também conhecido como patrono da Marinha do Brasil, este gaúcho foi um dos comandantes mais respeitados na época do Império. Estudou na Inglaterra e foi muito elogiado pela Marinha Britânica por seus atos de coragem e solidariedade.

Almirante Tamandaré estava sempre pronto para ajudar aos náufragos após batalhas navais ou devido a acidentes de navegação, mesmo que fossem de embarcações inimigas.

Depois de ter feito sua passagem, no início do século XX, foi convidado pelos dirigentes do plano espiritual maior, a organizar e comandar grupos de marinheiros e pessoas afins (que deixaram as vestes físicas), tanto na prevenção de acidentes como no socorro em situações de perigo.

A Fraternidade dos Marinheiros ajuda inclusive “a guiar” equipes de resgate, dos “salva-vidas” ou da Marinha, a encontrar vítimas com vida ou corpos desaparecidos por quedas de aeronaves no mar, naufrágios ou afogamentos. Tal como mencionamos anteriormente, no caso dos resgates às vítimas de deslizamentos de terra ou terremotos.

Mas a ajuda aos navegantes “vai mais fundo”. No livro “As Margens do Rio Sagrado” (1979) encontramos breve descrição sobre uma cidade no fundo do mar, no Oceano Atlântico, entre o Brasil e a África. Próximo a ela, navios “navegam”, marinheiros continuam se comportando tal como se estivessem trabalhando a bordo ou guerreando contra seus inimigos, sem ter consciência que o tempo passou e que todos já desencarnaram.

.....

No livro “Aglon e os Espíritos do Mar” (1991), de André Luiz e Júlio Verne, psicografia de Ranieri, encontramos referências sobre trabalhos de Netuno, o espírito protetor dos mares, com o tridente na mão.

As atividades de Netuno estão voltadas para estabelecer ordem e justiça nos oceanos. Ficamos sabendo pelo livro, que há o grande Netuno e os netunos menores, seus subordinados. Todos participam de trabalhos assistenciais aos náufragos.

Por exemplo, assim que um desastre marítimo está prestes a acontecer, é soada uma sirene no “prédio” da administração central, onde Netuno reside. Os netunos menores saem nadando acompanhados por socorristas e enfermeiras, em direção ao local do acidente, formando três grupos de socorro.

O primeiro grupo atende aos náufragos que estão apenas inconscientes ou semi-conscientes, ajudando-os a voltar à superfície para respirar e serem resgatados, pois ainda não chegou a hora de desencarnarem. Isso nos lembra estórias de náufragos que contam que foram salvos por golfinhos.

O segundo grupo ajuda aos que desencarnaram e aos que têm algum merecimento. São pessoas de bom coração, mesmo tendo vários defeitos e errado várias vezes. Eles são desligados do corpo e levados para as enfermarias no “Hospital Netuniano”, onde ficarão em recuperação.

O terceiro grupo identifica e separa dos demais os espíritos que desencarnaram e que não têm pontos positivos a seu favor. Foram pessoas egocêntricas, orgulhosas, maldosas que pouco se importavam em fazer o bem para alguém. Estes ficarão à deriva por certo tempo, sendo acompanhados à distância. Serão recolhidos posteriormente, conforme orientação superior de Netuno.

Dependendo da quantidade de afogados, esta operação pode prosseguir por mais de três dias. Eis um trecho do livro a esse respeito:

“A quantidade dos que desencarnaram era muito grande e cada um trazia consigo uma série de problemas (por exemplo: rancor, mágoa, raiva). Algumas entidades malignas os acompanhavam. A morte na água era diferente da morte na terra. Era mais suave (corpos ficavam flutuando) é verdade, mas nem por isso deixava de ser algo angustiante”.

Aglon, André Luiz e Júlio Verne são convidados para visitar o “Hospital Netuniano” e acompanhar o trabalho de assistência do segundo grupo. Encontraram pessoas traumatizadas, aflitas sendo medicadas. Acreditavam estar hospitalizadas em alguma cidade litorânea, sem perceber que haviam desencarnado.

Mais adiante identificaram o comandante e o imediato pelos uniformes. Eles se culpavam pelo erro de navegação que cometeram resultando no afundamento do navio e na morte de tantas pessoas. Como os demais, não tinham noção que haviam feito a passagem para o “outro lado”. Assumiam sua culpa pelo desastre e aguardavam o dia do julgamento no tribunal militar. Aglon comenta que nos desastres ocorridos na superfície da terra (acidentes com ônibus de turismo ou de aviões, por exemplo) “os homens nunca se julgam culpados”. No mar, ao contrário, eles reconhecem suas falhas e sabem que deverão pagar por isso.

A estória de Aglon e Júlio Verne se passa no fundo do mar, entre Europa e África. Netuno, ou Poseidon, pertence à mitologia grego-romana. Talvez Netuno e seus servidores estejam presentes “nos sete mares”, talvez não. Acredito que deve haver outros grupos organizados e especializados neste tipo de trabalho assistencial, liderados por outros espíritos de ordem elevada, com denominações diferenciadas conforme a crença religiosa e cultural dos povos do mar.

Por exemplo, na cultura afro-brasileira, Iemanjá é a divindade que cuida dos mares. Há inúmeros trabalhadores espirituais reunidos no nome dela, prestando socorro aos que perecem em alto-mar ou a beira-mar. Os devotos à Iemanjá reúnem-se nas praias de várias cidades brasileiras na virada do ano e/ou no dia 2 de fevereiro, pedindo proteção para navegantes e pescadores. Agradecendo as graças alcançadas levam oferendas: flores, perfumes, garrafas com bebida, velas e barquinhos de isopor com sua imagem.

Cabe comentar que andando pela praia, no dia seguinte, as oferendas se convertem em um problema ambiental e de saúde: os espinhos das rosas e garrafas quebradas podem machucar os pés descalços de crianças, pombos são atraídos por algum tipo de alimento deixado. Sacos plásticos, restos de velas e pedaços de isopor são mortais se engolidos acidentalmente por aves marinhas, tartarugas e golfinhos.

Na cultura dos povos indígenas brasileiros, que têm mais contato com as águas dos rios e cachoeiras do que com o mar, também existe uma divindade feminina. É Yara (derivado de *Yjara* = água + *jará* = dona). No Peru e países vizinhos, as culturas inca e aymara referenciam à divindade Mamacocha (*mama* = mãe + *cocha* = água).

E os trabalhos no fundo do mar, dos rios, represas e lagos também podem ser realizados por pessoas como você e eu durante o sono físico, ou seja, quando ocorrem as “saídas fora do corpo”. Equipes de socorristas ou de samaritanos possuem um tipo de “cadastro astral” dos colaboradores com potencial e aptidão para esta tarefa. Assim, quando necessário e quando estamos em condições de ajudar, somos recrutados a fazer parte de uma caravana ao fundo das águas.

Tivemos oportunidade maravilhosa de participar diretamente destes trabalhos. Ajudamos a pescadores que se afogaram ao cair em rios e represas e ficaram presos debaixo de troncos, alguns ainda estavam segurando a vara de pesca.

Em outra ocasião, participamos do “resgate” a mergulhadores que faleceram quando faziam caça-submarina, por terem ficado presos entre as pedras ou dentro de tocas quando estavam atrás de peixes grandes (garoupa ou mero).

Certa vez “resgatamos” espíritos de passageiros que ainda se encontravam junto de seus corpos em um navio de cruzeiro que afundou. Alguns estavam dormindo nas cabines, outros estavam caídos debaixo de móveis no salão onde eram servidas as refeições. Os que deram mais trabalho foram aqueles que estavam abraçados a malas e caixas com seus objetos de valor.

Visitamos também um grande avião que estava no fundo do mar. Todos pareciam estar adormecidos. A tripulação e os passageiros não se afogaram. Faleceram em decorrência da despressurização da cabine e com o choque na água. Alguns tinham ferimentos e fraturas. Soltamos os que estavam com os cintos de segurança atados. Eles julgavam

.....

estar sendo ajudados por equipes de resgate da marinha. Foram colocados em macas e deixamos o local. Alguns espíritos haviam sido desligados por familiares anteriormente à nossa chegada.

7 Assistências em outros episódios de desastres

Este capítulo nos faz refletir que sempre que houver necessidade, os socorristas do Mundo Espiritual estarão de prontidão para ajudar a quem precise, independentemente de sua crença e religião.

O ataque terrorista às Torres Gêmeas nos EUA em 11-09-2001 é um exemplo. No livro da Amanda Ripley, o “Impensável: como e porque as pessoas sobrevivem a desastres” (2008), a jornalista relata a descrição de vários sobreviventes que disseram ter sido orientados e salvos “por pessoas que nunca viram na vida”.

No livro “Adorável Heroína” (2012), escrito por Michael Hingson e Susy Flory, conta como um deficiente visual e sua cadela-guia saíram vivos do 78º andar das Torres Gêmeas, descendo pelas escadas em segurança.

O próximo caso não está escrito em nenhum livro. Foi narrado por uma amiga querida da Casa Espírita CEAE Santana. Na vida profissional ela trabalha no Instituto Médico Legal - IML, há muitos anos. Entre suas atividades está a de fazer autópsias.

Ela me contou que teve um sonho estranho. Sonhou que estava trabalhando em uma enfermaria, montada de improviso em uma cidade movimentada, para atender muitas, muitas vítimas ao mesmo tempo em função de uma tragédia. Não sabia direito o que tinha acontecido. Mas lembra de ter sentido um cheiro muito ruim no local, como de queimado.

Novas vítimas eram trazidas e acomodadas. Entre os vários socorristas ela reencontrou alguns colegas de profissão, que não via há bastante tempo, pois foram transferidos para diferentes unidades do IML. Abraçaram-se e disseram que não havia tempo para colocar a conversa em dia, pois havia muito por fazer.

Ao acordar logo imaginou que, como estava de férias, ainda não havia conseguido desligar-se do serviço totalmente. Precisava descansar mais! E não deu mais importância. No final do dia, soube pelo noticiário que um trágico acidente aéreo havia ocorrido na cidade de São Paulo, no qual morreram os 187 passageiros e tripulantes.

O avião estava aterrissando em um dia chuvoso no aeroporto de Congonhas quando ficou desgovernado e saiu da pista. A seguir chocou-se contra um prédio e pegou fogo. Imagens ao vivo foram logo transmitidas pelas emissoras de televisão, comovendo a todos.

Então ela entendeu que teve um sonho premonitório em vez de um sonho comum. Isto mostra que a espiritualidade já estava ciente que o desastre aéreo iria ocorrer. Portanto uma enfermaria de emergência já estava montada nas imediações do aeroporto de Congonhas para receber e socorrer os que iriam falecer em função do acidente.

Sem pensar duas vezes, ligou para seu chefe oferecendo-se para ajudar no que fosse necessário. Chegando ao local do acidente, reviveu os mesmos fatos do seu sonho, re-

encontrou os colegas de outras unidades que vieram prestar auxílio e sentiu o mesmo cheiro desagradável.

Cabe esclarecer que uma das atividades do IML nesses casos é ajudar na identificação dos corpos das vítimas, para que possam ser encaminhados aos familiares que providenciarão o funeral. Neste episódio, em particular, essa foi uma tarefa muito difícil porque todos os corpos estavam carbonizados. O avião foi totalmente destruído pelo fogo.

A experiência desta companheira de jornada acontece com várias pessoas que têm bom coração e disposição para fazer o bem desinteressadamente, sejam espíritas ou não. Há grupos especialmente treinados por mestres experientes no mundo espiritual para lidar com atividades de “socorrismo” em situações de desastres, com cursos teóricos e práticos, e novos colaboradores são sempre bem-vindos.

Muitas vezes somos levados durante o sono físico. Ocorre é que não recordamos direito o que se passou. Às vezes acordamos com a sensação de ter sonhado algo diferente e logo esquecemos. Isto é propositalmente planejado pelos dirigentes destes trabalhos para não ficarmos em sintonia, ou seja, para que não interfira nas nossas atividades cotidianas.

De maneira geral, os espíritos que são desligados do corpo físico ainda estão muito apegados às últimas sensações e dores que tiveram no acidente antes de falecer. Recebem atendimento pré-hospitalar “no além” iguais aos que são feitos pelas equipes de resgate ou de um Pronto-Socorro da Terra. Por exemplo: imobilização de um braço quebrado ou ataduras em ferimentos na cabeça.

A seguir são adormecidos por meio de passes magnéticos, colocados em macas e levados para veículos semelhantes a um ônibus aéreo um submarino (especialmente para casos no fundo do mar). Então seguem para postos de socorro espiritual mais próximos.

Os socorridos julgam que somos equipes de resgate do Corpo de Bombeiros ou da Marinha. Como dissemos, muitos não têm noção que faleceram. Deixamos que pensem assim. Pouco a pouco perceberão o que lhes aconteceu.

Equipes de médicos, psiquiatras e terapeutas analisam todos os socorridos individualmente. Aqueles que precisarão de cuidados mais intensivos, por estarem muito traumatizados ou por terem sofrido mutilação de membros durante o acidente, serão levados para departamentos especializados.

Supervisores das caravanas de bons samaritanos entram em contato com dirigentes espirituais das casas espíritas mais próximas e de boa índole para encaminhar aqueles que já despertaram. Casas onde são realizados trabalhos assistenciais a esses espíritos, por meio de médiuns de incorporação e de esclarecimento.

Não é dito a eles que fizeram a passagem. A aproximação de espíritos desencarnados junto de médiuns bem treinados e a conversa amorosa que se segue, os ajudará a perceber que não pertencem mais à vida terrena, que continuam vivos e que estão sendo amparados.

Alguns ainda estão muito “presos”, emocionalmente, aos últimos momentos vividos. Contam que se encontram agarrados a troncos (casos de enchentes), agarrados a destroços do barco (casos de naufrágio), que estão sob algum objeto pesado (casos de deslizamento de terra ou terremoto) e que não conseguem se mexer.

.....

Dizem sentir frio, sede, fome e cansaço. Há quem relate que estava à deriva há vários dias e agradecem por sermos o primeiro barco a avistar seu sinal de socorro. Há inclusive os que pedem para avisar os familiares que estão bem e para dar o nome do hospital onde serão levados.

Depois da sessão mediúnica são levados para os postos de socorro onde estavam ou para hospitais-escolas, onde poderão se recuperar e aprender a viver no mundo dos espíritos até que voltem a reencarnar.

São trazidos para esclarecimento espíritos de diferentes idades, que desencarnaram por motivos diversos: pessoas que foram atropeladas, jovens que tiveram uma *overdose*, garotos que caíram do telhado ou que foram eletrocutados enquanto empinavam “pipa”.

Uma vez foi trazido um senhor que dizia ter ficado preso dentro de casa quando houve deslizamento de terra. Pedia para tirar o guarda-roupa de cima das suas pernas, para “tirar o garoto” que estava caído debaixo da mesa e pedia também para salvar seu cachorro.

Pessoas que desencarnam como o senhor acima descrevem os últimos momentos com nitidez, inclusive mencionando o gosto de terra na boca. Sentem dores e agradecem por estarem sendo salvos. Lamentam a perda da casa e dizem que precisarão de ajuda para reconstruir tudo novamente. Estes terão mais dificuldade para aceitar que partiram.

8 Mas nem tudo é como que parece ser

Há casos nos quais as aparências enganam aos olhos materiais.

Por exemplo: uma residência pegou fogo e morreram um senhor de idade e seu neto. O rapaz foi considerado herói pela vizinhança por ter entrado na casa em chamas para salvar o avô, e não conseguiu sair com vida. No mundo espiritual, onde há “olhos por toda parte”, a versão da estória é outra: o rapaz provocou o incêndio visando à herança do avô. Para não levantar suspeitas, deixou tudo pronto e saiu para fazer compras.

No entanto, ele lembrou que havia esquecido documentos importantes nas gavetas e voltou para buscá-los. Por isso resolveu enfrentar as chamas. De herói, o rapaz não tinha nada! Essa estória foi contada pelo Prof. Wagner Borges, em uma de suas aulas no Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bionergeticas.

Outros dois casos constam do livro “Na Hora do Adeus” (2005 - cap. 31 e 42) de Luiz Sérgio: um jovem que morreu baleado pelos policiais e dois estudantes universitários que morreram em acidente de carro.

No velório do rapaz, bonito e musculoso, familiares e vizinhos estavam revoltados com o policial que atirou em um menor. Os jornais fizeram matéria de destaque. Afinal era apenas um adolescente de 16 anos, de uma família pobre, pouco rebelde às vezes. Ninguém comentou que ele era usuário de drogas e que cometia assaltos.

Do lado espiritual nada fica escondido ou camuflado. Eram visíveis, no corpo perispiritual, os sinais de intoxicação pelo consumo das drogas e bebidas alcoólicas. Na sua “ficha” constava que ele havia agredido e violentado dezenas de moças, roubado e machucado muita gente além de ter tirado a vida de várias pessoas, atirando com seu revólver sem dó.

A cena do crime tinha então outra versão: durante um assalto ele foi surpreendido por um policial. Houve troca de tiros e ele foi baleado. Seu desligamento foi rápido. Sem perceber que havia “morrido”, continuou a fugir. Assim, ele não estava mais junto do corpo físico no velório.

Enquanto que no plano terreno, os familiares choravam revoltados, no plano espiritual, algumas das pessoas assassinadas por ele, aguardavam sua chegada querendo vingança. Desejavam aprisioná-lo e castigá-lo.

A ajuda dos auxiliares invisíveis, neste caso, era dificultada porque o rapaz nunca teve hábitos religiosos, Deus não existia para ele, e foram muitas as maldades cometidas. Diz o ditado popular: “quem semeia vento, colhe tempestade”. Um dia ele irá se arrepender do que fez e elevará seus pensamentos ao criador.

No segundo episódio, dois irmãos de uma família da alta sociedade, haviam sofrido grave acidente de carro voltando de uma festa. Tinham entre 20 e 22 anos. Frequentavam boa universidade, academia de ginástica, moravam em uma mansão e tinham tudo do bom e do melhor: comida, roupas e carros das melhores marcas, “de mão beijada”. Suas vidas giravam em torno dos bens materiais, bebidas, mulheres e festas.

O pai estava sempre ocupado com os negócios da família. A mãe ocupava-se com as atividades da alta sociedade e com os exercícios na academia de ginástica. Os rapazes foram criados por babás. Não havia lugar para Deus nessa casa, nessa família.

Ao saber do acidente os pais ficaram em estado de choque. A avó dos rapazes pediu para chamarem um padre para fazer orações no velório e foi logo criticada pela filha, dizendo não crer em Deus.

No cemitério, os jovens não se conformavam que haviam morrido. Tentavam reanimar seus corpos a todo custo. Gritavam para que o pai usasse seu dinheiro para salvá-los. Chamavam pela mãe e pela namorada para que os ajudassem.

Quando Luiz Sérgio e seus amigos chegaram perto deles para conversar e tentar ajudar, eles foram agressivos e mal-educados, ridicularizando-o. Acompanhe este trechinho da conversa entre eles:

- Oi, como estão passando? Luiz Sérgio puxou assunto.

Um irmão olhou para o outro e perguntou: Conhece o palhaço?

- Nem passa por minha cabeça um dia tê-lo conhecido, respondeu.

- Desculpe-me, disse Luiz Sérgio, eu os conheço porque trabalho contra os tóxicos e vocês gostam muito deles, não é verdade?

- Cale essa boca, disse o mais velho, ninguém sabe de nada!

- Engana-se, respondeu Luiz Sérgio, estão nas mãos da polícia todas as drogas que vocês carregavam no carro.

- Por favor, pediu o mais novo, nossos pais não podem saber! Nos ajude!

- Sinto muito, nós só socorremos pessoas que desejam sinceramente ser ajudadas, o que não é o seu caso!

-
- Faremos tudo o que você desejar, desde que abafe o escândalo. Era só uma festinha de adolescentes!
 - Adolescentes, exclamou Luiz Sérgio! Com tudo o que é tipo de drogas?
 - Não sei por que temos de lhe dar satisfação, disse o mais novo!
 - Acho que trabalha aqui! Deve ser o coveiro, retrucou o outro! E riram.
 - Não, não sou coveiro, argumento Luiz Sérgio. Trabalho com recuperação de drogados e escrevo livros espíritas.

Quando o caixão foi fechado, eles tiveram uma crise emocional: choravam e gritavam o nome dos pais. Os enfermeiros do posto de socorro do cemitério onde se encontravam aproximaram-se e deram medicamentos para acalmá-los. Os amigos de Luiz Sérgio estavam começando a fazer uma prece quando um deles percebeu e disse com desprezo: "Detesto beato! Nossos pais nos ensinaram a liberdade!"

Mesmo diante de tanta rebeldia e materialismo, desconsiderando os comentários maldosos dos rapazes, eles continuaram a orar pelos jovens e pelos pais. Triste isso, não é? Estes dois jovens julgavam que nada lhes pudesse acontecer de mal na vida porque eram ricos e porque sempre foram protegidos pelos pais. Nunca aprenderam a ter responsabilidade.

Luiz Sérgio comenta que há vários pais agindo da mesma maneira, sem perceber que na verdade estão fazendo mais mal do que bem aos seus filhos dando-lhes tantos presentes e não lhes dando amor. A educação religiosa também faz falta e explica:

-“Não importa qual seja a religião, todos os jovens necessitam da proteção de Deus, principalmente quando a violência adentra a vários lares. Jovem sem Deus, jovem doente! As crianças crescem sem ao menos dar bom-dia para alguém. Por quê? Os pais não têm tempo de ensiná-las. Muitas dormem e amanhecem sozinhas porque aquele que nem sabe dizer bom-dia dorme e acorda consigo mesmo”.

9 Onde está Deus nessas horas?

Diante de acidentes com avião, carro, ônibus, navios, desastres naturais etc., pergunta-se por que tantas pessoas morreram desta forma? Qual a razão de tanta destruição? Onde está Deus para evitar tais tragédias?

Sabemos que é difícil tentar compreender tudo isso, principalmente quando se tem uma visão “humanizada” de Deus. Isto é, temos a tendência de julgar com base nos nossos conceitos e preconceitos. O criador não abandona suas criaturas, tão pouco pretende exterminar a raça humana, muito menos punir ou se vingar dos homens.

Nessas horas, Deus quer que aprendamos a ser mais humanos! Quer que aprendamos a usar a inteligência e o bom senso para ajudar aos necessitados. Por outro lado, está criando oportunidades para os orgulhosos serem mais humildes, para os avaros serem mais caridosos e para os preconceituosos aprenderem que somos todos iguais. Em poucas palavras: “fora da caridade não há salvação”!

As escrituras sagradas, de várias religiões e culturas, ensinam que se há dor, há consolo também. E realmente, nessas horas de desastres e tragédias, surge muita ajuda huma-

nitária: voluntários querendo ajudar de alguma forma e campanhas de arrecadação de donativos de dinheiro, de roupas e mantimentos. Os mensageiros celestes estão presentes a todo o momento, auxiliando a todos, independente da crença ou religião.

O que poucos percebem é que os terremotos e maremotos que atingiram a Indonésia em 2004 e o Japão em 2011, fazem parte de algo já previsto pelas profecias, séculos atrás. Tal como outros episódios semelhantes, de grande magnitude, que ocorreram no Chile, nos EUA (furacão Katrina), no Haiti, em Santa Catarina ou em Petrópolis (RJ).

Estes eventos de grande magnitude estão relacionados com a grande transição planetária pela qual a Terra está passando, conforme explica o livro “Transição Planetária” (2011), psicografia de Divaldo P. Franco: na grande obra divina, nada se perde, tudo se transforma! Nada acontece por acaso, tudo tem uma razão de ser.

E se a explicação não pode ser encontrada nos fatos atuais, pode ser justificada com base em acontecimentos marcantes da história da humanidade e/ou ser consequência dos maus tratos que o planeta vem sofrendo. Fatos que os olhos não conseguem ou não querem ver.

As imagens sobre a devastação das paradisíacas ilhas da Indonésia por ondas gigantes chocaram muita gente pela destruição de vilarejos inteiros e de hotéis luxuosos. Centenas de pessoas morreram, entre elas de turistas estrangeiros. Poucos sabiam que grande parte das florestas e dos manguezais desta região havia desaparecido para dar lugar aos hotéis, deixando a orla de algumas ilhas desprovidas de proteção natural contra os vendavais.

O terremoto e as grandes ondas do mar destruíram muito mais do que grandes edificações, ruas e bairros inteiros. Derrubaram importantes negociações ilegais relacionadas com corrupção, tráfico de drogas e turismo sexual. Muitos que pereceram nessa tragédia, sejam nativos, sejam turistas, ou estavam vinculados a este trabalho “sujo” ou tinham, débitos passados a resgatar.

Voltando ao livro “Transição Planetária” (2011) ficamos sabendo que esta região havia se transformado em reduto de tráfico de drogas e práticas de magia negra, e em um “paraíso” de exploração sexual para turistas estrangeiros. Belas moças nativas eram iludidas por turistas “apaixonados” e levadas para conhecer a Europa, sem saber que se tornariam prisioneiras da escravidão sexual, condenadas ao alcoolismo e dependência das drogas.

Enquanto isso acontecia, os governantes das cidades mais importantes desta região desviavam verbas públicas provenientes do exterior, destinadas a investimentos à saúde pública e ao saneamento básico, para seus próprios interesses pessoais. Apesar de tudo, inúmeros foram os donativos internacionais, o número de voluntários que ajudaram a resgatar pessoas desaparecidas e, a cuidar dos animais sem donos.

10 Desastres naturais antes da era Cristã

Relembrando passagens do Velho Testamento, a presença de Deus se fez presente, avisando que algo perigoso estava para acontecer e prestando devido auxílio. Por exemplo, citemos o grande dilúvio de Noé (Gênesis 06:00 – 9:17) e a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra por uma “chuva de fogo e de enxofre” (Gênesis 18:16 – 19:29).

.....

Diz a Bíblia que Deus estava “arrependido” de ter feito o homem sobre a terra, devido a tamanha maldade que se multiplicava dia após dia, então iria destruí-lo. Maldade naquela época!

Mas Deus viu que Noé era justo e honesto então resolveu preservar a ele e a sua família. Foi assim que os bons espíritos orientaram a construção da arca e a preservação dos animais. E todos sobreviveram após o dilúvio que durou mais de 40 dias. Temos aqui uma real situação de desastre natural e a manifestação divina, não somente avisando com antecedência o que iria ocorrer como também orientando o que deveria ser feito e ...“depois da tempestade vem a bonança”!

Curioso é que o dilúvio também consta das “lendas” dos índios brasileiros. Tanto que ela é narrada por José de Alencar na obra “O Guarani”, publicada em 1857. Nessa estória, todos habitantes pereceram por causa das fortes chuvas que alagaram a terra, com exceção do índio Peri e de sua amada Ceci, que se salvaram sobre uma palmeira.

Há uma interessante lenda na Ilha de Páscoa, situada no Oceano Pacífico, entre o litoral do Chile e a Polinésia, que faz referência à orientação divina no salvamento de uma civilização: a lenda de *Hotu Matu’a*, encontrada em um manuscrito na própria ilha, no início do século XX. Lemos sobre essa estória em um museu na Ilha de Páscoa.

Estava escrito que havia um povo que habitava uma terra, denominada *Hiva*, em um reino distante. Os sacerdotes mais sábios (maori) profetizaram que viria um tempo em que as águas subiriam muito. Como as terras ficariam submersas, haveria muitas mortes. A única maneira de escapar seria construindo grandes canoas.

Um dos filhos do rei *Hotu A Matu’a*, o jovem *Haumaka*, teve um sonho especial. Ele se vê “voando”, sendo guiado por espíritos que o levam até uma grande ilha. Ele explora a ilha e identifica sinais como se revelassem um sinal divino. Ao despertar, no dia seguinte, vai até o rei e conta em detalhes o que aconteceu.

Duas grandes canoas foram construídas para levar a família real e seus acompanhantes além de mantimentos, sementes e ferramentas. Tempos depois chegaram à ilha, a qual foi facilmente reconhecida por *Haumaka* e assim desembarcaram e o rei dividiu as terras entre seus filhos.

Pode ser que esta lenda seja uma referência ao desaparecimento da Lemúria, um continente que estava localizado entre o Sul da América do Sul, Sul da África, Austrália e Polinésia. Esta civilização tinha admiráveis conhecimentos sobre agricultura, astronomia, engenharia, medicina entre outros, muito avançados para a época.

Mas também havia vários grupos interessados em obter o poder a qualquer preço. Muitos eram aqueles que vivenciavam costumes e hábitos de baixo valor moral, com fortes apelos à sensualidade, praticavam rituais que hoje chamamos de magia negra, com sacrifício de animais e de humanos. Eram voltados ao orgulho e à ambição.

No segundo livro de Zílio, apropriadamente denominado “Há dez mil anos atrás” (2001), podemos saber um pouco sobre estes costumes e rituais nada altruístas, acompanhados por bebidas alucinógenas.

As cidades de Sodoma e Gomorra, diz a Bíblia, tinham fama de ser habitadas por um povo de pouca fé, agressivo, que dava muito valor aos prazeres da carne e que tinha “atos imorais” ou hábitos “pecaminosos”. E por isso precisava ser destruída.

Dias antes, dois anjos apareceram a Abraão e o avisaram do que estaria para acontecer. Ele pediu então para que seus parentes que lá viviam fossem salvos: Lot e sua família. Os “anjos” foram até a cidade e puderam constatar como as pessoas eram realmente agressivas e mal-intencionadas. Avisaram a Lot que era necessário deixar a cidade e recomendou que chamasse também os futuros genros. Eles não acreditaram e resolveram ficar.

A Bíblia narra que houve uma terrível “chuva de fogo e de enxofre”, a qual queimou todas as moradias, a vegetação e o solo, sem deixar sobreviventes. A esposa de Lot desobedeceu a recomendação dos anjos e olhou para trás para ver o que se passava. Transformou-se então em uma “estátua de sal”.

Estudiosos no assunto suspeitam que a queda de um meteoro próximo a estas cidades, tenha causado uma tempestade radioativa. O choque com meteoros, a movimentação das placas tectônicas, a inclinação do eixo da Terra, as erupções vulcânicas, os diversos dilúvios, enchentes, terremotos e maremotos que destruíram ilhas e continentes, aldeias, cidades que nem chegamos a conhecer acontecem há muitos séculos, desde antes da era cristã.

Enfim, queremos deixar como mensagem a afirmação que “nada acontece por acaso”, que tudo tem uma razão de ser! O planeta está em transformação e os ciclos de construção – destruição – construção estão sempre se alternando. Deus está presente antes, durante e depois das tragédias. Porém, cada um colhe aquilo que plantou, ou em outras palavras: “a cada um, segundo suas obras”.

V Adaptações dos recém-chegados à vida espiritual

Nos capítulos anteriores observamos que as pessoas que passaram para o outro lado da vida possuem algumas necessidades em comum: sentem sono, fome e sede, vontade de ir ao banheiro e desejo de tomar banho. Se eles não possuem mais o corpo físico, como podem continuar tendo tais vontades e desejos? E as roupas, de que tipo de tecido serão feitas? Este capítulo pretende trazer alguns esclarecimentos a esse respeito.

1 Espírito desencarnado respira? Dorme? Come? Vai ao banheiro?

Em vários livros de André Luiz, que abordam atividades dos socorristas no umbral, observamos que os assistidos recolhidos são banhados assim que chegam aos postos de socorro. As roupas sujas que usavam são trocadas por um modelo de vestimenta característico do local. Tal como vemos nos hospitais terrenos, com cores e símbolos

da instituição desenhados nas roupas. Recebem água fluidificada para beber e/ou uma sopa reforçada para fortalecimento e depois adormecem.

Irmão Jacob, no livro "Voltei" (1949), conta que teve sua primeira noite de sono depois da viagem que ele e outros acompanhantes fizeram da sua casa no Rio de Janeiro, onde desencarnou, para a casa da filha Marta, na colônia espiritual onde ela mora. No dia seguinte, ele descreve que acordou remoçado, porém faminto. Marta lhe ofereceu suco de ervas que "desceu" muito bem, segundo ele.

No livro "Violetas na Janela" (1993), Patrícia descreve que despertou no quarto individual de um hospital, longas horas após sua passagem. Sentiu sono novamente, dormiu e acordou mais recuperada. Recebeu a visita de uma pessoa amável que lhe trouxe frutas, pães e sucos. Depois de se alimentar teve vontade de ir ao banheiro e de tomar banho. Comenta que o chuveiro tinha água quente.

Patrícia continuou a se alimentar, tomar banho e a usar o vaso sanitário todos os dias, como fazia na vida terrena, e inclusive menstruou. Ela conta que os alimentos oferecidos no hospital eram muito saborosos. Havia diversos tipos de frutas, pães e sopas de legumes. Para beber, água cristalina diariamente. Ela brinca comentando que não há refrigerante, hambúrguer e nenhum tipo de carne nas refeições.

Neto, no livro "Faz parte do meu show" (2004), conta que achava estranho estar desencarnado e perceber que pouco tinha mudado na sua aparência. Vejamos como ele descreve o ato de respirar, quando estava na Praia do Leblon (RJ):

"Respirei profundamente. Deixei que o ar invadisse meus pulmões. Foi nesse instante que me dei conta de que eu ainda tinha pulmões. Aliás, eu estava completo. A morte não destruíra nada".

Como ele mesmo afirma: "tinha certeza de que não era uma alma penada". Podia perceber seu corpo com as mesmas características de antes: cabeça, cabelos, braços, pernas, pés, pulmões e partes íntimas inclusive. Percebia que sentia fome, sede e sono. Achava isso estranho.

Sentia inclusive as funções sexuais, alguns desejos íntimos e não sabia como lidar com isso. Então perguntava: "como poderia sentir estes desejos típicos de uma pessoa que possui corpo físico, sendo que não fazia mais parte do mundo material?"

Quem responde é Mauricio, o amigo espiritual que acompanhava Patrícia:

"A impressão de encarnado não se perde da noite para o dia. Lembro que o perispírito de que agora está revestida é ainda de matéria. Somente aos poucos deixará de se alimentar e, para isso, é necessário aprender a prover-se de outras fontes de energia ... Só deixará de fazer sua higiene pessoal (lavar o rosto, escovar os dentes, tomar banho e lavar a cabeça) quando aprender a fazer isso pela força de vontade".

E foi verdade! Depois de ter feito cursos de adaptação, Patrícia foi aprendendo a se alimentar de diferentes maneiras e a se higienizar com o poder do pensamento. Sentia menos necessidade de ir ao banheiro e de dormir. Comenta que não teve mais problemas com a menstruação, embora soubesse que mulheres que vagam pelas regiões do umbral ainda têm fluxo mensal, pois sentem mais o reflexo do corpo físico.

Luiz Sérgio, no livro "O mundo que eu encontrei" (1976) explica que "somos corpos iguais mas de matéria diferente, tudo se opera como se fôssemos gente mesmo." Isto é, de uma matéria mais sutil e maleável do que a matéria que compõe o corpo físico.

As reações de fome, sede e sexualidade só se manifestam do lado espiritual enquanto se está na faixa de vibração próxima à da crosta. À medida que o espírito vai se desprendendo da vida material, das impressões sensoriais da última existência, o corpo espiritual vai refletindo a nova situação mental.

Ao atingir uma condição mais sutil (maior desprendimento da matéria), a mente transcende a função dos órgãos que ainda fazem parte do corpo espiritual até que deixem de existir.

A maioria das pessoas que faz a passagem para o plano espiritual continua conservando fortes apegos aos bens materiais. Como também à vaidade, à bebida, à gula, ao fumo, às drogas e à sexualidade entre outros vícios. Trazem todas as sensações e desejos próprios de encarnado, pois tudo está registrado na mente (condicionamento).

Quem era guloso quando encarnado passa a ser um guloso desencarnado por algum tempo. No livro "Pertinho do Céu (1999), conhecemos o caso do senhor J que estava em uma clínica de certa colônia espiritual, sem ter consciência que já havia desencarnado, como ocorria com os outros pacientes que lá se encontravam. Senhor J era obeso e estava sempre "morto de fome", reclamando que a dieta que lhe davam era "rigorosa demais". Todos os dias rondava a cozinha, estudando um momento propício para poder "assaltá-la".

O livro conta que a clínica situava-se em lugar campestre, com varandas e bosques onde os internos saíam para caminhar e tomar sol. Eram servidas várias refeições leves ao longo do dia no salão, as quais incluíam caldos, pães, frutas, chás, sucos de frutas e bolinhos.

Certa noite, quando todos dormiam, senhor J decidiu colocar seu plano em prática para pegar os bolinhos que foram servidos no jantar. Tentando mentir para si mesmo, dizia que sua intenção era apenas ir até a cozinha beber água. Parou diante da porta indeciso. Deveria ir em frente ou não? Foi quando ouviu uma voz "que lhe era familiar" dizendo para prosseguir.

Essa voz era do espírito obsessor que o acompanhava desde os tempos em que era encarnado, pois por meio dele se saciava do sabor dos alimentos e guloseimas. O decidido senhor J entrou na cozinha e se deparou com a merenda que já havia sido preparada para o café da manhã. Comeu o que podia, deixando menos da metade.

Ao sair, deparou-se com o diretor da clínica e outros instrutores que estavam passando. Para não ser repreendido, senhor J fechou a boca e os olhos, levantou os braços e saiu andando, fingindo que era sonâmbulo, em direção ao seu quarto.

A verdade não poderia ser ocultada de espíritos elevados como os dirigentes desta clínica. Eles fizeram de conta que não perceberam nada na hora. No dia seguinte, perguntaram ao senhor J como passou a noite e ele descreveu que teve um terrível pesadelo. Conversaram a respeito e, deste dia em diante, ele recebeu a incumbência de ser auxiliar de cozinha, até que conseguisse dominar o vício da gula. E conseguiu.

2 Que tipo de roupa espírito desencarnado veste? Usa óculos, brincos e colares? Precisa de cadeira de rodas?

Com relação ao que vestir, no posto de socorro espiritual ou em uma colônia espiritual, dependendo das suas condições (equilíbrio emocional, estado de saúde, conhecimento espiritual), o recém-desencarnado pode receber uma roupa parecida com a de pacientes em um hospital, receber roupas idênticas às que usava na vida terrena ou ele mesmo pode mentalizar o que quer vestir.

Irmão Jacob, no livro “Voltei” (1949), conta que quando estava em uma praia no Rio de Janeiro, recuperando as energias desprendidas após seu desligamento, observou que estava de pijama e roupão. Sentiu-se envergonhado de estar assim vestido e seus amigos espirituais lhe trouxeram as roupas que costumava usar.

No livro “Violetas na Janela” (1993), Patrícia descreve que ao despertar no quarto de hospital usava cópia idêntica ao pijama que vestia quando desencarnou. No quarto havia um armário com algumas de suas calças e blusas prediletas. Depois que tomou banho, vestiu calça jeans e camiseta, iguais aos que estava acostumada na vida terrena. Na verdade são cópias ou duplicatas feitas pela espiritualidade.

Depois de fazer cursos de adaptação à vida espiritual e estiverem aptos, os desencarnados aprenderão a plasmar ou criar suas próprias roupas e acessórios com a força do pensamento, de acordo com seu estilo pessoal. Assim poderemos encontrar pessoas usando terno e gravata, calça e camisa social, calça jeans e camiseta, vestidos longos ou curtos etc.

Espíritos vaidosos, que querem demonstrar superioridade, usam roupas com cores fortes e muitos acessórios. Poderemos encontrar homens de terno e chapéu e mulheres com vestidos, brincos e colares, ao estilo medieval, ao estilo da moda dos anos 1930 ou o dos anos 1960, conforme o período que desencarnou e seu gosto pessoal.

Espíritos simples continuarão usando roupas simples como faziam na vida terrena. Pessoas vaidosas continuarão usando roupas chamativas com grandes colares, até perceberem que a aparência exterior não tem tanta importância como a interior. O estilo da roupa pode refletir o grau evolutivo, a profissão (se usava uniforme diariamente), e a crença religiosa. Assim poderemos reconhecer por exemplo médicos e militares.

Poderemos identificar padres jesuítas (traje preto) e franciscanos (traje marrom com cordão branco na cintura). Poderemos encontrar hindus de turbantes, chineses com túnica de gola alta e cabelos presos em trança, caboclos com seu chapéu de palha bem como trabalhadores da umbanda com vestes brancas e colares de contas coloridas. Será possível reconhecer e diferenciar indígenas brasileiros dos da América do Norte, por causa dos seus trajes e adornos característicos.

Há espíritos que preferem usar trajes típicos da encarnação com a qual tiveram mais afinidade: freira, camponês, sertanejo, marinho etc. Alguém que viveu na corte europeia no século XVII e tempos depois reencarnou no Brasil como afro-descendente no século XIX, pode se apresentar com a aparência de um “pretinho velho” com seu cachimbo.

Podem manter o mesmo modo de pentear o cabelo (solto ou preso em coque, “rabo de cavalo”, trança), usar barba e bigode, continuar careca ou “fazer” o cabelo crescer pela força do pensamento.

As pinturas mediúnicas em livros e quadros nos mostram a imagem do mestre hindu Ramatis com veste branca: camisa de manga longa de gola alta, turbante na cabeça, ornado por uma linda pedra de ametista ou esmeralda. A imagem de Saint Germain aparece com barba bem feita, um sobretudo na cor violeta e uma corrente dourada com a cruz de malta no peito. Dr. Bezerra de Menezes usa barba e cabelos brancos, gravata e paletó preto, como era costume no Rio de Janeiro, no início do século XX. Os médicos passaram a usar roupas brancas mais de dez anos depois.

Em 2008, quando minha mãe estava internada em um hospital em São Paulo, fundado por freiras (no final do século XIX), pude visualizar a presença de espíritos de médicos e enfermeiras nos corredores usando trajes da época. Já vi também equipes médicas com trajes mais modernos em outro hospital, construído nos anos 1970.

Cabe ressaltar que há muitas equipes de espíritos de médicos, enfermeiros, terapeutas e religiosos de “alto nível”, circulando nos hospitais terrenos para ajudar aos enfermos, amparar aos familiares e orientar os profissionais da área da saúde.

Pessoas que usavam óculos quando encarnadas, tendem a continuar usando cópia idêntica. Neto, no livro “Faz parte do meu show” (2004), logo reconheceu o espírito do escritor Carlos Drummond de Andrade pelos óculos e pelos poucos fios de cabelo. Luiz Sérgio, nas primeiras manifestações mediúnicas que fez à sua prima para mandar mensagens aos pais, usava óculos de armação escura. Conforme pessoas se adaptam à vida espiritual, os óculos deixarão de ter utilidade, pois este é mais um dos condicionamentos que levamos.

O mesmo ocorre com muletas ou cadeiras de rodas. Pessoas que apresentavam deficiências físicas (paraplégicas, tetraplégicas) antes de desencarnar, recuperarão os movimentos dos braços e pernas, com tratamentos de psicoterapeutas e exercícios de fisioterapia, no plano espiritual. O mesmo ocorrerá com quem teve membros amputados. A deficiência diz respeito a algum resgate na última encarnação. Este era um problema do corpo físico e não do corpo espiritual.

E a aparência pode mudar para melhor. O escritor carioca Silveira Sampaio no livro “Bate-papo com o Além” (1980), em espírito, descreve o encontro que teve com Noel Rosa numa roda de samba. O cantor conservava o mesmo penteado dos anos 1930, mas estava mais bonito pois não tinha mais o rosto deformado no maxilar, o que muito lhe desagradava. Isto ocorreu pelo uso de fórceps no momento do parto. Noel explicou que fez uma cirurgia plástica no rosto perispiritual.

Há muitos outros relatos nos livros espíritas de pessoas que desencarnaram idosas e à medida que adquirem equilíbrio emocional e espiritual passam a se apresentar com aparência rejuvenescida.

3 Dormindo até o dia do juízo final? Tocando harpa? Fazendo nada e descansando?

Há muitas crenças que, depois da morte do corpo físico, a vida “do lado de lá” seria algo entediante sem propósito. Ficar vagando como alma penada? Segundo o Prof. Wagner Borges: “alma penada é galinha desencarnada!”

Ficar dormindo um sono eterno até o dia do juízo final? Os exemplos que acompanhamos desde o início do livro, nos mostrou que as pessoas dormem sim, depois que desencarnam. Mas dormem temporariamente, para repor as energias gastas com o processo de desligamento e, para readaptação à vida espiritual, depois de terem chegado do plano terreno.

Os bebês não passam a maior parte dos primeiros meses de vida dormindo? Isto é necessário para o espírito que anima esse corpinho possa se adaptar ao plano terreno e à nova vida. E quando choram: se não é de fome nem de sono, nem de dor, nem por estar com a fralda molhada, por que será? Pode ser saudade da vida espiritual que tinha antes de reencarnar? Saudade da família e dos amigos que deixou no plano espiritual? Terá arrependimento por ter voltado? Será medo de errar novamente? Talvez tudo isso! Talvez!

Sentar-se em uma nuvem e tocar harpa. Será verdade? No Brasil a harpa não é um instrumento muito popular. Encontraremos tocadores de viola caipira, sanfoneiros nortezinos usando seu chapéu de couro e gaúchos tocando sua gaita e tomando chimarrão!

Encontraremos uma roda de samba com cavaquinho, pandeiro e tamborim em volta de uma mesa na praça, tomando copos e mais copos de água fluidificada. Água fluidificada? Sim! Primeiro porque não servem cerveja e cachaça lá no Além. Segundo porque os artistas estão se recuperando dos vícios que tinham na vida terrena.

Neste capítulo e no próximo veremos como é feito esse tratamento e saberemos um pouco a respeito de alguns artistas famosos.

Sobre passar o dia pousado em uma nuvem. Bem, poucos são aqueles que desencarnam e dispõem de conhecimento e leveza suficiente para saber flutuar (ou voitar). Alguns já desencarnam sabendo. Quem não sabe aprenderá nos cursos, como veremos no capítulo seguinte. Por outro lado, os bons espíritos certamente têm algo bem mais útil para fazer do que ficar de “papo pro ar” numa nuvem vigiando a vida dos outros.

A passagem para a vida espiritual não muda o caráter da pessoa. Quem gostava de trabalhar, logo arrumará alguma ocupação para aprender e se sentir útil. Quem é preguiçoso e prefere ser servido a servir ficará assim até se cansar de fazer nada e resolver buscar algo interessante pra fazer.

4 Tribunal da consciência

Será mesmo que as pessoas que desencarnam serão julgadas em um tribunal pelos erros que cometeram?

Uma moça estava voltando para casa no final da tarde, quando foi surpreendida por um homem que a violentou e depois a matou. Ela estava noiva, era uma pessoa de bem. Foi

logo desligada do corpo físico e socorrida pelos auxiliares invisíveis. Este caso consta do livro "Violetas na Janela" (1993).

Sem noção de que havia feito a passagem, ela julgava estar no pronto-socorro de algum hospital terreno. Depois de algumas semanas percebeu que havia desencarnado. Revoltou-se. Não aceitava o fato de que não iria mais se casar, como havia sonhado. Queria ir embora e voltar para casa.

Quando estava mais fortalecida, fugiu e foi para casa dos seus pais guiada pelo poder do pensamento e da vontade. Pôde então perceber que realmente havia desencarnado. Seus pais estavam envelhecidos. Seu noivo estava com outra companheira. Ela enlouqueceu de tristeza e de revolta. Os ferimentos que estavam cicatrizando voltaram a sangrar.

Este baixo padrão vibratório a atraiu para o umbral. Depois de vagar por semanas nesta situação com dor, perda e aflição, orou pedindo ajuda com sinceridade. Foi novamente socorrida e precisou receber longo tratamento psicoterapêutico. Nas sessões de psicoterapia soube que em outra vida foi um mercador de escravas. Negociava mulheres para "homens de maus instintos". Compreendendo a lei da ação e da reação, a moça parou de sofrer e desejou perdoar seu ofensor. Desejou aprender, servir e fazer parte de um grupo de socorristas.

Certo dia quis saber como estava o homem que a violentou. Ele não foi preso nas casas de detenção terrenas, pois fugiu da cena do crime e não foi descoberto. Desencarnou e foi para o umbral, onde sofreu muito por este crime e por outros que havia cometido. A moça desejou acompanhar os socorristas até o local onde o rapaz estava para prestar auxílio.

Ao reconhecê-la, o rapaz saiu gritando dizendo que ela era culpada por ele se encontrar nesse estado deprimente e nesse lugar horrível. Dizia que ela havia ido até Deus queixar-se do que ele havia feito e, por causa dela, tinha ido parar no inferno.

Vejam que o agressor não foi levado a nenhum tribunal para ser julgado por juízes de roupas pretas. Tudo se passava dentro da sua mente. Ele a culpava e a odiava. Não adiantava ninguém dizer o contrário. Nesse caso cabe bem aquele ditado "pior cego é aquele que não quer ver!" Só o tempo irá mostrar a verdade. E quando conhecer a verdade se libertará.

Na Bíblia, em Coríntios 11:31 está escrito: "Se examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados". No livro "Aglon e os Espíritos do Mar" (1991) é citado que "toda justiça se cumpre dentro de cada um, no âmbito da sua consciência". Faz sentido! Muitas pessoas carregam sensações de culpa dentro de si, seja pelo que fizeram ou pelo que deixaram de fazer. Uns se importam muito com isso, outros não. Como diz o ditado popular: "cada cabeça, uma sentença"!

A imagem do tribunal, no qual a pessoa recém-chegada seria julgada pelos seus atos, também preocupou o Irmão Jacob, conforme descrito no livro: "Voltei" (1949). Sabendo esclarecer que aqui se trata de alguém que cresceu na religião judaica e depois abraçou a doutrina espírita. Durante uma conversa a esse respeito com o Irmão Andrade, logo nos primeiros dias de chegada à casa de sua filha na colônia espiritual, recebeu os seguintes esclarecimentos:

.....

“A morte não nos conduz a tribunais vulgares e sim, à própria consciência e acrescentou que, dentro dele mesmo, encontraria os pontos vulneráveis do seu espírito, de maneira a corrigi-los de acordo com os conhecimentos que possuía do evangelho”.

Tanto Neto do livro “Faz parte do meu show (2004), como Zílio do livro “Um Roqueiro no Além” (1998) desencarnaram jovens em função de problemas com drogas, bebidas e outros vícios. Eles comentam, nas suas “memórias póstumas” (livros citados), que não foram levados a nenhum tribunal para serem julgados e condenados pelos seus abusos depois que desencarnaram.

No entanto, ambos reconheceram que a voz da consciência é o que mais lhes incomodava nos primeiros meses pós-desencarne. Cabe comentar que Neto e Zílio tiveram educação católica na infância. Viveram esta última encarnação no Brasil fazendo o bem para muita gente com suas canções. Receberam muito carinho dos familiares e amigos. Seus vícios prejudicaram muito mais a eles do que a outras pessoas.

Diferente do destino daqueles que intencionalmente prejudicaram, roubaram e tiraram a vida de alguém. De quem cometeu atos como estuprar, dirigir alcoolizado e atropelar um ciclista. Aqueles envolvidos na violência e na criminalidade; no tráfico de drogas, de armas e de animais silvestres; na exploração de adolescentes para prostituição e comércio de órgãos humanos. Lembrando também os políticos corruptos que desviaram verbas destinadas à área da saúde, alimentação, educação, moradia popular e saneamento básico, em benefício próprio.

Pessoas que em nome da ganância, do poder, do dinheiro, da arrogância e/ou do fanatismo mataram centenas de crianças de fome; que mataram ou deixaram inválidos jovens e adultos em atentados terroristas. Homens que mataram animais como baleias, elefantes, tigres, onças, gorilas, bebê-focas e golfinhos; que destruíram florestas, poluíram as águas dos rios e dos mares.

Fazem parte deste grupo os mentores intelectuais ou próprios executores de assassinatos, extorsão de bens, violência contra mulheres e crianças; perseguições raciais, políticas, religiosas e sociais. Mesmo que estes atos tenham ocorrido na época da inquisição da igreja católica, da escravidão, da ditadura militar ou do nazismo, entre outros tristes episódios.

Estas pessoas, na sua percepção de vida egocêntrica, não fizeram nada de errado. Um dia o véu do orgulho cairá e reconhecerão que erraram. Mesmo que não admitam e prefiram culpar alguém, alguma situação ou Deus. Erraram não apenas contra as leis dos homens. Violaram as leis divinas. Erraram perante a vida. Assim, algum dia responderão por isso e terão que remediar o mal que fizeram ao planeta!

Geralmente, as vítimas desencarnadas não perdoam quem lhes matou ou quem fez mal à sua família. Querem vingança e fazer justiça a seu modo. O papel será invertido, as vítimas passam a ser os algozes. A perseguição e os maltratos ocorrem tanto no umbral como na vida terrena, caso já tenham reencarnado.

No livro “Pertinho do Céu” (1999), temos um exemplo claro. Lembra-se do senhor J? Aquele que foi “assaltar” a cozinha da clínica espiritual e se fez passar por sonâmbulo (Item 1 – deste capítulo). Certa manhã, ele estava conversando com seu colega de quarto, mostrando-se indignado pelo fato dos “serviçais” da cozinha terem se recusado a lhe dar lanches extras. Ainda mais por terem feito pouco caso da propina que lhes ofereceu. Leiam parte deste diálogo resumido, extraído do livro (págs. 41 a 43):

Sr. J: Você não desconhece que estes hospitais sobrevivem às custas de subsídio governamental e minha influência nessa área é muito grande.

Colega: Não creio que você teria coragem de provocar o corte da verba de um hospital!

Sr. J: Ora, meu amigo. Minha intervenção nesse campo é tão verdadeira quanto os processos que respondo atualmente por desvio de dinheiro público!

Colega: As acusações são procedentes?

Sr. J: Claro que são! Não vou esconder que enriqueci usando esse expediente nas minhas atribuições parlamentares.

Colega: E essa culpa não lhe pesa na consciência?

Sr. J: Tenho pesadelos todas as noites. São horríveis. Geralmente sou levado por forças desconhecidas a caminhar pela madrugada em ruas sombrias, onde se encontram mães muito magras adormecidas sob trapos com crianças sujas e esquiladas, formando amontoados de abandono e fome. Como se não bastasse a visão do cenário miserável, essas crianças gemem como se estivessem suplicando por socorro. Vozes acusatórias ecoam nos meus ouvidos com insistência dizendo: está vendo?

Colega: Sim, continue.

Sr. J: Essas forças me obrigam a caminhar sobre enfermos nos corredores de hospitais sem recursos. Me apontam a ausência de remédios que seriam indispensáveis para a manutenção da vida. Me conduzem ao velório da Casa de Saúde onde vejo o desespero de criaturas debruçadas sobre caixões de velhos e crianças. O pior é quando me forçam a pedir desculpas e dizer que sou o culpado.

Colega: Que horror! Suas noites se constituem em verdadeiros suplícios. Em seu lugar eu teria enlouquecido!

Sr. J: Esses pesadelos perduram por muito tempo, ocasionando distúrbios que me levaram ao sanatório, onde convivi com criaturas esquizofrênicas.

Colega: Como você convive com o fato de gozar da luxúria e da abundância, sabendo que para tanto está desnutrindo crianças, comprometendo seu desenvolvimento e, por consequência ocasionando retardo irreversível?

Sr. J não respondeu. Teve um ataque de nervos, entrou em convulsão e caiu no chão. O colega do quarto saiu em busca dos enfermeiros. Eles o levaram para uma câmara de tratamento, onde ficou por três horas.

O autor do livro esclarece que Sr. J começou a ter estes pesadelos, seguidos de crises de convulsão quando estava encarnado. Este quadro nada mais era do que o assédio vingativo dos espíritos sofredores que esperavam dormir, para desligá-lo do corpo físico e levá-lo para "passar". Visitavam lugares onde estavam espíritos sofredores prejudicados pelos atos que ele havia cometido, desviando dinheiro público. Quando acordava, julgava ter tido sonhos ruins.

Depois de desencarnado, ele foi levado pelos obsessores para um lugar no umbral, o qual ele identificava como uma clínica psiquiátrica cheia de doentes mentais. Ficou nessa situação por 18 anos até ser resgatado pelos socorristas e levado para a clínica onde se encontra.

Na imaginação dele, pensa que seus familiares conseguiram a transferência para um estabelecimento melhor. Ainda não percebeu que desencarnou. Aliás? Querem saber como ele desencarnou? Ele seduziu a moça que trabalhava na sua casa e teve um ataque cardíaco após o ato sexual. A moça engravidou e teve um menino.

Fofocas à parte, o que é importante registrar aqui é o fato dele começar a sofrer pelos erros cometidos ainda encarnado. Esse processo teve continuidade por mais 18 anos no umbral e mais alguns anos na clínica.

Sobre tribunais espirituais, destacamos dois livros espíritas: “Aglon e os Espíritos do Mar” (1991) e “O Abismo” (1968). Neles lemos que os espíritos agressores foram presos, julgados e condenados à reclusão por grupos de espíritos vinculados aos netunos (no fundo do mar) ou aos dragões (no centro da terra), como veremos a seguir.

André Luiz e Júlio Verne fizeram uma viagem de estudo ao fundo do mar. Eles se encontraram com um espírito que se apresentou como Netuno, cuja imagem era idêntica à das pinturas gregas, meio homem – meio peixe com o tridente na mão.

O ser mitológico explicou as regras de justiça que eram seguidas no território que estava sob seu domínio. As regras se aplicavam a todos que tinham cometido alguma falta grave contra a humanidade e contra a vida marinha.

Nessa ocasião, puderam presenciar a chegada de um grupo de 500 prisioneiros que “vinham da superfície”, trazidos por um tipo de submarino. Tratava-se de comandantes, marinheiros e outros homens envolvidos em batalhas navais e naufrágios de navios, nos quais centenas de pessoas perderam a vida. Muitos conservavam as imagens dos desastres na sua mente, uns se culpavam por não terem evitado o acidente, outros não.

Netuno aproveita para satirizar que o seu sistema judiciário é mais eficiente do que o existente na maioria dos países da superfície, os quais são muito lentos (e estão com superlotação). Ele explica que os espíritos endividados são levados para julgamento no seu tribunal e, caso sejam considerados culpados, ficarão presos em celas dos navios-prisão, no fundo do mar, por tempo determinado, conforme a gravidade de sua pena, sob vigilância dos netunos – guardas.

Aglon comenta que na verdade trata-se de verdadeiras prisões da consciência. À medida que os presos reconhecerem seus erros, deixando aflorar o arrependimento sincero e a vontade de reparar o mal que causaram a si mesmos e aos outros, serão libertados pelos socorristas, que estão sempre circulando pela região. Caso escolham continuar alimentando a revolta e o ódio, permanecerão presos por tempo indeterminado.

Para julgar os suspeitos, Netuno dispõe de um equipamento especial que detecta fatos passados. Se o aparelho nada acusar contra o prisioneiro, ele será liberado. Caso contrário irá para julgamento. O próprio pupilo de Aglon, foi detido em uma cela por alguns dias, pois o aparelho registrou infrações leves cometidas em uma de suas vidas passadas.

Aglon explica que a justiça que Netuno e seus subordinados exercem corresponde, de certa forma, à justiça de Deus que “a tudo vê”. Este trabalho é supervisionado por espíritos de alta hierarquia divina, sem que eles percebam. Isto porque não aceitam nem gostam de ouvir falar de Deus e muito menos de Jesus, a quem chamam de “o cordeiro”. Para eles Jesus personifica o amor e, para eles a morte na cruz foi um sinal de fraqueza e falta de poder.

No outro livro "O Abismo" (1968), obra orientada pelo espírito André Luiz, Orcus, um mentor espiritual de grande conhecimento, realiza uma viagem de estudo no mundo intraterreno, onde predomina a dor, a angústia, o desespero, o ódio, o rancor.

Como bem disse Jesus: "na casa de meu Pai há muitas moradas"! No centro da terra, na dimensão espiritual, há vilas e cidades bonitas em meio a belas paisagens da natureza (montanhas, rios, bosques), onde moram espíritos bons. E há também cidades habitadas por espíritos guardiões e seres que erraram gravemente na última e/ou nas últimas encarnações, cometendo crimes dos piores tipos.

Este território é dominado pelos chamados "dragões", um grupo organizado de espíritos, com hierarquias bem estabelecidas, que habitam zonas subterrâneas da crosta terrestre, exercendo justiça a seu modo. O mentor nos traz a seguinte explicação:

Em todas as épocas da humanidade, o Dragão simbolizou as forças do mal ou a legião dos seres revoltados que lutam contra Jesus... Aqui, no Império dos Dragões encontramos realmente figuras que se opõem a Deus, não somente na Terra, mas em todos os mundos de vibração semelhante.

Lembram-se da imagem de São Jorge sobre um cavalo lutando contra um dragão? Representa a luta do guerreiro da luz contra o guerreiro das trevas. Jesus, depois de ter sido crucificado, desceu ao abismo para perdoar Judas, antes de subir aos reinos dos céus.

Nesse momento, dizem que o Cristo libertou também a muitos espíritos que estavam arrependidos dos atos de violência insana que haviam realizado centenas de anos atrás. Recordemos algumas civilizações que existiram antes de Cristo que conquistaram territórios, à custa de muita destruição e atos bárbaros: Grécia, Roma, Babilônia, Egito, Assíria e China entre outras.

De acordo com o livro, essa região intraterrena tem várias camadas, desde as mais próximas da superfície até as mais profundas. De maneira geral é um lugar de pouca luminosidade, úmida, com áreas lamacentas, cheia de cavernas e grutas. O ar é escasso para respirar e os odores presentes nessa atmosfera são desagradáveis. Há localidades que parecem cidades medievais e outras mais modernas.

Durante um especial trabalho de assistência espiritual, tivemos oportunidade de ir até uma destas cidades, guiados por equipes de samaritanos. Fomos até uma mansão, em cujas celas sujas estavam espíritos sofrendores e arrependidos. Fomos resgatá-los e levá-los ao posto de socorro mais próximo, também no umbral.

No abismo, há espíritos que chegam a ter sua aparência transformada, com aspectos animalizados, disformes depois de anos vivendo por lá. À medida que vão se identificando com imagens e formas projetadas pela sua consciência, deixam de ter a forma humana plena para assumir aparência de lobos ferozes, abutres, serpentes e vermes, apenas para citar alguns exemplos.

Vamos ilustrar com o caso de alguém que fez muita maldade na última encarnação. Depois que desencarnou, reconheceu seus erros e passou a se culpar tremendamente por isso. Punindo a si mesma ficava dizendo constantemente que não passava de um verme imundo. De tanto repetir esta frase com convicção, o perispírito foi adquirindo

.....

a forma de uma grande minhoca com cabeça humana: as pernas vão se unindo e os braços ficam grudados no tronco.

Há outros casos de homens sedentos de carnificina que podem se transformar em lobos ou abutres, “meio-homem, meio animal”. Isto se chama “zooantropia”.

Da mesma maneira que ocorre no território de Netuno, o trabalho dos dragões também é supervisionado por espíritos de alta hierarquia divina, mesmo sem ter plena consciência disso.

Os grupos dos socorristas podem ir até esta região resgatar espíritos semianimalizados quando for o momento propício, isto é, quando sinalizado pelos médicos de esferas mais altas. São então levados aos postos de socorro, onde receberão os primeiros auxílios, limpeza e higienização. Posteriormente, serão transferidos para hospitais especializados, onde serão submetidos a tratamentos intensivos e com o tempo voltarão a readquirir a forma totalmente humana.

O leitor interessado pode buscar mais informações a respeito nos dois livros citados anteriormente, na obra “As Margens do Rio Sagrado” (1979) de Edgard Armond, no “Livro dos Espíritos” e em o “Céu e Inferno”, ambos de Allan Kardec e em outros mais recentes que estão nas livrarias espíritas e espiritualistas.

Queremos deixar registrado que, se na face da Terra os criminosos que cometeram atos horríveis de violência contra pessoas não receberam a devida punição pela justiça dos homens, ou não chegaram a ser condenados por causa da sua fama e fortuna, o mesmo não acontece no mundo espiritual. A justiça de Deus nunca falha. Ela ocorre por meios que nem imaginamos! Quer ler?

- Primeiro exemplo: o caso que contamos no início deste item, do rapaz que violentou e matou a moça e não foi descoberto mas, quando desencarnou, tudo foi diferente;
- Segundo exemplo: algum carrasco que torturava prisioneiros pode nascer como uma criança saudável e nos primeiros anos de vida apresentar uma doença rara que limita totalmente seus movimentos;
- Terceiro exemplo: um rapaz bonito, atleta. Aos olhos dos pais, uma pessoa maravilhosa. Entre os amigos, o líder da bagunça. Para as garotas, um colírio aos olhos! Para os professores, um aluno indisciplinado. O que os pais não sabem é que ele ainda estava envolvido com drogas e prostituição infantil. Tal como fazia na encarnação passada. Durante certa viagem sofre um acidente e fica tetraplégico.

Aos olhos do mundo material estes dois últimos exemplos parecem uma grande injustiça. Aos olhos do mundo espiritual o corpo serve de prisão “perpétua” a estes espíritos devedores. Em outras palavras, os dois últimos ficaram encarcerados. Na visão espiritualista, estão respondendo pelos seus erros passados, cumprindo a lei da ação e reação. O amor dos familiares e/ou de pessoas caridosas os ajudará a perceber a importância de ser humilde e de fazer o bem.

Se não se revoltarem, sairão desta vida melhor do que entraram. Mas se vivenciarem esta provação com rancor e amargura, continuarão experimentando novas experiências

dessa mesma natureza. Até que um dia, cansados de sofrer, reconhecerão seus próprios erros e desejam se recuperar fazendo o bem.

5 Do criminoso ao pacifista: a violência não compensa

No livro "A viagem de uma alma" (1972) consta explicação simples e interessante sobre a "voz da consciência" e a transformação de alguém (Cap. 2 – págs. 27 e 37), relatada a seguir com adaptações.

Um homem desejava possuir intensamente algo que pertencia à outra pessoa. Movido pelo ego e pelo seu instinto animal, deixa-se dominar pela agressividade na hora que está roubando e ambos entram em um conflito mortal. O homem é preso, condenado por assassinato e termina seus dias na cadeia.

A mente deste espírito agressor registrará o fato acontecido. O mesmo acontecerá com o que foi agredido. Se o agressor foi criado em uma cultura que falava de condenação no "fogo do inferno" depois da morte, e reconheceu que errou, essas imagens surgirão projetadas na sua tela mental, atordoando-o. A voz da consciência irá julgá-lo culpado e ele viverá momentos de intensa angústia até pedir ajuda ao Alto.

Mas pode ser que o indivíduo não tenha tido nenhuma base religiosa durante a infância. No tempo em que passou na cadeia reconheceu que não precisava ter feito o que fez: ter tirado a vida de outra pessoa. Reconheceu que deixou de viver bons momentos da vida em liberdade por um assalto, por motivo tão "bobo". Concluiu por fim que "o crime não compensa".

Ao desencarnar, como não possui ideias preconcebidas de castigos e condenações estará mais aberto a ser esclarecido por benfeitores e processará o fato de uma maneira positiva, construtiva. Desejará resgatar seus erros e fazer o bem.

Ao reencarnar, o indivíduo que foi o agressor poderá ser novamente tentado a passar pela mesma situação de querer tomar algo de alguém, quando adolescente ou adulto. Seu ego será testado. Nessa hora a voz da consciência irá soar em sua mente alertando-o para não fazer isso. Uma voz interior irá dizer que não se deve tirar a vida de outra pessoa.

Se agir em concordância com essa advertência, terá dado um grande passo na sua jornada evolutiva. Mas, pode ser que ele escolha seguir seus instintos primitivos, repetir o mesmo erro e ser preso novamente ou ser assassinado. Quando desencarnar e voltar ao mundo espiritual, começará o ciclo de auto avaliação, mas desta vez será diferente, considerando que cometeu grave erro contra ele mesmo, traiu sua própria consciência. Pode ser que se arrependa, ou não.

Talvez este "vai e vem", entre estar encarnado e desencarnado, fazendo o mal e tentando se melhorar leve umas dez vidas, até ele aprender de verdade que a violência e o crime não compensam mesmo!

Pois bem, quando encontramos alguém com tendências pacifistas, que vivencia a "não violência", podemos estar diante de um espírito amadurecido, que vivenciou na própria "pele" (alma) as consequências da agressividade e que desejou fazer o bem com sinceridade. Alguém bem mais leve do que dez vidas atrás.

.....

Mas, lembremos que no começo dessa estória, um homem matou alguém. Se esse alguém que está desencarnado deixar ser dominado pelo ódio e pelo desejo de vingança, fará justiça ao seu modo, “com suas próprias mãos”. Irá se transformar em um perseguidor, um obsessivo que atormentará seu agressor por tempo indeterminado, esteja ele encarnado ou não.

Se na vida anterior o agressor roubou seu dinheiro, tirou sua esposa ou filhos e propriedade, o agredido fará de tudo para se vingar. Usará de inúmeros recursos para vê-lo infeliz, sozinho e abandonado, na miséria, pois é assim que ele se sente. Um dia, cansados de sofrer, farão as pazes e essa perseguição terminará. Pode ser que reencarnem como pai e filho ou como irmãos.

E, graças à dedicação dos bons espíritos muitos laços de ódio e amargura podem ser desfeitos, como ilustra o caso de duas mulheres, que há várias vidas se revezavam no papel de obsessora e obsediada, como nos conta Antonio Carlos no livro: “Entrevistas com Espíritos” (2011).

Em uma de suas passagens pela vida terrena, Benedita fora escrava e Maria da Glória a esposa do fazendeiro. Obrigada por seus pais, contraiu um casamento arranjado, após se separar de seu namorado. Todo ódio que ela sentia da vida, descontava em Benedita. Desde a primeira vez que a viu passou a maltratá-la verbalmente, depois mandava chicoteá-la e deixava-a várias vezes sem comida.

Quando soube que estava namorando um escravo e ficara grávida, vendeu o rapaz para outro fazendeiro e bateu na barriga dela para que abortasse. Chegou até mandar o capataz violentá-la. Apesar da boa cozinheira da fazenda estar sempre intervindo junto da sinhá para não fazer tanta maldade, nada adiantava.

Maria da Glória faleceu primeiro. Passado algum tempo no Além, sofrendo pelos seus atos, arrependeu-se e pediu para reencarnar e começar uma vida nova. Benedita desencarnou doze anos depois, cheia de ódio no coração e desejo de vinganças. No umbral fez aulas para aprender a ser obsessora. Depois de muito procurar encontrou a rival vivendo em uma família pobre, na idade de oito anos.

Logo começou a colocar em prática seu plano. Induziu o pai a violentá-la e fez a mãe pensar que foi a filha que o seduziu. Revoltada, a mãe abandonou-a em um orfanato. Perseguida noite e dia, sem saber do que se tratava, Maria da Glória passou a vida sempre com dores no corpo, sofrendo de doenças que os médicos não conseguiam curar.

Estudou e procurou emprego e não conseguia ficar por muito tempo em lugar algum, por causa da sua saúde debilitada. Não conseguiu arrumar namorado. Passou fome, frio, humilhações e muita solidão. Nunca procurou ajuda em alguma religião. Pensava muito em suicídio, mas não tinha coragem para fazer isso, pois temia ir para o inferno. Desencarnou sozinha no hospital.

Benedita, sempre por perto, ajudou no desligamento do corpo físico e a levou para o umbral, onde ambas brigavam violentamente sem cessar. Aos poucos foram se cansando desta agressividade até que resolveram pedir ajuda. Cada uma foi levada para um posto de socorro diferente. Havia muito que lapidar esses corações endurecidos pelo ódio e desejos de vingança mútuos para que pudessem vivenciar o perdão.

Aglon, do livro “Aglon e os espíritos do mar” observa que “não é o crime que nos arrasta ao desequilíbrio, mas o desequilíbrio que nos atira ao crime”. Ele complementa sua lição alertando que se não formos vigilantes sobre nós mesmos, “cairemos na roda-viva e iremos do desequilíbrio para as falhas, para as faltas e para o crime. Do crime voltaremos para o desequilíbrio e aí rolamos na roda das reencarnações”.

Somente uma energia amorosamente altruísta e sincera, vindo de uma fonte externa como o amor de mãe para filho/filha, ou de filho/filha para os pais ou mesmo entre casais que realmente se querem muito bem, poderá tirar a pessoa desequilibrada dessa situação com a intervenção, ou supervisão dos auxiliares invisíveis.

Na ausência de um ente querido que se importe por ela ou por ele, com amor verdadeiro, “ficaremos nas mãos indiferentes do acaso que nos deixa abandonados, caindo infundavelmente no abismo de nós mesmos”. Continuando, Aglon esclarece que este “mergulho abismal” parece ser uma “queda eterna”.

Conforme o tempo vai passando e a pessoa não reage, irá perdendo cada vez mais suas forças. À medida que se afasta da luz, vai perdendo sua energia vitalizante. O perísprito se “degrada”, o espírito não. Um dia serão socorridos e recomeçarão o caminho de volta para a luz divina.

Compreende-se como é importante procurar semear e fazer o bem, perdoar e não guardar ofensas? Colhemos o que plantamos. Jesus sabia o que dizia: “quem com a espada fere, com a espada será ferido”. Disse estas palavras quando Pedro pegou a espada para atacar o soldado que foi aprisioná-lo no Jardim das Oliveiras na aldeia de Gethsemani.

6 Da sombra para a luz: casos de quem demorou a aceitar ajuda dos socorristas (fumantes, sexólatras, alcoólatras, avarentos e ciumentos)

Quem aceita ajuda oferecida pelos socorristas recebe alimento, água fresca, roupas limpas e cama macia para dormir. Mas há quem não aceite ajuda de ninguém, mesmo estando desencarnado, e prefere fazer tudo a seu modo. A espiritualidade respeita a vontade de cada um. Mostraremos exemplos de casos de espíritos viciados em cigarro, álcool e jogo.

Fumantes e alcoólatras

Nos livros “Viagem de uma alma” (1972) de Peter Richelieu há a estória de um rapaz, ao qual chamaremos de XY, que antes de desencarnar nada conhecia do mundo espiritual. Tinha religião somente nas aparências, não se preocupava com os outros. Não ligava para sua saúde. Bebia, fumava e era teimoso. Recusou auxílio oferecido pelos socorristas, quando desencarnou.

Poderíamos compará-lo com a bola de ferro? Observamos predominância de Tamas? Para recordar estes conceitos sugerimos rever Cap. II – item 3 Balão de gás, bola de vôlei, bola de ferro: as três *gunas*.

.....

Ele acordou em um lugar de pouca luminosidade e úmido. Sentiu fome, sede, calor, frio e as dores relacionadas com sua doença. Alimentava-se das plantas que encontrava, bebia água de filetes sujos que passavam no solo, urinava e evacuava pelos cantos. Sofria pela ausência do cigarro e bebida. Ficou assim por anos, sujo com cabelos crescidos, barba e unhas grandes. Se alguém perguntasse onde estava muito provavelmente ele responderia que estava no inferno por uma eternidade. Peter Richelieu menciona que ninguém pode evitar que ele passe por essa experiência. Nestes casos, os socorristas procuram explicar o que está acontecendo e porque está acontecendo e dizer que a única maneira de sair dessa situação é desejar libertar-se dos seus apelos, dos vícios, da sua raiva.

Um dia, XY encontrou alguém que sabia sair do umbral, ir até o “mundo dos encarnados” e voltar. Não era um espírito socorrista. Então ele encontrou a casa dos pais, onde se sentiu mais confortado e por lá ficou. Acomodando-se da melhor maneira aprendeu a comer, beber e fumar junto com os familiares: inalava os fluidos dos alimentos, sugava a fumaça do cigarro e absorvia o vapor dos vinhos e cervejas. Eles não perceberam nada. Nessa casa, Deus não tinha espaço.

Sem que ele notasse, amigos espirituais intuíaam bons pensamentos para que ele percebesse como estava prejudicando seus pais agindo desta maneira. Então, pouco a pouco, ele reconheceu que estava errado. Só que não sabia como sair dessa situação. Resolveu rezar e pedir ajuda a Deus. Os socorristas vieram e levaram-no para um posto de socorro espiritual onde tomou banho e teve o cabelo, as unhas e a barba cortados. Renovado, foi levado para uma clínica onde receberia tratamento de desintoxicação. Ele se recuperou e ficou bem.

O caso de XY é apenas um entre milhares que acontecem todos os dias. São muitas as pessoas que morrem diariamente, seja pelo motivo que for: doença, acidente, *overdose*, suicídio entre outro. Pessoas que diziam não ter religião e não crer em Deus. Pessoas muito envolvidas com a criminalidade, com a dependência química (cigarro, álcool, drogas diversas), sexólatras e viciadas em jogos, por exemplo.

Pessoas que deixaram o corpo físico, mas que não deixaram seus vícios e nem mudaram suas crenças. A maioria se revolta inclusive por não poder voltar ao antigo corpo. Então aceitam ser levados por outros espíritos desencarnados, mais experientes, que vibram na mesma sintonia, para continuar alimentando seus desejos. Semelhante atrai semelhante!

Aprendem a frequentar bares e casas noturnas para “sugar” energias de quem fuma cigarros e toma bebidas alcoólicas em excesso, dos usuários de drogas e de quem pratica atos sexuais sem afeição entre os parceiros como em prostíbulos e certos motéis.

“Quem bebe e fuma nunca está sozinho”

Assim diz um ditado popular comum entre os espíritas. As pessoas que se tornaram usuárias da bebida, do cigarro e/ou das drogas, não estão sozinhas, têm companhias de espíritos desencarnados.

Vocês já devem ter percebido que um bêbado sempre acha o caminho de volta pra casa, que consegue atravessar a rua desviando dos carros e coisas assim. Eles são protegidos pelos seus companheiros desencarnados, pois há uma relação de mutualismo entre

ambos. Os desencarnados costumam se referir a eles como “seus canecos”, pois precisam deles para sentirem o gosto da bebida.

No livro “Um Roqueiro no Além” (1998 – págs. 103/104) lemos a explicação que muitos espíritos desencarnados, que já eram viciados quando viviam no corpo físico, induzem encarnados que já estão envolvidos na mesma frequência, na mesma sintonia, a não parar de beber, de fumar e de se drogar continuamente para que possam manter o vício e aproveitarem-se dos mesmos efeitos alucinógenos.

O mesmo livro explica que não é o álcool líquido que desce para o estômago ou a nicotina do cigarro que os satisfazem. São os vapores alcoólicos e a fumaça tóxica que absorvem. Em um verdadeiro ato de vampirismo, o desencarnado viciado suga esses vapores antes de atingirem o cérebro do encarnado. Com isso, a tendência do alcoólatra encarnado é beber cada vez mais.

Com as drogas injetáveis o processo é outro. O usuário se utiliza de seringas para injetar a substância na veia. As substâncias alucinógenas não produzem vapores. Elas chegam ao cérebro do viciado por intermédio do sangue. Para alcançar seus objetivos, os viciados desencarnados sugam uma grande porção da parte etérica do plasma sanguíneo, nos orifícios abertos pelas picadas das agulhas hipodérmicas.

Com o passar do tempo, os espíritos encarnados vão se tornando cada vez mais fracos, chegando ao estado de debilidade física e mental, deixando de ter utilidade para seus assediadores, que partirão em busca de novas vítimas. Todos serão auxiliados quando, cansados de levar a vida assim, buscarem ajuda dos socorristas, aceitando finalmente o tratamento de recuperação.

Por isso, é fundamental não desistir de ajudar aos dependentes químicos, por mais rebeldes e teimosos que sejam. Palavras carinhosas, gestos fraternos e orações nunca serão em vão.

Avarentos e ciumentos

No livro “Viagem de uma alma” (1972), Peter Richelieu narra dois casos, o de um homem que era muito apegado ao dinheiro e de outro que era extremamente ciumento.

O primeiro escondia “seus tesouros” em lugares que só ele sabia encontrar. Tinha imenso prazer em contar as notas de dinheiro e brincar com as moedas de ouro. Inflava todo seu ego dizendo a si mesmo que tudo aquilo lhe pertencia. Ele desencarnou e resolveu tomar conta dos seus bens, afastando todos que se aproximassem intuindo a ir procurar em outro lugar. Mas um dia, “quase morreu de susto” ao constatar que seu tesouro fora descoberto. E teve um acesso de raiva ao ver que estava sendo gasto “com futilidades”. Por que ele sofria? Por causa de suas emoções descontroladas da cobiça, da avidez, do egoísmo. Ele precisará entender tudo isso e afastar-se do apego às coisas materiais para poder ser feliz. Isso levará algumas encarnações.

O outro homem pensava amar a esposa intensamente, quando, na realidade, ela significava uma propriedade, alguém que possuía para satisfazer seus desejos pessoais. Causava brigas toda vez que percebia alguém olhando para ela. Desencarnou. Continuou ciumento do lado de lá, vigiando a esposa constantemente, torturando-se cada vez que outros homens se aproximavam dela, odiando-os. Fazia de tudo que estava ao seu alcance para

afastá-los. Percebeu, enfim, que seus esforços eram inúteis e seu sofrimento aumentou.

Observem que ninguém o castigava por ser ciumento. Ele colhia e comia os frutos amargos que semeou pela sua própria insensatez. É a lei da causa e do efeito ou *carma*. Para ajudá-lo é preciso que ele queira ser ajudado. Deverá compreender que amar não é um ato egoísta e que as pessoas não pertencem às outras. Isso levará algumas encarnações.

7 O turista fantasma do Navio Transatlântico

Há um caso muito curioso e até divertido, de certa forma, descrito por Silveira Sampaio no livro “Bate-papo com o Além” (1980), (págs. 111/116) sobre um homem de seus 40 anos, funcionário público, que vivia no Rio de Janeiro e sempre sonhou em fazer um cruzeiro de navio.

Foi uma pessoa de bem, trabalhador, bom marido e pai responsável. Não tinha nenhuma ligação com a doutrina espírita. Depois que desencarnou de uma doença em um hospital público foi levado para um hospital no mundo espiritual para se recuperar. Sabia que seu corpo havia morrido.

Sentindo-se restabelecido e percebendo que não recebia visita de nenhum parente ou amigo, não quis ir para uma colônia de recuperação, achava que o estariam abrigando ele por caridade, por não “ter família”. O que fez então? Tendo consciência que não precisava mais trabalhar como funcionário público, que não precisava pagar o aluguel e outras contas, cuidar dos filhos e da esposa, queria viver a liberdade!

Saiu do hospital por conta própria e conseguiu descobrir o caminho de volta para a cidade do Rio de Janeiro. Mesmo sendo espírito desencarnado, pegou o ônibus como estava acostumado, sem precisar pagar a passagem, é claro. Desceu no ponto perto de uma agência de viagem que via sempre da janela quando ia trabalhar.

Lendo os folhetos e ouvindo conversas dos agentes de viagem com clientes, descobriu quando sairia o próximo cruzeiro. Pegou outro ônibus, foi até o porto e embarcou no navio.

Passou a apreciar a viagem de todas as formas. Logo aprendeu como beber e comer com os encarnados: nos bares, observava o que os homens estavam bebendo, se aproximava deles e se deliciava com o gosto da bebida. No restaurante, observava o que as pessoas estavam comendo e “comia” junto, saboreando-a.

Não entendia que não precisava comer, pois não aceitou os esclarecimentos que foram oferecidos no posto socorro espiritual. Andava como os encarnados, subindo e descendo as escadas no navio, passava por portas abertas e mudava de roupa conforme a ocasião, por exemplo, roupa esporte para o dia e social para a noite.

Aproveitando-se da sua condição de ser invisível, ia ao cassino jogar pôquer com os encarnados. Escolhia alguém como parceiro, observava as cartas dos adversários e intuía as jogadas que deveriam ser feitas. Seu parceiro ganhava e então juntos saíam para comemorar com bebidas e mulheres. Ele se aproveitava de tudo.

Resultado: depois de algum tempo nessa vida de “espírito-turista clandestino” de navio, ficou em péssimo estado: alcoolizado e viciado no jogo. Foi recolhido por um grupo de socorristas e levado para tratamento intensivo no mundo espiritual.

Silveira Sampaio conta que este homem foi viciado em jogos e bebidas em uma encarnação anterior à que teve como funcionário público. Recuperado, pediu para reencarnar e resgatar suas dívidas. E assim fez. Porém, ao desencarnar, acabou voltando aos seus velhos vícios.

Mesmo consciente de que já fizeram a passagem, há muitas pessoas desencarnadas que passam a viver perto dos encarnados, com quem têm afinidade. Elas recusaram ser esclarecidas e orientadas pelos mentores ou amparadores que sempre respeitam o livre-arbítrio. Um dia elas se arrependerão e retornarão para a luz.

Por outro lado, quem já se encontrava em um estado equilibrado na vida terrena, quando perde o corpo físico continua mantendo-se em estado equilibrado, ou se recupera com mais facilidade. Logo é capaz de rir, contar piadas, brincar, fazer amizades e namorar como fazia quando encarnado, tudo de maneira saudável, para a própria pessoa e para quem estiver ao seu redor.

8 Postos de Socorro Espirituais no Vale dos Drogados e no Vale dos Suicidas

Na segunda parte do livro “Um Roqueiro no Além” (1998), um grupo de jovens desencarnados, ex-dependentes químicos, se encontram em um lugar denominado Vale dos Drogados, onde são levados para recuperação. Lá estarão em segurança, sem o assédio direto de espíritos doentios que continuam alimentando seu vício e que sentem prazer em arrastar com eles mais e mais pessoas. Indiretamente o assédio continua, até que seja firmemente barrado pelo pensamento e vontade do assediado.

No vale, eles continuam sofrendo os efeitos colaterais das drogas, dos dias em abstinência e do remorso, uns piores do que os outros. O corpo perispiritual traz as marcas do uso de entorpecentes: fortes hematomas nos locais onde aplicavam as picadas, deformidades nas narinas pela inalação do pó, manchas nos dedos das mãos e nos lábios pelo uso do cigarro, envelhecimento da face pelo contato com a fumaça.

Além disso, apresentam danos ao sistema respiratório, ao cérebro e ao fígado entre outros órgãos. Sem falar nas alucinações que não os deixam em paz. Nem todos têm consciência de que desencarnaram.

Cada qual com sua história pessoal de vida, chegaram até as drogas por meios mais diversificados: por um amigo, por um namorado/namorada, em uma festinha, em um show, em uma viagem etc. Porém, todos têm em comum a carência afetiva, a dificuldade de largar o vício, problemas de relacionamento com os pais, problemas existenciais entre outros problemas.

Também no livro “Um Roqueiro no Além” (1998), Zílio é convidado a participar do trabalho de “resgate” de uma pessoa amiga que se encontrava no Vale dos Prazeres. Ela manifestou sincero desejo a Deus para ser ajudada, arrependendo-se dos seus erros.

Neste Vale, como diz o nome, tudo gira em torno do prazer: bebida, cigarro, entorpecentes, sexo, bailes. Há uma cidade onde predomina o ambiente típico de carnaval de rua diariamente, com muitos blocos passando, dançando ao som forte dos instrumentos musicais.

.....

Seria algo semelhante ao que vemos em algumas cidades brasileiras durante os quatro dias de carnaval, naquelas horas da madrugada onde a maioria dos foliões, vestindo suas fantasias, está embriagada e/ou sob efeito de drogas e estimulantes energéticos, com forte apelo à sensualidade. Por onde passam deixam as ruas sujas e cheirando mal, igualzinho ao que vemos aqui.

Esta cidade é governada por um ser de grande inteligência e astúcia que “vive de barganha com os encarnados”, aqueles a quem ele favorece na vida profissional, principalmente na área da comunicação, da música e política. Depois que eles desencarnam “tornam-se seus súditos e escravos” (pág.98).

Durante a noite, enquanto o corpo dorme, vários encarnados que ocupam lugar de destaque na alta sociedade e na política durante o dia, cultivando aparência de bom pai de família e/ou de bom cidadão, projetam-se espiritualmente para esta cidade, em busca de prazer.

Junto daqueles com quem têm verdadeira afinidade, vão saciar suas paixões mais secretas, aquelas que ficaram reprimidas perante a sociedade. Mal sabem que suas saídas são acompanhadas pelos seus mentores espirituais (anjo-guardião), nada passa despercebido da espiritualidade. Isso não nos lembra a frase: “os olhos de Deus estão por toda parte”.

O livro nos conta que este governante e seus subordinados “dominam os meios de comunicação na crosta” e que muitos artistas que estão em evidência, devem seu sucesso à influência deles. “Por isso, a verdadeira arte não encontra espaço nesse meio nem alcança o sucesso merecido. O burlesco acaba predominando no meio artístico” (págs. 104 e 105).

Esta revelação nos faz pensar em algo muito verdadeiro: a qualidade das músicas, dos programas de televisão, das notícias divulgadas na mídia e dos filmes em cartaz, que exploram a sensualidade, a violência, o sensacionalismo e o medo. Discos e DVDs são vendidos em grande quantidade, principalmente “os piratas” (cópia indevida e ilegal).

Ganha-se muito dinheiro com a venda deste material, com propagandas e com casas noturnas. Aumenta o consumo de bebidas alcoólicas, cigarros, entorpecentes e roupas provocativas. Além do mais, em muitos bares e boates ou lugares onde adolescentes e adultos gostam de se reunir para conversar e dançar há a presença de muitos espíritos desencarnados aproveitando os embalos dos encarnados, sugando suas energias. É preciso tomar cuidado com estes ambientes.

Lembremos que muitas músicas, que tocam nas paradas de sucesso, focadas na sensualidade, na agressividade entram e saem da moda. Certas bandas ou duplas ou cantores de carreira “solo” fazem grande sucesso por uma curta temporada, depois saem de visibilidade. Então vem outra banda/dupla, acontece o mesmo. Vem uma terceira e o ciclo se repete. Assim, todos envolvidos direta e indiretamente podem ganhar muito dinheiro. Só que isso é temporário. Fama e fortuna não duram para sempre.

Uma das melhores intérpretes da música brasileira, Elis Regina, muito criticou esse sistema predominante nos meios de comunicação nas décadas 1960/1980. Pois é, a situação piorou nos vinte anos seguintes. A situação ficará melhor quando os valores humanos forem mais elevados.

Mesmo que sejam poucos os filmes e programas para adultos, adolescentes e crianças de bom nível moral, de boa qualidade cultural, focados em levar mensagens de alegria,

paz, altruísmo e solidariedade, eles existem. Mesmo que sejam poucas as emissoras de rádio e televisão que dão espaço aos bons artistas e aos noticiários que não exploram cenas de violência e sensualidade, eles existem. Questão de sintonia.

Mas aquela cidade “Vale dos Prazeres” não tem apenas foliões. Em uma parte mais afastada do centro, há um local por eles denominado “cemitério”, onde são abandonados aqueles que não participam mais da folia. São espíritos sofredores e arrependidos do mal que fizeram, deprimidos de tal forma, que chegam a anular a sua própria existência, “em uma atitude autopunitiva” e vivem entocados em grutas ou cavernas.

O remorso e a autopunição são forças tão potentes que essas pessoas, que tinham aparência física de homens e mulheres normais, passam a adotar a forma de animais como cobras, lobos e aves de rapina, conforme seu estado de espírito. Isto se chama “zooantropia”, como vimos nos parágrafos anteriores.

Entre eles, dois casos foram comentados, o de um homem com aparência de uma ave como se fosse um abutre ou algo parecido e de outro que parecia uma serpente. Em ambos, a consciência dos seus erros havia aflorado nas suas mentes e, vivenciavam momentos de intenso remorso.

Na sua vida terrena, ele foi médico legista e se aproveitava dos cadáveres de mulheres que estavam nos hospitais onde trabalhava. Por se considerar uma ave de rapina, seu perispírito adquiria a imagem que ele mesmo projetava por meio dos seus pensamentos, “refletindo seu real estado de espírito” (pág. 100).

O outro havia sido um político corrupto, que usou suas mãos para desviar boa parte do dinheiro público, que deveria ter sido destinada ao serviço médico e hospitalar a pessoas de baixa renda, para atender a seus próprios interesses.

Zílio também estava chocado com essa cena. Pois é, aqui se aplica verdadeiramente aquele ditado popular: “a gente colhe aquilo que se planta!” Observem que não há ninguém por perto julgando ou acusando-os. Quem faz isso é a consciência de cada um.

O iluminado amigo de Zílio explicou que esses irmãos ficarão nessas condições, sendo acompanhados por amparadores, até que um dia consigam perdoar a si mesmos e comecem a buscar a renovação dos seus sentimentos.

Ele nos conta também que essa cidade sempre foi dominada por sexólatras e viciados de toda sorte e que existem muitas outras semelhantes. Uma vez o Vale dos Prazeres foi evacuado, entre os anos 1930/1940, por determinação superior da esfera divina. Os espíritos que habitavam este lugar reencarnaram em vários países diferentes, simultaneamente.

Nesta oportunidade, alguns aproveitaram a chance e se libertaram da vida vulgar que levavam. Outros, porém, continuaram dando vazão aos seus vícios e, ainda por cima, envolveram mais pessoas “promovendo na Terra uma grande revolução cultural em torno da arte, do sexo, das drogas, submetendo a humanidade a grandes provações morais”.

Pensemos juntos sobre este fato: se eles reencarnaram nos anos 1940, deveriam ter vinte anos em 1960, e foi nesse período que houve um grande movimento de jovens, liderado pelos chamados “hippies”.

.....

Eles pregavam paz e amor, e liberdade de expressão, principalmente nos EUA. A maioria era adepta ao uso de drogas alucinógenas, do sexo livre e do rock “pesado”. Isso seria apenas uma coincidência?

9 Para refletir

Quando olhamos no espelho ou nas águas limpas de um lago vemos nosso reflexo, a imagem exterior. Normalmente, “na vida corrida” que levamos, isso é o que mais importa. Portanto, não temos tempo nem hábito de olhar para nosso interior. Criamos falsa imagem de que somos autossuficientes.

Poucos são os que se dedicam a conhecer um pouco sobre seu “eu” interior, sobre “seu lado” espiritual, ler livros e fazer cursos sobre temas espiritualistas. Porém, quando desencarnamos a situação é diferente.

Nos relatos apresentados neste capítulo pudemos perceber que tal como uma pessoa inexperiente, que acaba de chegar a um país estranho está sujeita a ser enganada por aproveitadores ou gozadores, o mesmo ocorre ao recém-chegado ao mundo espiritual que não aceita ajuda de guias locais, ou seja, dos socorristas ou amparadores. Mesmo porque “não é bom para os espíritos recém-desencarnados ficarem largados por aí, sem alguém que cuide deles nessa fase inicial”.

Luiz Sérgio, no livro “O mundo que eu encontrei” (2005) classificou alguns tipos de desencarnados:

- os apressados e impacientes que logo entendem que aconteceu a eles e saem vagando sem aceitar orientação e ajuda dos socorristas;
- os que querem se livrar logo do corpo físico e acabam carregando consigo muita mácula para expurgar depois;
- os que são muito agarrados ao mundo físico e tentam ludibriar os socorristas encarregados da operação de desligamento, para permanecerem mais tempo no corpo;
- os revoltados que não aceitam terem desencarnado e ao perceberem que não há mais como voltar sofrem duplamente;
- os que são expelidos do corpo de maneira brusca, tal como em um acidente fatal de carro e não se dão conta do que se passou;
- os que destroem o corpo e chegam em condições precárias, muito ruins, como no caso dos suicidas.

A passagem para o céu é uma porta estreita

Neste capítulo vimos as diferentes adaptações de diferentes pessoas que passaram para o plano espiritual. Algumas sofreram muito, outras quase nada. Onde está a diferença?

Jesus disse em uma de suas parábolas que a porta para ingressar na vida celestial era estreita. Com isso não se referia a privilegiar as pessoas esbeltas em detrimento das gor-

dinhas. Para passar por um lugar estreito é preciso esforço, coragem, força de vontade, determinação e flexibilidade. Recordemos os exemplos da bola de ferro e da bexiga de gás. A bexiga é maleável, a outra é rígida.

A prática do bem e o desenvolvimento das qualidades individuais por meio da transformação interior modelam o corpo espiritual das pessoas facilitando sua passagem pela porta estreita. Vícios e defeitos, mágoas e ressentimentos inflam o ego e enrijecem o corpo espiritual dificultando sua passagem.

Krishna disse no Bhagavad-Gita (2006) que a prática do conhecimento e da ação leva o homem à perfeição. Explica que devemos desenvolver o autoconhecimento e o discernimento. Trabalhar fazendo o bem à humanidade e ao planeta por amor ao Altíssimo, expressando a maneira correta de ser, de agir, de pensar, sem ansiar por elogios e recompensas.

Allan Kardec escreveu em uma das suas obras: “amai-vos, eis o primeiro mandamento; ins-truí-vos, eis o segundo. Excelentes dicas para ajudar a viver melhor nesta e em outras vidas.

VI Adaptações dos enlutados à vida que segue em frente

Neste capítulo desejamos ajudar as pessoas enlutadas a ter coragem para seguir em frente.

No Capítulo I – Item 4 “Reações diante da morte de alguém”, abordamos quatro reações ou padrões de comportamento dos humanos diante de uma notícia chocante como um grave acidente, diagnóstico de um câncer ou a morte de um ente querido. São eles: negação, raiva, tristeza e aceitação.

Dizemos comportamento dos humanos porque vimos em documentários, exibidos nos programas *Animal Planet* e *National Geographic*, exemplos de fêmeas de macacos e de ursos, estudados em zoológico ou na floresta, demonstrando sinais de tristeza e dificuldade em aceitar a morte do seu filhote por alguns dias. Cães também ficam tristes com a morte de um companheiro, seja outro cão, seja seu dono, mas não ficam remoendo mágoas, raivas nem culpas. Para os animais, viver o presente é muito importante (MILAN, 2006), é uma questão de sobrevivência.

Muitas são as dúvidas que surgem na mente das pessoas enlutadas nos velórios e nas semanas seguintes. Perguntas sobre como, com quem e onde estará seu ente querido (céu, umbral)? Estará sofrendo? Chorar pode prejudicá-lo? Quando poderão se encontrar novamente? Quando poderá receber uma mensagem?

No Capítulo VII – Item 9.1 “Por quem choram? Chorar faz mal?” Luiz Sérgio (2005) explica que chorar de saudade ou de tristeza é melhor do que reprimir fortes emoções. Mas, chorar de revolta, gritar o nome da pessoa que faleceu, implorar para ela voltar e blasfemar contra Deus, faz mal para quem partiu e para quem ficou.

No capítulo anterior a este, pudemos ter uma noção para onde vão as pessoas que desencarnaram e como é a vida delas do lado espiritual. Pudemos conhecer os dife-

rentes destinos e tratamentos oferecidos, conforme o estado em que se encontram. Resta trazer esclarecimentos sobre doação de roupas e outros bens e mensagens de entes queridos.

1 Doações de roupas e outros bens

Como cada pessoa é de um jeito e desencarnam de maneiras diferentes, antes de doar seus bens há que considerar fatores como a idade (crianças são menos apegadas do que adultos), profissão e hobbies (manias), morte repentina ou após meses imóvel em uma cama. Assim, terão mais dificuldade de desapegar-se de seus bens materiais:

- pessoas materialistas e egoístas que tiveram morte repentina como enfarte, aneurisma cerebral ou acidente de carro;
- pessoas apegadas excessivamente ao dinheiro como o “Tio Patinhas” das estórias em quadrinhos;
- pessoas possessivas e ciumentas com “suas coisas” como ferramentas, coleções, carros, livros, CDs, joias, roupas etc.

Lembra-se da frase “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus” (Mateus, cap. XIX, vs. 16 a 24 ou Lucas, cap. XVIII, vs 18 a 25)? O apego aos bens terrestres é um obstáculo para a libertação do espírito após sua passagem para o Além.

Pessoas mais espiritualizadas, independente da religião ou filosofia de vida adotada, tendem a dar menos importância a objetos materiais, pois sabem que nada lhes pertence, “tudo vem de Deus e tudo retorna a Deus”. Nada material nos pertence: o corpo físico, a casa, o carro, salário etc. Tudo isso nos foi dado de empréstimo para fazermos um bom uso enquanto estivermos nesta vida (ver Cap. XVI do Evangelho Segundo o Espiritismo).

Como a maioria dos brasileiros ainda é muito apegada “às suas coisas”, os familiares não deveriam se desfazer dos móveis, roupas e objetos pessoais ou favoritos do falecido, logo nos primeiros dias após o desencarne. Seu vínculo com o mundo material não se desfaz rapidamente. Ele poderá ficar aborrecido ou revoltado com o familiar que tomou esta decisão. E esses desequilíbrios emocionais dificultam o tratamento pós-desencarne que os socorristas realizam nos postos de socorro espiritual. Livros de Kardec, André Luiz, Luiz Sérgio e Patrícia mencionam vários casos assim.

Mas, também, pode acontecer o contrário. Pais ou casais, que não aceitam a passagem do seu ente querido, chegam a manter o quarto do falecido tal como ele deixou, de maneira intacta. No livro “Na Hora do Adeus” (2005) há o exemplo de determinados pais que sofriam muito com ausência da filha, falecida em acidente de carro com o noivo, (que gostava de dirigir em alta velocidade na estrada). Seus olhos cultivavam a imagem dela deitada no caixão. Estavam em estado de choque. Choravam revoltados. Para dormir, tomavam fortes medicamentos. Eram ateus.

Todos os dias mandavam a senhora que trabalhava para eles levar comida na bandeja com o café da manhã e o jantar para o quarto da filha. Por ser espírita e saber que isso não estava certo, ela tentava conversar com seus patrões.

Sugeriu que fizessem preces, que procurassem uma boa casa espírita ou a ajuda de alguém mais esclarecido. Sugeriu que doassem alimento para pessoas necessitadas em vez de levá-lo para um quarto vazio e depois para a lixeira. Eles não davam atenção. Cegos pela dor, não compreendiam que estavam prejudicando a eles e à filha agindo assim.

Enquanto isso, no plano espiritual a moça se recuperava do acidente e do seu desligamento em um hospital. Estava consciente e revoltada: não aceitava o fato de ter “morrido” e não aceitava o fato do noivo não ter morrido no acidente. Queria sair da cama e não conseguia se mexer, parecia que “alguém a prendia na posição deitada”. Reclamava de náuseas e dizia ter a impressão de que “alguém a estava forçando a comer”. Queria trocar o vestido com o qual foi enterrada e não conseguia tirá-lo. Dizia que “uma força desconhecida” a fazia ficar assim.

Blasfemava contra Deus! Tinha crises de choro e gritava o nome dos pais e do noivo. Mal sabia que, com o passar do tempo terrestre, o noivo já estava namorando outra moça. Seus pais continuavam de luto, meses depois ao enterro, vivenciando as fases da negação, da revolta e da depressão simultaneamente.

Luiz Sérgio e seus amigos, que haviam visitado os pais antes de ir vê-la no hospital, contaram o que acontecia na sua casa. Então ela entendeu o que era “aquela força desconhecida” que a deixava tão mal, porque sentia náuseas e tudo mais. Ficou mais revoltada ainda. Não aceitou ouvir orientações de ninguém. Não queria ajuda.

A maneira como os pais e a moça se comportavam, oferecendo resistência ao tratamento por causa do seu orgulho e teimosia, somente prolongava o sofrimento. Não havia possibilidade dos mentores promoverem encontro entre eles durante o sono físico, por causa dos fortes calmantes que os pais tomavam e porque a raiva os deixava densos como bolas de ferro.

Não adiantaria passar mensagem para eles, pois não acreditariam. Também não estavam abertos para receber benefícios salutarés das orações que sua funcionária, parentes desencarnados e mentores lhes dedicavam. “O tempo é o melhor remédio”, diz o ditado popular! Um dia cansarão de sofrer, pedirão ajuda e serão socorridos.

Portanto, não se deve queimar, jogar fora ou doar “tudo” no dia seguinte ao velório, como também não se deve manter tudo intacto por um ano. Luiz Sérgio (2005) explica que “um mês para o espírito encarnado equivale a minutos para o espírito desencarnado”.

Com o passar das semanas, com ajuda das preces e da boa vontade, quem partiu compreenderá que não pertence mais ao mundo material e que nada mais do mundo material lhe pertence. Da mesma forma, os familiares irão aceitar a passagem do ente querido. Poderá guardar algumas recordações especiais se deseja doar todo o restante a quem não tem o que vestir, o que calçar ou com o que brincar.

Vivemos em uma sociedade predominantemente materialista, na qual o “ter” tem muita importância. Mas essa vida é passageira. “Somos nuvens passageiras!” Então precisamos aprender a viver sem apegos obsessivos às pessoas e bens materiais. Precisamos nos conscientizar que partiremos desta vida do jeito que chegamos quando bebês: de mãos vazias. O maior tesouro que poderemos levar compreende as virtudes que desenvolvemos e as boas ações que praticamos.

.....

No plano espiritual, a declaração de bens do imposto de renda que fazemos para a Receita Federal não tem nenhum valor. Nem o currículo vitae. Não levaremos títulos acadêmicos ou patentes militares, cargos empresariais, credenciais de políticos ou algo semelhante. O maior tesouro que podemos ajuntar na vida terrena compreende as virtudes que desenvolvemos, a resignação (ou bem sofrer) diante das provas da vida e as boas ações que praticamos. Tesouro este que as traças não comem e que o tempo não enferruja.

Há uma parábola de Jesus, no Evangelho de Lucas (Cap. XVI – vs 19 a 31) que conta a respeito de dois sujeitos: um muito rico e outro muito pobre. O mendigo vivia perto da casa do rico para ver se conseguia algumas moedas ou migalhas dos banquetes que eram frequentes. O rico nunca lhe ajudou, só se importava com pessoas do seu nível social e em ter mais dinheiro. Os dois faleceram.

O pobre “foi levado pelos anjos para perto de Abraão” e o rico não. No meio dos seus tormentos, o rico levantou os olhos ao alto e, para sua surpresa, reconheceu o mendigo sendo bem tratado, enquanto ele sentia fome e sede. Grita então a Abraão suplicando ajuda e pedindo para que o pobre levasse água.

Abraão responde que isso não seria possível, que ele ficaria por muito tempo onde se encontrava e ainda o repreendeu por ter desperdiçado as oportunidades que teve de ajudar ao próximo. O mendigo, como havia enfrentado muitas dificuldades com resignação, agora merecia uma vida melhor.

O rico resolveu pedir para Abraão mandá-lo de volta à sua casa, na Terra, para avisar seus parentes a não cometerem os mesmos erros. O sábio respondeu que se eles não escutaram a Moisés, nem aos profetas, não acreditarão nos mortos. Essa parábola têm mais de 2.000 anos, nem parece!

2 A espera de um milagre

Há pessoas que conseguem aceitar a partida dos entes queridos com menos dificuldade do que nos casos citados no item anterior. Compreendem que eles continuam vivos e que devem estar bem, morando em algum lugar do mundo espiritual, afinal foram pessoas boas e “nunca” fizeram o mal para ninguém. Concluem que se foram bons na vida terrena, devem ter algum prestígio com os santos ou com os anjos.

O que fazem então? Começam a fazer pedidos a eles! Pedem por milagres! Parece incrível? Acreditem, se quiser! Pedem para ajudar seus parentes a ganhar na loteria, para ir bem nas provas da escola ou da faculdade, arrumar emprego, fazer chover (ou parar de chover), arrumar namorado, encontrar objetos perdidos e coisas do tipo.

Os livros “Vivendo no Mundo dos Espíritos” (1993) da Patrícia, “O mundo que eu encontrei” (1976) e “Na Hora do Adeus” (2005) ambos do Luiz Sérgio contam alguns casos assim. Os autores destas obras comentam que se os parentes soubessem como esse tipo de comportamento “pidão” prejudica o falecido, mudariam de postura imediatamente? Aliás, o próprio Luiz Sérgio passou por isso e relatou ser uma experiência muito desagradável.

Igualmente ruim é a sensação de impotência por não haver meios de atender aos pedidos que são feitos. E pior ainda é observar a maneira como parentes e amigos ficam decepcionados por não ver seus desejos realizados, alguns até chegam a dizer desaforos.

Quando quiser pedir algo aos céus, peça a Deus ou ao santo que for devoto. Não peça nem fique esperando por milagres de parentes que partiram.

Além dos motivos anteriormente expostos, há outro igualmente importante: o fato de espíritos zombeteiros estarem de espreita e resolverem se divertir às suas custas. Eles se aproveitam da sua fragilidade e da sua pouca fé. Zombeteiros são aqueles grupos de pessoas que na vida terrena já eram gozadores do pior tipo, que gostavam de aprontar peças de mau gosto aos outros, por pura diversão.

3 Busca por mensagens dos entes queridos

Como faço para receber mensagens do ente querido que partiu? Todos aqueles que são sensitivos, espíritas ou umbandistas já escutaram essa pergunta algum vez.

Logo depois que o ente querido faz a passagem, é comum um familiar ou amigo sair à procura de algum meio para saber como ele está. A maioria possui pouco conhecimento sobre a espiritualidade. Saem em busca de qualquer lugar, de qualquer um que possa trazer alguma informação.

Pelo que temos lido nas obras espíritas e vivenciado nestes últimos vinte anos de trabalhos assistenciais na doutrina espírita, há indivíduos que chegam a ficar “obcecados” por notícias do falecido. E ficam bravos conosco quando dizemos que isso não é algo simples de ser obtido como desejam.

Bom seria se todos nossos parentes desencarnassem bem, sem apegos materiais, sem ressentimentos com ninguém, cheios de amor pra dar.

Chegando lá no posto de socorro ou na colônia espiritual, eles seriam levados pelos amparadores para uma sala cheia de computadores, conectados à *internet* interdimensional (uma *lanhouse* astral). Receberiam uma senha e fariam contato conosco por voz e vídeo (como no *skype*, por exemplo) ou apenas escreveriam algumas palavras por correio eletrônico (*email*) contando que está tudo bem.

Há uma piada que trata desse caso: um casal planejou viajar para uma segunda lua de mel. Combinaram de se encontrar no mesmo hotel da primeira vez, à beira-mar no verão, após viagem de negócios do marido. Ele chegou primeiro. O voo enfrentou muita turbulência. Assim que pôde, mandou um correio eletrônico para a esposa. Na pressa, digitou errado o endereço dela e a mensagem foi para a caixa postal de uma viúva, cujo marido havia falecido dois dias antes.

A viúva estava lendo as mensagens no seu computador quando, de repente, deu um grito e caiu para trás. A filha foi acudir a mãe e ficou de boca aberta sem poder respirar. Eis o que elas leram:

- Oi querida, cheguei! A viagem foi bem difícil. Faz muito calor aqui! No começo estranhei o lugar, mas em pouco tempo me adaptei. Espero-te ansiosamente! Grande beijo do teu eterno amor!

.....

Que susto hem! Brincadeiras à parte, bom seria se pudéssemos nos comunicar com nossos entes queridos com mais facilidade! Há especialistas na área da tecnologia de comunicação, tanto no mundo físico como no espiritual, trabalhando para tornar realidade esse processo.

Já ouviram falar do “espiricom”? Um aparelho de televisão com sensores supersensíveis para captar sinais do plano espiritual. Quem sabe em breve esse aparelho não chegará às lojas de eletrodomésticos?

Nos livros: “Nosso Lar”, de André Luiz e “Violetas na Janela”, de Patrícia, o tema sobre comunicação entre diferentes mundos foi abordado. Vamos comentar sobre o exemplo dado na obra de Patrícia, que foi escrita em 1993, cerca de 40 anos depois do “Nosso Lar”.

Depois de ter se adaptado à sua chegada no mundo espiritual, ela foi morar com a avó. De presente ganhou uma televisão para poder ver programação da colônia (filmes, orações, noticiários) e inclusive para poder ver a família de vez em quando e minimizar a saudade!

Vamos tentar explicar como isso funciona. As imagens do cotidiano da casa dos pais de Patrícia são captadas por câmeras extrafísicas (invisíveis) e transmitidas para uma central de telecomunicações na colônia onde ela mora. Tais como câmeras de vigilância que são instaladas em supermercado, shopping center e condomínio. Obras do século XXI deverão trazer mais novidades.

Algo fundamentalmente importante: lembrar um dos grandes ensinamentos do grande médium Chico Xavier, que psicografou centenas de mensagens para familiares aflitos. Ele dizia que a ligação com o mundo espiritual é um telefone que toca “de lá para cá” e, para tanto, o aparelho deve estar em boa sintonia. A mensagem “verdadeira” da pessoa querida, que está no Mundo Espiritual virá quando houver canais de comunicação limpos, sem interferências emocionais ou de assédios, e virá quando houver permissão do alto para ser transmitida.

Mensagem “verdadeira” porque há pessoas de má-fé, má-índole ou mesmo muito vaidosas, que se aproveitam da situação de ansiedade e fragilidade do parente enlutado para transmitir informações falsas pela mediunidade. Há inclusive quem cobre, e cobre muito dinheiro, por este serviço! Fique alerta para não cair nessa tentação ou armadilha.

Lembra-se do filme “*Ghost*, do outro lado da vida”? A atriz Whoopi Goldberg faz o papel de uma médium, clariaudiente (capacidade de escutar o que os espíritos desencarnados falam). Ela cobrava dinheiro por consultas para as pessoas se comunicarem com o falecido. Havia muita enganação da parte dela. Depois que a mediunidade se manifestou plenamente, ela não sabia lidar com isso. Teve medo. Depois aprendeu a lição.

Portanto, não sofra de ansiedade por contatos imediatos do terceiro grau ou contatos com o mundo dos espíritos. Bom, pelo menos depois de ler este livro você não poderá mais usar o termo “mundo dos mortos”, não é?

Ore mais, eleve seus pensamentos ao seu ente querido com carinho. Coloque uma foto dele ou dela em um bonito porta-retratos em algum lugar da sua casa. Mantenha um vaso com flor diante dele, oferecendo-a como demonstração de seu carinho. Procure ficar bem e quando for possível, a espiritualidade trará notícias ou promoverá encontro entre vocês durante o sono físico, por meio da projeção astral.

3.1 Falhas na conexão

Muitos são os motivos que podem interferir na comunicação entre mundos entrelaçados. Pode acontecer do ente querido querer se comunicar conosco (e vice-versa) e sua mensagem não ser recebida devido a bloqueios que construímos. Bloqueios relacionados à ansiedade, ao excesso de preocupação do dia a dia, ao orgulho e egocentrismo, à falta do hábito de orar e de aprender a silenciar nossa tagarelice mental.

Em 1938, Cairbar Schutel – grande espírita brasileiro, pessoa de corpo e alma limpos, desligou-se do corpo físico aos 70 anos de idade. Conta-se que no dia seguinte ao enterro manifestou-se junto ao amigo Urbano de Assis Xavier, testemunhando que estava bem (Curso Básico de Espiritismo, 1989).

Esse fato estimulou o Irmão Jacob, do livro “Eu Voltei” (1949), afirmar que faria o mesmo quando chegasse a sua vez! No entanto, ele não conseguiu se comunicar da mesma forma. Essa sensação de impotência o fez ficar muito abalado.

Em uma de suas primeiras noites de sono como desencarnado, na casa de sua filha, com quem foi morar na colônia espiritual, Jacob escutou nitidamente a voz da outra filha na sua casa no Rio de Janeiro, dizendo palavras de saudade, pedindo que respondesse se estava bem e que aparecesse para ela. Da mesma forma, seus amigos de trabalhos espirituais, estavam ansiosos por notícias. Ele acordou sufocado porque não conseguia se comunicar como havia prometido.

O amigo Andrade foi ao seu socorro, aplicando-lhe passes, pedindo que tivesse paciência e pensamentos elevados a Deus. Deveria primeiro transmutar bloqueios emocionais que trazia. Em breve aprenderia a dominar técnicas de comunicação entre os dois mundos.

Depois lhe explicou sobre a “onda de ligação mental”, um fenômeno de sintonia espiritual, comum a todos os recém-desencarnados que deixam laços de ternura com entes queridos. Por meio deste fenômeno, era possível comunicar-se com pessoas do mesmo “círculo-físico” pelo pensamento, desde que o emissor do plano espiritual e o receptor no plano terreno pudessem conservar a mente na mesma onda de ligação mental, durante o tempo necessário.

Para tanto é levado em consideração as qualidades morais (virtudes) de ambas as partes, o merecimento de cada um, se o relacionamento com familiares/amigos foi bom, se há conhecimento sobre a continuidade da vida após a morte do corpo físico, o alcance dos pensamentos etc.

Depois de estar mais capacitado e equilibrado emocionalmente Irmão Jacob pôde se comunicar com sua filha e com os colegas do espiritismo no Rio de Janeiro. Mas se sentiu frustrado com os médiuns. Embora houvesse imenso trabalho dos mentores e dos espíritos comunicantes, não houve devida abertura, ou janelas de oportunidade, por parte dos médiuns.

Veja o depoimento que ele escreveu a esse respeito:

“Emitimos o pensamento, gastando a potência mental em dose alta. Se a pessoa visada se mostra sensível, à maneira do rádio que se liga à emissora, então é possível transmitir-lhe ideias com relativa facilidade. Por vezes, a deficiência do receptor, aliadas às múltiplas ondas

.....

que o cercam, impede a consumação de nossos propósitos. Se o instrumento de intercâmbio permanece absorto nas preocupações da luta comum, é difícil estabelecer a preponderância de nossos desejos.”... Se não há combinação fluídico-magnética entre o espírito comunicante e o recipiente humano, a comunicação torna-se imperfeita ou não ocorre”.

Luiz Sérgio menciona no livro: “O mundo que eu encontrei” (1976), que se sentiu frustrado, várias vezes, ao se aproximar da sua mãe para dizer a ela que continuava vivo e que estava bem, apesar do acidente fatal que sofrera. Depois de fazer cursos para aprender as técnicas de comunicação por meio da psicografia, se sentiu desapontado por não conseguir ser atendido ou por não passar tudo o que desejava pela médium. Às vezes, sua mãe não captava seus pensamentos ou sua prima (a médium), não estava disponível no momento em que ele foi visitá-las.

Nos relatos do aprendizado sobre comunicação com parentes e amigos, ele explica que todos os candidatos precisam adquirir muito treinamento antes de começar a passar mensagens por meio da psicografia. No princípio, recebem o acompanhamento dos mentores. Passam por um tipo de avaliação, respondendo perguntas para verificar se possuem clareza sobre qual assunto será tratado, objetividade, importância, pertinência e quanto tempo levará para comunicar-se por meio da médium. Fazem alerta bem claro para distinguir os assuntos que deverão ser evitados e sobre o vocabulário que deverá ser empregado.

Mas pode ser que você mande mensagens telepáticas para seu ente querido e ele não possa recebê-las por estar fora do seu alcance. Sabe por quê? À medida que o ente querido manifesta desejo sincero de aprender e servir na vida espiritual, ele vai abraçando e assumindo tarefas de maiores responsabilidades. Desta forma, divide seu tempo com estudos e trabalhos assistenciais em diferentes lugares, inclusive viagens para outras colônias espalhadas no Brasil, outros países e até mesmo em outros planetas, ficando semanas e semanas ocupado.

Mesmo que os parentes e amigos estejam em busca de notícias de quem partiu, é bom saber que nem sempre o ente querido estará disponível para atender suas chamadas. Ainda não temos um superaparelho celular de alto astral para receber e fazer chamadas ou “torpedos” (risos).

Ainda não estamos suficientemente espiritualizados para entender e aceitar que a vida continua no Além. No livro “Bate-Papo com o Além” (1980), escrito por Silveira Sampaio, há trecho importante e esclarecedor a esse respeito (págs. 148/149):

“Passamos muitos anos na Terra, esquecidos do mundo espiritual, nos adaptando, estabelecemos laços afetivos. Muitas vezes renovando afetos de outras vidas e mergulhados de tal forma nas preocupações terrenas que nossas emoções automatizadas giram em torno da nossa vida na carne. De repente, sem muitos avisos e, eu diria até mesmo de surpresa, regressamos ao outro mundo, enfermos de corpo e de alma, presos aos afetos, ao lar, aos amigos, ao ambiente em que gravitávamos por livre escolha, em acordo com nossa personalidade. ... Há que equilibrar emoções, há que reaprender a viver nesse mundo novo e maravilhoso que é tão real para nós quanto a Terra para o homem. Mas que é diferente, e de tão diferente tudo nos parece irreal, inseguro, insólito, principalmente quando compreendemos a necessidade urgente da adaptação e de mudança... Assim, o fantasma neófito, o recém-chegado ao mundo dos redivivos, sente-se profundamente incapacitado para dirigir sua vida. Eles que, quando na Terra lideravam pessoas, conduziam a família, idealizavam, resolviam, realiza-

vam, agora frente à avalanche emotiva que não conseguem controlar, sentem-se fracos e perdidos”.

Essas linhas explicam que os “fantasmas calouros” (como ele mesmo brinca) não têm condições emocionais, estruturais inclusive, para se comunicar, porque precisam de tempo para se readaptar. Tempo para se recuperar da passagem, tempo para se desligar dos problemas pessoais e profissionais para se desapegar dos vícios, dos bens materiais e do seu lar.

Tanto os que fizeram a passagem depois de semanas ou meses em um leito de dor, como aqueles que partiram de maneira súbita após um enfarte ou um acidente de moto, precisam de tempo para tratar da mente (psicologicamente e espiritualmente falando). Precisam se recuperar dos efeitos colaterais da doença que o acometeu, do acidente, dos fortes medicamentos que recebeu, ou ainda dos traumas que sofreu.

Ocorre também que um espírito amigo ou familiar se comunique, sem desejar ser identificado, seja no ambiente familiar, seja no grupo de assistência espiritual. Guillon, no livro do Irmão Jacob, comenta o seguinte sobre sua participação nos trabalhos no Centro Espírita:

“Sempre que possível, coopero com os amigos no desenvolvimento do ideal que abraçamos. Todavia, não é imperioso que venham saber de minha presença pessoal nas tarefas que lhes competem”.

Cabe comentar também que há falta de médiuns “credenciados” para receber e passar mensagens da espiritualidade maior. Apesar de haver inúmeros médiuns espalhados por aí, raros são aqueles que se dedicam com seriedade, ética e disciplina para servir como intercâmbio para os bons espíritos desencarnados. Por quê? Porque é preciso mudar certos hábitos!

Quando Chico Xavier foi informado por Emmanuel que começariam um trabalho juntos, escrevendo livros espíritas, três regras deveriam ser obedecidas: disciplina, disciplina e disciplina. Isto é, com relação à transformação interior, ao estudo, à alimentação, ao horário de ficar à disposição da espiritualidade, “ao orai e vigia!”. E, por ser um aluno disciplinado, Chico pôde escrever tantos livros e fazer o bem a inúmeras pessoas. Quantos médiuns se propõem a ter uma vida dedicada e regrada assim?

Para complicar ainda mais a situação, muitos espíritas que estudaram e treinaram psicografia no curso de médiuns, preferem escolher o espírito comunicante. Se for caboclo, preto velho, simples desconhecido ou um famoso problemático, não querem!

Neto, do livro “Faz parte do meu show”, conta que foi visitar vários médiuns em busca de alguém que colaborasse na missão de escrever um livro com ele. A maioria colocou obstáculos, associando-o a uma pessoa envolvida com dependência química, com rebeldia e outros preconceitos (PINHEIRO, 2010).

Do livro “Aglon e os Espíritos do Mar” (1991), de André Luiz, Júlio Verne nos diz como podemos extrair esta importante lição:

A espiritualidade superior envia do alto, como “raios saferinos” centenas de ensinamentos em forma de palavras, imagens, pensamentos e vibrações sobre os milhares e milhões de consciências que estacionam na Terra. As consciências (nós que vivemos encarnados), toda-

.....

via, por não estarem sintonizadas com “o Mais Alto”, não têm capacidade de percebê-los nem condições de acolhê-los, e esse material superior se perde. Por outras vezes, por interesses inferiores, confundem de propósito o sentido das mensagens, objetivando servir de maneira egoísta e interessada os seus desejos “de grandeza humana de baixas qualidades”.

Sim, é verdade, ainda vivenciamos muito o egoísmo em detrimento do altruísmo. E muitas pessoas só começam a entender isso quando passam para o lado de lá. Foi o caso de Silveira Sampaio. Ele explica no livro “Bate-papo com o Além”, que depois de ter feito vários cursos e ter tido várias experiências de treinamento, manifestou o desejo de visitar seus parentes. Seu pedido foi analisado por um grupo de espíritos superiores e concedido.

Antes, porém, deveria passar por um teste para verificar se realmente já estava em condições psicológicas para poder se reaproximar dos familiares de maneira equilibrada e controlada. Vocês acham que a espiritualidade é muito rigorosa ou é prudente?

O reencontro não foi nada fácil: “o retorno ao lar é uma estadia aos lugares que deixamos e aos quais nos vinculamos pelos laços de amor.” E, nesta visita, deve-se ter controle emocional para não extravasar seus sentimentos, para não perturbar a vida dos familiares. “Pode-se imaginar como é duro”?

Patrícia, do livro Violetas na Janela, comenta que soube de vários casos tristes que ocorreram com pessoas que foram visitar seus familiares, sem o devido preparo, e ficaram chocadas com o que presenciaram:

- uma mãe vendo seus filhos pequenos, órfãos, sendo judiados por pessoas conhecidas ou estranhas, passando dificuldades;
- um pai e/ou uma mãe vendo seus filhos brigando por causa da herança ou vendo um filho roubando o outro;
- uma filha ou um filho encontrando seus pais culpando um ao outro pelo seu desencarne, culpando e maldizendo a Deus pelo fato ocorrido;
- a esposa/o esposo descobrindo que há outra pessoa dormindo na sua antiga cama e encontrando a casa que construiu com tanta dificuldade reformada ou vendida;
- alguém vendo seus entes queridos perdidos na bebida, nas drogas, na corrupção, na prostituição ou mesmo em profunda depressão e com ideias de suicídio.

Por essas e outras, percebemos como somos imaturos ainda. Os desencarnados precisam estar muito bem amparados e preparados para ver essas cenas desagradáveis, sabendo de antemão que não poderão interferir. Que deverão respeitar o livre-arbítrio, entendendo que é errando que se aprende.

4 “Ajuda-te que o céu te ajudará”!

Luiz Sérgio (2005) menciona que seria muito bom se as pessoas enlutadas:

- além de orar, “acendessem a tocha da caridade” no caminho daquele que partiu;
- que se separaram dos seus filhos, começassem a ajudar aos filhos de outras mães que faleceram (órfãos), ou aos filhos que foram abandonados por serem deficientes físicos ou mentais, ou mesmo ajudando às mães/pais pobres que poucas condições têm para alimentá-los e educá-los;
- praticassem atos de amor ao próximo visitando alguma instituição de caridade, levando alimento, roupas e medicamento a quem precisa passando a frequentar um templo ou casa religiosa onde encontre conforto e consolo, esclarecimento e oportunidade de conhecimento de livros sagrados, conforme sua crença ou religião;
- procurassem uma ocupação profissional ou terapêutica (pintura, artesanato, música, dança, entre outras).

Este tipo de comportamento altruísta é benéfico não só para a pessoa enlutada como para toda a humanidade. Muito melhor do que ficar dentro de casa chorando e se lamentando noite e dia.

Para “quem ficou”, Luiz Sérgio recomenda que, caso a pessoa enlutada deseje:

- ir ao cemitério levar flores e rezar, que a pessoa não seja impedida ou criticada. Ao seu tempo irá compreender que seu ente querido não está lá, e que poderá deixar sempre um vaso com flores na sua própria casa como gesto de carinho;
- acender velas para seu ente querido que acenda, mas que leve em consideração o aspecto da segurança (que esta vela acesa não seja um princípio de incêndio). A intenção de iluminar o caminho dele, as preces e os bons pensamentos têm igual valor. O dinheiro gasto com as velas poderia ser usado comprando e doando alimento a que precisa.

Podemos orar pelo bem dos nossos entes queridos todos os dias (ou todas as noites), ou uma vez por semana! Enviar-lhe pensamentos carinhosos desejando seu bem-estar e seu restabelecimento. Mas é importante que imaginemos (ele ou ela) com aparência saudável, sorridente, pois é assim que desejamos que esteja não é?

Nada de ficar pensando neles como um pálido doente ou com uma cadavérica aparência. Lembre-se do exemplo que comentamos neste capítulo, sobre como aqueles pais estavam prejudicando a filha com os pensamentos que cultivavam dela morta no caixão?

Mentalizemos frases bonitas e sinceras que venham do seu coração para o coração dele ou dela e isso será de grande valor para ambos! Siga seu caminho, pois a vida continua, cultivando o bem, a caridade, a ligação com Deus e estudando. Na hora certa, eles farão contato por meio de um pensamento, de uma visão (imagem), de uma viagem astral ou mesmo por meio de um médium honesto.

Patrícia, do livro “Violetas na Janela”, é para nós um exemplo bem-sucedido. Não por que pertencia a uma família espírita, mas porque sua família vivia o amor e a humildade

dentro e fora do lar. Os conhecimentos adquiridos no espiritismo ajudavam a ter melhor entendimento do momento da sua partida e diminuía o sofrimento de ambas as partes.

Ela orava por seus pais e eles oravam por ela, formando assim um ciclo amoroso de preces e de bons pensamentos recíprocos. Por isso, captava frases que seus pais lhe endereçava, frases de encorajamento e fortalecimento. Sua tia, Vera Lucia Marinzeck de Carvalho, era médium de psicografia muito capacitada e logo se colocou à disposição para intermediar mensagens.

Por fim, cabe ressaltar que os espíritos mais evoluídos não deixam de nos acompanhar e de nos intuir bons pensamentos. Nós é que precisamos aprender a nos elevar, para poder receber estes sinais. Libertar-se do excesso de preocupação e dos pensamentos direcionados para as tarefas diárias, demonstrar gratidão diariamente (pela vida, pelo alimento, pelo lar), adquirir o hábito de ler livros espiritualistas que abordam tema sobre vida no além, viagem astral e manter pensamentos elevados.

VII A vida nas colônias espirituais

De maneira geral, a maioria das pessoas recebe assistência dos socorristas ou auxiliares invisíveis no processo de desligamento do corpo físico, quando chega a hora, seja por qual motivo for. Conforme o caso, se a pessoa aceitar ajuda (e, se estiver disposta a se ajudar) poderá ser levada aos postos de socorro espiritual para sua recuperação e fortalecimento. Apresentando melhoras, poderá ser transferida para uma colônia espiritual.

1 Paradas temporárias antes de chegar às colônias espirituais

Nos casos do Luiz Sérgio e da Patrícia, foi assim que aconteceu sua transição. Fizeram a passagem antes dos 25 anos de idade, e já estava “escrito nas estrelas” que teriam uma existência curta. Ele sofreu um acidente de carro e ela um aneurisma cerebral.

Foram amparados, aceitaram ajuda e não tiveram uma experiência de desprendimento dolorosa, sendo logo transferidos para uma colônia. Ela já era espírita, ele não. A adaptação de ambos foi facilitada por terem compreendido e aceitado o que se passou. Veremos mais detalhes sobre o que se passou com eles no capítulo a seguir.

No livro “Semeando e Colhendo: contos reencarnacionistas”, (2008), são narrados dois casos de assistência espiritual em acidentes nas estradas. Os recém-desencarnados não tinham consciência da vida espiritual, mas possuíam várias qualidades a seu favor.

Foram resgatados e receberam auxílio em Postos de Socorro Espirituais nas imediações das rodovias. Um desses assistidos foi levado para se recuperar em um Posto de Socorro situado na região de Santos, onde poderia absorver as energias da floresta (Mata Atlântica) e do mar antes de seguir viagem para a colônia onde iria morar.

Os efeitos benéficos do mar aos recém-desencarnados também foram citados nos livros: “Voltei” (1994), “Faz Parte do Meu Show” (2004), “Aglon e os Espíritos do Mar”

(1991). Neste último, encontramos a explicação de que a água do mar emite energias de grande poder curativo, que dá a todos mais paz e tranquilidade”.

Mais informações a respeito do Posto de Socorro Espiritual, Colônias Espirituais e tratamentos aos recém-desencarnados serão apresentadas nos capítulos seguintes.

2 Cidades e Colônias Espirituais

Em outra dimensão, onde nossos olhos físicos não podem ver, há várias cidades espirituais, feitas de energia sutil, situadas em lugares próximos da Terra. São tão sutis que nunca se ouviu falar de um choque de aviões, foguetes ou satélites com alguma delas. Mesmo porque estão em um nível mais alto do que a rota do tráfego aéreo.

A colônia espiritual é uma projeção mental, elaborada por seres de extrema grandeza espiritual. Não é visível para espíritos ignorantes com más intenções. Para vê-la é preciso vibrar na mesma sintonia, ou seja, ser do bem!

De acordo com os livros “Nosso Lar” e “Violetas na Janela”, estas cidades são cercadas por muros muito altos e por um campo magnético que impede a entrada e os ataques dos espíritos das sombras.

Para entrada e saída dos trabalhadores e visitantes convidados há portões que se abrem por um tipo de controle remoto, onde há guardas ou vigilantes. Esse esquema de segurança é necessário para evitar que espíritos malvados penetrem e causem confusões e discórdias, inclusive para que não possam capturar as vítimas que foram recolhidas pelos socorristas e que eram por eles maltratadas como objetos de vingança.

Cada colônia espiritual tem sua característica própria, conforme proximidade com o país, estado ou região onde se encontra, considerando o perfil cultural, religioso e linguístico predominante dos seus moradores. Lembremos, por exemplo, que os italianos, japoneses, alemães, entre outros imigrantes, fundaram suas colônias quando vieram morar no Brasil. À sua maneira, construíram seus templos ou igrejas, hospitais, escolas, teatros e centros administrativos com estilo arquitetônico característico.

Assim, na terra como no céu, as cidades espirituais e terrenas são muito semelhantes. A diferença principal é que no mundo espiritual predomina ambiente de paz e harmonia sem corrupção e poluição.

Em uma região onde há influência da colonização lusitana e predominância do cristianismo, haverá templos ou igrejas com quadros de Jesus e de Nossa Senhora Maria de Nazaré, placas e cartazes escritos em português. Os prédios poderão ser decorados com azulejos, tal como nas antigas cidades portuguesas.

Outro exemplo, seria uma colônia no Tíbet, na Ásia, onde há predominância do budismo. A arquitetura do templo será no mesmo lindo estilo tibetano, decorado com imagens de Buda e outros objetos semelhantes aos que vemos nos filmes, com monges vestindo seus trajes típicos e recitando mantras. A paisagem e o clima das montanhas ao entorno serão também iguais. Da mesma forma há colônias temáticas com aparências asiáticas, egípcias, hindus, africanas, árabes, andinas, europeias, brasileiras, espalhadas por toda parte.

.....

O que há de comum em todas elas é o compartilhamento de sentimentos fraternos de benevolência, assistência e prosperidade onde se encontram as pessoas que estão na mesma sintonia para estudar, aprender, servir e continuar sua jornada evolutiva.

No Brasil, a colônia mais conhecida é a Cidade Nosso Lar, situada sobre a cidade do Rio de Janeiro, muito bem descrita pelos livros de André Luiz pelas mãos de Chico Xavier.

Os primeiros relatos estão em “Nosso Lar”, lançado em 1944 (primeira edição) e informações mais detalhadas, inclusive com mapas e desenhos ilustrativos estão no livro “Cidade Espiritual”. Esta colônia, de acordo com as explicações de Lisíadas à André Luiz, começou a ser projetada no Século XVI e foi fundada por espíritos portugueses, quando teve início a colonização do Brasil.

Na época em que o livro foi escrito, “Nosso Lar” já tinha mais de 114 anos (pág. 53) e mais de um milhão de habitantes (pág. 235). No livro “Na próxima dimensão”, psicografado por Carlos Bacelli, Dr. Ignácio Ferreira (já desencarnado) foi visitar André Luiz no “Nosso Lar” e observou que a cidade estava bem maior do que nas primeiras descrições.

André explicou que, o sucesso do livro e com a grande demanda de novos moradores, foi necessário fazer obras de ampliação e adaptações mais modernas. Vários livros psicografados que chegam até nós, fazem referências à outras colônias e cidades espirituais.

Patrícia, no livro “Violetas na Janela”, comenta sobre a colônia situada na região de São Sebastião do Paraíso e Dr. Inácio, no livro “Na próxima dimensão” (2002), comenta sobre Grande Hospital Psiquiátrico situado em Uberlândia, ambas em Minas Gerais. Edgard Armond nos descreve uma colônia situada na Índia no livro “Às Margens do Rio Sagrado” (1979) e Júlio Verne nos apresenta cidades submarinas no livro “Aglon e os Espíritos do Mar”.

Luiz Sérgio, no livro “O mundo que eu encontrei”, descreve a cidade denominada “Estância da Luz Divina”, sem citar referência geográfica com alguma cidade brasileira. Ele faz um rápido comentário sobre visitas de estudo que fizeram à uma cidade-colônia sobre os Montes Urais (cadeia de montanhas entre Rússia e a Ásia) e outra nos Andes, no Peru, uma das mais antigas do planeta. Pode ser que esteja se referindo à região de Caral (a 4 horas de viagem ao norte de Lima), considerada pelos arqueólogos tão antiga quanto às civilizações da Mesopotâmia e do Egito.

Dona Marthinha nos conta sobre uma cidade espiritual situada “sobre” a região metropolitana de São Paulo, denominada Instituto de Confraternização Universal (mesmo nome do livro). Ela está na mesma dimensão que a Colônia “Nosso Lar”, situada sobre a zona norte do Estado do Rio de Janeiro. Vamos comentar mais detalhes sobre o Instituto na sequência deste capítulo.

No livro “Colônias Espirituais”, elaborado pela médium Vânia Arantes Damo, junto com o Joanhina Darque (espírito), consta a descrição de 20 cidades espirituais no Brasil (esta citação foi repassada pela *internet* sem citar o ano de publicação). As colônias são como cidades, pequenas, médias e grandes que têm como objetivo principal servir de morada provisória para os desencarnados. A Colônia São Sebastião sobre Minas Gerais, é considerada pequena, enquanto a Nosso Lar e o Instituto de Confraternização Universal seriam as maiores no Brasil.

Como todas as cidades, possuem áreas residenciais, hospitais, igrejas para adeptos de diferentes religiões, escolas (para crianças, jovens e adultos), parques e lagos, praias e montanhas, bibliotecas, teatros e cinemas, quadras esportivas e piscinas para lazer.

Possuem áreas destinadas à agricultura, sistemas geradores de energia para iluminação à base de energia solar e de outras fontes desconhecidas por nós, sistemas de transporte e de comunicação. Só não têm cemitério, lojas e shopping centers, pois não faria sentido, não é mesmo? As ruas são bem arborizadas e há várias praças, muitas com fontes e chafarizes no centro, onde é possível ouvir música suave.

Há árvores de diversos tamanhos, com flores coloridas, presença de aves, borboletas e outros animais, principalmente os mais carismáticos, como cães, gatos, cavalos, esquilos e coelhos, todos muito dóceis. Muitas árvores, flores e pássaros são semelhantes aos que existem na Terra, outros são completamente desconhecidas por nós.

Nas ruas há postes para iluminação no período noturno que segue o mesmo ritmo da cidade sobre a qual está situada. Ou seja, se é dia no Brasil, no Canadá, no Japão, também é dia nas colônias que se situam sobre estes países. Ao anoitecer o céu normalmente é estrelado.

As casas são de diversos tamanhos. Podem ter sala de estar, sala de jantar devidamente mobiliadas com sofás, mesas, cadeiras, quadros, lustres e piano ou outros instrumentos musicais de preferência dos moradores. Nos quartos ou dormitórios pode haver cama, criado-mudo e escrivaninha ou mesa e cadeira, banheiros e jardins, dependendo das necessidades dos seus moradores e visitantes. Os mais desapegados à vida na terra, não precisam mais de banheiros, nem de cama para dormir.

Muitos perguntam de que material é feito estas construções. A construção das colônias é feita de matéria sutil como a do perispírito ou corpo espiritual. Da mesma forma que uma criança não compreende uma equação matemática porque lhe falta conhecimento, nós também temos dificuldade de entender o que nos foge à compreensão. Para Luiz Sérgio, os mentores explicaram que é feito do mesmo material que forma a solidez em nos firmamos para caminhar.

O Instituto de Confraternização Universal possui um edifício de cinco andares, que se encontra no meio de um grande jardim “sobre” o centro da cidade de São Paulo, além dos prédios menores espalhados pelas zonas norte, sul, leste e oeste.

3 Albergues e casas transitórias

Edgar Armond, em 1956, passou a pesquisar com os médiuns da Federação Espírita de São Paulo, o que haveria no mundo espiritual de São Paulo. Usando seu método disciplinar, obteve o conhecimento de que em cada camada da Crosta são construídos os mais diversos abrigos para o socorro espiritual pelos “espíritos arquitetos”.

Acima da Federação encontram-se albergues para aqueles que, pela dificuldade em ouvir os benfeitores altamente qualificados, precisam de um contato mais próximo com a energia dos encarnados, até que adquiram a capacidade de sintonizar com a Espiritualidade Maior.

Esses albergues são como hospitais-escolas, onde são recolhidas pessoas recém-desencarnadas, de bons sentimentos e que desconhecem a continuidade da vida espiritual, desejando aprender.

.....

São levadas às salas de aula das escolas espirituais que se desenvolvem no plano terreno “sobre” a Federação ou Casas Espíritas “credenciadas”, a fim de adquirirem o discernimento necessário à própria evolução. Há também as Casas Transitórias espalhadas sobre a Crosta, as quais mantêm contato permanente entre si e se movimentam de acordo com a necessidade local. Elas se encontram em constante movimentação, recolhendo doentes e ensinando os que se recuperaram a ajudar aqueles que estão chegando cheios de dores, mágoas e aflições.

4 Colônias escolas

Estas colônias são lugares especialmente projetados como grandes centros universitários, para aprendizado de temas de diversas áreas como educação, artes, medicina, biologia, engenharia e tecnologia. Há edificações com as salas de aula, laboratórios, alojamentos e refeitórios. Há Colônias Escolas onde “o que se aprende, transcende ao que aprendemos nas academias da Terra”.

Conforme citado no livro “Roqueiro no Além” (1988): aqui somos todos alunos e professores. Estudamos e desenvolvemos meios de contribuir com a transformação da humanidade. Aqueles que se dedicarão à música, pintura, literatura, teatro e dança entre outras manifestações artísticas, são preparados para levar mensagens de fé e renovação. Entretanto, temos experimentado inúmeros fracassos. Muitos desceram à Terra com esta missão mas, quando alcançaram a fama, esqueceram os compromissos assumidos.

Zilio pergunta à sua mentora, se a espiritualidade não pode interferir nessas situações. A amiga responde que “interferir, não. Influenciar, sim! Entretanto todos são livres para aceitar ou não a nossa influência (pág.69).

No livro “Valeu a Pena” (1994) conhecemos a estória de seu Gumercindo que desencarnou analfabeto e foi aprender a ler e a escrever nas Colônias Escolas, juntamente com outras pessoas que estavam na mesma situação.

Lembra-se da garotinha Soraya, do livro “O céu das borboletas”, que desencarnou com uns 13 anos, em maio de 2000, na Suíça, ao ser atropelada por um trem? Depois de ter se recuperado do acidente que sofreu e estar mais adaptada à vida espiritual, foi fazer cursos nesta Colônia para aprender a mandar flores para sua mãe pelo poder do pensamento e escrever mensagens para os encarnados.

5 Meios de transporte e volitação

As pessoas recém-chegadas na vida espiritual, ou aquelas que possuem pouca experiência ainda como recém-desencarnadas nos postos de socorro e nas colônias, deslocam-se caminhando pelas ruas, praças, nos alojamentos, hospitais ou nos cinemas, como faziam na terra.

Outras (a minoria) já chegam sabendo voitar, que seria algo como deslocar-se sem pisar no chão. Estas pessoas podem ter aprendido esta técnica durante cursos de médiuns ou cursos de viagem astral quando encarnados. Ou por serem espíritos mais evoluídos que nunca deixaram de voitar.

Nas Colônias Espirituais há cursos para aprender a voitar. Conforme a pessoa vai adquirindo conhecimento e domínio desta técnica poderá deslocar-se em distâncias curtas, como se estivesse andando na posição vertical, e até voar como o personagem Peter Pan, para percorrer distâncias mais longas, na posição horizontal.

A velocidade também pode ser regulada: devagar a muito rápido. Há, inclusive, para os mais sábios, a possibilidade de se desintegrar no lugar onde está e reaparecer no local desejado, tudo pelo controle do pensamento e vontade. Patrícia, Zílio, John Lennon, Luiz Sérgio, entre outros, descrevem suas experiências com volitação nos seus livros, de forma divertida e de fácil domínio depois que dominaram esta técnica.

De certa forma, muitas pessoas encarnadas sabem voitar, algumas conscientes, outras não. Isso ocorre quando, durante a viagem astral ou desdobramento do corpo físico, o espírito se afasta do corpo, que está adormecido.

Patrícia já tinha noções quando encarnada, aprendera nos cursos do centro espírita, e sua avó a ensinou a dominar as primeiras técnicas dentro de casa e depois foi se aperfeiçoar em um curso especializado neste assunto. Zílio demonstrou surpresa e pouco conhecimento a respeito.

John entregou-se confiante às explicações da sua mãe. Ela diz que “aqui não há limitações espaciais, portanto, o deslocamento é instantâneo” ... para o pensamento não há distância, não há fronteiras”.

Irmão Jacob (1949) descreveu que viajaram voitando do Rio de Janeiro até a colônia de destino, em um grande grupo conduzido por Dr. Bezerra de Menezes. Perguntando a seu amigo Irmão Andrade, sobre a baixa altura que “voaram” e por qual motivo precisaram atravessar a Ponte Iluminada caminhando.

Irmão Andrade esclareceu que, em primeiro lugar, o grupo era formado por pessoas que não tinham as faculdades da volitação plenamente desenvolvidas, bem como eram portadores de paixões densas, pensamentos apegados à vida terrena, suscetíveis, portanto, à maior ação da lei da gravidade.

Para transporte coletivo existe o aeróbus, uma mistura de ônibus com avião sem asas, muito silencioso, que desliza rente ao chão ou metros acima para distâncias curtas e médias e que voa alto no caso das grandes distâncias. Os que transitam pela colônia não têm condutor, mas para as demais viagens, sim.

Há aeróbus de tamanho pequeno que circulam somente pela colônia, os médios que vão de uma colônia para outra, e os maiores para cobrir distâncias mais largas como para colônias em outros países e planetas onde a energia é mais sutil.

Há os especialmente adaptados para, quando preciso, viajar até os postos de socorro espirituais no umbral, onde a energia é mais densa, mas por lá eles não circulam, segundo o livro Violetas na Janela. São movidos por um tipo de combustível que desconhecemos. Santos Dumont ficou fascinado por estes aparelhos voadores ao conhecê-los nas colônias espirituais.

6 Atividades de cultura e lazer que nos esperam nas esferas espirituais

Há quem pense que a vida do outro lado seria algo do tipo “fazer nada e descansar”. Será? Para a grande maioria das pessoas que se adaptaram à vida espiritual, após o período de recuperação nos postos socorros espirituais, há opções para todos os gostos. Para quem gosta de estudar assuntos de sua preferência, praticar esporte, tocar ou aprender a tocar algum instrumento musical, aprender e servir.

Mas pode ser também que prefira passar os dias como se estivessem em uma colônia de férias, fazendo passeios para cidades e países diferentes, visitando museus, praças, bibliotecas, restaurantes, casas de shows e lugares famosos. Pode ser que queira ir ao cinema ou assistir a peças de teatro e shows com presença de artistas famosos também já desencarnados.

Mas nem todos que foram socorridos e receberam alta de seus tratamentos pós-desencarne gostam e se adaptam à vida na Colônia, por estarem ainda muito apegados à vida terrena, aos seus entes queridos e aos bens materiais. Há aqueles que enxergam a colônia como um lugar bonito, como se estivesse visitando uma cidade diferente nas suas férias, e logo desejam voltar pra casa.

E há aqueles que não conseguem se adaptar, por ser um lugar onde se deve aprender a trabalhar e estudar para ser útil. Onde não se pode fumar, beber, comer carnes e guloseimas, divertir-se em casas noturnas e dar vazão a um tipo de vida que estavam acostumados quando encarnados. Para estas pessoas, o período de permanência será curto, sendo encaminhadas ao departamento de reencarnação em breve.

Aqueles que logo se adaptaram à nova situação e que apresentam boas condições psicológicas e perispirituais, passados os momentos iniciais de readaptação, logo serão chamados ao trabalho e aos estudos.

Isto é, para aprender a se alimentar de energia prânica, a levitar, a usar a telepatia, a ser um socorrista, a ter aulas de canto e música (inclusive de harpa se desejar) entre tantos assuntos que são abordados.

Também podem receber treinamento para pequenas tarefas tais como ajudar na horta e no pomar que “abastece o Posto de Socorro”; ser auxiliar de enfermagem; recepcionista da biblioteca ou de algum dos consultórios dos terapeutas que recebem desencarnados desequilibrados em tratamento. Melhor servir do que ser servido, ser ajudante do que ser ajudado, não é!

6.1 Literatura e pintura

No livro “Aglon e os Espíritos do mar”, publicado em 1987, ficamos sabendo do encontro de André Luiz com Júlio Verne (1828-1905) para aprender e transmitir conhecimentos sobre a vida espiritual no fundo do mar. E Júlio Verne descreve seus encontros na França com grandes escritores da literatura mundial como Victor Hugo (1802-1885) e Alexandre Dumas (1802-1870), todos “muito bem de vida”.

Entre as obras mais conhecidas de Vitor Hugo estão *O Corcunda de Notre Dame* e *Os Miseráveis*. Entre as obras de Dumas citemos *O Conde de Monte Cristo* e *Os Três Mosquiteiros*. Seu filho seguiu a carreira de escritor, destacando-se com a peça *A Dama das Camélias* (Enciclopédia Ilustrada do Conhecimento Essencial, 1998).

Ainda na Europa eles se encontram com o grande artista holandês Rembrandt (1606–1669). Logo comenta feliz e ansioso que estava prestes a reencarnar. Questionado por Júlio Verne sobre o que fazia na vida espiritual, ele explicou que nunca parou de pintar. Dava aulas e havia também aprendido as técnicas da pintura mediúcnica.

Júlio e André Luiz encontraram-se também com o artista francês Paul Gauguin (1848–1903). O curioso é que, em 1890, Gauguin abandonou sua família, seu emprego em um importante banco francês e resolveu ir morar no Taiti.

E foi justamente neste lugar “paradisiaco” que continuava a viver mesmo depois de desencarnado. Com o grande detalhe que mesmo tendo passado mais de 50 anos, desde que deixou a vida terrena, ele seguia vivendo como se nada tivesse acontecido. Morava em uma cabana na beira da praia e continuava pintando. Tinha sua escola e “suas esposas”.

Júlio perguntou se costumava voltar à França, por exemplo, para exibir seus quadros. Ele respondeu que pintava somente para si mesmo. Não queria mais saber da França, nem de lugar algum, pois nunca fora compreendido e aceito pela civilização. Ali era feliz!

Aglon explica a Júlio que Gauguin não estava aberto nem disposto a entender que já havia desencarnado e, que no tempo certo ele despertaria, no momento seu “livre-arbítrio” deveria ser respeitado.

Silveira Sampaio, no livro “Bate-Papo com o Além” (1980), descreve sua surpresa ao conhecer bibliotecas onde os registros da nossa história podem ser vistos como filmes e documentários de reportagem. Ele brinca, inclusive, que Cleópatra “não era nem um pouco parecida com a Elisabeth Taylor”, atriz inglesa que interpretou esta personagem no filme produzido por Hollywood de 1963, e que seu palácio não era tão luxuoso como mostrava o cinema.

Patrícia pediu para estagiar como ajudante na biblioteca da colônia São Sebastião, depois de ter se tornado uma assídua frequentadora. Conta que não havia livros velhos, todos têm aparência de novos, “renovados pela mente dos que os plasmaram”. Foi explicado a ela que no mundo espiritual ou astral, os livros não são feitos de papel como na Terra, mas de energia psíquica.

Há livros diversos sobre vários assuntos, como nas bibliotecas que conhecemos: filosofia, religião, ciências, música etc. Muitos dos quais são “cópias” dos livros conhecidos como, por exemplo, a Bíblia, o Livro dos Espíritos ou o Evangelho Segundo o Espiritismo. Há também livros “escritos” de desencarnados para desencarnados, que só existem por lá.

Mas vejam só o que é alta tecnologia astral. Patrícia se interessou por um livro que não estava disponível. O bibliotecário informou que esta obra se encontrava na biblioteca da Colônia de Estudo. Sabem o que aconteceu então? O pedido de transferência foi feito por um aparelho parecido com um fax e, em dez minutos, o livro estava na mão dela. Como isso é possível? Lembra-se do seriado de televisão *Jornada nas Estrelas*?

.....

Lembra-se que o Capitão Kirk e Spock iam para uma sala de transporte na nave, a *Enterprise*, davam as coordenadas para o planeta onde queriam ir, e a máquina era acionada. Então eles se desmaterializavam e apareciam no local desejado?

Interessante também quando Patrícia descreve que fica encantada com a possibilidade de ler livros na tela da televisão e na tela de um computador. Violetas na Janela foi lançado em 1993.

Isto se tornou realidade por aqui, na vida terrena, na primeira década do século XXI, não é mesmo? Seriam os áudio-vídeo-*books* e os tablets que conhecemos! Ela comenta ainda sobre a existência de salas com computadores e recursos de áudio e vídeo, divididas por assuntos temáticos que podem ser adaptados para estudos individuais ou em grupo.

O interessado pode se deliciar com os temas de sua preferência: colônias espirituais, corpo humano, química, física, biologia, medicina, religiões, vida em outros planetas etc. E, para contentar o lado infantil, há salas com desenhos animados, filmes sobre vários assuntos e salas de jogos eletrônicos.

Para se ter uma ideia do material disponível, Patrícia quis conhecer as obras de Allan Kardec. Pôde então ver, ao mesmo tempo, imagens dele e dos médiuns assessorados pelos amigos do mundo espiritual com os quais trabalhou. Incrível, não!

Em todas as salas há monitores para prestar esclarecimentos mas, especialmente na sala de jogos eletrônicos, é preciso acompanhamento mais de perto para evitar que o usuário exagere e se torne um viciado. O ingresso nessas salas das bibliotecas é pago com bônus-hora, com exceção dos casos onde devem ser feitas pesquisas escolares.

Com o intuito de aprender para melhor servir, há vários grupos de estudos organizados por temas específicos, tais como para trabalhos de cura, de assistência aos recém-desencarnados, de comunicação entre desencarnados e encarnados, assistência infanto-juvenil, sobre música e espiritualidade e etc.

Há aulas teóricas com antigos livros (inclusive os escritos há mais de 2.000 anos), estudos do corpo humano em três dimensões, projeção de filmes e documentários. As aulas práticas abrangem visitas a colônias e postos de socorro de vários países, culturas e filosofias; lares, casas de caridade, hospitais e cemitérios terrestres, zonas densas do umbral, entre outros locais.

Disciplina é uma palavra chave. Muitos livros religiosos, mestres de todas as religiões e grandes personagens ilustres como Gandhi e Chico Xavier já abordaram esse tema, vivenciando-a claramente.

Patrícia, Zílio, Silveira Sampaio, Neto e Luiz Sérgio, entre outros, também deixam isso claro nos seus livros. Luiz Sérgio (2005) comenta que quem não consegue ter força suficiente ou compreensão para manter-se dentro das normas estabelecidas, é convidado a procurar outro grupo onde o aprendizado é mais suave, ou seja, outras colônias:

“Quanto mais aprendemos e executamos trabalhos de maior alcance, mais conscientes temos de ser em nossa responsabilidade e de modo algum podemos nos ausentar sem licença prévia. Seria bom que todos (encarnados) fossem se habituando e se disciplinando, se desejam progredir espiritualmente”.

6.2 Música e terapia

Temos observado que a música é um tema muito presente em vários livros de fundo espiritual, em cerimônias, em trabalhos de cura e nas horas de lazer. Há apresentações de músicas clássicas orquestradas, de corais, de cantores que foram famosos na vida terrena e até de rodas de samba e de roque, “de altíssima” qualidade. Nas esferas inferiores, também, só que “de baixíssima” qualidade, é claro!

André Luiz, em o “Nosso Lar”, entre as várias referências, comenta encantado a emoção que sentiu ao ouvir um coral infantil de duas mil vozes, por ocasião da cerimônia de abertura de um evento de grande importância. Lindas canções são apresentadas, tocando os corações das pessoas presentes em cerimônias festivas, no início e no encerramento de conferências ou em comemorações especiais.

Por exemplo, a ocasião de alguém importante que chegou aos céus depois da missão cumprida, como aconteceu com Francisco de Assis e Chico Xavier. Aliás, isso me faz lembrar que na Bíblia há várias referências a hinos (e coros) entoados por anjos.

Luiz Sérgio, no livro “O mundo que eu encontrei”, comenta que nas colônias há festas calmas e tranquilas, com músicas e estilos para todos os gostos. Músicas conhecidas, que fizeram sucesso na Terra e outras desconhecidas, mas todas traduzindo sentimentos sadios, elevados. Não há espaço para aquelas com apelos sensuais e agressivos.

Em compensação, em outros lugares mais densos o cenário é bem diferente. Zílio, no livro “Um Roqueiro no Além” (1998), descreve uma festa de carnaval no umbral. A sexualidade está 100% presente e da qual participam várias pessoas encarnadas, ou seja, enquanto o corpo delas está adormecido em suas camas, seus espíritos se ausentam atraídos pela lei de afinidade.

Patrícia e Silveira Sampaio comentam sobre como são as festas de Natal e Ano Novo do lado de lá, com música e alegria, em sintonia com a paz e a harmonia. Sem os costumes exagerados de comilança, bebedeiras, trocas de presentes e falta de religiosidade, tão comuns para a maioria dos que vivem encarnados.

Silveira Sampaio em “Bate-Papo com o Além”, conta que foi levado pelos amigos a uma roda de samba em uma bela noite estrelada, onde pôde reconhecer a presença de Ataulfo Alves, Jacó do Bandolim, Pixinguinha, Nenê da Mangueira (escola de samba da Mangueira), Ari Barroso e Noel Rosa entre outros. Surpreso exclama: “nunca pensei que os fantasmas se ocupassem de serestas”.

Alternavam músicas conhecidas entre nós, como novas composições, elaboradas no Mundo Astral. Disseram que depois de pronta, eles inspiram os músicos da Terra a compor estas canções. Isto ocorre normalmente enquanto dormem e são levados por amparadores ou mentores, para se encontrarem com eles, aprenderem e gravarem na memória. Quando acordam, despertam com a intuição para compor uma música nova e muitos desses músicos nem fazem ideia do que se passou.

No livro “Paz, afinal” (1982) há um trecho em que John Lennon conversa com um espírito iluminado sobre intuição musical. Então, brincando, ele pergunta se John acreditava mesmo que havia composto sozinho as canções *Imagine* e *Give Peace a Chance*.

Mas, voltando para a Roda de Samba, Ari e Noel comentam sobre a importância da música para transmitir sensações, há canções que elevam o coração e a alma como há também as que transmitem energias carregadas de angústia, de sentimentos deprimidos ou mesmo as que induzem à sensualidade e à agressividade. Isso é uma janela aberta para o alcoolismo, para as drogas, levando o indivíduo a cair cada vez mais camadas nas baixas de sintonia. Noel explica:

“A música, como você sabe, transmite energias diversas pelas ondas vibratórias, de acordo com seus graus de sonoridade, sua harmonização, sua estrutura melódica e até suas palavras na letra cantada”.

Assim, ouvindo música, somos envolvidos pela sua energia, seja ela boa ou ruim. O ritmo cadenciado do samba, das marchinhas carnavalescas dos anos 1940–1960, de música popular brasileira que induz à alegria tem efeitos benéficos à saúde.

Músicas com ritmos tipo “bate-estaca” – máquinas usadas para construção de prédios – ou mesmo músicas eletrônicas e alguns tipos de pagodes e funks pesados, parecem ter efeito hipnótico induzindo ao movimento erótico do corpo e desencadeando sentimentos nada nobres na sua plateia/auditório.

Luiz Sérgio relata que assistiu a uma conferência sobre artes, com ênfase na música e que tipo de influência pode causar no espírito das pessoas (ele tocava violão para os amigos quando encarnado).

Aprendeu que a música é um poderoso meio de comunicação, por penetrar no íntimo das pessoas com suas vibrações encadeadas. Por ser o som uma vibração, pode passar por toda parte do corpo, e envolver muito mais alguém do que quando lemos uma mensagem escrita. Assim, há músicas que elevam pensamentos e beneficiam o coração, como há aquelas que produzem repercussão de baixo padrão vibratório.

No livro “Ícaro Redimido” (2010), aprendemos que o tratamento de regressão de vidas passadas de Santos Dumont foi elaborado com ajuda da música. Os terapeutas que acompanhavam seu caso solicitaram ao departamento que arquivava os registros de nossas vidas passadas (arquivos akáshicos), o levantamento das músicas que tiveram maior importância ao longo de suas encarnações.

Dessa maneira, o paciente permanecia deitado no divã enquanto tocavam trechos de músicas clássicas e medievais, valsas, marchas e outros ritmos característicos dos períodos em que ele viveu. Ao ouvir as melodias, ele se lembrava perfeitamente de momentos significativos, trazendo detalhes preciosos, seja de alegria, de euforia ou de descontentamento.

6.3 Televisão

Um dos amigos do pai de Patrícia (Violetas na Janela) lhe presenteou com um aparelho muito semelhante a uma televisão, que foi instalado no seu quarto, quando morava com sua avó. Há aparelhos como estes nos hospitais, nas escolas e em algumas casas.

O senhor lhe explicou que nem todos desencarnados que estão nas colônias têm possibilidade de ver seus parentes pela televisão, pois é necessário ter equilíbrio emocional e maturidade para não deixar se desequilibrar pela saudade dos entes queridos e da vida terrena.

Mas também porque é preciso ter estrutura emocional para lidar com cenas desagradáveis as quais porventura possa ver. Por exemplo, um homem saber que sua esposa se casou depois de viúva e que teve filhos com segundo marido. Ou um pai que deixou seus filhos bem de vida, com muitas riquezas, ver seu lar desfeito por disputas gananciosas.

Por meio deste aparelho, pode-se ver seus familiares na vida terrena, o informes sobre o que se passa na colônia, em outras colônias, no umbral, no Brasil e em outras partes do mundo. São transmitidas notícias informativas sem os costumeiros sensacionalismos a que estamos acostumados aqui em nosso país.

Há programas voltados para reflexões e orações, peças teatrais, filmes, palestras e apresentações de corais, apenas para exemplificar o tipo de programação.

6.4 Teatro, cinema e shows musicais

Os livros “Violetas na Janela” e “Bate-papo com o Além” descrevem momentos de lazer dos seus personagens às sessões de cinema e aos espetáculos de teatro nas Colônias.

Em “Viagem de uma alma” (1972), o personagem principal é levado pelo amparador a um espetáculo ao ar livre, em uma colônia sobre uma cidade europeia, no qual se apresentava o compositor e pianista austríaco Johann Strauss (1825-1899), também conhecido como o “rei da valsa”. Seguiram depois para um grande teatro, também no plano espiritual, para ouvirem concerto do compositor e pianista polonês Chopin (1810-1849).

No livro “Faz parte do meu show” (2004), há a descrição de apresentações realizadas em uma parte mais “light” do umbral, organizadas por mentores músicos, coordenado pelo Chacrinha (1916-1988), um dos maiores animadores de auditório da televisão brasileira, onde se apresentavam vários calouros – e ficou famoso pelo “bordão”: “Oh Terezi-nhaaaa ...”. Ao seu lado estava Flávio Cavalcanti (1923-1986), que também comandava programas de auditório, sendo o primeiro a criar os programas de jurado na televisão. Iriam se apresentar as grandes cantoras e intérpretes da música brasileira Clara Nunes (1943-1983), Elis Regina (1945-1981) e outros cantores.

Todas as apresentações culturais (teatro, cinema, apresentações de orquestras, corais e de cantores) têm o intuito de levar alegria e mensagens edificantes, ajudar no fortalecimento e na maior ligação com Deus. Há espetáculos em teatros fechados e ao ar livre, com participação de crianças, jovens e adultos, tudo como estamos acostumados por aqui.

Inclusive, algumas montagens de filmes e peças, são apresentadas lá primeiro e depois virão para a Terra. Podemos observar que os temas espiritualistas e espíritas estão cada vez mais presentes nas salas de cinema e nos teatros por aqui.

Por exemplo, inspirados em livros temos: Nosso Lar, Violetas na Janela, Renúncia (de Emmanuel), Livro dos Espíritos, As mães de Francisco, e inspirado na vida de personagens ilustres já foram exibidos como Pinga Fogo (sobre entrevistas com Chico Xavier na antiga TV Tupi), sobre Dr. Bezerra de Menezes, Divaldo Franco além de vários documentários.

Para ir ao teatro e ao cinema lá nas colônias, em algumas ocasiões o ingresso é livre e em outras é cobrado. Neste caso, o pagamento é feito com bônus-hora. André Luiz foi

.....

o primeiro a comentar conosco, nos seus livros, sobre isso. Trata-se de uma espécie de “moeda” espiritual, como existe o dinheiro brasileiro (real), o dólar nos EUA, e outros tipos de moedas em outros países.

Bônus-hora é uma forma de salário, para aqueles trabalhadores das colônias que, de certa forma, sentem necessidade de receber uma gratificação pelas horas dedicadas às atividades assistenciais, por exemplo em hospitais, escolas, bibliotecas e hortas.

À medida que o trabalhador amadurece espiritualmente, e compreende que deve trabalhar por uma causa maior, por amor ao próximo e a Deus esse pagamento não mais lhe terá importância. André Luiz comenta em seus livros que alguns trabalhadores da seara divina, mesmo encarnados, já recebem seu bônus-hora.

Isto poderá lhe ser útil, desde já, para ir ao teatro ou cinema quando dorme e visita o mundo espiritual maior para aprendizado e lazer, como também pode ser “guardado em um tipo de poupança” para usufruir dele quando desencarnar, se assim for merecedor.

6.5 Escolas e cursos oferecidos

Nas Colônias, há sempre escolas que oferecem várias oportunidades de aprendizado. Há cursos para aprender a viver como espírito desencarnado, para aprofundar-se em conhecimentos sobre religião, filosofia, artes, literatura, medicina, ciências entre outros temas, bem como cursos para alfabetização.

Para aqueles que gostam de se aprofundar mais na sua área de interesse, é oferecida a oportunidade de ir para outro tipo de colônia, Colônias de Estudo, como se fosse uma cidade universitária, onde alunos e professores podem morar enquanto dedicam-se à sua formação ou especialização.

Patrícia, no Livro Violetas na Janela, que sempre gostou de estudar e de aprender, conta que depois de se readaptar à vida espiritual, matriculou-se em três cursos. O primeiro deles sobre como aprender a voar (usar o pensamento e a vontade para caminhar sem pôr os pés no chão ou voar como Peter Pan, por exemplo). Luiz Sérgio também conta no livro “O Mundo” que eu encontrei, sobre o mesmo curso.

Ele explica que esse deslocamento, sem usar as pernas, é tão mais rápido quanto maior for a capacidade da pessoa (espírito) de emitir impulsos pelos seus pensamentos, aliás a força motora está no pensamento, impelidos pelas forças da natureza.

Cabe lembrar que a lei da gravidade lá no mundo astral ou espiritual é bem diferente da que conhecemos aqui na Terra. Os entraves, diz ele, são ocasionados pela nossa incapacidade e, às vezes, pelo meio onde se encontra. Depois, Patrícia quis aprender a se nutrir de fluidos sutis absorvendo energia do ar, do sol ou o cosmos por meio de técnicas de respiração, por exemplo, como se ensina nas aulas de Yoga.

Assim, foi deixando pouco a pouco a necessidade de consumir alimentos oferecidos a ela pela sua avó como pães, frutas, sucos e caldos de vegetais, desprendendo-se também das necessidades fisiológicas. Neste curso aprende-se também a higienizar-se sem necessidade de tomar banho. O terceiro, ela foi convidada a estudar sobre Conhecimentos do Mundo Espiritual.

Silveira Sampaio foi convidado a fazer um curso sobre Responsabilidade, por demonstrar interesse em retornar às atividades literárias, fazendo reportagens no mundo espiritual e mandando-as para a Terra por meio de algum (alguma) médium. Havia 50 alunos. Nestas aulas pode-se aprender, entre outros assuntos importantes, a responsabilidade de quem escreve livros, artigos, peças teatrais e produz filmes.

É mostrado por meio de filmes gravados no momento em que uma peça foi encenada, por exemplo, como as frases, as ideias, as imagens geradas na mente das pessoas por meio dessas obras podem influenciar os leitores e os espectadores. Podem tanto gerar um efeito positivo, salutar, edificante como o contrário: desejos maliciosos na área sexual, à revolta quanto aos princípios da sociedade.

Ele conta que essa influência é tão grande a ponto de mudar o comportamento de alguém, interferir no seu livre arbítrio e, inclusive, pode abrir a janela de oportunidade, para assédio de espíritos zombeteiros ou perturbadores. Por exemplo, uma peça que aborda o tema da traição entre casais pode levar um dos cônjuges a procurar uma relação extraconjugal.

6.6 Esportes

Não encontrei muitas informações sobre a prática de atividades esportivas nas colônias espirituais nos livros pesquisados, embora o termo “quadras poliesportivas” seja citado várias vezes na descrição de algumas colônias para crianças e jovens, principalmente.

Silveira Sampaio, no livro “Bate-papo com o Além” (1980), conta ter visto vários espíritos desencarnados assistindo partidas de futebol na cidade do Rio de Janeiro.

Peter Richelieu e seu amigo Guru em “Viagem de uma alma” (1972), cuja história se passa na Inglaterra, comentam sobre espíritos desencarnados, pouco esclarecidos jogando partidas de golfe e de bilhar, diariamente.

O Guru explica que espíritos apegados aos prazeres terrenos, divertem-se com “tacos e bolas” por algum tempo. Conforme a pessoa torna-se mais esclarecida, aprenderá a manipular a trajetória da bola (de golfe, de bilhar, de futebol, de vôlei etc.) com a força do pensamento. Aprenderá também a ler o pensamento do concorrente e vice-versa, assim jogos que envolvem a “sorte” ou vencer adversários, perdem a graça, pois o elemento surpresa deixa de ser desafiador. Seria o caso de partidas de xadrez e damas, *poker* etc.

Espíritos desencarnados também deixam de ter interesse em esportes radicais que liberam adrenalina, pois a sensação não é a mesma do que quando se estava encarnado. O prazer da alta velocidade e do contato contra o vento também deixará de existir.

Por outro lado, para voar no plano espiritual não é mais necessário depender de asa delta ou paraquedas. Basta mentalizar o plano de voo e sair volitando. E, nesse caso, por ser algo novo, será bastante desafiador para quem gosta de aventuras. Aprenderá novas técnicas de voo a curta e longa distância sem temer mudanças bruscas nas rajadas de vento. Com o tempo aprenderá a viajar para outros continentes sem avião.

Podemos ir treinando as técnicas de volitação durante as saídas fora do corpo ou projeção astral. Posso contar que voitar bem pertinho da superfície do mar, passar por dentro

.....

das grandes ondas ou atravessá-las traz uma satisfação enorme! Principalmente por não ter que se preocupar com eventuais choques com rochedos, corais, *jet ski* e banhistas.

Para mergulhar no fundo do mar não é necessário depender de bom fôlego ou de equipamentos (nadadeiras, máscaras, cilindros). No começo é preciso fazer aulas para aprender a dominar as técnicas, principalmente vencer o condicionamento de que precisamos subir até a superfície para respirar. Podemos aprender estas técnicas durante a projeção astral também. Este recurso é muito útil para trabalhos assistenciais e viagens de estudo. Posso adiantar que é maravilhoso ficar horas debaixo d'água, sem o cilindro nas costas, sem precisar desembajar a máscara, sem se preocupar com a tabela de descompressão e com o barco de apoio.

Enfim, o que predominam nas colônias espirituais são atividades realizadas em harmonia consigo mesmo, com a natureza e com outras pessoas, as quais trazem sensação de bem-estar, sem violência, sem o vício por medalhas e desejos vaidosos de corpos musculosos.

7 Jardim da infância: recanto para crianças

Nos Postos de Socorro e nas Colônias Espirituais há um setor destinado a crianças e jovens recém-desencarnados para recuperação, restabelecimento e para receber esclarecimentos sobre a vida espiritual. O lema é: "a disciplina com amor educa".

No livro "Instituto de Confraternização Universal", é citado que as crianças são recebidas na casa Anália Franco, algo bem maior do que o Instituto Anália Franco que existe no bairro da Vila Formosa, na zona leste da cidade de São Paulo. Os jovens são encaminhados para o Departamento Juvenil, em outra localidade, cujos prédios cristalinos e coloridos foram edificadas pelos Bandeirantes.

De maneira geral são lugares com muito espaço arborizado e florido, com brinquedos parecidos com os parquinhos da Terra. Para os maiores há quadras poliesportivas. O ambiente é de muita alegria e ouve-se música diariamente. Há vários animais soltos que podem ser acariciados pelos pequeninos como gatos, cachorros, esquilos, pássaros.

Os trabalhadores que acompanham as crianças podem plasmar ou reproduzir os brinquedos que elas mais gostavam quando estavam na vida terrena. Recebem merendas de diversos tipos, de acordo com os costumes que tinha na sua família. Há apenas mais controle no oferecimento de doces e refrigerantes pelos instrutores, havendo preferência aos alimentos mais saudáveis à base de frutas, verduras e legumes produzidos e cuidados com ajuda das próprias crianças.

Depois de alguns meses já não dependem tanto dos alimentos, pois também aprendem a se nutrir da água e da energia da natureza. Mas elas não ficam o tempo todo brincando. Também vão à escola aprender a ler, escrever e conhecer a vida espiritual.

As professoras, os professores e demais instrutores que trabalham no Educandário possuem larga experiência no assunto, vivendo há muito tempo no mundo espiritual. Muitos moram no local, na ala dos alojamentos. Normalmente as crianças se adaptam rápido, os menores mais facilmente do que os maiores que sentem falta de suas mães.

Quando a família procura aceitar e se esforça para lidar com este momento de separação, buscando conforto e consolo nas preces e nas leituras edificantes e no trabalho, as crianças sofrem menos.

No entanto, como já vimos anteriormente, Há casos em que os pais não se esforçam para aceitar o desencarne do filho. Choram chamando o nome dele o tempo todo, revoltam-se contra Deus e buscam consolo nos fortes medicamentos calmantes. Essas crianças precisarão de tratamento bem mais intensivo, com carinho e atenção dos trabalhadores do Educandário para amenizar esse sofrimento.

No livro Voltei (1949), do Irmão Jacob, sua filha Marta é uma das dirigentes dos trabalhos desenvolvidos em uma instituição para crianças, cuja organização “ultrapassa, em programa e realização” qualquer instituto europeu ou norte-americano. O lugar é descrito como um campus de uma grande universidade, com bonitos edifícios, amplos jardins, bosques, fontes de águas cristalinas. O lugar é referenciado como um parque de educação e tudo organizado pela administração geral da coletividade.

As crianças que lá se encontram têm entre sete e doze anos de idade. Há “baixinhos” de diferentes nacionalidades, inclusive indiozinhos. Observou-se que estão envoltas em halos de luzes brilhantes, são alegres e carinhosas. Marta explica que se a criança começar a demonstrar tendências latentes como violência e agressividade, entre outras emoções do passado, ela recebe um tratamento diferenciado, mais cuidadoso de reajustamento de conduta.

Por outro lado, se a criança parte da vida terrena, “em dia com a lei que nos governa o destino” ela é encaminhada a outro lugar, em mundos mais elevados. Entre os assuntos abordados nas aulas para as centenas de crianças e jovens, está a preparação para o retorno na vida terrena.

As turmas de alunos são divididas de acordo com seu grau de elevação espiritual, aptidões e tendências. Há ainda uma turma especial, formada por “meninos-orientadores”. Trata-se de meninos e meninas que tiveram um passado respeitável pelas suas qualidades morais e intelectuais, e mais receptivos aos ensinamentos da instituição.

Eles permanecem mais tempo do que as outras crianças, aguardando momento apropriado para reencarnar com missões mais nobres, “projetos de ordem superior”. Enquanto isso não ocorre, desempenham valiosas tarefas junto a outras crianças e mesmo a adultos, seja do mundo espiritual ou na terra.

8 Fazendo novas amizades e procurando emprego

Da mesma forma que na vida terrena, quando uma pessoa quer conhecer a outra comecem a aproximação perguntando seu nome, de onde é, o que faz, coisas assim. No mundo espiritual não é diferente. Segundo os livros, entre as perguntas mais comuns entre os novatos ou recém-chegados, para “puxar conversa” estão: ... Olá como vai? Faz tempo que está por aqui? Desencarnou do quê?

Tempos depois de sair para conhecer a colônia onde estava, Luiz Sérgio visitou uma agência de empregos. Trata-se de um lugar onde vão as pessoas em busca de algum tipo de ocupação, aborrecidas ou entediadas por não ter o que fazer.

.....

Como era esse o seu caso, ele pediu para fazer algum serviço e, para sua surpresa, logo foi chamado. Não precisou fazer nenhum teste nem passar por algum tipo de concurso. Mas havia um exame médico, onde era verificado em que áreas de serviço ele poderia ser mais útil, segundo suas aptidões.

Foi quando soube que todo trabalho realizado não seria remunerado com dinheiro nem vantagens pessoais, pois o mais importante era o aprendizado (autoaprendizado) e o estudo. Recebeu a orientação de estudar os meios de comunicação entre os espíritos desencarnados e encarnados, e sobre possibilidades de transmissão de pensamentos entre “os do além e os daqui”.

9 Hospitais e instituições de pesquisas na área da medicina

Há clínicas e hospitais que oferecem tratamentos aos doentes de todas as idades e com todos os tipos de enfermidades, como também para aqueles que sofreram algum tipo de acidente. Nos hospitais existem bibliotecas, salas de palestras, jardins floridos com bancos para tomar sol, e locais de oração. Possuem equipamentos e recursos para tratamentos que nem fazemos ideia por aqui na Terra.

Patrícia, do livro “Violetas na Janela”, apresenta uma boa descrição como são alguns hospitais que visitou, tanto por fora como por dentro. Zílio, do livro “Um Roqueiro no Além”, nos conta que foi levado pela amiga Helena, caminhando pelas ruas da Colônia onde estavam, até um tipo de consultório médico, para ver o que eram umas marcas que haviam aparecido na região da barriga e do peito.

O médico pediu para ele deitar em uma maca e o examinou. Disse que as marcas que havia na região hepática estavam associadas com problemas no fígado e no pâncreas. Explicou que só poderiam ser eliminadas em uma próxima reencarnação. Isto é, provavelmente nascerá com problemas nesses órgãos ou desenvolverá alguma doença com o passar dos anos.

Lembramos que o roqueiro era diabético, fumava, bebia e era usuário de diversos tipos de drogas. Assim, com este exemplo, podemos entender melhor a lei da ação e reação. O médico recomendou que voltasse para o apartamento onde deveria fazer repouso, ler bons livros e tomar o caldo fluídico diariamente, até estar completamente recuperado, isto é, recuperar as energias gastas nos excessos praticados no mundo físico.

Também recomendou algo como “orai e vigiai”, pois crises de depressão poderiam surgir nesse período, com o forte desejo de querer voltar para perto de seus entes queridos na Terra, o que seria um grande retrocesso neste estágio do seu tratamento. O que acham? Ele foi um paciente obediente?

Deitado, deixou os pensamentos negativos tomarem conta. Veio a vontade de ser rebelde e não seguir orientação nenhuma. Veio a vontade de voltar para perto dos parentes e amigos. E veio o desequilíbrio também. Vozes vindas das sombras incentivavam a largar tudo e voltar. Ele estava quase cedendo quando o amigo Felipe entrou no quarto e o tirou desse estado.

Abraçado ao amigo ele chorou e pediu ajuda novamente. Depois que se acalmou, tomou o caldo e dedicou-se a ler um livro, que trouxe vários esclarecimentos às suas dúvidas:

“Entendia agora o quanto vale a pena o homem redimir-se, mesmo à custa de muitos sofrimentos que, na verdade, nada significam perante a felicidade que se pode alcançar... Sempre acreditei na vida eterna, mas a literatura espírita para mim era muito simplista. Agora, vejo que é nela que o homem encontrará as coordenadas que poderão direcionar sua vida rumo à felicidade”.

E, para melhor poder ajudar no tratamento dos doentes, estão sempre a pesquisar novos medicamentos no setor dos laboratórios, principalmente para cuidar da desintoxicação dos dependentes químicos, que estão fazendo uso de drogas com efeitos cada vez mais prejudiciais a médio e longo prazo.

10 Paisagens da natureza, plantas e animais

Na maioria dos livros sobre a “vida além da vida” nas colônias espirituais, sempre há trechos descrevendo ruas bem arborizadas, casas construídas com amplo espaço entre elas, lindas praças bem cuidadas, jardins floridos para as pessoas passearem, e fontes de água colorida cercada por bancos para as pessoas sentarem. As imediações de todos os prédios também são bem arborizadas, assim como no entorno dos hospitais e escolas. É registrada a presença de aves e flores diferentes, desconhecidas aqui na Terra.

Em “Violetas na Janela”, Patrícia conta que certo dia recebeu de presente uma caixinha com flores pequeninas. Sem pensar duas vezes as comeu, imaginando tratar-se de algum tipo de doce confeitado. Horas mais tarde, para sua surpresa, a pessoa que lhe presenteou quis saber o que havia achado das flores raras que havia trazido. Sem jeito ela contou o que fez. Acabaram ambos dando risada da ingenuidade dela.

“Na próxima dimensão”, Dr. Inácio comenta sua surpresa ao caminhar por ruas arborizadas e avistar um ninho de passarinhos coloridos chocando seus pequenos ovos. Não imaginava que havia reprodução de espécies no mundo espiritual! Acreditava que isso só ocorreria na vida terrena!

No livro: “Voltei”, Irmão Jacob descreve, encantado, os jardins do Educandário onde sua filha trabalha. Fica sem palavras ao perceber a presença de pássaros de plumas coloridas e brilhantes, de rara beleza, cantando “estáticos”, sem se incomodarem com sua presença. Isto é, não fugiram quando ele se aproximou para vê-los mais de perto.

Seu amigo Andrade esclareceu que estes pássaros, como outros animais das colônias espirituais, refletem as qualidades dos seres superiores que os cercam. Aproveitou então para comentar que cena semelhante também poderia acontecer na vida terrena se os animais fossem mais respeitados pelos humanos.

Irmão Jacob também descreve nas ruas que levam até a casa de sua filha, a existência de jardins carinhosamente organizados, com flores luminosas que formavam frases inteiras de “glorificação à divindade”.

Outra vez surpreso ficou quando avistou uma grande catedral, com sete torres cobertas de detalhes dourados. Sua filha explicou que este era o santuário, onde somente

.....

podem adentrar pessoas “libertas do estreito dogmatismo religioso”, isto é, livre de preconceitos e fanatismo. Jacob também ficou surpreso ao perceber que as pessoas com quem cruzava nas calçadas, tinham a fisionomia serena, sem expressões de rancor, aflição ou desânimo.

Irmão Andrade esclareceu que, apesar de seus problemas íntimos, estas pessoas se esforçam para não deixar transparecer suas preocupações, cultivando a paz interior. Marta mora em um local classificado como colônia espiritual de emergência, situada portanto em mundos menos elevados do que Nosso Lar, por exemplo.

Este lugar foi preparado para servir à diversas missões de socorro em benefício dos necessitados. Fico a pensar então a tamanha beleza que deve haver nas cidades espirituais, localizadas em níveis mais elevados

11 No nosso mundo interior

Apesar de existirem tantas opções de cultura e lazer, às vezes é importante recolher-se em um “cantinho” para pensar na vida, ler um bom livro!

Luiz Sérgio e Patrícia relatam o costume que possuem em fazer anotações em um caderno no qual registram, por exemplo, momentos especiais que vivenciaram: visitas e cursos, lugares que conheceram, atividades e cursos que planejam fazer, metas que desejam alcançar, as já alcançadas, como também as que não foram.

Anotam também as experiências que tiveram durante as aulas e trabalhos assistenciais, como se sentiram, o que aprenderam e também “enganos que precisam ser analisados com atenção para serem corrigidos” como disse Luiz Sérgio. Ambos incentivam as pessoas a adquirirem este hábito na vida terrena. Ao reler estas anotações, meses depois, podemos ter uma noção de quantas coisas boas foram feitas, o que nos deixa alegres e satisfeitos.

Da mesma forma, pode levar a perceber quantas metas a pessoa se propôs a fazer e não fez, seja porque impôs atividades além do que poderia cumprir ou porque se envolveu com outras demandas e deixou as outras para trás ou outros motivos quaisquer. Também eles, nossos “fantasminhas camaradas”, vivenciam momentos de alegrias e de tristezas.

Alegrias associadas com suas novas conquistas pessoais, boas notícias dos parentes e amigos terrenos, reencontros com entes queridos no mundo astral, novas amizades, começo de namoros, satisfação imensurável por ter ajudado alguém necessitado.

Tristezas associadas com saudade descontrolada dos entes queridos que ficaram, desejo de ter terminado um projeto que começou ... Saudade descontrolada, sofrer porque a pessoa querida não está junto, é sinal de desequilíbrio interior porque sentir saudades é sinal de ternura.

O que precisamos é tomar cuidado para não se deixar levar pelo hábito de reclamar das coisas que nos aborrecem. Evitar dar mais atenção ao que não temos do que ao que temos, ou focar nas metas que não foram alcançadas e esquecer dos momentos de alegria e satisfação vivenciados. Vitórias e derrotas, alegrias e tristezas fazem parte do dia a dia e precisamos aprender a lidar com isso desenvolvendo com equilíbrio emocional.

12 Festas de despedidas

Patrícia nos conta que participou de uma reunião familiar para despedida de uma das pessoas que iria reencarnar em breve. Todos oraram e desejaram sucesso na sua jornada. Mas esse momento especial é para poucos, para aqueles que já adquiram mais maturidade espiritual.

Tanto no livro “Nosso Lar” como em outras obras de André Luiz e Chico Xavier, Zíbia Gaspareto e da parceria de Antonio Carlos e Vera Lúcia de Carvalho (tia da Patrícia) também há histórias semelhantes, contando essas singelas cerimônias de despedida.

E os entes queridos podem tanto partir para regressar à vida terrena como também partir para seguir sua jornada evolutiva em colônias de estudo na literatura, na medicina, na ciência e na tecnologia em torno da Terra ou em outros planetas mais avançados.

Há também quem deseje seguir em busca de novas experiências de trabalho assistencial, servindo em postos de socorro, servindo no umbral, no vale dos suicidas ou mesmo na assistência a dependentes químicos e espíritos abortados.

VIII Os amigos de quatro patas

Animais de estimação como cães e gatos possuem um papel importante na vida de muitas pessoas. Para alguns, são como membros da família: sentam no sofá e dormem na mesma cama de seus donos. Há quem diga que seu bichinho “só falta falar”!

Os cães, gatos e cavalos possuem uma sensibilidade especial, sem dúvida. Eles têm o olfato e a audição bem mais desenvolvidos que os humanos. Eles podem perceber se seus donos estão liberando “cheiro” de alegria, de calma ou de tristeza. Isto é, se o nível de energia está normal, agitado ou muito baixo.

Como diz César Milan (2006), seu animal não “sabe” se você perdeu o emprego, se você descobriu que está doente ou se está de luto. Ele percebe que seu padrão de energia mudou. Por exemplo, ao sair de casa de manhã você estava assobiando uma canção e brincando com ele, seu nível de energia estava equilibrado. Quando voltou para casa estava calado e fragilizado, seu nível de energia caiu.

Então, seguindo o instinto animal, como o líder da matilha (o dono) está fraco, o cão “assume” a liderança do grupo, como faria se fosse na vida selvagem: senta-se ou deita-se ao lado do dono para protegê-lo de eventuais “predadores”.

Há uma energia especial em alguns animais domésticos que ajudaram pessoas deprimidas e carentes a encontrar uma nova razão para viver. E eles podem ser treinados por especialistas para tornarem-se grandes “cães terapeutas” para levar alegria a asilos, casas com crianças enfermas e hospitais.

Também podem ser treinados para conduzir deficientes visuais, possibilitando maior independência e liberdade de locomoção na vias públicas. O “cão-guia” acompanha e

.....

guia, literalmente, seu dono nas ruas, parando diante dos cruzamentos e de escadas, ao entrar e sair de ônibus e metrô.

Os cães podem ser treinados inclusive para ajudar pessoas com problemas de locomoção dentro de casa, por exemplo: abrindo portas, acendendo a luz, fechando gavetas e pegando o jornal. Já ouvimos casos relatando que o cão “parecia” ter pressentido que o dono estava enfartando ou tendo uma crise de diabetes e latiu em busca de socorro.

1 A vida espiritual dos animais

Eles possuem percepção extra-sensorial ou extra-física. São capazes de demonstrar comportamento defensivo, de alegria ou de medo diante de algo supostamente invisível para nós: pessoas desencarnadas. O livro “A Alma dos Animais” (2007) traz excelentes esclarecimentos a respeito deste assunto, descrevendo estudos realizados no início do século XX, os quais veremos mais adiante.

E... animais têm alma? Isto é, será que continuam vivos depois da morte do corpo físico, como os humanos? Quem convive com animais de estimação afirmará que eles têm coração e também têm alma!

Para o filósofo francês René Descartes (1596–1650), bem como para muitos pensadores, cientistas e religiosos europeus dos séculos passados, os animais não tinham alma ou espírito. Seriam como máquinas, e assim vacas, bois, cavalos e jumentos podiam ser submetidos a trabalhos “forçados” na lavoura, no transporte de carga e de pessoas entre outras atividades. Cães jamais eram permitidos dentro de casa e não tinham uma casinha de madeira com seu nome.

Citamos o ponto de vista europeu. No oriente, budistas, taoistas e hindus tinham e têm uma concepção diferente. Animais como as vacas, os elefantes, os tigres, as garças, as serpentes e os macacos são considerados seres sagrados e, por isso, merecem ser respeitados.

Allan Kardec, no “Livro dos Espíritos” (1989), cuja primeira edição foi publicada em 1857, trouxe revelações que chocaram a sociedade europeia da época, ao explicar que os animais possuem um “princípio inteligente”, independente da matéria, que sobrevive à morte do corpo físico (questões 592 a 613).

A espécie humana possui, além do “instinto de sobrevivência”, o livre-arbítrio e complexos aspectos morais. Para Eurípedes Kühl, no livro “Animais – nossos irmãos” (1995), a alma dos animais é de natureza inferior diferente da alma dos humanos, em termos evolutivos.

Seres dos reinos vegetal e animal possuem espíritos coletivos ou alma grupal. Há várias histórias e canções dos nativos das tribos norte-americanas, dos grupos indígenas brasileiros e dos povos andinos, referenciando espíritos das florestas, das montanhas, dos rios, da terra, do mar, das aves e dos peixes.

Almas individualizadas passam a ocorrer nos mamíferos como cães, gatos, cavalos, macacos e golfinhos. Eles demonstram “ter personalidade própria”, possível de ser percebida quando passam a viver na companhia dos humanos. Algumas aves domesticadas como os papagaios também demonstram atitudes curiosas e inusitadas, por serem dotados da capacidade de repetir palavras e frases ditas por seus donos.

Em uma das aulas do Prof. Wagner Borges sobre Bioenergia, no IPPB e no livro por ele escrito, *Viagem Espiritual I* (1933), aprendemos que cães, gatos e cavalos possuem campo de energia ao redor do corpo físico e centros de força ou chakras na cabeça, na frente, na região do coração e baixo ventre. Alguns cachorros domésticos também podem sair fora do corpo quando adormecem para passear com seu dono ou sozinhos.

2 Animais diante da morte

Ao desencarnarem, os espíritos dos humanos e dos animais domésticos seguem sua jornada evolutiva mantendo sua individualidade. Evoluem espiritualmente por caminhos paralelos, embora estes caminhos possam se cruzar, devido aos laços de afinidade existente entre eles. Cães-guias e cães que prestam serviço comunitário, (visita a asilos), quando desencarnados poderão continuar desenvolvendo suas atividades altruístas no Além.

E animais têm sentimentos diante da morte? Eurípedes Kühl (1995), Bozzano (2007) e Cesar Milan (2011) entre outros estudiosos no assunto dizem que sim. Cães domésticos sofrem com a morte de outro cão (sua companheira ou seu companheiro) e de pessoas com quem teve algum tipo de afinidade.

Há estórias do cão adoecer depois que o dono ou a dona faleceu. Em 2012, os jornais noticiaram o caso de um cachorro “vira-lata” que ficou muitos dias na frente do hospital no Rio de Janeiro, enquanto seu dono, morador de rua, estava internado. Depois que faleceu o cachorro foi adotado. Outra estória, no interior de São Paulo, mostrou dois cães labradores que ficavam horas diante do lago no qual seu dono se afogou, como se estivessem esperando ele voltar.

3 Enfrentando o luto do animal de estimação

Conhecemos casos de pessoas que perderam seus bichinhos de estimação por doenças como o câncer, devido a algum acidente como atropelamento ou mesmo por velhice. De certa forma há maior tendência das pessoas aceitarem a morte no caso de doenças graves ou velhice, do que quando ocorre de forma repentina. De qualquer forma, é muito triste enfrentar a indesejável separação de quem gostamos.

Na família X o cãozinho era muito mimado e “paparicado” por todos. Tinha brinquedos espalhados pela casa e fotos nos porta-retratos. Quando estava passeando pelo quarteirão, sem a coleira, foi atropelado por uma moto e não sobreviveu.

A dor dos familiares, que já era intensa, foi agravada pelas consecutivas discussões, onde um acusava o outro por não ter evitado o acidente. As discussões não o trarão de volta. Anos depois, superaram o luto e compraram um filhote da mesma raça e da mesma cor para fazer parte dessa família.

Há também os casos de distanásia (optar por prolongar a vida) ou eutanásia (sacrificá-lo). A amiga “I” tinha um cão da raça poodle. Ele morreu por ter contraído leptospirose (tipo de doença transmitida por urina de ratos, mais evidente depois de dias chuvosos), aos 16 anos.

Foi difícil diagnosticar a doença nas primeiras semanas. Muitas visitas ao veterinário, muitos exames e medicamentos caros, tudo para prolongar sua vida ao máximo, até

que ele faleceu. Não era a primeira vez que “I” enfrentava a perda de um cão querido, mas nem por isso deixava de chorar pela partida de seu “cãopanheiro”. Optou por não ter outro cão.

Recebi uma mensagem pela *internet*, pertinente a este assunto. Trata-se da estória de uma garotinha de quatro anos e de sua mãe que lidaram com a morte da cadela Abbey. O autor é desconhecido. A garotinha estava chorosa, sentindo saudade. Então perguntou para a mãe se poderia escrever uma carta para Deus, pedindo para tomar conta dela e pôs uma foto delas juntas.

A mãe concordou escrevendo a cartinha ditada por ela, colocando o selo e levando-a ao correio, endereçada a Deus. No envelope colocou o endereço da residência e o nome da filha. O teor da carta foi assim:

“Querido Deus, o Senhor poderia tomar conta da minha cadela, a Abbey? Ela morreu ontem e está aí no céu com o Senhor. Estou com muitas saudades dela. Fico feliz porque o Senhor a deixou comigo, mesmo que ela tenha ficado doente. Espero que o Senhor brinque com ela. Abbey gosta de nadar e de jogar bola. Estou mandando uma foto dela para que assim que a veja o Senhor saiba logo que é ela. Eu sinto muitas saudades!”

Dias depois, qual não foi a surpresa de ambas ao encontrar, na varanda de casa, um pacote embalado em papel dourado endereçado à garotinha. Havia um livro, uma carta assinada por Deus e a mesma foto. O título do livro era “Quando um animal de estimação morre”, escrito por Mr. Rogers. A cartinha dizia assim:

Querida Meredith, a Abbey chegou bem ao céu. A foto ajudou muito e eu a reconheci imediatamente. Abbey não está mais doente. O espírito dela está aqui comigo, assim como está no seu coração. Ela adorou ter sido seu animal de estimação. Como não precisamos de nossos corpos físicos no céu, não tenho bolso para guardar a foto, assim a estou devolvendo dentro do livro para você guardar como lembrança. Obrigado por sua linda carta e agradeça a sua mãe por tê-la ajudado a escrevê-la e a enviá-la pra mim. Que mãe maravilhosa você tem! Eu a escolhi especialmente pra você. Eu envio minhas bênçãos todos os dias e lembro que amo muito vocês. A propósito, sou fácil de encontrar: estou em todos os lugares onde exista amor. Com amor, Deus.

Temos outra estória do amigo “S” que havia adotado um cão da raça fila. Apesar do tamanho gigante, era um bicho bonzinho e carinhoso. Passaram anos de muita alegria juntos. Então apareceu uma doença no quadril. Idas e vindas ao veterinário. Exames e medicamentos. Era irreversível. O cão passou a apresentar problemas de locomoção e portanto urinava e defecava no lugar onde estava deitado.

Começou a se tornar agressivo, com dores, “reclamando” muito toda vez que precisava ser removido do canto onde estava deitado, para ser higienizado e para lavar o quintal. Às vezes ficava agressivo nessas horas. Foi piorando. Os veterinários recomendaram sacrificá-lo para não sofrer mais, pois não havia chance de cura. Não foi uma decisão fácil para “S” tomar, pois sempre foi um defensor de todas as formas de vida.

Um breve filme passou pela sua tela mental. Lembrou-se de quando o trouxe para dentro de casa, após tê-lo encontrado perdido na rua, machucado. Os primeiros e divertidos banhos de mangueira no quintal. Os passeios pelas ruas do quarteirão, os medos dos fogos de artifício!

Depois de conversar com outros veterinários e amigos pensando bem a respeito, olhando para o “cãopanheiro”, chegou à conclusão que não haveria como reverter essa situação. Então ele sofreu duas vezes, pela decisão que teve que tomar e pela saudade de seu amigo canino. Uma sensação de vazio na casa. Anos mais tarde, superou o luto e adotou uma cadela de raça diferente, também de grande porte e bem amorosa.

4 Dicas do “encantador de cães” para lidar com o luto

O mexicano Cesar Milan, conhecido pelo trabalho como “o encantador de cães” nos programas de televisão dos EUA, transmitidos pelo canal *Animal Planet*, nos traz reflexões interessantes a respeito do comportamento dos cães diante da morte (MILAN, 2011).

Ele comenta que os cães aceitam a morte muito melhor do que nós humanos e que precisamos vê-los como nossos professores, nos ajudando a encontrar conforto quando lidamos com nossa fragilidade diante da morte.

No caso do cão desenvolver algum tipo de câncer, Cesar explica que ele não percebe a doença do mesmo jeito que nós. Brincando, ele diz que o animal não volta do veterinário pensando “estou com câncer e agora? O que será de mim? Tenho apenas x meses de vida”!

Explica que os cães vivem o momento presente: o dia de hoje é o que importa para eles. Não ficam sofrendo pelo que aconteceu ontem, nem sofrem de ansiedade pelo dia de amanhã, como nós humanos costumamos fazer. Em poucas semanas podem demonstrar sinais de recuperação e de superação após certos “traumas”. Mas a nossa tendência é a ter dó, ficar pensando e dizendo “coitadinho”!

E essa energia de tristeza pode fazer mal para o bichinho, pois ele sente que seu dono não está bem. Se a energia dos donos for boa, o ambiente também será melhor. Vamos ver dois casos a respeito.

Uma família tinha dois cães que eram muito companheiros e um deles morreu. Pediram a Cesar para ajudar o cão que ficou a superar a morte do seu companheiro, o “W”. Ao chegar, ele se surpreendeu ao ver que a casa toda parecia estar de luto: cortinas fechadas para não entrar muita luz, fotos do “W” por toda parte e a urna com as cinzas dele sobre o principal móvel da sala.

Observando a tudo, ele comenta que não foi o cão “W” que deixou a casa desse jeito! Foram os humanos! Não era à toa que o outro cão estava deprimido, pois todo ambiente ao seu redor era de depressão. Na sua interpretação, os donos não haviam superado o luto nesses seis meses, cultivando a dor da perda nos seus corações, o que se refletia na casa e no cão, portanto, não permitiam tocar suas vidas em frente.

Então, quem mais precisava de apoio psicológico eram os donos e não o cão. Nesses casos, primeiro era preciso “arrumar” a casa: renovar o ambiente, abrir as janelas, deixar a luz entrar e a tristeza ir embora. Não recomendava à família arrumar outro cão para fazer companhia até que estivessem mais recuperados.

.....

Outro caso que destacamos do mesmo livro de Cesar Milan foi o do garoto de 12 anos, cuja cadela precisou ser sacrificada. Com ajuda da mãe, que tinha visão aberta para lidar com a vida e a morte, o mocinho conseguiu lidar relativamente bem com a situação.

Por sugestão da mãe, pediram para fazer uma pegada da sua companheira em placa de gesso, na clínica veterinária. Com os pelos macios, que ele gostava de acariciar, ela mandou fazer um bonito chaveiro. O garoto entendeu que sua amiga estaria sempre viva no seu coração e quando sentisse saudades poderia pegar a “pegada” e o chaveiro. Depois de alguns instantes de recordação guardava-os e ia brincar, estudar ou fazer outras coisas.

Esta família, comenta Cesar, por estar com um lar mais saudável e equilibrado poderá, se quiser, adotar outro cão em breve, pois se encontra em melhores condições do que a família do caso anterior.

5 Valentina, a cã terapeuta

Uma amiga de infância, “EF”, muito querida, teve uma linda e charmosa cadela, chamada Valentina, por 14 anos. Foram amigas e companheiras nas alegrias e nas tristezas. E nos trabalhos voluntários, pois recebeu treinamento para ser “cã terapeuta”: visitavam instituições que cuidam de pessoas idosas.

Valentina já chegou ajudando. A família de “EF” estava de luto, pois o irmão do meio havia falecido subitamente de uma enfermidade, muito jovem. Seu jeito alegre e carismático de ser ajudou muito a família a superar a dor da separação daquele que partiu. Ela foi uma ótima “cãpanheira”, filha e irmã.

Anos mais tarde veio a dissolução do casamento de “EF”. Por decisão do casal, a cadela passou a viver em regime de “guarda compartilhada: alguns dias com ele, outras com ela. Quando estava com a saúde debilitada pela idade, Valentina passou a viver exclusivamente na casa de “EF” e de sua mãe. Os relatos a seguir expressam uma grande lição de vida para nós:

Poucos meses depois de completar 12 anos sua saúde complicou pois, além da dificuldade de locomoção, os problemas respiratórios se agravaram. Lembro bem da última noite antes de sua partida, eu rezava muito para Deus levá-la, pois seu sofrimento era imenso. No dia seguinte chamei uma veterinária amiga em casa. Atestando o grau de sofrimento recomendou a injeção. Fizemos uma prece e todo o procedimento teve início. Por certo ela já estava mesmo “por um fio”, pois bastou 1 ml daquela injeção que era de 5 ml, para que ela partisse. No primeiro momento veio o alívio por não ver mais Valentina sofrendo, mas depois veio aquela culpa enorme – será que tomei a decisão certa? Era mesmo a hora dela partir? Sofri muito e o que me ajudou foi que uns dois anos antes, tive contato com a doutrina espírita. Por indicação de uma veterinária, li o livro do veterinário espírita Marcel Benedeti “Todos os animais merecem o céu”. Aprendi que o plano espiritual está sempre presente no momento do desencarne de um animal, auxiliando para que ele não sofra. Isso me deu um conforto enorme, pois sabia que mesmo que eu tivesse cometido um erro, ela estaria amparada. O acompanhamento do pessoal do Centro Espírita que frequento desde 2009, e onde estudo a doutrina, também foi fundamental. Isso sem contar o apoio dos amigos “cachorreiros” que, como eu, entendem bem o que é perder um companheiro de quatro patas. Seis meses de luto se passaram para eu conseguir abrir meu coração para outro animal. Adotei a Kuka, sem-raça-definida (SRD) muito meiga e alegre, que logo conquistou meu coração e o de minha

mãe, que também sofreu muito com a passagem da Valentina. De modo algum Kuka substitui a Valentina, pois cada cão é único em nossas vidas. Mas que ela enche nossa casa de alegria, isso não dá pra negar! E, por vezes, apresenta comportamentos parecidos com os da Valentina – uns dizem que nossos animaizinhos reencarnam na mesma família – não sei se é fato, prefiro não pensar muito nisso e dar à Kuka a chance do melhor desenvolvimento que ela possa ter nessa encarnação. E esperar que um dia, em outro plano, eu possa reencontrar minha querida e amada Valentina e ganhar aqueles deliciosos “lambeijos” molhados que ela sabia dar como ninguém! EF.



Valentina

Cesar Milan (2011) cita que o cão deixa esse mundo sem levar consigo sensações de arrependimento, culpa ou mágoa de alguém, isto é, “sem pendências”. Bom seria se seguíssemos o exemplo deles, não é?

6 Alma dos animais após morte do corpo físico

O senhor XY estava triste, morava sozinho e não aceitava ajuda de ninguém. Queria seu cão de volta, pois ele havia se perdido. Como por milagre o cachorrinho apareceu roçando as pernas do dono e depois pulando no colo dele lambendo seu rosto carinhosamente. Em prantos o senhor XY chorou de alegria abraçando seu querido companheiro.

Esta estória é quase igual a muitas que conhecemos, com um pequeno detalhe. Ambos estão desencarnados, dono e cão. Presenciamos esta cena durante trabalhos de assistência espiritual no CEAE Santana em março de 2013. Acredite, se quiser.

Senhor XY não tinha consciência que havia feito a passagem. Achava que estava internado em alguma clínica para recuperar a saúde. Ficava horas sentado na varanda chamando por seu cãozinho até que a espiritualidade possibilitou este reencontro feliz.

O pesquisador italiano metafísico Ernesto Bozzano (1862–1943) desejava demonstrar a existência de “um corpo espiritual animal, absolutamente análogo ao do ser humano”.

.....

No livro "A Alma dos Animais", Bozzano (2007) analisou 130 relatos envolvendo casos sobre manifestações de sensibilidade extrafísica ou paranormal em animais domésticos, por métodos científicos, tal como identificar a presença do dono dentro de casa, sem que alguém soubesse que havia falecido recentemente.

Ele também analisou casos de visões de animais falecidos perto dos seus donos, demonstrando os laços de ternura e de amizade que unem ambos, estejam eles encarnados ou desencarnados. Vejamos três exemplos:

- Primeiro: caso 117 (pág. 168) – um casal da nobreza de Moscou foi visitar a viúva de um amigo em Paris, em 1887. Em certo momento ela (que era clarividente) diz: "percebo, ao lado de vocês, um grande cão da raça terra-nova, branco, com as patas e orelhas pretas e uma estrela preta na testa. Ele carrega ao redor do pescoço uma coleira de prata com o nome do cão e do seu dono. Ele está olhando para o senhor agora, fazendo-lhe agrados". Imaginem qual não foi a surpresa deste homem que nunca havia presenciado algo parecido na vida! Mas, não havia como negar! Ele realmente teve um cão idêntico ao descrito pela médium, quando era criança e estava feliz por saber que ele continuava ao seu lado.
- Segundo: caso 118 (pág. 170) – em 1906, um garoto de três anos estava brincando no seu quarto, quando de repente se assustou e correu até o pai dizendo que havia visto dois grandes cachorros olhando para ele. O pai não criticou o filho. Percebeu que a criança poderia ter tido alguma clarividência (muito comum em crianças até 6-7 anos). Para tranquilizá-lo disse que eram amigos e não fariam mal. Mas o garoto continuava assustado. Então o pai assobiou e estalou os dedos chamando os cães para perto. Fez gestos como se os estivesse acariciando na cabeça. O garoto acreditou que os "enxergava com os olhos físicos" e quis acariciá-los como o pai. Qual não foi a sua surpresa ao perceber que não eram de carne e osso! Aos poucos se acostumou com a presença deles e não se assustou mais. Tratava-se de dois setters da família que haviam morrido meses antes do menino ter nascido.
- Terceiro: o caso 128 (pág. 190) – a gata persa cinza Smoky, de puro-sangue, foi atacada por um cão da vizinhança em 1906 e teve algumas costelas quebradas deixando-a manca. Meses depois ela adoeceu em função dos ferimentos e morreu. Foi enterrada no jardim e plantaram uma linda flor sobre "seu túmulo". Mais de 30 dias depois, a gata foi vista por sua dona e sua irmã. Foram atrás dela, chamando-a pelo nome sem que lhes desse atenção. Mais tarde, foi vista por outra pessoa dentro da casa, além da cozinheira que ao vê-la lhe ofereceu um pires de leite. Ela não tomou. O jardineiro foi até o local onde a havia enterrado para conferir se seu corpinho estava lá ou não. E estava. Após analisar os relatos das quatro pessoas que viram a gata, o pesquisador conclui assim seus relatos: "somos obrigados a concluir que o episódio em questão é certamente um exemplo autêntico de aparição do fantasma de um animal defunto".

Em outras palavras, os casos dos cães e da gata demonstram que os animais domésticos que tiveram forte vínculo de apego amoroso com seus donos, mesmo depois da morte do corpo físico, continuam perto deles por certo tempo. Bozzano deduz que "certamente os animais domésticos que gostamos sobrevivem à morte do corpo e nós os reveremos um dia no mundo espiritual, no qual acredito piamente".

Como vimos no capítulo anterior, poderemos ver que cães, gatos, cavalos, aves, coelhos entre outros animais convivem livremente com pessoas desencarnadas nas Colônias Espirituais. Inclusive, são de grande utilidade no trabalho de assistência para as crianças.

Cavalos, águias, lobos, pumas e panteras que são vistos juntamente com espíritos dedicados a trabalhos de assistência espiritual, de naturezas diferentes. Pode ser ajudando a proteger as equipes de caravaneiros do ataque dos irmãos das sombras, pode ser como mensageiros de seres mais elevados e ligados à natureza e em trabalhos de cura ou de xamanismo, entre outras atividades.

7 O “Totó” pode ser a reencarnação do meu avô?

Não, não pode! Quem nos explica isso é Allan Kardec no “Livro dos Espíritos” (1989) – questões 611 a 613 e Eurípedes Kühl no livro “Animais – nossos irmãos” (págs. 83 a 88).

Em algumas religiões da antiguidade no Egito, na Índia e até na Grécia, acreditava-se que a alma de um animal poderia reencarnar no corpo humano e vice-versa. Esse fenômeno é denominado metempsicose. Em outras palavras significa a transmigração de almas de um corpo para o outro entre animais, vegetais e humanos. Por isso no hinduísmo e budismo os animais são tão respeitados, de uma minhoca a um elefante.

Seres do reino vegetal e animal pertencem a linhas evolutivas diferentes dos seres do reino hominal. Por exemplo, o espírito que animava um tigre-de-dente-de-sabre no período da pré-história pode reencarnar séculos depois em corpos de felinos selvagens como tigres, onças, pumas e leões. E, após passar por esta experiência poderá reencarnar como “gatos de rua”, que não se acostumam dentro de casa. Depois de várias reencarnações convivendo com seres humanos, poderão voltar como animais de estimação, mais dóceis.

Segundo Kardec, há uma linha de pensadores que defendem que a alma que habitou um animal doméstico poderá, depois de passar por uma série de adaptações, reencarnar no reino hominal. Cães-guias seriam fortes candidatos. Outros discordam, por defender que espíritos do reino hominal somente reencarnam entre humanos.

Enfim, se considerarmos que o planeta e todos os seres vivos seguem um ritmo de evolução contínua, é possível aceitar que espíritos de animais domésticos reencarnem em corpos de humanos para ascender evolutivamente. Por isso, não faz sentido dizer que o espírito que habitou um corpo humano reencarnará como uma onça pintada. Mesmo sabendo que existem alguns humanos que são mais selvagens do que as onças que sobraram no Pantanal ou os fascinantes Tigres-de-Bengala na Índia.

Por fim, o que cabe afirmar é que animais têm alma e têm sentimentos e merecem nosso respeito. À medida em que a humanidade evoluir ética e moralmente, passará a tratar os animais com mais consideração, deixando de caçá-los por prazer e por dinheiro como ocorre com os gorilas, elefantes e baleias.

Também deixarão de usá-los como cobaias nas aulas de anatomia em faculdades e para cruéis experimentos científicos e farmacêuticos. Quem desejar saber mais a respeito recomendamos os livros: “A verdadeira face da experimentação animal” (2000) e “Alternativas ao uso de animais vivos na educação” (2003), escritos pelo biólogo Sérgio Greif.

Quando Jesus disse para amarmos uns aos outros, não se referia apenas aos seres humanos. Podemos demonstrar sapiência cuidando e preservando florestas, pantanais, montanhas, rios, manguezais, mares, oceanos entre outros ecossistemas do planeta e todas as formas de vida.

IX A arte de viver é tão importante quanto a arte de morrer

Chegamos ao capítulo final. Talvez você tenha gostado do que leu e queira saber mais a respeito dos temas abordados, por exemplo, lendo os livros citados nesta nossa pesquisa (ver referências bibliográficas a seguir). Mas pode ser que esteja se questionando: será mesmo assim, a vida continua depois da morte? Os conceitos de juízo final, de céu, inferno e purgatório não existem de verdade? Então tudo o que aprendi na igreja católica ou evangélica está equivocado?

Na Idade Média, acreditava-se que a Terra era o centro do universo e tudo mais girava ao seu redor. O céu ocupava a parte superior, onde estava o sol, a lua e as estrelas. O inferno ocupava o lado oposto, a parte inferior. Então era comum empregar expressões “subir aos céus” ou “ser precipitado ao fundo do inferno” (KARDEC, 1989). O astrônomo Galileu Galilei (1564–1642) quis mostrar que a Terra girava ao redor do sol, por seu telescópio, e quase foi parar na fogueira da inquisição por causa disso. Com o passar dos séculos, os avanços da ciência e tecnologia mostraram que ele estava certo.

Uma sugestão dos mentores espirituais: nunca rejeite algo novo, por causa de preconceitos ou porque vem de encontro com seus velhos princípios. Você poderá perder oportunidades de ampliar seus conhecimentos, fazer novas amizades e conhecer melhor a você mesmo e o mundo ao seu redor. Por isso Raul Seixas cantava “eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo, sobre o amor, sobre quem eu nem sei quem sou”.

Mas, será que esse assunto sobre a vida depois da morte é algo novo realmente? Nas antigas civilizações do Egito, da Índia e da China, por exemplo, a morte era o fim de um ciclo da roda da vida, quando a alma libertada do corpo físico poderia passar para outra morada. Entre as referências mais antigas sobre esse assunto, cerca de dois mil anos antes de Cristo, estão o Bhagavad Gita (2006), o “Livro Egípcio dos Mortos” (Netto, 2013) e o “Livro Tibetano dos Mortos” (Evans-Wentz, 1960).

As estrofes destes dois últimos livros eram lidas para os anciãos e moribundos (doentes em fase terminal), bem como para aqueles que já haviam falecido, desejando ajudá-los a passar a salvo pelos perigos da travessia para o outro mundo e alcançar a felicidade na outra vida ou outra dimensão.

1 Livro Egípcio dos Mortos

Os Textos das Pirâmides e os Textos dos Sarcófagos “escritos” em papiros, encontrados por pesquisadores (arqueólogos), foram por eles denominados o Livro Egípcio dos Mortos. Alguns desses papiros podem ser vistos em museus do Egito e das principais cidades da Europa.

De acordo com Ismael Sá Netto (2013), este conjunto de textos era obra do deus *Thoth*, o criador e senhor de grande sabedoria, segundo tradições do antigo Egito. Na linguagem dos faraós era conhecido como *Reu nu pert em hru (ou Per em Hru)*, que significa *Voltar à Luz* ou *Surgir do Dia* – sair desta vida para uma nova vida.

Um dos trechos deste livro retrata a cena do julgamento. A pessoa falecida, em espírito, candidata a entrar no reino da luz e da imortalidade, era levada pelo deus Anúbis (homem com cabeça de chacal) – o embalsamador divino, para um salão denominado o Saguão das Duas Verdades. Começaria então uma cerimônia de julgamento diante do deus *Thoth* (representado com *cabeça da ave íbis*), do *Rei Osíris* – o senhor da eternidade, de sua esposa e irmã Ísis e da outra irmã Néftis, de Maat – a deusa da justiça, de Hórus (filho de Osíris e Ísis) e de Anúbis, além de 42 “juízes” representando as províncias do Egito da época, conforme descrito pelo egiptólogo Kurt Lange citado por Netto (2013).

Em uma grande balança havia dois pratos. Em um deles era colocado o coração do falecido, considerado pelos egípcios a sede da consciência, e no outro uma pluma de avestruz, símbolo de Maat – a deusa da verdade. A pesagem era feita por Hórus e Anúbis. O falecido deveria dizer se viveu de acordo com os princípios da honestidade e do bem. Por exemplo, declarando assim:

“Não maltratei meus parentes. Não obriguei ninguém a trabalhar além do que era legítimo. Não deixei de pagar minhas dívidas. Não insultei os deuses. Não causei a fome de ninguém. Não fiz ninguém chorar. Não matei ninguém. Não pratiquei fraudes na medição dos campos. Não subtrai o leite da boca das crianças” (Netto, 2013).

Se ele estivesse sendo sincero, os pratos ficariam equilibrados e a sentença dos juízes seria favorável. Hórus iria levá-lo até o trono de Osíris, que lhe indicaria seu lugar no reino do além. Caso contrário, se estivesse mentindo, dizendo que foi bom e fiel aos textos sagrados, seu coração pesaria mais na balança. Ele seria levado para outro lugar, onde seria “devorado” pelo monstro *Amut*, representado pelo crocodilo.

Sendo assim, os mais simples camponeses, os sacerdotes e sacerdotisas, e representantes da nobreza procuravam viver dentro dos melhores princípios da boa conduta moral, para que pudessem ser bem-sucedidos na hora do julgamento. Observem a importância que era atribuída aos atos do falecido ao longo da sua vida terrena, pouco importando nessa hora sua posição social, a quantidade de terras ou de animais que possuía. Lembra-se daquela frase de Jesus: “se seu coração for bom, tudo será bom ao seu redor”? Encontramos, nos parágrafos acima, outras semelhanças com ensinamentos de Jesus e de outros mestres?

2 O Livro Tibetano dos Mortos

Acredita-se que o “Livro Tibetano dos Mortos” foi transcrito pela primeira vez no séc. VIII d.C. na época em que o budismo foi levado para o Tibete (norte da China), em função do casamento de um rei tibetano com duas princesas, uma da família imperial da China e outra da família real do Nepal, ambas budistas. Antes disso, era apenas uma tradição oral (Evans-Wentz, 1960).

O título original é *Bardo Thödol* que significa “a libertação do pós-morte pela audição” ou também “o estado (período) de transição entre a morte e o renascimento”. De certa forma objetiva restaurar a divindade (ou a ligação com o divino) que a pessoa perdeu ao nascer (e/ou foi perdendo ao longo da sua existência corpórea).

De acordo com os ensinamentos contidos neste livro, como a maioria das pessoas não partiu desta vida completamente pura ou iluminada, logo nos primeiros sete dias, e ao longo de quarenta e nove dias, elas passarão por momentos de provações e confrontações, tal como ocorrerá com seus familiares. Por isso, precisarão receber esclarecimentos e orientações.

Vemos várias semelhanças nos rituais tibetanos e nos descritos no culto aos antepassados xintoísta (*sosen suhai*) dos japoneses da Ilha de Okinawa, citado no Cap. II Destino do corpo físico e do corpo espiritual – Item 11 Orações, missas e cerimônias, deste livro.

A leitura do Livro Tibetano dos Mortos era feita por um sacerdote, mestre, irmão de fé ou alguém de confiança da pessoa falecida. Não podia ser feita por parentes chorosos. Os familiares e amigos deveriam ficar em oração em outro recinto, enquanto a cerimônia de preparação do moribundo ou recém-falecido estiver sendo realizada.

O *Bardo Thödol* é dividido em três partes ou estados:

I Chikhai Bardo – estado de transição do momento da morte. Descreve o que se passa com a alma ou consciência de cada um nos últimos momentos de vida. A leitura das estrofes desta parte, juntamente com as preces, objetiva ajudar a pessoa a partir conscientemente sem medo. Ela deveria elevar seus pensamentos a um ser superior ou ao seu guru e lembrar-se do que aprendeu. Era esclarecido que passará por um tipo de transe ou desmaio e que depois despertará em outro plano, sem o corpo físico. Comida e água eram oferecidas a ele em um altar, pois sabiam que ainda sentiria necessidade de se alimentar. Orientam ao falecido para não ficar rondando sua casa nem incomodando seus familiares. Caso o corpo não esteja presente, em função de ter morrido em algum acidente ou em batalha, a cerimônia era realizada em torno dos seus objetos pessoais.

II Chönyid Bardo – estado de transição da vivência da realidade, isto é, a consciência que realmente faleceu. Considera-se como primeiro dia, quando a pessoa despertava para o fato de estar morto (isso levaria sete dias). Ele recebia instruções para aceitar o que lhe aconteceu, deixar-se ajudar pelos mensageiros do Pai-Mãe celestial, firmar-se nas lembranças das suas boas ações ou “bom carma”, para orar pedindo ajuda e seguir na luz azul brilhante. Recebia orientações de alerta para não focar sua atenção no seu “mau carma” e para vigiar seus pensamentos, de modo a não ser atraído para as emboscadas dos seus adversários (desencarnados). Esclarecem que passará por estados de “sonho”, ou “ilusões cármicas”, relacionadas com lembranças dos registros da sua última existência e/ou de vidas passadas.

III Sidpai Bardo – estado de transição da busca pelo renascimento. Abordava o surgimento do impulso de renascimento para a vida terrena (acontecimentos pré-natais ou pré-reencarnatórios) ou para outro mundo mais elevado, se for do seu merecimento. Para a maioria, eram lidas instruções sobre o processo de retorno, baseado na “lei de ação e reação” ou do carma. A pessoa deveria ter consciência que renascerá em um novo corpo físico, devendo viver em conformidade com aquilo que precisaria resgatar (dos seus erros passados) e aperfeiçoar suas qualidades em termos pessoais, familiares, profissionais, culturais etc.

No “Livro dos Espíritos” de Kardec, aprendemos que tantos problemas de relacionamento com familiares, colegas de trabalho como certas enfermidades que enfrentamos são decorrentes das ações e erros cometidos em vidas passadas. Problemas que podem ser agravados se forem vivenciados com revolta e teimosia ou amenizados se forem enfrentados com resignação e sabedoria. Por isso costuma-se dizer que o inferno e purgatório são períodos temporários das nossas vidas terrenas, nos quais vivenciamos dores físicas e morais para “purgar” nossas faltas (corrigir erros passados) e curar feridas da alma (ver perguntas 1.012 a 1.017).

Entre o primeiro e o segundo período do Bardo, o falecido passa pela provação das “cinco sabedorias”. Os mestres iluminados o avaliam para descobrir se nessa última encarnação alguma parte de sua natureza divina se desenvolveu com base nos ensinamentos tibetanos e budistas. De maneira simplificada, estes testes avaliavam seu apego aos bens materiais, suas virtudes (sabedoria, perseverança no bem, bondade etc.) e seus defeitos (cólera, egoísmo, luxúria, paixão, inveja, ciúme etc.).

No livro “Alquimia Interior”, Zulma Reyo (1989 – págs. 318/319) comenta que a consciência confronta-se com a realidade da projeção dos seus pensamentos, emoções e formas-pensamento nessa hora. Se “o indivíduo não tiver feito “o dever de casa” durante a vida projetará distorções, obstáculos, medos e imagens de horrores”, proporcionais à maneira que estiver se culpando. E, se por outro lado, ele aprendeu ou se esforçou para praticar, nem que seja uma parte das lições dos grandes mestres, deverá sentir-se bem.

Assim, a qualquer momento entre uma fase e outra, o falecido poderia passar para um estado de consciência chamado Dharmakaya – “divino corpo da verdade”. Para tanto, deveria “abrir mão” à supremacia do ego, isto é, afastar-se de toda forma e de todo tipo de apego aos objetos (apegos aos bens materiais e terrenos) e ao ego (orgulho, egoísmo e vaidade). Então, poderá passar pelos caminhos da luz da sabedoria e elevar-se, para adquirir um corpo brilhante, chegaria ao Nirvana.

Comparando esta pequena síntese do Livro Egípcio dos Mortos e do Livro Tibetano dos Mortos, que surgiram em lugares tão distantes, há mais de dois mil anos, podemos perceber que a essência de ambos é motivar as pessoas a viverem de acordo com os ensinamentos dos textos sagrados e com os exemplos dos grandes mestres, desenvolvendo as virtudes e qualidades existentes em cada ser.

Se já nascemos, morremos e renascemos em várias vidas aqui na Terra, o que trouxemos como aprendizado dessas experiências? Por acaso passamos a encarar a morte com naturalidade? Nos esforçamos para viver dentro dos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade?

Zulma Reyo (1989) explica:

“Vivemos em uma cultura que nos priva do contato direto e pessoal com o fenômeno morte, tornando-a quase uma ficção. Vivemos uma ilusão inconsciente de que isso talvez nunca nos aconteça, porque a realidade da morte não foi integrada em nossa natureza consciente. Nossa visão e abordagem da vida, nossa existência, é unilateral e incompleta. Não estamos verdadeiramente preparados para viver em plenitude, porque não fomos preparados para a realidade da morte. ... Se temos medo de morrer, também temos medo de viver, de viver plenamente!”

3 Medo de quê?

A grande maioria das pessoas que conhecemos não gosta de ouvir falar sobre a morte. Pode ser por medo do desconhecido. Nos trabalhos assistenciais que realizamos acompanhando pessoas idosas, pacientes terminais e espíritos desencarnados desorientados, podemos observar que o medo da morte muitas vezes significa o medo de ficar sozinho, abandonado em algum lugar, distante de seus entes queridos! Mas pode ser medo de perder “tudo o que construiu e conquistou”: bens materiais, cargos profissionais, títulos acadêmicos, joias e roupas, fortuna, empregados etc.!

A passagem na qual Jesus comenta que é “mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus” critica a maneira como o rico, alguém com muitas posses, é apegado aos seus bens materiais. O apego é tanto que ele não consegue ser ninguém sem sua fortuna e seus títulos. Há ricos que são caridosos e não muito apegados aos seus bens, mas isso é uma exceção.

Sem entrar no mérito sobre a maneira como enriqueceram, normalmente os ricos são interesseiros, avaros e menosprezam quem lhes pareça inferior. Vivem com medo de perder sua autoridade! Quando chegarem do outro lado terão aquela sensação do naufrago que chega em uma ilha deserta apenas com a roupa do corpo. Descobrirão que viveram uma ilusão. Por causa de seu orgulho, egoísmo e teimosia, tendem a sofrer mais no momento da passagem e nas semanas seguintes do que quem é humilde.

E, no Sermão da Montanha ou nas “Bem Aventuranças” (Mateus 5: 1-12), Jesus valoriza os pobres de espírito, dizendo que o reino de Deus pertence a eles. O mestre hindu Swami Prabhavananda (1963) interpreta essa lição como a importância de ser humilde, receptivo aos ensinamentos espirituais, sem ideias preconcebidas. Pessoas assim, geralmente encontram alegria e felicidade nas coisas simples da vida. Não dão muita importância a ter o cargo mais importante da empresa, o carro do ano, nem o computador, o celular ou a televisão mais modernos do mercado. O importante não é ter, é ser. Por isso tendem a se desligar mais rapidamente da vida terrena.

4 Vasos vazios

Um amigo (A.J.) disse outro dia: “as pessoas não têm medo da morte, têm medo de ir para o inferno”! Faz sentido! Isso pode ter sido influência das interpretações equivocadas dos textos sagrados e das pregações que alguns líderes religiosos fizeram, projetando a imagem de Deus como um inquisidor. E desde a Idade Média, “engordaram” o ego e o

bolso, pregando sobre o temor a um Deus punitivo, falando sobre pecadores e pecados, juízo final e o inferno. Talvez tenham agido assim para ter poder sobre as pessoas. Mas na roda da vida, eles colherão frutos amargos por causa do equívoco que cometeram!

A maioria das pessoas sabe que tem defeitos e pouco se esforça para viver uma transformação interior e ver a Deus Pai-Mãe como fonte eterna de amor e luz! Era isso que Jesus, Krishna, Buda, S. Francisco e Santa Clara de Assis, Madre Tereza de Calcutá, Dr. Bezerra de Menezes, Chico Xavier sentiam e ensinavam, entre outros homens e mulheres santas.

No Sermão da Montanha, segundo Vedanta (1963 – pág. 41), está escrito: “somente aqueles que alcançaram a iluminação pela união com a luz que mora no coração de todos podem tornar-se a luz do mundo ... a religião se perverte quando ensinada por pessoas não iluminadas ...”

No Salmo 103 de David (vs. 8 a 13) está escrito:

“... O Senhor é misericordioso e benevolente, lento na cólera e cheio de fidelidade. Ele não está sempre em contendas (conflitos, batalhas) e não guarda rancor indefinidamente. Ele não nos trata segundo os nossos pecados, não nos retribui segundo as nossas faltas... Quando o levante dista do poente, tanto Ele põe longe de nós as nossas ofensas. Como um pai, Ele é terno com seus filhos, assim o Senhor é terno com aqueles que o temem”.

As palavras “temor a Deus” aparecem várias vezes no Velho Testamento. Na época de Moisés era necessário usar este termo para levar ordem ao povo judeu. Hoje, podemos entender “temer” como respeitar. No Novo Testamento lemos frases de Jesus falando ao povo de um Deus amoroso e mais próximo, por exemplo, quando diz: “Eu e o Pai somos um!”

Frei Beto, na entrevista concedida para Programa “Caminhos Alternativos” de 15-06-2013 da Rádio CBN, disse assim: “Jesus é o caminho, a verdade e a vida”, porém, muitos sacerdotes, de diferentes ordens religiosas, resolveram construir seus próprios postos de pedágio. Desta forma, em vez de aproximar as pessoas de Deus, eles acabaram por afastá-las.

E, afastando-se do criador, a criatura tende a sentir-se cada vez mais só! Neste mundo materialista, capitalista e competitivo que vivemos, rodeados de facilidades eletrônicas, comidas prontas, sexo fácil, caixas eletrônicos 24 horas, muitas pessoas tendem a viver “robotizadas”. Muitas andam horas no *shopping center* mas não caminham em um parque em contato com a natureza. Afastam-se da alimentação saudável, das orações, da luz divina, da amizade sincera.

Apesar de tanto conforto que este mundo material nos traz, há um vazio lá no fundo do peito. Alguns buscam compensações com o álcool, as drogas e os prazeres sexuais, mas estão sempre querendo mais. Ficam tão desorientados que não percebem que estão se suicidando aos poucos, ficam fora da realidade. Rolando Boldrin, no “Programa Senhor Brasil”, da TV Cultura em São Paulo, em 2012, contou um caso no qual três homens viviam bêbados, afogando as mágoas. Um deles faleceu. No velório, um deles comenta que o companheiro estava com uma aparência esquisita. E o outro responde que deveria ser porque não bebia fazia dois dias.

Assim é! Os dependentes químicos perdem noção da sua própria situação. Tendem a se afastar da família, da vida social. Fazem qualquer coisa para ter dinheiro e alimentar seu vício e, como semelhante atrai semelhante, adquirem como companhia outros de-

pendentes químicos, encarnados e desencarnados, que já se encontravam no mesmo estado deprimente antes de fazer a passagem.

Outras pessoas que sentem essa sensação de vazio, deixam-se levar para o “fundo do poço” pelos pensamentos negativos, pela baixa autoestima e depressão e podem desenvolver a “síndrome do pânico”. Precisam, assim, de tratamento com profissionais especializados. Conheça o trabalho da ABRAPE – Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas e da ABRAH – Associação Brasileira de Homeopatia entre outros de sua preferência.

Há quem julgue pôr fim ao seu sofrimento cometendo o ato suicida. Que decepção terão no plano espiritual ao acordarem e descobrirem que continuam vivos (ver sobre Santos Dumont no Cap. III). Decepcionados ficarão também aqueles que cometeram o suicídio pensando em poder encontrar com a pessoa amada no Além, que faleceu por doença ou um acidente, por exemplo. Triste ilusão! Quem se suicida tende a ir para o Vale dos Suicidas. Seu parceiro ou sua parceira pode estar em postos de socorro espirituais, em ambientes de diferentes densidades vibracionais, em melhor situação. É possível que esse reencontro demore anos para acontecer.

Mas, se aquele companheiro que ficou quiser aprender mais sobre a vida espiritual, como ligar-se com sua luz divina, conhecer sobre projeção astral e procurar ser bom e fazer o bem sem saber a quem, as chances deles se reencontrarem serão muito maiores, em sonhos e no além.

Infelizmente, muitos preferem a fuga. As mortes por suicídio aumentaram 60% nos últimos 45 anos, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde de 2002, superando os casos de acidentes fatais com carro nas ruas e estradas, violência urbana e conflitos armados. Isto significa que quase um milhão de pessoas (entre 15 e 44 anos de idade) atentou contra a própria vida a cada ano. No Brasil, os suicídios ocupam o terceiro lugar depois dos acidentes de trânsito e homicídios. Estes dados constam do artigo de Luciana Christante (2010).

A pesquisadora, depois de ter conversado com familiares e amigos de suicidas e próprios sobreviventes, isto é, pessoas cujo ato de suicídio não foi efetivado, identificou que eles não queriam realmente morrer. Estavam desesperados por causa de uma grande perda, decepção, fracasso ou traição, tinham sintomas de depressão, bipolaridade e envolvimento com dependência química (alcoolismo e drogas mais fortes).

Para prevenir esse ato tão agressivo, a quem parte e a quem fica, a pesquisadora identificou fatores importantes como manter bons vínculos afetivos, bom relacionamento com a família, ter uma crença espiritual, condição financeira estável, realização profissional – por mais simples que seja a ocupação. Para ela, o estilo de vida materialista e imediatista da vida contemporânea faz com que muitas pessoas se sintam frustradas.

Durante o tratamento de recuperação de Santos Dumont no plano espiritual, vimos a equipe médica mencionar que as principais causas que o levou à depressão e ao suicídio foram o orgulho ferido, a dificuldade em lidar com as contrariedades e com as frustrações da vida. O que fazer?

No Evangelho Segundo o Espiritismo, no Cap. V “Bem aventurados os aflitos”, lemos que muitas dificuldades que se apresentam na vida são provações escolhidas por nós mesmos antes de reencarnar. Aqueles que se revoltam sofrem mais do que aqueles que

procuram desenvolver o discernimento, a humildade e a resignação. A fé raciocinada, a oração feita com o coração e a esperança em dias melhores ajudam a nos fortalecer e a minimizar as aflições.

Na Bíblia, em Hebreus 12: 1-13 “Persistência na Provação” recomenda-se que não nos desanimemos diante das dificuldades. As provações são comparadas às correções necessárias ao nosso crescimento espiritual, como um pai amoroso que repreende e corrige seu filho quando faz algo errado.

O *Bhagavad Gita* possui uma série de ensinamentos para o crescimento espiritual e para superação das dificuldades. No Cap. II – 71, Krishna disse que aquele que se separou dos desejos e dos prazeres da carne, tanto em pensamento como em ação, que deixou atrás de si o orgulho e o egoísmo, caminhará em direção à Bem Aventurança. Observemos que no Sermão da Montanha, Jesus empregou várias vezes o termo “bem-aventurados”.

Sobre esse assunto, vale a pena ver o filme produzido nos EUA, em 1998, por Vincent Ward com Robin Williams, Max von Sydow, Annabella Sciorra entre outros atores. Os filhos pequenos dos personagens vividos por Robin e Annabella fazem a passagem em um acidente de carro. Pouco tempo depois, ele sofre um grave acidente e passa para o outro lado. Sem conseguir suportar viver sem sua família ela comete suicídio e vai parar no Vale dos Suicidas. O amor entre eles é algo tão bonito e verdadeiro que conseguem resgatá-la e reunirem-se novamente. Acesse: [www.adorocinema.com/filmes/filme-17994/Amor Além da Vida – Filme](http://www.adorocinema.com/filmes/filme-17994/Amor-Além-da-Vida-Filme).

5 Leis Incas

Conhecemos os dez mandamentos de Moisés e a maneira simplificada como Jesus os resumiu dizendo: “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Conhecemos sim, porém pouco colocamos em prática.

Os Incas que viveram na região dos Andes, na América do Sul, entre meados dos séculos XV e XVI d.C., ocupando um vasto território (*tahuantinsuyo*) que compreendia parte do Chile, Argentina, Equador, todo Peru e Bolívia, também tinham suas leis. Basicamente eram três:

- *ama sua*: não roube ou não seja ladrão, não se aproprie daquilo que não lhe pertence (bens materiais, animais, pessoas casadas);
- *ama lulla*: não minta ou não seja mentiroso, seja verdadeiro para consigo e para com os outros com quem você convive;
- *ama quella*: não seja preguiçoso, procure sempre algo para fazer, alguma maneira de ser útil.

A estas leis, mais três palavras vêm complementá-las: *munay* (amor), *llancay* (trabalho) e *yachay* (sabedoria). A combinação entre elas resulta no seguinte:

- trabalhar e desenvolver sua criatividade (seus talentos) com amor (dedicação) e sabedoria (conhecimento);
- trabalhar-se interiormente, para desenvolver sua sabedoria ou autoconhecimento, isto é, conhecer seu “eu” autêntico, o ser espiritual que habita dentro de você, em conexão com a Mãe Terra ou Pachamama e com o criador Wiracocha;

-
- amar seu trabalho, valorizar aquilo que faz;
 - vivenciar a sabedoria agindo com bom-senso e razão, colocando amor em tudo que fazemos, sem preguiça;
 - adquirir bens materiais com o suor do trabalho honesto, os quais devem ser bem cuidados e compartilhados com quem precisa;
 - valorizar o que temos, assim não há necessidade de desejar o que pertence ao outro (não roubar).

A água dos rios e lagos, a terra fértil, as montanhas, os animais, as plantas medicinais e o alimento proveniente da agricultura eram vistos como um sábio trabalho da Mãe Terra e do Criador, oferecido com amor aos seus filhos. Cabia a eles aprender a tirar melhor proveito da natureza, com respeito, utilizando sua inteligência para que houvesse abundância.

As leis incas eram ensinadas oralmente para as crianças, que cresciam vendo seus pais e avós praticando-as. Quando alguém roubava ou não queria trabalhar, a pessoa era mal vista, deveria afastar-se da aldeia onde vivia e começar vida nova em outro lugar. Essa maneira de viver colocava-os mais próximos da perfeição dos deuses, da conexão com o cosmos, com a saúde e a felicidade (baseado em Delgado e Male, 2009).

6 É preciso saber viver

“Somos a mudança que gostaríamos de ver no mundo” disse Mahatma Gandhi. Isto é, precisamos perceber que não é fugindo da realidade que encontraremos a paz e a felicidade, mas mudando a insatisfação que existe dentro de nós. E, quem alimenta isso é o “superego”, aquela falsa sensação de que somos os melhores, os invencíveis, os inatingíveis e que tudo tem que ser do nosso jeito e da nossa maneira.

Os grandes mestres da humanidade ensinaram e exemplificaram a humildade, o perdão, a compreensão e o amor incondicional. Isso não é ladainha de religião X, Y ou Z. São as portas estreitas que nos levam a ficar de bem com a vida. E por detrás delas estão pessoas desencarnadas livres de culpas, remorsos, ódio e desejos de vingança.

E por que é tão difícil seguir esses ensinamentos? O mestre hindu *Swami Prabhavananda* (1963 – pág. 106) responde dizendo que “quando alguém nutre inimizade por nós reagimos, sentindo-nos feridos. E quem fica mais ferido? O ego!” Portanto, somos os maiores prejudicados, principalmente porque a pessoa desencarna e leva consigo todo o peso desses pensamentos e sentimentos densos e negativos. E assim que puder sairá em busca de quem lhe ofendeu, tirando vantagem de agora ser invisível, para atormentá-lo e prejudicá-lo. Assim nascem os casos de obsessão. Espíritos endurecidos, amargurados e teimosos, aqui e lá.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, no Cap. XI “Amar ao próximo como a si mesmo” – Item 11, está escrito que o egoísmo é filho do orgulho e que ambos originam todas as misérias do mundo, por isso, devemos ser corajosos e combatê-lo com força de vontade, porque “é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros”.

Há muitas frases dos textos sagrados do oriente e do ocidente que reforçam a importância da humildade, da bondade, do perdão etc. Quando o apóstolo Pedro, depois

de ter sido ofendido pelos cobradores de impostos, perguntou quantas vezes deveria perdoar seus ofensores, escutou como resposta: “70 vezes 7”. Conhecemos na prece do Pai Nosso: “perdoai as nossas ofensas (ou dívidas de vidas passadas) assim como (da mesma maneira) perdoamos a quem nos tenha ofendido”.

Cabe refletir sobre o significado do perdão. É muito comum ouvir pessoas dizendo que não conseguem perdoar. Vejamos o exemplo do apóstolo Pedro, acima. Os romanos ficavam fazendo gozações sobre o que Jesus dizia. Pedro não gostava de levar desaforo para casa, preferia resolver as coisas ao seu modo. Quando começou a conviver com o Mestre, passou a fazer um tremendo esforço para conter seus impulsos. Aos poucos ele percebeu que não valia a pena dar importância ao que os outros diziam.

Jesus sabia que não podemos perdoar logo na primeira vez. A orientação de perdoar 490 vezes seria uma maneira de aprender por repetição. Ao longo deste exercício, aprenderemos que não compensa ficar chateado por causa dos outros, pois os maiores prejudicados somos nós mesmos. O ódio, a culpa e o medo aprisionam. O amor liberta. Quando Jesus foi preso, Pedro negou que o conhecia por três vezes. Quando percebeu o que fez se arrependeu, mas já era tarde. Era? Após ressuscitar, certa tarde, reunido com os apóstolos, Jesus perguntou se ele o amava, por três vezes. Respondendo sim três vezes, o erro foi perdoado, a culpa foi transmutada.

Da mesma maneira, não devemos ficar amargurando o que de ruim, de desagradável fulano nos fez. Isso gera feridas na alma, doenças no corpo e já vimos que a amargura não cessa com a morte. Não importa quem tem razão, eles ou nós. Podemos escolher viver bem e seguir a vida em frente, ou ficar parado remoendo o orgulho ferido. Madre Tereza de Calcutá costumava dizer que o que importa é o que ocorre entre você e Deus, não é o que ocorre entre você e as outras pessoas.

Buda dizia “limpa o teu coração da malícia e cuida de não odiar, nem mesmo teus inimigos, antes abraça com bondade a todos os seres” (citado por Prabhavananda, 1963). A prece de São Francisco ensina de maneira simples como proceder, trabalhando com pensamentos e sentimentos opostos: “onde houver ódio que eu leve o amor (leve para dentro de si), onde houver ofensas que eu leve o perdão, onde houver discórdia que eu leve a união ...”.

Observe como se sente quando briga com alguém. Triste? Pesado? Arrependido por ter dito frases rudes no momento da raiva? E como se sente quando faz as pazes? Leve? Feliz? Bem disposto? “Espiritualidade e tristeza não andam juntas” diz um ditado hindu; “a mente purificada perde toda a letargia e a melancolia (*tamas*) e firma-se no contentamento (*sattva*). Para recordar os conceitos de *tamas* e *sattva*, ver Cap. II – Item 3 “Balão de gás, bola de vôlei, bola de ferro: as três gunas”.

Praticar a paciência também é um gesto de caridade moral (ver Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. IX – Itens 7 a 9). Dalai Lama menciona que ela deveria ser ensinada às crianças e aos jovens pelos pais e professores, no entanto eles também não foram orientados quando eram pequeninos (Lafitte e Ribush, 2009). Sabemos que não é fácil conviver com pessoas que pensam e agem de maneira diferente da nossa, no ambiente familiar ou profissional. Essas desavenças fazem parte do nosso aprendizado. “A felicidade não é deste mundo!”

.....

Precisamos aprender a relevar as desavenças e não levar mágoas e ressentimentos para o lado pessoal e para a vida espiritual depois que fizermos a passagem. Aprender a lidar com as contrariedades, com as pedras e os espinhos no caminho. Reaprender a se ligar mais com o Pai-Mãe celeste e com nossos auxiliares invisíveis.

Orar com o coração e não por repetição. Há quem diga que não sabe rezar. O cantor Gilberto Gil na canção “Se eu quiser falar com Deus” (1980) sugere que procuremos ficar a sós, calar a voz. Renato Teixeira na canção “Caipira Pira Pora” (1978) realça dizendo que como não sabe rezar, preferiu mostrar seu olhar. Para acesso às letras veja, por exemplo: www.vagalume.com.br).

É importante descobrir como é bom fazer o bem sem interesses, vigiar os pensamentos, não bobear e confiar que melhores dias virão, nesta vida e na vida no além, se nos esforçarmos um pouquinho a cada manhã. E isso deve ser ensinado para as crianças e jovens.

Nosso esforço será levado em consideração. No livro “Voltei” (1949), descobrimos que há um lugar no mundo espiritual onde se encontra “gente que matou o tempo”, ou seja, pessoas que não praticaram o mal quando na vida terrena, porém também não fizeram o bem. Estão todas em tratamento.

Dalai Lama ensina que “o verdadeiro inimigo é esse inimigo dentro de nós”. Se deixarmos que as emoções e pensamentos negativos nos dominem, sem restrição, estaremos dando a eles o controle de nossas vidas (Lafitte e Ribush, 2009 – pág.92). Saint Germain (2007) nos pede para considerar que somos aquilo que desejamos ver concretizado. Crer é ter fé no que se acredita de verdade. Precisamos acreditar que a Energia de Deus penetra em nós todos os dias, de maneira pura e perfeita. Assim, devemos deixar de impor resistências pelos nossos pensamentos negativos, pela baixa autoestima, e criar um ambiente de amor e luz ao nosso redor. Pensar e dizer frases positivas ajudam muito neste processo.

Se cada um fizer a sua parte, melhorando sua maneira de pensar, de ser e de agir, teremos um mundo melhor à nossa volta. Refletindo sobre esses ensinamentos acima podemos entender melhor a recomendação de Jesus: “Orai e vigiai”. E nós complementamos: orai, vigiai e não bobear! Não espere que o outro mude, que a vida mude. “Quem espera que a vida seja feita de ilusão, pode até ficar maluco ou viver na solidão, é preciso ter cuidado para mais tarde não sofrer, é preciso saber viver” (Roberto e Erasmo Carlos).

Sim, é preciso saber viver e saber morrer. “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã (Renato Russo). “É preciso paz para poder sorrir, é preciso amor para poder florir ... cada ser carrega em si o dom de ser feliz” (Almir Sater e Renato Teixeira). Anda com fé, “que a fé não costuma falhar” (Gilberto Gil), anda “que quem sabe faz a hora não espera acontecer” (Geraldo Vandré). E “eu já estou com o pé nessa estrada, qualquer dia a gente se vê, sem que nada será como antes” (Milton Nascimento).

Nota final: este livro é uma obra inacabada.

Referencias consultadas (em ordem alfabética)

- Ação e Reação.** Pelo espírito André Luiz, psicografia de Francisco Candido Xavier.
- Aglon e os Espíritos do Mar.** Pelos espíritos André Luiz e Júlio Verne. Psicografia de R.A. Ranieri. Editora da Fraternidade. 1ª edição. Guaratinguetá, SP. 136 pp. 1991.
- A Alma dos Animais: manifestações metapsíquicas.** Ernesto Bozzano. Trad. Gabriela de França Nanni. Golden Books. SP/SP. 223 pp. 2007.
- Alquimia Interior.** Zulma Reyo. Trad. Silvia B. Sarzana. Editora Ground Ltda. 348 pp. 1989.
- Amor e perdão: as raízes do luto e suas complicações.** Dr. Parker. Summus Editorial. 2009.
- Animais, nossos irmãos.** Eurípedes Kühl. Petit Editora. SP/SP. 157 pp. 1995.
- Às Margens do Rio Sagrado.** Edgard Armond. 1979.
- A viagem de uma alma.** Peter Richelieu. Traduzido pela Editora Pensamento. SP/SP. 197 pp. 1972.
- Bate-papo com o Além.** Pelo espírito Silveira Sampaio. Psicografia de Zibia M. Gaspareto. 5ª edição. Dag Gráfica Editorial. 174 pp. 1980.
- Bhagavad Gita: a mensagem do mestre.** Editora Pensamento. 178 pp. 2006
- Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho.** Pelo espírito Irmão X. Psicografia de Francisco C. Xavier. Federação Espírita Brasileira. RJ/RJ. 17ª ed. 238 pp. 1988.
- Brasil, Mais Além.** Duílio Lena Béni. Federação Espírita Brasileira. RJ/RJ. 5ª ed. 306 pp. 1976.
- Cidade no Além.** Pelos espíritos André Luiz e Lucius. Psicografia de Francisco C. Xavier. 16ª ed. Instituto de Difusão Espírita. Araras/SP. 72 pp + anexos. 1992.
- Companhia do Amor: a Turma dos Poetas em Flor.** Espíritos diversos. Wagner D. Borges. Gráfica e Editora Peres. Osasco/SP. 1ª ed. 131 pp. 2003.
- Com saída.** Luciana Christante. Artigo UNESP Ciência – Saúde Mental. p. 30–35. Outubro de 2010. Disponível em: www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida. Acessado em junho/2013.
- De Mário a Tiradentes.** Pelo espírito Tomás Antônio Gonzaga. Psicografia de Marilusa Moreira Vasconcellos. Editora Espírita Radhu. 9ª ed. SP/SP. 333 pp. 1986.
- Despertar Andino: um guia inca al Peru místico.** Jorge Luís Delgado e MaryAnn Male. Taypikala Producciones. Cusco, Peru. 238 pp. 2009.
- Enciclopédia Ilustrada do Conhecimento Essencial.** Reader Digest do Brasil Ltda. 605 pp. 1998
- Entrevistas com os espíritos.** Pelo espírito Antonio Carlos. Psicografia de Vera Lúcia M. de Carvalho. Ed. Petit. 1ª ed. SP/SP. 2011.

-
- Experiência fora do corpo.** Susan Blackmore. 1986.
- Faz parte do meu show.** Pelo espírito Ângelo Inácio. Psicografia de Robson Pinheiro. 2ª edição. Casa dos Espíritos Editora. Contagem, MG. 181 pp. 2004.
- Há dez mil anos atrás.** Pelo espírito Zílio. Psicografia de Nelson Moraes. 2001.
- Ícaro redimido: a vida de Santos Dumont no plano espiritual.** Pelo espírito Adamastor. Psicografia de Gilson T. Freire. Editora INEDE. 12ª edição. 436 pp. 2010.
- Impensável: como e porque as pessoas sobrevivem a desastres.** Amanda Ripley. 2008.
- Iniciação: Viagem Astral.** João Nunes da Maia. 1987.
- Instituto de Confraternização Universal e as fraternidades do espaço.** Martha Gallego Thomaz. SP/SP. Disponível em: www.gruponoel.org.br/livros-grupo-noel/o-instituto-de-confraternizacao-universal-e-as-fraternidades-do-espaco. Consultado em junho/2012.
- Luz Emergente: a jornada da cura pessoal.** Barbara Ann Brenan. Trad. Paulo Cesar de Oliveira. Cultrix/Pensamento. SP/SP. 521 pp. 1993.
- Mãos de Luz: um guia para a cura através do campo de energia humana.** Barbara Ann Brenan. Trad. Octavio Mendes Cajado. Editora Pensamento. SP/SP. 384 pp. 1987.
- Memórias Póstumas de Brás Cubas.** Machado de Assis. Coleção Páginas Amarelas. Editora Expressão e Cultura. RJ/RJ. 312 pp. 2001.
- Nada sobre mim, sem mim.** Maria Helena P. Franco. Editora Livro Pleno. SP/SP. 2005.
- Na hora do adeus.** Pelo espírito Luís Sérgio. Psicografia de Irene Pacheco Machado em 1995. Ed. Recanto. 11ª ed. Brasília, DF. 346 pp. 2005.
- Na próxima dimensão.** Pelo espírito Dr. Inácio Ferreira. Psicografia de Carlos A. Bacelli. Ed. LEEPP. Uberaba, MG. 2002
- No Santuário da Alma: um guia para oração eficaz.** Paramahansa Yogananda. Traduzido por *Self-Realization Fellowship*. 1ª edição em português. 115 pp.1999.
- Nosso Lar.** Pelo espírito André Luiz. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Federação Espírita Brasileira. RJ/RJ. 281 pp. 1944.
- Obreiros da Vida Eterna.** Pelo espírito André Luiz. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Federação Espírita Brasileira. 18ª ed. RJ/RJ. 304 pp. 1991.
- O Abismo.** Pelo espírito André Luiz. Psicografia de R.A. Ranieri. 1968.
- O Céu das Borboletas.** Pelo espírito Soraya. Psicografia de Claudia Roberta. 2007.
- O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo.** Allan Kardec. Trad. Salvador Gentile. 2ª ed. Araras, SP. 375 pp. 1991.
- O Encantador de Cães: compreenda o melhor amigo do homem.** César Milan com Melissa J. Petier. Trad. Carolina Caires Coelho. 19ª ed. Verus Editora. Campinas, SP. 266 pp. 2006.

O Evangelho Segundo o Espiritismo. Allan Kardec. Tradução de Salvador Gentile. Instituto de Difusão Espírita. Araras/SP. 148ª ed. 370 pp. 1978.

O Livro dos Espíritos. Allan Kardec. Tradução J. Herculano Pires. 49ª edição. Lake Editora. SP/SP. 490 pp. 1989.

O Livro Egípcio dos Mortos. Ismael Sá Netto. Disponível em: www.fascinioegito.sh06.com/livromor.htm Acessado em junho/2013.

O Livro Tibetano dos Mortos. Evans-Wentz, W.Y. (org.). Editora Pensamento. SP/SP. 192 pp. 1960.

O mundo que eu encontrei. Pelo espírito Luiz Sérgio. Psicografia de Alayde de Assunção e Silva. Primeira edição em 1976. Linha Gráfica Editora. Brasília/DF. 14ª ed. 126 pp. 1991

O Sermão da Montanha segundo o Vedanta. Swami Prabhavananda. Trad. Cláudio Giordano. Editora Pensamento. SP/SP. 133 pp. 1963.

O Túnel e a Luz: Reflexões Essenciais sobre a Vida e a Morte. Elisabeth Kübler. Trad. Magda França Lopes. 4ª ed. Versus Editora. Campinas/SP. pp. 201 + anexo 2012.

Pertinho do Céu. Pelo espírito Euzébio. Psicografia de Álvaro Basile Portughesi. Editora Clareon. 170 pp. 1999.

Projeiologia: panorama das experiências fora do corpo. Waldo Vieira. 1986.

Quem tem medo da morte? Richard Simonetti. Gráfica São João Ltda. 20ª ed. Bauru, SP. 142 pp. 1994.

Passes e Radiações. Edgard Armond. 3ª edição. Editora Aliança. 200 pp. 1999.

Paz, afinal: as experiências pós-morte de John Lennon. Pelo espírito John Lennon. Psicografia de Jason Leen. Trad. Mauro de Campos Silva. Mithus Editora. SP/SP. 150 pp. 1982.

Pinga – Fogo com Chico Xavier. Saulo Gomes (org.). Editora Entrevistas. Catanduva/SP. 272 pp. 2010.

Semeando e Colhendo: contos reencarnacionistas. Psicografia de Hercílio Maes, 2008.

Sobre a Morte e o Morrer. Elisabeth Kübler-Ross. Trad. Paulo Menezes. Editora Martins Fontes. 8ª ed. SP/SP. 295 pp. 2005.

Transição Planetária. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. Psicografia de Divaldo P. Franco. Livraria Espírita Alvorada Editora. 3ª ed. 280 pp. Salvador, BA. 2011.

Um roqueiro no além. Pelo espírito Zílio. Psicografia de Nelson Moraes. 1998.

Valeu a Pena. Pelos espíritos Felisberto, Maria Dalva e Saulo. Psicografia de Vera Lúcia M. de Carvalho. Ed. Petit. 1ª ed. SP/SP. 135 pp. 1994.

Viagem Astral: as aventuras fora do corpo. Rick Stack. Trad. Antonio Silva e Sousa. Editora Campus. Série Somma. 3ª ed. RJ/RJ. 148 pp. 1991.

Viajaram mais cedo. Espíritos diversos. Psicografia de Francisco Candido Xavier. Grupo Espírita Emmanuel Editora. 6ª ed. S. Bernardo do Campo, SP. 136 pp. 2010.

Viagem Espiritual. Pelos espíritos Ramatis, Rama, Yogananda e Aïvanhov. Psicografia de Wagner D. Borges. 1ª ed. W.D.E. SP/SP. 268 pp. 1993.

Viagem Espiritual II: a projeção da consciência. Wagner D. Borges e Glória Costa. Editora Universalista. 1ª ed. Londrina, PR. 237 pp. 1995. IPPB – Instituto de Pesquisas Projeção e Energéticas: www.ippb.org.

Violetas na Janela. Pelo espírito Patrícia. Psicografia de Vera Lucia Marinzeck de Carvalho. Editora Petit. SP/SP. 139 pp. 1993.

Vivendo no Mundo dos Espíritos. Pelo espírito Patrícia. Psicografia de Vera Lucia Marinzeck de Carvalho. Editora Petit. SP/SP. 144 pp. 1994.

Voltei. Pelo espírito Irmão Jacob. Psicografia de Francisco Candido Xavier. Federação Espírita Brasileira. 28ª ed. RJ/RJ. 180 pp. 1949.

Somos seres especiais, vivendo e aprendendo a viver entre mundos entrelaçados: nosso “mundinho” interior e o meio que nos cerca, o material e o espiritual, aqui na Terra como no Céu, guiados e amparados por seres iluminados (visíveis e invisíveis). Compartilhamos essa jornada com pessoas que vem e vão das nossas vidas. Mas, para onde irão aquelas que morreram?

Navegando pelas páginas deste livro você perceberá que a vida nunca morre, bem como o amor que sentimos pelos entes queridos, incluindo os animais de estimação! Conhecerá como foi a passagem, o despertar e a adaptação no plano espiritual de pessoas famosas e de outras ilustres desconhecidas. Descobrirá que todas continuam vivas, pois este livro é o resultado de uma pesquisa sobre várias obras que abordam o tema da vida depois da morte, bem como sobre os trabalhos assistenciais que são realizados a quem fez a passagem, em função de enfermidades, desastres, dependência química e suicídio entre outros motivos. Ficaré sabendo então que a vida da gente não termina no caixão, que há muitas moradas na casa do Pai_Mãe Celeste e que há muitas atividades interessantes para fazer no “Além”, ao invés de dormir o sono eterno.

ISBN 978-85-67285-40-5



9 788567 254005